

Edição atualizada do premiado romance de

Felipe Colbert

# PONTO CEGO

Acreditar na ilusão é apenas o começo

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

**Copyright © 2012 Felipe Colbert**

**Nenhuma parte desta publicação pode ser utilizada ou reproduzida sob quaisquer meios existentes sem autorização por escrito do autor.**

**Este livro é uma obra de ficção. Nomes, personagens, empresas, organizações, lugares e acontecimentos descritos são produto da imaginação do autor ou usados de modo ficcional. Qualquer semelhança com pessoas vivas ou mortas, datas, acontecimentos ou lugares reais é mera coincidência.**

**Versão digital — 2016**

**CAPA, DIAGRAMAÇÃO E REVISÃO  
Felipe Colbert**

**Este livro está em conformidade com o novo  
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.**

Colbert, Felipe

Ponto cego / Felipe Colbert — São Paulo, SP : Edição do autor, 2016.

ISBN: 978-85-68758-05-2

1. Ficção brasileira I. Título.

CDD-869.93

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção: Literatura brasileira 869.93

## Prólogo

“Vá em frente”, ordenava a voz. “Não reaja!”

Ele apertou o embrulho debaixo do braço. Tateava pelo corredor estreito, incapaz de enxergar. Há quanto tempo estava ali? Não se recordava como chegara àquele ponto, nem das alternativas surgidas no caminho. Apenas o cérebro entorpecido e a voz dentro dele.

Quando se deparou com a porta, teve dificuldade em encaixar a chave na fechadura. Esforçou-se até que conseguiu entrar. Nos primeiros passos, escutou o som da água se chocando com a parede.

*Veneza.*

Ao menos, disso ele se lembrava.

Bateu a porta atrás de si. Percebeu o choque levantar um tanto de poeira, quase sufocando-o. Levou a mão ao rosto e notou uma *maschera*. Isso o incomodava bastante. Porém, outra coisa incomodava ainda mais.

O peito.

Havia algo estranho nele.

“O que você está fazendo? Não é hora para isso, ande logo!”

Ele obedeceu. Deu cinco passos até uma mesinha e colocou o embrulho sobre ela. Percebia agora: havia encontrado o pequeno móvel como se tivesse estudado aquele lugar diversas vezes para não errar. Existia uma lógica simples para saber onde cada mobília estava. Não eram muitos móveis, mas bastava contar os próprios passos — arrastados, a fim de sentir todo o chão colado aos pés para não cair — e localizar o que queria.

Foi quando o perfume da mulher chegou mais forte que tudo.

Mais dois passos à esquerda e ele encontrou a cama. Sentou-se. A mão tocou algo que parecia o ventre. Ela não se mexeu. Estava gelada, certamente pelo corpo nu estar há tanto tempo adormecido naquele local úmido e frio. Então ele deslizou os dedos pelo tórax dela, em direção ao rosto. Fez

movimentos circulares com as mãos, explorando a face, que logo já não era tão misteriosa assim.

Parecia jovem. E bonita.

Em outra situação, poderia apaixonar-se facilmente por ela. Por que não? E talvez, houvesse tempo. Bastava um resquício de força, concentrar-se e vencer a voz. Podia acontecer, ainda mais que não tinha certeza absoluta se queria seguir em frente com aquilo. Não seria fácil, claro. Mas, afinal, não existe solução para tudo?

“Muito bem, você já construiu o seu retrato! O que está esperando?”

A voz. Sempre ela.

Prestava atenção em cada detalhe, não tinha como ele se livrar.

Ele recolheu as mãos e se levantou. Retirou um par de luvas no bolso. Calçou-as. Deu mais dois passos e retornou à mesa. Abriu a gaveta e buscou um controle remoto. Levantou-o a esmo, apertando o botão do topo.

O clique vindo de algum lugar da parede indicava que a câmera de vídeo iniciava a gravação.

“Enfim, chegou o momento!”

Ele desfez o embrulho, sem a necessidade da voz contar-lhe o que tinha ali. Melhor assim. Melhor que ficasse quieta daqui pra frente e deixasse tudo por sua conta. Então ele escolheu um objeto e retornou à cama. Balançou o rosto da jovem, dentro da própria escuridão e com bastante força, até que ela acordasse.

Para azar dela.

## Capítulo 1

— Você deveria ter me avisado — disse Nilla.

No fundo, Daniel sabia que a esposa estava certa. Notícias como a que acabara de dar, reveladas em meio a uma viagem de fim de semana, podem causar dois tipos de reações distintas nas pessoas: a sensação de estarem recebendo um dos maiores presentes da vida ou a que ele presenciou dentro de sua Cherokee, enquanto dirigia.

— Se eu contasse antes, você teria concordado em vir? — perguntou.

Nilla sequer mexeu a cabeça. Como de costume, fechava-se como uma ostra quando uma discussão se aproximava. Ele não podia dizer que aprovava isso, mas a respeitava. E deixá-la desconfortável não estava nos planos de Daniel — ainda mais que manifestava aquela linda barriga de quatro meses. Mas uma mexida em suas vidas não parecia ser tão ruim assim, mesmo que fosse um pouco radical.

— Vamos, não é o fim do mundo, é justamente o contrário — complementou.

— Comprar e morar em uma chácara?

— Não disse que é uma chácara, é uma casa de campo. Dois andares e lareira. E vamos ficar a menos de cem quilômetros da capital. Eu ainda não fechei o negócio, não faria isso sem seu consentimento.

— Eu já me mudei várias vezes, você sabe... — Nilla mencionava a época em que fez intercâmbio na Itália e todas as vezes em que precisou alterar o endereço a trabalho. — Pensei que estivéssemos bem em nosso apartamento.

— E estamos — concordou Daniel —, mas temos um bebê a caminho. Se pudesse escolher, deixaria ele crescer em meio a nossa vizinhança atual ou deitado ao nosso lado, com um monte de brinquedos espalhados pela grama? Hein?

Nilla esboçou um sorriso. *Ótimo*. Atingira em cheio alguma lembrança agradável dentro dela. Além disso, o semblante de sua esposa não combinava com amargura. Nilla era basicamente bonita — cabelos castanhos com um rosto magro e alvejado, além de brilhantes olhos verdes — e tinha energia capaz de motivá-lo por mais uns trezentos anos. Mas a pergunta não fora suficiente para convencê-la, e os lábios dela se desmancharam em míseros segundos.

— Você sabe o que me incomoda — respondeu ela.

Daniel não aquiesceu, embora soubesse bem a resposta.

— Sua carreira?

A pergunta fez com que eles descessem do céu ao inferno. Os belos traços de Nilla endureceram, tão instantaneamente quanto o espocar da Nikon que utilizava como fotógrafa profissional. “Você é um miserável filho da mãe!”, Daniel disse a si mesmo. Tentou consertar:

— Podemos arrumar uma babá em tempo integral.

— Nenhuma funcionária será boa o suficiente para que eu fique tanto tempo longe de nosso filho, indo e vindo da cidade, despreocupada.

— Você conseguirá fazer suas fotos sempre que houver oportunidade. E organizar a sua própria exposição com bastante calma.

— A exposição! — exclamou ela, desanimada. *O sonho de Nilla*. Ela não cansava de citar as mostras que assistira no Metropolitan de Nova York ou na Cartier, em Paris. Largos corredores brancos com pessoas conjecturando entre canapés e taças de champanhe. Certamente, imaginava as próprias fotos naquelas paredes. — Minha carreira terá que ficar para depois. Bem depois — completou ela, mas aparentemente arrependendo-se em seguida. Diante da situação, a frase soava estranha. — Você nunca se cansou de me ouvir falar sobre estas besteiras?

— Nunca — respondeu ele. — Olhe, estamos juntos nessa! Terei bastante tempo para cuidar de nosso filho, não precisarei estar na redação todos os dias. Posso escrever minhas matérias de qualquer lugar. Talvez consiga uma coluna, quem sabe... Marvin e eu já cogitamos isso.

— Colunista? Marvin vai liberá-lo das matérias? Você é o melhor repórter que aquela editora já teve!

Daniel rendeu-se num sorriso, enquanto o silêncio se encaixava dentro do carro. Estavam em um trecho onde a estrada se repetia em curvas, com extensas linhas de mata encapando as laterais das pistas em sentido duplo. Os olhos de Nilla seguiam fixos, distantes em algum ponto do asfalto.

Após superar um longo intervalo reto e uma ultrapassagem a outro automóvel, Daniel quebrou o gelo:

— No que está pensando?

— Fraldas e escadas.

— O que tem isso?

— Você comentou sobre dois andares, certo?

— Sim, foi o que eu disse.

— Não combinam, você sabe.

Não estivesse tão relutante agora, Daniel acharia graça. Porém, perturbava a possibilidade de não ter controle da situação e a ideia de mudar-se não ser tão absoluta quanto imaginava. E se não podia confiar em si mesmo, como podia ter certeza que Nilla confiaria em suas palavras? Mas a interrogação que ela tinha no rosto, aquele lindo rosto que ele não cansava de admirar, era outra — embora fosse igualmente complicada: O que estava por vir em suas vidas?

Daniel se deparou com o próprio olhar perdido no espelho retrovisor central. Virou o rosto para Nilla. As mechas dela sacolejavam por causa da brisa que invadia o carro. Então ele fez a melhor tarefa para o momento:



pousou a mão sobre o ventre da sua esposa, até que seus dedos se encontraram. Um gesto quase sagrado, como se quisesse dizer: “Ei, você não está sozinha, não se preocupe”.

Bastou um segundo de descuido.

Daniel não acreditou. A certa distância, um Citroën prateado ultrapassava as duas linhas amarelas e arremessava-se sobre eles a toda velocidade. Os faróis acesos em plena luz do dia aumentavam rapidamente, alinhando em sua direção como se fossem invadir o espaço da Cherokee em segundos.

*O que ele está fazendo?*

Daniel apertou o pedal do freio até o fundo. Sentiu o carro travar as rodas e deslizar no asfalto. Os faróis à sua frente cresciam numa velocidade assustadora, declarando que o mundo atrás do para-brisa se dissolveria em míseros segundos. E ele percebeu a idiotice que cometia. Se parasse ali, estariam perdidos.

Loucura ou destreza, voltou a pisar no acelerador. Pressionou o pedal com força e girou o volante para a esquerda, até travar. O carro ganhou velocidade e ultrapassou a linha do acostamento. Cascalhos ricochetearam pelo chão. Depois, terra. A buzina do Citroën berrou à direita, tornando-se distante quando a Cherokee encontrou uma árvore. E embora o impacto não fosse suficiente para inflar os *airbags*, o cinto de segurança agarrou com força o seu tórax.

Quanto terminou, as mãos faziam tanta pressão no volante que os nós dos dedos estavam esbranquiçados.

Daniel retomou o fôlego e indagou a Nilla:

— Você está bem?!

Ela se agarrava onde podia.

— Oh, meu Deus... sim, acho que sim. O que foi isso?

— Não faço a menor ideia. Espere aqui, verei o que aconteceu.

Daniel saiu do carro com as pernas trêmulas. *Como alguém pode ser tão imprudente?* Deu graças a Deus pela estabilidade do veículo e por não ter girado o volante ao contrário. Se tivesse feito isso, possivelmente estariam agora de cabeça para baixo na estrada.

Quando chegou à frente do veículo, conferiu os danos. Um dos faróis e a parte da grade estavam danificados. Por sorte, não era muito. Agachou-se, contorcendo o pescoço e verificando se vazava algo — água, óleo ou combustível —, mas a grama mostrava-se intacta.

O Citroën não podia mais ser visto. *A que velocidade devia estar? O suficiente para desaparecer em poucos segundos, é claro.* O louco tinha ido embora. Possivelmente, adolescentes bêbados dentro de um carro, embora algo que tenha visto rapidamente podia fazê-lo crer que era um veículo alugado — talvez um adesivo no vidro dianteiro ou algo parecido.

Daniel retornou à direção. Girou a chave e engatou a ré. Estilhaços do farol caíram no chão enquanto manobrava. Nilla perguntou:

— O que houve?

— Tenha calma, não foi nada sério. A dianteira do carro só amassou um pouco. Não precisaremos de ajuda nem de reboque.

Daniel acelerou com cuidado e ultrapassou a via contrária, colocando o carro na direção em que se deslocavam antes do incidente.

— O que está fazendo?!

— Eu já disse, não foi nada de mais. Apenas um susto, está tudo bem.

Nilla pareceu não acreditar.

— O que você tem, Daniel? Eu quero voltar.

— Não, nada disso.

— Por favor...

— Nós não vamos voltar! — Daniel odiava falar daquela maneira, mas o tom de voz havia saído influenciado pelo susto. — Desde que informei sobre o sentido desta viagem, você não me deu nenhuma chance. Compreendo que esteja relutante às mudanças que estão ocorrendo em nossas vidas, mas estou tentando lhe mostrar uma nova perspectiva.

— Poderíamos deixar para outra ocasião...

— Não existe a menor possibilidade. Eu marquei com a corretora no local, ela já deve estar nos esperando.

Daniel seguiu adiante. Ficou aguardando Nilla retrucar, mas ela se calou de novo — mesmo que ele percebesse que ela não queria *realmente* fazer isso. Entretanto, ele reconhecia que custava tempo para ter as suas ideias demovidas. E quando finalmente cedia, podia ser tarde demais. É claro, nunca tratava os apelos de Nilla com desdém, muito pelo contrário: na verdade, quase sempre sua esposa tinha razão. Se um dos dois era mais centrado, com certeza Nilla saía na frente dele, e tinham sorte de ser assim. Deixar para outro dia não seria o fim de mundo. Só que raras eram as vezes que Daniel tomava uma decisão tão firme, e não desejava que aquela passasse assim, tão fácil. Foi quando percebeu Nilla apoiar a cabeça no encosto do banco e fechar os olhos. Pensou em falar alguma coisa para ela, mas tinha medo de ser incompreendido como antes. E reparou que Nilla respirava fundo, como nas aulas de ioga, tentando retomar a tranquilidade. Mas havia algo errado.

Daniel escutou seu nome surgir num sussurro, ao tempo em que os dedos dela tocaram seu ombro. Ele se virou. A cabeça de Nilla tombou, como se desmaiasse.

E Daniel percebeu a poça de sangue crescendo no chão do carro.

## Capítulo 2

Daniel abriu os olhos e ergueu a cabeça, quase sem ar. As cores em sua mente se desbotaram bruscamente, neutralizadas pela claridade da janela. Todas, com exceção do vermelho. O sangue que enxergava agora não estava mais dentro do carro, era real. Descia do seu nariz e manchava o travesseiro, justamente no lado em que Nilla dormia quando ocupava aquela cama.

Sem a presença de sua ex-mulher — odiava pensar na palavra “ex”, mas era inevitável —, invariavelmente Daniel adormecia em um canto da cama e acordava no outro. Mesmo depois de um ano, ainda estranhava a ausência do corpo dela. Porém, a maior angústia era o motivo por aquele espaço estar vago — e por ele se considerar o maior culpado disso.

Daniel se levantou e caminhou até o banheiro. Na frente do espelho, comprimiu o nariz com o indicador e o polegar. A pressão fez com que o sangue cedesse. Enfim, respirou com tranquilidade. Toda vez que repetia o processo, a explicação do doutor Feldman — o único clínico geral que teve disposição de visitar nos últimos meses — disparava na sua cabeça. E o homem não conseguiria concluir de maneira mais direta o problema:

— Epistaxe. Ou sangramento nasal, como preferir.

Infelizmente, a origem não parecia ser tão simples assim.

Quando Dr. Feldman apresentou os primeiros resultados dos exames, eles não demonstraram nenhum tipo de lesão interna, alergia ou tumor. “Isso é ótimo, talvez seja apenas deficiência de vitaminas”, supôs o médico, sem chegar ao diagnóstico. E deveria ter chegado a um, mas não foi culpa dele.

Daniel estava decidido: sem dor e com o sangramento limitado, aprenderia a conviver com aquilo ao invés de preocupar-se tanto. Por isso abandonou a segunda bateria de exames antes que iniciassem as perguntas se havia sofrido algum trauma ou coisa parecida. O único fato que importava é

que o sangramento ocorria em ocasiões como aquela, em momentos de pressão ou estresse intenso. E isso incluía com bastante regularidade as noites em que surgiam as lembranças daquela tragédia.

As piores noites.

Daniel tomou uma ducha e retornou para o quarto. Com a toalha, espanou o rosto e os pensamentos. Dava conta de que seria mais um dia de calor infernal no Rio de Janeiro quando olhou para o relógio na mesinha, que marcava próximo das nove horas da manhã.

*Diabos! Atrasado de novo!*

Apressado, vestiu um conjunto de camiseta branca, calça jeans e tênis. Mais confortável, somente se saísse com bermuda e sandálias.

Quando se preparava para pegar as chaves do carro, o interfone disparou a campainha metálica. O funcionário do flat em que morava anunciava ter chegado uma encomenda.

— Mas agora? O carteiro passando tão cedo?

— Não é uma encomenda normal, senhor — respondeu o homem. — Parecia um veículo de transportadora. Disseram ser uma entrega internacional.

Daniel estranhou. Tentou lembrar-se se já recebera alguma em oportunidades anteriores. Possivelmente na editora, mas raramente em casa.

— O.k., receba-o por mim.

— Já fiz isso, senhor. O motorista estava com pressa e foi embora.

— Ótimo. Estou atrasado. Quando voltar, recolho na recepção.

Percebeu que o homem tentou ser o mais polido possível:

— Bem, senhor, me desculpe, mas há dias que as cartas estão se acumulando em seu escaninho. Não há espaço para o envelope. Talvez seja melhor o senhor passar por aqui antes de sair.

Era verdade.

*Bem-vindo ao meu mundo!*, pensou em dizer.

Daniel costumava esquecer-se das tarefas triviais. Se houvesse uma planta em seu apartamento, provavelmente ela secaria em tempo recorde — a não ser que regá-la fosse uma tarefa incluída no expediente de trabalho, sua única válvula de escape. E ainda mais porque hoje seria um dia atarefado, o último na editora antes do recesso de carnaval. Precisava concluir uma matéria e revisar outras duas. Planejara sentar-se na frente do computador no horário normal, que começava... naquele exato instante. Seria impossível — mas para falar a verdade, não por causa de encomendas chegando de última hora.

Se não soubesse a resposta, arriscaria a perguntar em que momento a vida se tornara tão confusa.

— Tudo bem, estou descendo — respondeu antes de desligar o aparelho.

Ao entrar no elevador, Daniel encarou sua imagem no espelho. Deu uma coçada forte no nariz inchado, com a impressão de que o homem beirando os trinta e quatro anos que o contemplava não passava de um estranho. Os cabelos rareavam cada vez mais. Bolsas se instalaram logo abaixo dos olhos, e a barba por fazer começava a dar sinais de que ficaria grisalha. Mantinha no corpo os traços atléticos, mas não tão delineados quanto antes, quando era capaz de nadar por horas em uma piscina de raia olímpica sem sentir os músculos queimarem com o esforço. Se ainda podia fazer aquilo? Não sabia dizer. Pouca coisa na vida valia a pena ser testada. O último ano havia deixado pequenas manchas escuras, quase imperceptíveis, que só podiam ser enxergadas com muito esforço e nada além disso.

Ao chegar à recepção do prédio, conferiu que todas as correspondências haviam sido juntadas em um grande envelope, inclusive a

encomenda mais recente.

— Está tudo aqui?

O homem confirmou. Daniel agradeceu e enterrou o envelope dentro da sua bolsa-carteiro, na mesma divisão onde levava seu Macbook. Distanciou-se a passos largos em direção a garagem e saiu com o carro, tocando apressadamente para a editora. Até que seu estômago roncou, lembrando que se tivesse sido mais responsável, um desjejum teria caído bem antes de sair de casa.

### Capítulo 3

Giuseppe Pacino dobrou o corredor principal da *questura* e a claridade das lâmpadas fez sua cabeça latejar como nunca. O *investigatore* cerrou os olhos tentando domar o desconforto, mas em vão. Então percebeu que o efeito da noite maldormida não passaria tão cedo — especialmente após consumir, sozinho, duas garrafas de Pinot Grigio. Todavia, atravessou o salão em direção à escrivaninha, passando por uma porta fechada e a placa prateada com grandes letras escuras que servia como evidência: “L’INVESTIGATORE CAPO / INVESTIGADOR CHEFE”. Sinal que Alberto Fazolato — considerado por muitos como o homem mais ranzinza de Veneza — já havia chegado e mantinha-se trancado em seu gabinete.

Pacino acomodou seus 1,79m e 85 quilos na cadeira, próximo a janela, vendo a suntuosa interjeição entre o Grande Canal e o di Santa Chiara. Mesmo que a luminosidade exacerbasse os efeitos da ressaca, seria incapaz de fechar as persianas. Via-a como uma janela sagrada. Todos os outros distribuídos no mesmo andar invejavam a sua posição, não apenas pela vista privilegiada, mas pela oportuna distância que mantinha da sala de Fazolato.

Ele havia sido o último a pendurar o paletó e o casaco. Fora do *ufficio*, a temperatura não ultrapassava os cinco graus, bem diferente do lado de dentro. Ainda assim, pensou se realmente queria estar ali. Preferia enfrentar as geladas *fondamenta* e *rive* a ficar enfiado durante todo o expediente.

Sobre a escrivaninha, relatórios espalhados disputavam espaço com um peso para papéis, um porta-caneta e um telefone. Também havia um computador, mas não sabia dizer a última vez em que foi ligado. O teclado estava em algum lugar abaixo de pilhas de boletins ou solicitações de outras *questure*. Porém, apenas uma pasta importava e se destacava em meio a



turbulência; dentro dela havia uma ficha, preenchida há alguns dias, com a foto de uma jovem grampeada no canto superior esquerdo.

*Barbara.*

O nome surgiu como um estalo.

Pacino segurou a pasta. Até há pouco tempo, aquela jovem veneziana de vinte e cinco anos, loira e com rosto esguio, incluía uma das quase duzentas e sessenta mil pessoas que habitavam a cidade. Um número que, como sabia, vinha caindo a cada ano. Mas a baixa de Barbara aparentemente não ocorrera de forma normal. Talvez, nem mesmo espontânea. No alto, a palavra “desaparecida” escrita a lápis tirava a atenção do resto da folha. Uma palavra que ele não gostaria de ter escrito ali. Melhor... não gostaria nem mesmo de *ver* aquela pasta na sua frente.

Uma voz chegou sorrateira às suas costas:

— Os outros a estão chamando de “fugitiva do *carnevale*”.

— O quê?

— Talvez ela tenha se encantado com algum visitante e deixado a cidade às pressas — arriscou Pietro, o mais jovem *investigatore* da cidade.  
— Elas são capazes de cometer esse tipo de loucura, especialmente nessa época do ano.

O rapaz deu a volta e colocou-se à frente de Pacino. Segurava um copo de *espresso* pela metade. Tinha um pouco mais de idade do que a vítima, o que deixava a observação mais engraçada.

— Nesse caso ela deveria ter levado ao menos uma mala de roupas, o que não fez — respondeu Pacino.

— Não se fosse com um *ragazzo* muito rico. Nunca assistiu isso no cinema?

— Não.

— E o passaporte? Você conferiu?

Pacino quis perguntar se ele se achava tão esperto, mas preferiu ficar calado. Pietro era ótimo com computadores, o que lhe outorgava adjetivos como engenhoso e perspicaz, ditos pela maioria. Porém, era lento em investigações de campo.

Pacino tirou uma série de documentos de dentro da pasta e jogou em cima da mesa, aumentando o caos nela.

— Como pode ver...

— Ela não o levou. Nenhum deles — objetivou Pietro.

Pacino aquiesceu. Viu que ele tinha uma mancha de café no canto da boca, e fez um gesto indicativo para que a limpasse.

— Olhe, sua teoria é a mais *óbvia* possível. Ela não pode ser descartada, mas não devemos nos focar em probabilidades — disse.

— E o que você descartaria nessa hipótese?

— Um bilhete de despedida seria encontrado por alguém. Além disso, uma jovem que mora sozinha com a mãe não largaria uma *signora* doente abandonada à própria sorte.

— Ou talvez ela tenha se cansado disso tudo, e um pequeno botão esquecido foi acionado em sua cabeça.

— Um botão...?

Pietro fez sinal com a palma da mão esticada enquanto jogava o copo vazio na lixeira. Pretendia explicar melhor. Enquanto isso, Pacino se levantou impaciente, indo em direção ao banheiro. A cabeça doía e queria afastar-se de toda aquela baboseira inexperiente.

Pietro o seguiu, sem interromper a linha de raciocínio.

— Ela trabalhava em um bar, certo?

— Exato.

— Sabemos que em época de *carnevale*, muitos turistas transitam por lá. Pedem bebidas, se divertem... — Ele abriu a porta para Pacino passar. —

Até que resolvem puxar conversa com a bela italiana que está atrás do balcão.

Pacino fez que sim, forçado. Pietro continuou:

— O.k., digamos que tenha acontecido. O único mundo que ela conhece é aquele, e ele é bem limitado. Passa seus dias esfregando copos com um pano molhado e olhando para a televisão de bar, assistindo notícias sobre lugares que ela sempre sonhou em conhecer.

Pacino quase podia enxergar a cena, e até considerou a teoria razoável, mas não passava daquilo: razoável. Abriu a torneira e esfregou a água fria no rosto.

Pietro perguntou:

— Pense bem, qual é o futuro de uma garota impetuosa na cidade mais medieval do nordeste da Itália?

— Vamos ver... você é quase tão jovem quanto ela. Diga-me, qual é mesmo seu futuro?

— Provavelmente, muito diferente do seu — respondeu, esbanjando um sorriso que Pacino compreendeu de imediato. O alcoolismo não era surpresa para mais ninguém. Mas isso não o segurou de esbravejar:

— Ora, caia fora daqui, senão...

Antes que ele terminasse, viu a porta do banheiro encostar. Pietro já havia deixado o local.

Pacino fechou a torneira e secou as mãos e o rosto, esperando que aquilo melhorasse o latejar dentro da cabeça, pois necessitava concentrar-se. Afinal, Barbara sumira sem que nenhum pedido de resgate tivesse sido feito. Se realmente tratava-se de um crime, era pouco comum para a cidade. Tudo bem que Veneza não possuía um passado exemplar, mas as coisas andavam calmas. Ultimamente, Pacino via-se envolvido com delitos mais frequentes como brigas, drogas, furtos ou assaltos nada sofisticados.

Assassinatos também aconteciam, só que de forma mais esporádica. Mas desaparecimentos? Desde quando?

Ele afrouxou a maldita gravata. Gostaria de tirá-la, mas não era permitido. Ao menos escondia um pedaço da camisa branca amarrotada, buscada com desatenção do fundo do guarda-roupas.

Viu a porta do banheiro se mover outra vez e a cabeça de Pietro ressurgir de trás dela.

— Adivinha quem está chamando por você? Disseram que a esposa o obrigou a iniciar uma nova dieta. Imagine só como está o humor dele...

Pacino não precisou se esforçar muito.

*Fazolato.*

Então percebeu que a noite maldormida não tinha sido nada.

## Capítulo 4

A primeira coisa que Daniel fazia ao chegar à redação era recolher os lembretes que as pessoas colavam ao redor da sua estação de trabalho. Ele odiava aqueles papezinhos coloridos, embora eles se prestassem bem à função: lembrá-lo das tarefas diárias. Só que isso não significava dizer que as cumpria de fato, especialmente às vésperas de um feriadão. Então, destinou a maioria para a lixeira.

O passo seguinte era conferir os e-mails.

Ao retirar o laptop da bolsa, o pacote de correspondências tombou e se abriu, espalhando tudo pelo chão.

*Não acredito!*

Daniel esticou os braços a fim de coletar a papelada. Naquele instante, decidiu tratá-la da mesma forma que os lembretes. E em pouco tempo, a lixeira ficou tomada de papéis rasgados. Mas quando encontrou o misterioso envelope da transportadora, ele se reteve. Tinha nas mãos um envelope branco, levemente volumoso no fundo. *O que o homem disse? Uma encomenda internacional?* Não havia selo, nem carimbo. Pior: sem remetente, apenas uma grande etiqueta.

Rompeu o lacre, compenetrado. Virou o envelope e um pequeno objeto retangular caiu em sua mão.

*Mas que diabo...?*

Um isqueiro de metal.

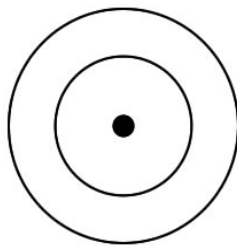
Zippo.

Daniel permaneceu parado, incrédulo. O que era aquilo, um presente? Se fosse, a pessoa não o conhecia bem. Não fumava, jamais fez isso em toda sua vida. Tinha aversão a cigarros, charutos, cachimbos ou qualquer coisa que acendesse nos lábios e expelisse fumaça. Imaginou se não teria sido um engano da transportadora, porém o envelope chegou lacrado, com a etiqueta

de destinatário intacta e o seu nome explícito nela: “DANIEL SACHS”. Aparentemente, não havia erros.

Deu uma nova olhada, mas não tinha mais nada dentro. Não devia passar de uma pequena brincadeira. Mas de quem?

Daniel analisou o objeto. Girou a tampa no eixo traseiro e ouviu o indefectível clique. Mesmo os não fumantes poderiam reconhecê-lo com facilidade: os isqueiros Zippo haviam se tornado ícones da indústria cinematográfica e da literatura universal. Uma marca reconhecida em todo o mundo, valiosa para alguns colecionadores. Apenas dois detalhes diferenciavam-no dos outros que já tinha observado. Em um dos lados havia uma gravura em alto-relevo: um leão alado na cor dourada. Daniel teve a sensação de ter visto a imagem, mas não conseguia se lembrar onde. Do lado contrário, alguém arranhara o metal, produzindo um desenho curioso: três círculos concêntricos, o menor deles preenchido como um ponto.



Tentou acender o isqueiro, mas foi inútil. Não funcionava. Observou então que o pavio nunca havia se queimado.

*Um objeto novo. Mas por que alguém o riscaria?*

Ele passou alguns instantes girando o isqueiro na mão, tentando assimilar o presente misterioso, porém, não havia nada mais a observar. Não passava de um isqueiro arranhado. Pensou em dar o mesmo destino que as cartas e lembretes, mas, no fundo, sentia-se incomodado em desfazer-se dele. Então voltou a notar a imagem em perfil que sobressaía do metal. Tentava se recordar de onde a tinha visto.

Decidiu procurá-la na internet. Ligou o Macbook e entrou em um site de buscas. Digitou as palavras “leão” e “alado”.

A página carregou com milhares de referências.

Daniel começou a clicar em cada link. Havia muitas variações de animais com corpo de leão e asas de águia, com textos que citavam desde a Babilônia até mascotes de equipes de esportes. Todas apenas semelhantes.

Mudou a seleção para filtrar somente as imagens. Com a outra mão, Daniel abria e fechava o isqueiro repetidas vezes. O clique já se mostrava deliciosamente vicioso. Então a tela passou a mostrar pequenos *thumbnails*, deixando a pesquisa um pouco mais simples.

Após avançar algumas páginas, ele finalmente percebeu.

Era o mesmo leão alado.

E só podia ter vindo de um lugar.

## Capítulo 5

Da última vez em que passou por Veneza, o homem que se apresentava como o Entregador descobriu que apenas uma edificação em toda cidade era considerada um *palazzo* de verdade. Ela ficava na Praça de São Marcos, próximo da Basílica, e chamava-se Palácio dos Doges. Já a edificação à sua frente não chegava a ser tão monumental, mas possuía a típica áurea de nobreza das construções venezianas, e talvez por isso muitos turistas também a chamassem de *palazzo*. Só que ela não passava de uma Ca' — a abreviatura de casa no dialeto dos cidadãos.

*Ignorantes! A humanidade está repleta deles!*

Ao se aproximar da fachada, viu a minúscula câmera de segurança instalada abaixo de uma das arcadas de madeira de ásaro das janelas. Assim, simplesmente parou diante da porta. Se fosse necessário anunciar-se, diria que vinha fazer a coleta, mas bastava esperar.

Em poucos segundos, a porta estalou e abriu automaticamente, permitindo a sua passagem.

Ao penetrar no salão principal, o Entregador observou-o desocupado. Os móveis pareciam petrificados pelo tempo, como se não houvessem sido mexidos ou atualizados. Porém, estavam limpos e reluzentes, mostrando que o abandono era apenas superficial. Pudera, com tão pouca movimentação naquele lugar.

A grande escada em curva no fundo da sala levava a lugares que ele desconhecia. E que nem o faria agora. Então caminhou até a parte de trás de um dos pilares que a sustentava e encontrou a porta que desejava. Abriu e um salão de proporções menores surgiu adiante.

Um sorriso mordaz brotou do rosto.

Recordou-se da última vez em que esteve ali. Parecia um lugar sem saída, com exceção do umbral por onde avançara. Um cômodo cujo acesso



se dava apenas por aquela porta. Mas não passava de uma camuflagem; sabia com exatidão os segredos que se escondiam bem à frente, e quais seriam seus próximos movimentos.

Ele agachou o corpo no centro da sala. Não precisou esforçar os músculos privilegiados para deslocar o tapete para o lado, deixando à mostra uma pequena porta incrustada. Então encaixou as pontas dos dedos em uma pequena saliência e puxou a comporta, girando-a para cima.

Uma música clássica inundou o ambiente.

A abertura tinha a forma de um quadrado perfeito, suficiente para atravessar o seu corpanzil. Mesmo sem o tapete, ela passava despercebida quando fechada. Somente um olhar mais cuidadoso notaria as marcas no assoalho.

O Entregador sentou-se na beirada, apoiando as mãos no chão. Conferiu a posição dos degraus subterrâneos e depois passou o corpo espadaúdo com extrema agilidade pelo buraco.

Ao selar a porta acima da cabeça, um sistema de cordas fez o tapete voltar para o lugar de origem.

Seu maxilar se contraiu com a emoção de voltar à ativa.

O ar que respirava tinha peso de areia. Luz, somente mais à frente. Não podia ver por onde pisava, mas sabia que o caminho até o final do corredor trazia portas trancadas em ambos os lados.

A cada passo, a música tornava-se mais alta.

Um rato grunhiu a centímetros de sua cabeça, escalando a parede úmida.

Quando o Entregador chegou ao final do corredor, a iluminação tornara-se efusiva e os acordes instrumentais, mais altos. Vinham de um cômodo que se assemelhava a uma sala de controle. E dentro dela, a pessoa que o contratara:

*Próspero!*

Ele parou ao lado do homem. Sentado à mesa e de frente para uma parede composta de monitores e aparelhos tecnológicos, Próspero não se virou para ele. Manteve os olhos fechados, um dos pés apoiado sobre o joelho oposto, consumindo o som suspenso na atmosfera com uma apreciação quase exibicionista. Alguns equipamentos, torturados pela soma do tempo e da maresia, tinham as bordas enferrujadas. Mesmo assim, estavam ligados e funcionavam aparentemente bem dentro daquele covil.

Sem interromper a meditação, Próspero apontou o dedo para a mesa, projetando uma sombra sobre os objetos em cima dela. Depois, o braço retornou para o lugar de origem.

O Entregador compreendeu a mensagem. Ele se aproximou e recolheu dois bilhetes de passagem aérea e uma pequena caixa.

Não seria adequado falar naquele instante. Mas antes de sair, arriscou um olhar mais profundo no homem que estava ao seu lado.

A fisionomia parecia imune ao tempo, como se não houvesse passado um dia sequer desde a época em que se viram pela última vez. Um período perigoso, difícil, mas nada comparável ao que fariam daqui em diante. E isso deixava-o excitado. Gostaria de expressar a emoção que sentia por ter sido convocado de novo, mas conteve-se. Deu meia-volta e retornou pelo caminho que cruzara até aquele ponto, deixando Próspero e sua música esfuziante para trás.

Ao chegar do lado de fora da casa, checkou se alguém o observava, mas tudo estava tranquilo e bastante silencioso. Havia apenas ele e a câmera escondida na arcada de ásaros.

O Entregador pegou o bilhete aéreo e conferiu o próximo destino.

Washington, D.C.



## Capítulo 6

Daniel achava-se suficientemente esperto para fazer pesquisas na internet, mas não tanto em resolver enigmas, charadas e afins. Sequer lembrava-se da última vez que se arriscou nas palavras-cruzadas, e por uma simples razão: quando via um problema pela frente, sua mente ansiava em analisar todas as respostas antes de entregar os pontos. Fazia isso com tanta intensidade que, por vezes, tinha a impressão que sentia-se esgotado. E evitava enigmas justamente por causa disso: eles tinham o propósito de esgotar pessoas.

Mas aquilo era muito estranho. O isqueiro em sua mão não aparentava ser parte de um jogo. Da forma como chegou, soava mais como um aviso, uma revelação. Ou algo maior, como um segredo.

Quem? Onde? Por quê?

Muitas indagações, mas nenhuma resposta.

Ou melhor, quase nenhuma.

*Só pode ser isso!*

Daniel clicou em um *thumbnail* e a foto surgiu em dimensões maiores. Ela era bastante similar ao símbolo no isqueiro. A figura do leão alado, de perfil e virado para a esquerda, não deixava dúvidas...

Veneza, Itália.

Provavelmente, o isqueiro não passava de um souvenir. Mas não se sentiu melhor com a descoberta. Na verdade, tinha a impressão de pisar em um terreno escorregadio. Parecia que aquilo, mais cedo ou mais tarde, levaria a um mergulho inevitável, um mistério que pairaria sobre sua cabeça por bastante tempo.

*Veneza? O que eu tenho a ver com isso?*

Daniel se levantou e ficou observando o Zippo. Tamborilava os dedos no encosto da cadeira, sem se concentrar direito. A redação, àquela hora,

fervilhava. O barulho incessante da copiadora, a cerca de dois metros de distância, incomodava ainda mais. O rapaz que a operava era novato na editora. Utilizava fones de ouvidos ligados ao celular e não ligava a mínima pro barulho, ouvindo uma música tão alta que Daniel quase reconhecia quem a cantava.

Daquela imagem, surgiu-lhe uma ideia.

Daniel sacou o celular do bolso. Decidiu conferir em sua agenda pessoal se algum conhecido da lista poderia ter encaminhado o isqueiro.

Arrastou o polegar avançando os nomes pela tela enquanto eliminava as possibilidades. Em uma primeira análise, descartou os contatos menos conhecidos. Depois, os que tinha absoluta certeza que não estavam viajando naquele momento. Por fim, aqueles que nunca o presentearam em toda a sua vida, nem mesmo em aniversários ou Natal. Reparou que muitas daquelas pessoas já não faziam mais sentido, e seus telefones deviam estar desatualizados.

De repente, sentiu o coração estraçalhar.

O polegar paralisou no canto da tela, intimidado pelo nome que se destacava não somente pela familiaridade, mas também pela importância, diante de todos os outros. E se antes parecia estranho, só tendia a ficar pior.

*Será que...?*

## Capítulo 7

Pacino entrou na sala e encontrou Fazolato atrás de sua grande mesa de carvalho. Parou com as mãos guardadas nos bolsos, esperando por um “*buon giorno*” que, já imaginava, não viria ao mundo tão cedo. O que principiou a conversa foi uma frase bem menos conveniente:

— Acho que sabe por que o chamei — disse Fazolato.

— *Sì, signore.*

— Quanto tempo já se passou?

— Contando a data em que ela foi vista pela última vez, apenas três noites.

— Apenas? — Fazolato esfuziou em seguida, e Pacino se arrependeu de ter colocado as palavras daquela forma. — O que você descobriu?

— Estou analisando informações. A última pessoa com que ela falou foi Giotto, o dono do bar. No final de expediente, Barbara se despediu como de costume e depois seguiu para casa. Tudo aparentemente normal, até desaparecer.

— Então aconteceu durante o trajeto?

Pacino confirmou com um aceno de cabeça. Não sabia exatamente o local, já que até então, não havia testemunhas. Contou que traçou o caminho mais curto entre os dois pontos, presumindo que fosse o ideal para que uma jovem sozinha chegasse rapidamente em casa, tarde da noite. Depois repetiu o mesmo percurso com ajuda da perícia, mas eles não encontraram nenhum vestígio.

Fazolato se manifestou:

— A não ser...

— A não ser que, nesse dia, ela tenha alterado o caminho. Então decidimos cobrir uma área maior. Mesmo assim, não havia nada.

— E o que faz pensar que o dono do estabelecimento está falando a verdade? E se ela não saiu do local naquele dia?

— Conversamos particularmente com Giotto. Em seguida fizemos uma acareação com Roberto, o outro funcionário. Ambos confirmaram a mesma história. Liguei aqui para a *questura* e pedi que puxassem as fichas dos dois. Limpos. Nem Giotto, nem Roberto, tiveram qualquer passagem.

— Mas não os inocenta, principalmente se estiverem agindo juntos.

— Exato. Por isso pedi para ver a gravação da fita de segurança.

— Eles *têm* um sistema de segurança?

Pacino aquiesceu novamente. A admiração de Fazolato não soava estranha. Muitos estabelecimentos na cidade careciam de modernidade. A maioria, lojas simples, artesanais, com recursos modestos para tais aparatos.

— Eu mesmo conferi os últimos passos. A *ragazza* organizou as mesas e limpou o balcão. Depois de passar pelo banheiro, retornou ao salão e conversou com Giotto. Não havia áudio, mas dava para ver que trocou poucas palavras com o patrão. Em seguida, pegou a mochila e despediu-se de Roberto, de longe. Ele chegou até a porta da cozinha com uma vassoura nas mãos e fez um cumprimento de “até amanhã”. Deixou o local sozinha, quase quinze minutos após o último cliente ter saído do estabelecimento.

— À princípio, isso basta.

Fazolato coçou a barba. Olhando contra a luz fria da janela, Pacino via que ela estava maior. Seria o suficiente para cobrir toda a calvície. Então o chefe fez outra indagação:

— A garota... como é o mesmo o nome dela?

— Barbara.

— Exato. O que sabemos sobre ela?

— Fisicamente? — E assim que fez a pergunta, Pacino percebeu os olhos de Fazolato flecharem as suas olheiras e em seguida a camisa

amarrotada, como se a palavra despertasse mais curiosidade sobre sua aparência do que a dela. — Eu diria que ela é uma jovem bastante admirável se compararmos com as que andam por aí — concluiu.

— Mas nada além do que isso, certo? Hoje em dia, do jeito que elas se vestem, todas são *bastante admiráveis* para homens como nós.

Pacino percebeu a malícia na voz do chefe. Embora tentasse manter segredo, todos na *questura* conheciam ou ouviram falar das puladas de cerca dele. Sem conseguir evitar, Pacino terminou fitando o porta-retrato onde o velho dividia o convés de um barco com sua esposa e dois filhos. Nenhuma filha. E até então, nem um fio de barba.

— O *signore* quer saber sobre a família dela? — perguntou.

— Pode ser.

Aquela parte não ajudava muito. Barbara não possuía irmãos. Pai falecido, e uma *signora* sexagenária com aparência senil o suficiente para ser sua mãe. Há uns dois anos, a mulher sofrera um AVC no chuveiro e caíra quebrando o fêmur em três partes, e quase não andava mais. Falar, tão pouco. Coube à Barbara cuidar da pobre velha. As duas moravam juntas em uma casa simples no *sestiere* Castello, longe do comércio. Uma vizinha, quase tão idosa quanto à mãe, auxiliava a *ragazza* quando esta estava fora, trabalhando.

Depois da explicação, Fazolato perguntou:

— Nenhum outro parente?

— Apenas um casal de primos e tios que não residem em Veneza, mas não foram contatados ainda.

— Ótimo. Onde está a mãe?

— Providenciamos um hospital. Uma equipe de resgate fez a transferência há cerca de três dias. É temporário, até que resolvamos o caso.

— Pacino coçou a testa. — Ela mal compreende o que ocorreu com a filha.



Fazolato não demonstrou emoção, como se a resposta nem tivesse chegado aos ouvidos. Seu rosto duro fitou o investigador mais a fundo.

— Você entendeu quando eu disse “ótimo”?

— Mais ou menos, *signore*.

— O que eu quero explicar, Pacino, é que não necessitamos de alarde. Ninguém deseja um batalhão de repórteres na porta da *questura*, dia e noite. Em pleno *carnevale* e com a cidade lotada de turistas, isso não parece ser uma boa ideia, não é mesmo?

— Compreendo.

— Espero que os dois homens do bar permaneçam em silêncio.

— Eu fiz o de praxe — explicou. — Passei minhas recomendações expressas para que não comentem nada com outras pessoas ou pode atrapalhar as investigações. Giotto confirmou que, caso lhe perguntem, ele dirá que deu alguns dias de folga para Barbara.

— Melhor assim.

*É claro*, pensou Pacino.

Fazolato tinha o coração duro e não se importava se pessoas haviam sido prejudicadas, se preocupava apenas com a repercussão do caso. Todavia, Pacino não enxergava outra saída senão correr por aí, perguntando se alguém havia presenciado algo. Talvez devesse insistir na ideia, mas sabia o que Fazolato diria: “Se alguém viu alguma coisa, já teria ligado para a *questura*”. E também podia adivinhar o porquê do silêncio ser tão importante; com a história vazando — parecia ser só uma questão de tempo —, o prejuízo para o turismo da cidade viria em cascata, e algumas pessoas não gostariam nada disso. Como o prefeito, por exemplo. Por outro lado, se continuasse seguindo essa linha de raciocínio, não poderia sair pelos canais procurando por testemunhas. Pelo menos, não da maneira *convencional*.

Só que havia mais.

— Eu não gostaria de citar isso agora, mas sei o que seus companheiros andam falando sobre seu comportamento — Fazolato alardeou. — Você tem um caso complicado nas mãos. Não ligo se quiser cuidar dele sozinho, sempre o considere um dos meus melhores homens, e nem me lembro da última vez que o vi agindo com parceiros.

— Não é nada pessoal, chefe — interrompeu Pacino.

— Sei disso. Mas o problema não são eles com você, é *justamente* o inverso. Sempre foi um sujeito difícil, Pacino. Eu te conheço bem. Agora vá e mantenha-me informado — disse, espanando o vento com as costas da mão. — E apenas para enfatizar: ouvir de minha boca que você é um dos melhores não vai livrar o seu rabo se algo der errado.

Pacino aquiesceu pela última vez antes de sair da sala. Agora sabia por que tinha sido chamado até ali.

As últimas palavras de Fazolato eram bastante claras...

Deveria encarar o caso como sua última chance.

## Capítulo 8

Daniel se arrependeu da ideia que teve. O melhor a fazer seria deixar tudo de lado: o envelope internacional, o isqueiro, a página na internet... se simplesmente não desse importância, pegasse toda aquela baboseira e desaparecesse de vista, talvez, assim, o sentimento não se tornasse pior.

### *A dor da perda.*

A tela do celular, pausada no nome de Nilla, parecia gritar por atenção. Ele olhou para a mesa vazia ao lado e sentiu o estômago se comprimir. A mesma mesa que ela ocupou na primeira vez que pisou na redação.

Lembrava-se como se fosse hoje: Nilla havia acabado de chegar da República Dominicana. Era assim, adorava rodar o mundo. Cada viagem, cada lugar novo que conhecia, trazia na bagagem uma pasta tão cheia de fotografias que chegava a estourar o fecho. Ao contrário dos outros repórteres, que logo notaram as longas pernas de andar cauteloso e cabelos esvoaçantes, Daniel mal levantou a cabeça do computador para cumprimentá-la. Parecia um egiptologista remoendo-se no interior de sua escavação particular. Permaneceu assim por bastante tempo, sem dar atenção ao sol que brilhava do lado de fora, tal qual um verdadeiro idiota.

Então Nilla tomou a iniciativa.

Nas semanas seguintes, sempre que ele chegava à redação, uma foto diferente aguardava por ele em cima da mesa. Nilla provocava um contato diário. Cores distintas, formas delicadas, não importava o que estivesse ali: cada detalhe, cada centímetro daquelas imagens, demonstravam uma expressão de sentimento, um significado. E mesmo depois de casados, ela continuou deixando fotografias sobre a mesa. Acabou se tornando um vício para os dois.

Até que, um dia, as fotos desapareceram.

Logo após o acidente.

Aquela martelada, dia e noite. Sem descanso.

Agora, Daniel só precisava de uma boa desculpa. E ela estava bem à vista, em forma de um isqueiro. Mas o dedo continuava paralisado no celular, num tolo reflexo de insegurança, por ter se distanciado tanto.

Havia meses que não falava com Nilla.

*Mas se fosse ela, o que estaria fazendo em Veneza?*

Não importa! Ele devia ter ido atrás dela em algum momento, não ter se afastado tanto. Seria uma boa solução para os últimos acontecimentos. Talvez o telefone de Nilla nem fosse o mesmo — embora desfazer-se do número significava, para ela, perder vários clientes. Mas se estivesse morando em outra parte do mundo, bem.. Nilla já residira na Itália, e esta parecia ser uma ótima possibilidade.

“Que se dane!”, disse para si mesmo.

O polegar saiu da posição letárgica e apertou a tecla verde.

CALL.

Daniel colou o celular no ouvido e ficou atento, escutando chamar do outro lado.

Daniel permaneceu imóvel. Segurava o celular na mão com tanta força que teve receio de destruí-lo em mil pedaços. Foram seis toques sem que ninguém atendesse, até surgir a gravação na caixa-postal:

“Olá. Sinto muito, mas não foi desta vez! Tente de novo daqui alguns minutos ou deixe seu recado que retornarei assim que for possível. Acredite em mim! Quem não acreditaria?”

Ao terminar de escutar aquilo, Daniel sentiu um formigamento percorrer cada célula do corpo. Nilla mantinha o número. Poderia

reconhecer a voz dela, mesmo que se passasse mil anos. A entonação afetuosa, o discurso objetivo, o bom-humor dirigido a quem quer que fosse.

Daniel desligou tão logo a mensagem começou a se repetir em inglês. Se Nilla tivesse atendido — e visualizava a cena com tanta veemência que seria impossível distingui-la da realidade —, o que diria para ela? *E aí, o que tem feito? Por acaso você pensou em mim depois de todos estes meses e decidiu me mandar um souvenir inútil da Itália? O que você espera que eu faça com isso?* E o pior... se ela respondesse que não era a responsável, aquilo o tornaria o sujeito mais idiota do mundo.

— Merda!

Daniel despejou o corpo sobre a cadeira e respirou fundo. Todos os ruídos chegavam multiplicados aos seus ouvidos. Um carro de som, ao longe, convocava as pessoas para o tradicional bloco de carnaval que cobriria boa parte da orla da praia de Ipanema no dia seguinte. Então ele se deu conta de que não havia feito nada do que programara para aquele dia. As matérias continuavam intocadas, e os arquivos sequer foram abertos. Tudo atrasado, desde o momento que levantou-se da cama.

Decidiu falar com Marvin. Catou o isqueiro — não iria desgrudar-se dele até descobrir do que se tratava — e enfiou no bolso. Depois caminhou até a sala do editor. Pediria para ele entregar as matérias a outro jornalista enquanto havia tempo.

Marvin era compreensivo. Mais do que isso, um grande amigo. Talvez, o único que restara.

Daniel bateu na porta do editor-chefe com os nós dos dedos. Ao irromper a sala, viu Marvin ao telefone, de frente para as capas de revistas emolduradas na parede, algumas premiadas com uma boa dose de ajuda de Nilla. Mas parecia que não as observava de verdade; apenas distraia os

olhos enquanto focava a ligação. Quando notou-o, fez sinal para que se aproximasse e encerrou a conversa.

— Olá, Dan — disse, apertando-lhe a mão.

— Marvin. Tem um minuto?

— Claro, sente-se. O que aconteceu?

— Eu me enrolei, não estou dando conta. Hoje está muito difícil me concentrar.

— Qual é o problema?

— Muita correria e pouco foco.

Marvin contemplou-o.

— Entendo. O que está pendente?

— Uma matéria a concluir e duas a revisar. Sabe como me sinto com prazos curtos, então, vim pedir para que um favor. Como você mesmo diz...

— “Forçar a barra para escrever é como dançar em meio a um terremoto”?

— Sim.

Marvin sorriu. De maneira simpática, como fazia. Solteirão convicto, não era difícil apregoar que o sorriso dele derrubava mulheres em fila. Pegou o telefone e em poucos segundos incumbiu outros a resolverem os textos, bastava a Daniel repassar os arquivos para eles pela própria rede. Nada podia ser mais simples.

— Pronto! Você me deve essa — disse ele.

— Obrigado. Mesmo.

Marvin chegou o corpo para frente, apoiando-se na mesa.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— Vamos esquecer este papo de editor e repórter por um instante. Quem vai lhe falar agora é seu amigo...

— Tudo bem.

— Não acha que está trabalhando demais?

Daniel balançou a cabeça, embora quisesse fazer o contrário. Férias vencidas pesavam sobre aquela pergunta.

— O problema não é esse. Hoje estou tendo um dia maluco — disse.

— *Dia maluco?*

Marvin lembrava um psicólogo, com os dedos das mãos entrelaçados. Daniel entendia que, mesmo que a conversa ali não fosse profissional, devia-lhe uma boa explicação. Então tirou o objeto do bolso e empunhou-o com o indicador e o polegar.

— Marvin, sabe o que é isso?

— Não me diga que começou a fumar.

— Não, claro que não.

— Um Zippo. É bonito.

— Sim. Mas não é só isso. Sabe o que quer dizer este leão alado?

— Hmm... Veneza?

Marvin disse aquilo com tanta simplicidade que deixou Daniel quase boquiaberto. Teria sido mais prático ter consultado o editor desde o início.

— Exatamente. Ou ao menos, presumo que seja. Mas não entendo porque recebi este isqueiro hoje de manhã.

— Está me dizendo que chegou para você? Diretamente da Itália?

A surpresa tinha pulado de rosto.

Daniel confirmou.

— Bem, é o que parece. Veio dentro de um envelope internacional. Parece um souvenir.

— *É* um souvenir. Pode ser encontrado facilmente por Veneza — falou, como se recordasse de alguma visita ao lugar. — Você já deve ter visto esta

imagem em várias oportunidades. Por exemplo, no Festival Internacional de Cinema em Veneza. Ou, até mesmo, na bandeira da região do Vêneto.

Daniel assentiu, reconhecendo agora a familiaridade.

— Deixe-me dar uma olhada. — Marvin solicitou o objeto, que Daniel entregou prontamente. — Exato. O leão alado. O famoso *galardão fêlido*.

— Não funciona.

Os olhos de Marvin pularam para ele.

— O quê?

— Nunca foi usado.

Marvin abriu a tampa e arriscou acendê-lo. Nada.

Viu as ranhuras do lado oposto.

— Acho que basta colocar fluido de isqueiro. Mas, bem, parece que você não teve sorte. Está arranhado.

— Não lhe parece um desenho?

— É verdade — ressaltou, antes de devolver. — Observando melhor, dá para ver que foram riscos propositais. Mas o que significam?

— É apenas uma das coisas que tento descobrir. Quem me encaminharia esse presente de grego?

O editor silenciou-se. Ao fitar seu rosto, Daniel viu que o olhar enigmático de Marvin fazia-se presente naquele instante. Já o notara diversas vezes.

— Marvin, o que foi?

O editor coçou acima do ouvido, encabulado.

— Bem, meu amigo, eu confesso!

— Não compreendi.

— Fiquei bastante surpreso quando você disse que isso chegou de Veneza — disse ele. — Tenho algo para esclarecer.

— Pois então, comece.



— Acho que sei quem enviou o isqueiro. E pelo que conheço de você, também já deduziu quem foi.

— Nilla? — Daniel expeliu o nome.

— Sim.

— Marvin, que diabos está dizendo? Como pode saber?

— Porque fui eu que a mandei para Veneza.

— O... quê?

Daniel sentiu uma inquietação absurda. De todas as respostas que poderiam sair da boca de Marvin, escutou a que menos imaginava.

— Preste atenção, Dan. Conheço você há mais tempo, mas sabe que ambos, para mim, são pessoas especiais, desde antes de me convidarem para ser padrinho do casamento de vocês. Lembro, inclusive, que ficamos em dúvida sobre qual dos dois noivos eu representaria.

— Sim, é verdade. Eu a conheci graças a você e a editora. Apaixonar-me por ela foi inevitável. Até o dia...

— Até o dia que vocês se separaram, e ela preferiu deixar tudo.

Daniel sentiu o coração rasgar de remorso.

— Olhe, Marvin, nós sabemos que Nilla é assim. Ela não fica muito tempo no mesmo lugar.

— Por Deus, cara, o que está dizendo? É claro que ela ficaria — observou. — Desculpe por falar desta forma, mas vocês estavam *casados*. Ela estaria aqui até hoje, se não fosse o acidente.

Daniel retraiu o semblante.

— Droga, Marvin, tem que me lembrar disso?

— Lembrá-lo? Não me recordo da última vez que se abriu comigo! — atentou. — Você nunca toca neste assunto. Nem quer saber o que Nilla anda fazendo, nunca mais se falaram. Não vê que isto está corroendo você por dentro?

— O fato é que acabou de dizer que mandou Nilla para Veneza! E é isso que quero entender.

Marvin retrocedeu no tempo.

— Sabe que Nilla morou na Itália. Mais especificamente, em Roma. Com dupla cidadania, não deve ser uma novidade para você.

— Tudo bem. Praticamente todo o italiano que falo aprendi com ela.

— E você fala muito bem, então ela foi uma excelente professora — disse. — Bem, alguns meses atrás eu descobri que ela virou correspondente internacional. Vende seus trabalhos para várias publicações da Europa, Canadá e América do Sul. Desde então, não fizera mais nada para a editora. E, você sabe, ela é uma grande fotógrafa.

Daniel aquiesceu. Marvin continuou:

— Veneza está comemorando seu carnaval, assim como nós. Claro que são acontecimentos bem diferentes, não há como fazer comparações. Enfim... Eu *precisava* de um fotógrafo. Portanto, Nilla era a pessoa mais indicada para isso.

— Você mandou Nilla cobrir o carnaval de Veneza?

Marvin fez que sim com a cabeça.

— Não compreendo — Daniel continuou. — Por que simplesmente não comprou fotos de pessoas fantasiadas? Qualquer banco de imagens possui, você faz isso toda hora.

— Sim, mas não pedi a ela para cobrir *exatamente* isso — respondeu. — É que acontecerá um grande evento na cidade. Dizem que algo como nunca se viu antes.

— E o que é?

— Um show de ilusionismo.

Quanto a isso, Daniel não estranhou. A revista que Marvin mais se dedicava — e também a de maior tiragem — era de variedades. E embora

não se interessasse pelo assunto, compreendia que muitas pessoas adoravam shows de ilusionismo. Porém, até entrar naquela sala, não podia imaginar metade do que Marvin contara; e por causa disso, não se sentia completamente convencido.

Várias coisas não se encaixavam. Primeiro, o fato de Nilla não ter tentado um contato mais direto com ele. Por que ela enviaria um presente depois de tanto tempo? Nilla adorava fazer surpresas, mas nunca fora de rodeios, bastava telefonar para a editora que o encontraria facilmente. Segundo, nenhuma carta ou bilhete chegara junto com o envelope — e este não possuía sequer o nome do remetente. No mínimo, estranho. E terceiro — talvez a mais desarmônica hipótese —, de todos os souvenirs que deviam existir em Veneza, o isqueiro não se encaixava em nada com seu perfil.

— Temos que descobrir se foi ela que encaminhou o Zippo — objetivou Daniel.

— Concordo! A melhor coisa é telefonar para ela.

— Eu tentei contato através do celular, mas não consegui. Caixa-postal.

— Bem, assim que ela reconhecer seu número, vai saber que ligou.

— Na realidade, não saberei o que dizer... — Daniel murmurou, como uma confissão. Marvin deu um novo sorriso confiante.

— Tudo bem, eu te ajudarei. Tentarei contatá-la. Se conseguir conversar com ela, esclareço toda essa confusão. Talvez vocês dois finalmente voltem a se falar — animou-se. — Agora, gostaria que repassasse os arquivos e depois fosse para casa. Tire os próximos dias de folga, esqueça o resto.

— Obrigado.

Marvin envolveu a orelha com a mão em forma de concha.

— Não escutei direito.

— O.k., vou fazer o que me pede.

— É sério, Dan. Sério mesmo. Vou considerar isso uma promessa.

## Capítulo 9

A conversa com Alberto Fazolato não durou mais do que alguns minutos. Mesmo assim, Pacino retornou para a escrivaninha certo de que o chefe o convocara para fazer mais do que simples perguntas sobre o caso. Queria, de fato, encostá-lo no muro. E havia conseguido.

Pacino sentou-se novamente em sua cadeira com a cabeça explodindo de dor. Facas perfuravam as suas têmporas. *Maldita ressaca!*

Abriu a gaveta e catou um par de analgésicos. Eles acabariam com seu estômago, mas que se dane! Nada pior do que a ficha da garota desaparecida com o rosto encarando-o, parecendo um fantasma.

Levantou-se e buscou um copo d'água do bebedouro. Ingeriu-o com os comprimidos. Depois retornou ao lugar e deslizou o corpo na cadeira, torcendo para que o desconforto passasse logo.

O telefone zumbiu. Na pior hora possível, é claro.

— *Pronto?*

— *Investigatore* Pacino?

— Eu mesmo.

— Giotto. O Giotto, do bar.

Pacino demorou alguns segundos até se recordar que havia dado seu cartão para o homem após encaixar as palavras de praxe: “Telefone-me se lembrar de algo”.

— Como estão as coisas?

— Dentro do possível, bem — disse Giotto, cercado de silêncio. Não devia estar no salão. — O *signore* me pediu para ligar caso tivesse alguma coisa, mesmo que fosse pequena ou insignificante, não é?

Pacino empertigou-se na cadeira.

— Exato.

— Antes de qualquer coisa, peço desculpas pelo meu nervosismo. Entenda, estou um pouco inquieto desde aquele dia. Todas as vezes que abro o estabelecimento, penso que Barbara entrará por aquela porta e tudo voltará ao normal.

— Compreendo. Mas não sabemos o que ocorreu de fato, e ela pode estar bem, até melhor do que nós — disse Pacino, embora duvidasse bastante das próprias palavras. Queria avançar logo até o ponto que interessava. — Conte-me, qual é o motivo do telefonema?

— Eu estive observando novamente a gravação.

— Nós dois analisamos juntos, vimos que não houve nada de anormal.

— *Sì*, é verdade. — O homem fez uma pausa, tornando o silêncio mais pesado. — Mas não me refiro ao instante em que ela saiu, e foi só o que olhamos.

A dor na cabeça de Pacino ficou mais latente.

— Giotto, não estou entendendo. Conte logo.

— Havia duas gravações naquele dia.

— Como assim?

— Nós analisamos apenas a segunda filmagem, não a anterior — explicou. — Ouça... as fitas de segurança não duram muito, devem ser trocadas periodicamente. Às vezes eu me encarregava disso. Outras vezes, Barbara. Quem se lembrasse da tarefa, na verdade.

— Espere um minuto... Você não me contou que havia outra fita.

— Porque eu não tinha ideia que havia sido usada. Neste dia, foi Barbara quem fez a substituição. O revezamento ocorreu mais ou menos na metade da tarde.

Pacino apoiou os cotovelos na escrivaninha. A esta hora já estaria gesticulando bastante, se não fosse a maldita ressaca.

— Por favor, Giotto, seja mais direto. Não entendo aonde quer chegar.

— O fato é que hoje decidi chegar um pouco mais cedo, aproximadamente uma hora antes de iniciar o expediente. Ficaria todo este tempo aqui, no meu escritório, disposto a observar a gravação do último dia de trabalho de Barbara. Foi quando me dei conta que ela não iniciou no horário diurno.

— Então você presumiu que devia ser a *segunda* fita.

— Exato.

Pacino recordou-se de ter dito que não havia necessidade em confiscar nenhuma filmagem, uma vez que o crime — se é que realmente havia um — não ocorrera *dentro* do estabelecimento. Era mais comum recolher vídeos apenas em casos de brigas, assaltos ou homicídios, especialmente para identificação de rostos.

Giotto continuou:

— No meio da tarde, Barbara recebeu alguma coisa, e isso não me pareceu... bem, muito natural.

— O que quer dizer com *alguma coisa*?

— Uma caixa. Não muito grande, talvez do tamanho de uma caixa organizadora, como as que tenho aqui na prateleira. Aparentemente foi deixada por alguém na porta do bar.

Pacino sentiu como se dedos estalasse próximo ao seu ouvido. *Uma caixa deixada na porta?*

— Você observou alguém suspeito?

— Absolutamente. A câmera não tem alcance para isso. Além do mais, Barbara deu um passo para fora, se agachou e voltou muito rápido, sem tempo de trocar palavras com um mensageiro ou assinar qualquer documento.

— O que ela fez? Abriu a caixa?

— *Sì* — repetiu.

— E o que havia dentro?

Giotto pausou um pouco antes de responder.

— Bem, *investigatore*, posso contar o que *acho* que vi, mas seria melhor o senhor conferir com seus próprios olhos treinados.

Parecia uma sugestão idiota, porém, tinha lá seu fundo de razão. Afinal, Giotto fez exatamente o que Pacino havia sugerido: telefonar para ele.

Outro instante de silêncio se deu de ambos os lados. Pacino olhava para o peso de papel reluzente e via o reflexo de um homem prestes a tirar uma grande bola de concreto das costas. Até atender aquele telefonema, não tinha a menor ideia de como agiria em relação à investigação. Sentia-se inseguro, cansado, e a cabeça latejava terrivelmente por causa da ressaca. Agora, ainda que aborrecesse, ela já não tinha tanta importância assim.

Pacino decidiu agarrar o mísero fio de esperança e se mexer de verdade:

— Você está certo. Não saia daí, estou indo ao seu encontro.

Desligou antes de ouvir o homem concordar. Levantou-se da cadeira, vestindo o paletó e o casaco em seguida. Enfim, uma ótima notícia. E Pacino só precisava de uma boa desculpa para deixar a *questura* e voltar para onde ele mais se sentia vivo...

Os canais de Veneza.



## Capítulo 10

Daniel verificava todos os e-mails antes de sair da redação, torcendo para que Marvin não o encontrasse por ali. Caso contrário, um sermão seria quase certo. Então fez tudo na correria: passou os olhos pela caixa-postal, apagou os spams e marcou níveis de prioridades nas mensagens que restaram. Fechou o laptop e guardou-o na bolsa. Depois, pegou o elevador em direção a garagem.

Já era quase meio-dia e o estômago retorcido recordava que ainda não havia digerido nada. Interrompeu a descida para o subsolo apertando o botão do térreo. Visitaria a loja de conveniência mais próxima e depois iria para casa. Para quê, não sabia. Não havia nada a fazer. Alugaria alguns filmes e passaria o tempo assistindo-os, torcendo para que Marvin telefonasse dizendo: “Ei, Dan, consegui um contato com Nilla e ela está louca para voltar a falar com você!”

Alimentou-se de dois brioques e uma Coca-Cola. Foram suficientes para ferrar o estômago.

Quando chegou ao caixa, Daniel puxou uma nota de cinquenta reais. A atendente atrás do balcão torceu a boca.

— Desculpe, mas não tenho troco. Não há mais nada que o senhor deseja?

Daniel se deu conta da constelação de guloseimas à venda em torno do caixa. Os dentes doeram só de pensar. Tirando isso, sobrava exatamente o que as pessoas costumavam encontrar em uma loja de conveniência: nada importante.

— Sinceramente, não — respondeu.

Colocou a mão no bolso. Já ia optar por utilizar o cartão do banco quando os dedos encontraram o Zippo.

— Espere... Você tem fluido para este tipo de isqueiro? — perguntou após sacar o objeto.

A mulher não titubeou. Surgiu com o fluido e se despediu, satisfeita por ficar com quase todo o dinheiro e livrando-se do troco.

Daniel se deu conta de que pedira aquilo por impulso. Não sabia do que se tratava o presente, mas pensou que um isqueiro funcionando não seria, de todo, inútil. No momento, pensava somente na chama. Talvez lhe fizesse bem ficar olhando o pavio sendo consumido. Bastava molhar o miolo sintético, girar a roda e pronto: satisfação garantida.

Ele abriu a tampa do Zippo e arrancou a caixa interna da capa de metal. Alguma coisa transpassou por entre seus dedos e caiu no balcão da loja.

O pequeno retângulo preto quicou duas vezes até parar.

Era um cartão de memória.

Daniel catou o objeto, estupefato. Sabia bem do que se tratava: um cartão minúsculo, menor que uma unha, removível e de última geração. Mas não sabia o motivo pelo qual estaria enfiado dentro de um isqueiro. A não ser que...

Então um arrepio percorreu toda a sua pele.

Aquele tipo de cartão de memória era utilizado em vários equipamentos e acessórios, tais como GPS, videogames portáteis, reprodutores de áudio e, em especial... máquinas fotográficas.

## Capítulo 11

Daniel retornou para a editora sem dissuadir a atenção do minúsculo objeto. Acomodava-o com cuidado na palma da mão fechada, como uma criança que encontra um inseto curioso na grama e leva correndo para casa.

*Por que isso estava dentro do isqueiro?*

Lembrou-se da máquina fotográfica que mantinha na redação. Não era uma máquina profissional, mas compatível. Quando a encontrou, retirou o cartão e colocou o novo. Ligou. Havia apenas um arquivo de vídeo gerado com um nome automático, nada mais.

Não precisou sequer selecioná-lo. Limitou-se a apertar a tecla PLAY.

O coração quase parou.

Neste momento, o que Daniel mais desejava em toda a vida materializava-se na sua frente, na pequena tela colorida da câmera fotográfica, num close que não poderia ser mais perfeito.

Lá estava ela.

— Nilla... — murmurou ele.

Sua ex-mulher mantinha os cabelos longos, embora parcialmente cobertos por um gorro preto. A pele estava branca. Não, gelada. Fazia frio. Os olhos, aqueles lindos olhos verdes, destronavam as outras cores à volta — em especial, uma parede com vários sinais de reboco que ficava ao fundo. Mas os olhos traziam outro detalhe mais comovente: apresentavam-se úmidos.

Ela chorava.

Daniel acariciou a tela, como se pudesse transmitir o gesto através do tempo e do espaço. Queria abraçar Nilla. Consolá-la. Então, pressentiu que ela falaria e aumentou o volume.

— Daniel — disse ela, fazendo-o tropeçar em um abismo de saudade —, eu gostaria de nunca ter ido embora. No fundo, você sempre soube. Não

foi sua culpa. — Por um instante, os olhos chorosos de Nilla penderam para baixo, como se ela não fosse conseguir continuar. Depois, equilibraram-se para cima. — Não se preocupe com o que acontecer daqui para frente... Perdoe-me.

E desapareceu.

Daniel não sabia dizer por quanto tempo ficou ali, sentado, amortecido pelo que acabara de assistir. Tudo à sua volta tornara-se etéreo. Uma mensagem de arrependimento da pessoa mais importante em sua vida. Uma pessoa que permitiu que fosse embora, acreditando ser a melhor coisa a ser feita. Na verdade, a *pior* coisa a ser feita, pois agora soava como um erro intolerável, ridículo ou grotesco.

Precisava se concentrar: o que ela queria dizer com “não se preocupe com o que acontecer daqui para frente”? Em que ocasiões uma pessoa falaria isso? E o mais importante... por que esconder a mensagem dentro de um isqueiro?

As mãos suavam. Daniel apertou o PLAY e assistiu novamente. E depois, outra vez. A cada momento, a certeza de que Nilla ainda pensava nele aumentava. As lágrimas acumularam-se nos seus olhos. Não era um sonho, tinha o cartão como prova. Algo concreto, físico.

Só havia uma razão para tudo aquilo...

Perigo.

A palavra ecoou com força na mente. Não havia outra explicação, pois Nilla não costumava agir assim. Aliás, só vira aquela expressão triste nos dias que se seguiram ao acidente; um choro profundo e complexo demais para a compreensão dele.

A gravidez. A perda. O vazio.

Nilla só podia estar ameaçada. E se o pior acontecesse, ele nunca se perdoaria.

— Ainda bem que está aqui! — A voz de Marvin surgiu firme em meio ao furacão de sentimentos. Daniel desligou a máquina num sobressalto.

— O que foi?

— Pensei que já tivesse ido embora. Quase saí correndo atrás de você.

— Não era o que eu deveria ter feito?

Marvin aquiesceu.

— Sim, foi a minha recomendação. Até descobrir algo.

— Marvin, desculpe, não estou compreendendo.

— Qual foi a última coisa que falei antes de você sair da minha sala?

— Que eu deveria ir para casa?

— O.k., certo. A penúltima coisa, então.

Daniel se esforçou, mas não conseguia se lembrar. Sentia-se bastante atordoado. Então Marvin deu a resposta, impaciente:

— Que eu tentaria falar com Nilla. Continuaría tentando, que iria ajudá-los. Não foi isso?

— Certo... E você conseguiu?

— Infelizmente não. Tentei diversas vezes no celular dela, mas assim como você, só consegui ouvir a caixa postal.

— Então...

— Então surgiu a ideia de telefonar para o hotel em que ela se instalou em Veneza. Uma hospedaria chamada *Brezza*.

— Você *sabe* exatamente onde ela está hospedada?

— É claro! Ela está fazendo um trabalho para a revista, lembra-se? Nós mesmos providenciamos a reserva, aliás, todas as despesas são por nossa conta.

Daniel fez sinal de que entendera.

— E ela não estava lá?

— Não.

— E...?

— Eu falei com a responsável pela hospedaria. Ela me disse que apenas os pertences dela continuavam no local. — Marvin pausou por alguns segundos, fitando os olhos de Daniel.

— O que você quer dizer com isso?

— Nilla desapareceu, Dan. Há alguns dias.

## Capítulo 12

Quando Pacino abriu a porta do bar de Giotto, uma lufada de ar frio açoitou seu corpo para dentro, embaralhando os fios de cabelo. O lugar ficava nos limites entre as *sestieri* Santa Croce e San Pólo. Pacino deixou a porta bater atrás de si e observou o salão apinhado de turistas, todos com certa idade, e por uma razão muito simples: aquele não era propriamente um lugar para refeições familiares, mas um *bacari*, um tradicional bar de vinho veneziano. Isso significava pouca oferta de petiscos, porém uma extensa carta de vinhos servidos em taças — capaz de encher os olhos de qualquer enófilo.

De tantos estabelecimentos para se iniciar um caso, Pacino se deparava com o que mais lhe atormentava, e pela segunda vez em poucos dias. *Maldição!*

Ele mirou Roberto desdobrando-se em servir as mesas sozinho. Não que houvesse muitas — não passavam de seis em um curto espaço —, mas além de encher as taças e separar os petiscos, tinha que dar atenção a cada um dos turistas. Obviamente, o rapaz não via a hora de dividir o trabalho de novo com outro alguém.

— *Investigatore* Pacino! — A voz surgiu do alto do mezanino, tomando-lhe a atenção. — Suba aqui, por favor.

O homem de barriga proeminente e sobrancelhas à semelhança de pequenas escovas parecia contente em vê-lo. Giotto apertou com bastante entusiasmo sua mão assim que Pacino despontou no local.

— Bem-vindo outra vez. O *signore* aceita algo?

Pacino fez força para balançar a cabeça.

— Obrigado. Talvez em outra oportunidade.

— Claro! Que idiotice a minha, em pleno serviço! — Giotto colocou a mão nas costas de Pacino, empurrando-o e fazendo seu corpo passar a frente.

— Entre, entre.

Pacino estava de novo no escritório do *bacari*. Ao contrário da maioria das edificações venezianas, precisava abaixar a cabeça para não esbarrar no teto. Na visita anterior, Giotto explicara que havia feito uma obra pra rebaixá-lo. Um pecado, sabia, mas extremamente necessário. Precisava de todo o espaço disponível para alocar centenas e centenas de garrafas, e a saída que encontrou foi criar compartimentos pelas paredes de todo o estabelecimento. Assim, qualquer ponto que Pacino se enfiasse, estaria cercado delas. Não que escapar lhe parecesse tão penoso; bastava segurar cada uma daquelas garrafas e deixar seu líquido escorregar garganta adentro, simples assim. Então ele voltou a atenção para Giotto:

— O *signore* está pensando em providenciar outro funcionário? — Roberto parecia um tanto atarefado.

— O quê? Por Deus, não! A *ragazza* vai reaparecer! Não acha?

Pacino concordou, mas sem acentuar.

— Tenho que admitir, essa não é a melhor época para se manter apenas uma pessoa no salão. De qualquer forma, tenho cuidado de auxiliar Roberto sempre que possível — Giotto confirmou.

— Por favor, não deixe que levantem suspeitas sobre o desaparecimento.

— Não se preocupe, trato meus dois subordinados como filhos. Conversei com Roberto e ele já me adiantou que não comentará nada. Sabe que Barbara faria o mesmo por ele, e nós dois entendemos a importância do caso.

— Ótimo.

— Venha, por favor.

Giotto conduziu Pacino até próximo a uma televisão e um aparelho de vídeo antigo. A imagem na tela focava de algum ponto no alto do salão e



mantinha-se paralisada, como se estivesse à sua espera. No canto inferior direito, dígitos refletiam o horário exato da filmagem: 14:42:36pm.

Giotto fez sinal para que Pacino ficasse à vontade e manipulasse o aparelho.

— Bem, vamos ver o que temos aqui — disse ele, dando início.

Barbara movimentou-se na tela. De roupa simples e avental, a uma velocidade acima do esperado, como em um filme mudo. Um efeito causado pela gravação, que capturava imagens segundo a segundo e tornava as sequências mais velozes quando as reproduzia.

O corpo da *ragazza* suplantava o balcão em altura, mas nem tanto. Ela teria que ter ficado nas pontas dos pés e apoiado no parapeito para que Pacino visse todo seu tórax. Naquele horário quase não havia movimento, apenas um casal sentado mais ao canto inferior esquerdo da tela.

Ela saiu de trás do caixa empunhando o que aparentava ser um recibo. Entregou-o para o casal. Depois disso, retornou ao ponto de origem. Roberto surgiu da cozinha. Também uniformizado, disse algo para ela e desapareceu em questões de segundos. Nada de Giotto.

Pacino pausou o vídeo por um instante.

— O *signore* não estava presente?

Giotto balançou a cabeça.

— Todos os dias, por volta deste horário, recolho o dinheiro do caixa. São muitos turistas e quase todos os pagamentos são feitos em espécie. Depois de um tempo, as gavetas não comportam. Então eu saio, faço um depósito no banco e retorno. Não leva mais do que quinze minutos.

— Entendo.

— Não é *tanto* dinheiro assim, mas o fato é que não possuo cofre. — Ele deu de ombros. — Tenho o comprovante do depósito, se precisar.

Pacino percebeu o ênfase dada à última frase. Depois tornou a disparar a gravação.

O casal se levantou e caminhou até a saída. Barbara tomou a frente, com um sorriso encantador expondo duas fileiras de dentes brancos. Abriu a porta para que eles passassem. Nesse instante, o homem e a mulher se descolaram, como se algo transpusesse o caminho. A *ragazza* esperou eles saírem e agachou logo em seguida. A câmera não focalizava suas mãos. Somente quando entrou, Pacino confrontou o que ela havia feito. Lá estava a caixa.

— Está acompanhando? — disparou Giotto.

Pacino fez que sim, sem desgrudar os olhos da televisão.

Barbara colocou a caixa em cima do balcão e não tardou a abri-la. Então a *ragazza* contraiu do interior dela um pedaço de papel. Parecia sujo ou manchado, Pacino não sabia dizer ao certo. Quem dera o ângulo e a resolução da câmera fossem mais benevolentes.

Ela desdobrou e leu. Sorriu com prazer.

— Um bilhete? — perguntou Pacino com o cenho franzido.

— Não é só isso. Veja!

Barbara tornou a dobrar o papel e a desaparecer com ele em algum lugar entre o corpo e o balcão. Voltou a atenção para dentro da caixa. Ao remexê-la, pequenos cubos de isopor despencaram à volta. Algo ali inspirava cuidados no transporte.

Pacino aguardou pacientemente o objeto revelar-se diante da câmera. E então, ele viu.

*O quê? Uma porra duma maschera?*

As frases surgiram tão cheias de vivacidade em sua mente que pareciam ter sido ditas ao pé do ouvido. Mas Giotto mantinha-se calado,

imóvel, observando Pacino. Devia estar se recordando de horas atrás, se havia exibido a mesma expressão que ele.

A *maschera* era um elemento novo. Não tão estranho para a ocasião — até porque o *carnevale* já havia começado, e o que mais se via pela cidade eram *maschere* como aquela. Mas a forma como foi entregue não trazia dúvidas: alguém pretendia manter-se no anonimato.

Pacino continuou examinando a fita. Barbara não foi muito além. Apreciou o objeto por alguns instantes e acomodou-o novamente na caixa. Recolheu o isopor e enfiou tudo dentro da sua mochila. Depois disso, novos clientes entraram no *bacari*, Giotto finalmente apareceu retornando do banco e tudo que se seguiu não era novidade.

— Intrigante — disse Pacino.

— *Sì*, uma *masquera*! — Giotto expeliu aquilo com um sorriso plantado no rosto, satisfeito por ter ajudado, ou por achar que revelar a fita podia livrá-lo de qualquer suspeita que pudesse recair sobre ele ou Roberto.

Pacino retrocedeu um pouco a gravação e encostou o dedo na tela.

— Uma *maschera nobile* — citou, forçando a vista. — Uma indumentária feminina. Inspirada na Jolly, talvez.

— É verdade — reconheceu Giotto.

— Mas não foi o que chamou minha atenção.

— Não?

Pacino retrocedeu a gravação ainda mais, até o ponto em que Barbara lê o bilhete e o esconde, e deu outro PLAY.

— Está vendo?

— O papel?

— Não só isso — respondeu ele. — O sorriso. Aquele bilhete mexeu com ela. Ele é a chave para tudo.

Pacino empertigou seu corpo, sem saber se deveria considerar aquilo sorte. Investigadores nem sempre são beneficiados com esta dádiva. Parecia, porém, que uma investigação policial finalmente se iniciava ali. Barbara, antes de pegar a *maschera*, havia guardado o papel rapidamente, como se não desejasse mostrar a ninguém. Se a troca da fita estava relacionada ou não com isso, era cedo demais para concluir. Porém, se ela quisesse desaparecer com alguma prova, seria mais sensato apagar a gravação ou carregar a fita consigo, como fez com a *maschera*. Então não restava alternativa senão descobrir o que tinha no bilhete.

— Precisamos saber se ela guardou o papel junto ao balcão.

— Não — declarou Giotto. — Eu mesmo confiro o caixa todos os dias. Nunca existiu nenhum bilhete dessa natureza por lá.

Pacino voltou e avançou mais uma vez a gravação. Depois, virou-se para Giotto. As garrafas à sua volta gritavam pelo seu nome, atormentando-o. Manteve os olhos preso no homem.

— Então isso nos leva a outra opção — concluiu ele. — Onde Barbara costuma guardar o avental dela?

## Capítulo 13

Daniel controlava os nervos pelo tempo necessário para avaliar o que acontecia.

Nilla enviara uma mensagem importante. A prova estava bem à sua frente, documentada em um cartão de memória. Pelo visto, a gravação ocorrera em um momento de angústia ou arrependimento, tendo sido feito às pressas. Talvez estivesse sendo pressionada, previu um instante de fuga e utilizou a máquina Nikon. Mas o choro não deixava dúvidas de que ela sabia que *algo* aconteceria. Nilla precisava de ajuda e queria avisá-lo enquanto havia tempo. Em um ato de desespero, escondeu o cartão no primeiro objeto que conseguiu e enviou para ele. Não havia outra explicação, pois, naquele instante, Marvin chegava com a pior das notícias...

O desaparecimento.

Daniel sentia-se destilado em preocupações quando o editor encostou a mão em seu ombro, trazendo-o de volta como um choque.

— Daniel, você escutou o que eu falei?

— Marvin, o que Nilla foi fazer *de fato* em Veneza?

— Eu já lhe disse, ela foi cobrir um show de ilusionismo, que ocorrerá durante o carnaval. Algo como...

— ...nunca se viu antes! — Daniel se lembrava. — Mas quem vai se apresentar?

— Um artista veneziano chamado Lorenzo Oro. Parece que está voltando para a cidade depois de um longo tempo. Faz enorme sucesso pela Europa, mas por aqui não é tão conhecido assim, e acho que por isso me decidi pela matéria.

— Certo, mas por que mandar uma fotógrafa? Por que não enviou um repórter como eu ou tantos outros por aqui?

— Daniel, eu *realmente* poderia fazê-lo, porém, pense comigo: Nilla é fluente em italiano, além de uma exímia fotógrafa. Dizem que o cara não brinca nos shows que faz. E convenhamos, gostamos de boas fotos.

— Sim, mas ela não é especialista em escrever matérias.

— Concordo, mas pretendíamos que fosse um texto de cunho pessoal. Contaria sua experiência como correspondente internacional. Já fizemos isso, você sabe.

Daniel não duvidava. Nilla escrevia tão bem que muitos de seus textos passavam íntegros pelas revisões.

Marvin acrescentou:

— E tem mais... Nilla precisava de trabalho.

— Como assim?

— As coisas não andam bem para ela, Dan. Mesmo com toda a experiência e talento, algum tempo atrás ela me telefonou pedindo ajuda. Confidenciou que não tem sido fácil e me pediu para descolar alguns *jobs*. Então, surgiu a oportunidade e não pensei duas vezes.

— Não tem sido fácil? Achei que se afastando de tudo por aqui, Nilla estaria tomando a melhor decisão. Não foi o que ela fez?

Marvin abriu os braços.

— E o que mais você pensou? Que ela tinha escapado *ilesa* do acidente? O que imaginou que aconteceria com a cabeça de Nilla? Como você, ela tenta superar o episódio a cada dia — concluiu. — Achou que seria simples para ela?

As palavras atingiram Daniel com tanta densidade que pareciam esmagá-lo. Não conseguia se livrar do remorso. *Como não a procurei antes?*

Finalmente Marvin se tocou:

— Por que você ainda está na redação?

Daniel hesitou. Naquele instante, sentiu a mensagem no cartão de memória pesar como algo estritamente pessoal, uma confissão. Talvez Nilla não quisesse que mais alguém soubesse do recado, nem mesmo o melhor amigo deles. Então, decidiu manter o segredo.

— Esqueci a câmera. — Colocou a máquina dentro da bolsa. — Como me dispensou por uns dias, planejava registrar a minha... ociosidade, você sabe. Então saí e voltei para buscá-la.

— Ótimo, só assim pudemos conversar sobre o que descobri. E o isqueiro?

— Aqui comigo. Mas ainda não sei o que significa. Você deve ter razão, só pode ter sido enviado por Nilla.

— Sim, muito estranho.

Daniel inspirou profundamente.

— E agora? O que faremos?

— Pensei em ligar para a embaixada do Brasil na Itália. Talvez possam nos ajudar a localizá-la.

— Realmente acha que eles se *empenharão* nisso?

— Não sei. Talvez se eu usar o prestígio da editora, façam ao menos uma verificação. Quem sabe os *carabinieri* averiguem.

— Pode demorar muito, vai depender da boa vontade das autoridades — respondeu. — Sinto que Nilla necessita de nossa ajuda com urgência.

— E o que você sugere?

Os olhos lacrimejantes de Nilla tomaram a mente de Daniel. A imagem — aquela súbita e melancólica imagem — sugava todo o ar dos seus pulmões. “Não se preocupe com o que acontecer daqui para frente... Perdoe-me”. As frases doíam, pois chegavam unilateralmente, sem a possibilidade de serem rebatidas ou questionadas. E as perguntas não eram poucas. O que estava para acontecer? Por que ela se sentia culpada a ponto de querer seu

perdão? Em que momento da vida uma pessoa age assim, se não for se despedindo? Tudo isso, apenas para começar.

Daniel queria passar mais tempo refletindo no assunto, mas precisava tomar uma decisão rápida. De todas as escolhas que enfrentou na vida, aquela parecia ser de longe a mais importante, pois nunca sentira como se a vida de alguém estivesse em suas mãos — muito menos Nilla, um exemplo perfeito de autoconfiança.

Encarou Marvin, porém, não recebeu nenhum sinal de volta. Encontrava-se tão compenetrado quanto ele. Então as palavras saíram da sua boca com uma velocidade tão absurda que Daniel chegou a pensar se não tinham sido traiçoeiras com o cérebro:

— Consiga-me um lugar no primeiro voo para Veneza. Estou indo atrás dela.



## Capítulo 14

Enquanto Pacino andava, a cena em que Barbara escondia o bilhete não deixava a sua cabeça. Não sabia se encontraria o pedaço de papel, mas diante das circunstâncias, dava graças a Deus por *existir* um papel. Algo de concreto a seguir. Uma pista. Mais do que antes.

Pacino enfiou-se na estreita via Garibaldi e procurou pelo número. Encontrou uma casa simples, de três andares, com fachada de tijolos vermelhos e imprensada no meio de outras semelhantes. Roupas estendidas nos varais eram chicoteadas pelo vento. Nada melhor para indicar que estava no lugar certo. Se fosse tudo bem, a corrida não seria em vão.

Pacino pressionou a campainha e ouviu o som abafado por trás da porta. Ele olhou para o relógio de pulso e prestou atenção nas horas. Aguardou até que a mulher abriu a porta, mantendo a extensão da corrente de segurança. Ela e o seu cigarro.

Pacino deu um passo para trás, evitando a fumaça. Já tinha seu próprio vício, não precisava de outro.

— *Signora Costanza?*

A mulher torceu a boca enquanto equilibrava o fumo.

— Depende de quem chama — disse, utilizando os olhos duros para riscar seu corpo dos pés ao último fio de cabelo.

Pacino se identificou.

— Preciso de um minuto de sua atenção.

— Algum problema?

— Não vai me convidar para entrar?

— Eu não costumo abrir minha residência para desconhecidos, mesmo sendo um oficial da *questura*.

Pacino percebeu a rispidez gratuita.

— Nesse caso, pensaria que esconde algo. Mas não creio que faça isso.

— Posso saber do que se trata?

— Pretendo apenas conversar com a *signora*. É importante.

— Em uma hora não apropriada, *investigatore*. Já que não me diz a que veio, talvez seja melhor voltar outro dia. Não tenho tempo nem idade para ser enrolada.

A fumaça avançou ainda mais em sua direção. Pacino sentiu a tentação de arrancar o cigarro pela fresta, mas conteve-se.

— Eu quero uma informação sobre as roupas do *bacari*, se não se importa.

— Os uniformes?

Pacino fez que sim. Costanza conferiu novamente seu semblante. Pacino devolveu a cara mais séria que pode.

Ela encostou a porta, a corrente caiu, e abriu a passagem por completo — mesmo que à contragosto.

Pacino pediu permissão e entrou. Ao vê-la por completo, Costanza demonstrava uma magreza exagerada, tanto que ele duvidou que a mulher conseguisse se manter em pé durante muito tempo. Parecia que as pernas e braços se partiriam em poucos instantes. Nada surpreendente, pois pelo odor do local, ela devia fazer mais refeições à base de cigarros do que comida.

Chegaram a uma pequena sala. Para surpresa de Pacino, aves espalhavam-se pelos quatro cantos. Uma dúzia, pelo menos. Em cima do sofá, da televisão, no parapeito da janela e, por que não citar, dentro de gaiolas. Estas deviam ser as não domesticadas. Ainda.

Ele conferiu o local quase hermeticamente fechado. *Penas e fumaça*. Afrouxou o nó da gravata, pensando se devia dar o fora dali.

— Alguma coisa errada, oficial? — perguntou ela.

— Absolutamente — disfarçou.

— Você falou sobre os uniformes — disse ela, certamente desejando não se prolongar. — Sobre o que quer saber?

— A *signora* trabalha para o *bacari* de Giotto?

— Não é meu melhor cliente, mas não posso reclamar. — Ela deu uma última baforada e espremeu o cigarro no cinzeiro. A mão trocou por um cafuné em um pássaro amarelo. — O homem está sempre barganhando, mas até que para um estabelecimento como aquele, as roupas dos funcionários não são muito sujas.

— Com que frequência ele solicita seus serviços?

— Semanalmente. Nós temos apenas um acordo, nada de contrato. Todas as sextas recolho o que está separado na loja.

— Quer dizer que a *signora* coletou os uniformes e trouxe-os para cá na última sexta-feira?

A mulher se aborreceu. A paciência parecia ser bem curta, e quando pareceu que respondia a um interrogatório, ela não se segurou.

— Afinal de contas, que quer saber? Não entendo o que faz um oficial da *questura* na minha casa, indagando sobre um monte de roupa suja!

— Não sobre toda a roupa — respondeu. — Somente sobre os aventais. Quero saber se a senhora encontrou objetos dentro deles.

— Objetos? De que tipo? Dinheiro? Se for isso, saiba que não peguei nada! — Costanza se exaltou tanto que tossiu forte. — Eu nunca pego uma moeda sequer. Não acredito que Giotto mandou um *investigatore* para a minha casa. Aquele avarento! Sou uma mulher pobre, mas honesta. Todos os pertences de clientes que encontro deixo separado e depois devolvo aos responsáveis.

— Acalme-se — falou ele, quase como uma ordem. — Não vim para investigá-la, apenas gostaria de saber se encontrou um papel dentro do bolso

de um dos aventais. Um papel velho ou manchado, com alguma coisa escrita.

Por um instante, Costanza abandonou a posição de combate.

— Ah, aquilo? — disse ela, dando de ombros.

Pacino estremeceu.

— *A signora* o encontrou?

— O que pensa que eu faço? Examino todos os bolsos antes de enxaguar as roupas, para o caso de ter algo importante.

Aí estava: a resposta que ele precisava ouvir.

— Bem, *signora*, aquele papel é importante para a *polizia*.

Por um instante, Costanza pareceu confusa. Pacino sentiu como se ela ainda fosse capaz de transformá-lo em pedra com o olhar, mas dispôs-se a procurar o papel, sem que ele pedisse. “Espere aqui”, disse ela, desvencilhando-se da ave.

O animal voou e pousou próximo ao pé dele. Devia ser um canário, mas Pacino não sabia ao certo. Os outros pareciam observá-lo.

Costanza retornou logo depois, com o bilhete dentro de um saco plástico. “Para proteger da sujeira dos pássaros”, explicou. Passou para ele.

Pacino calçou luvas de borracha e retirou o bilhete, que estava dobrado em quatro partes. Percebeu que não era um papel manchado ou velho; tratava-se de um papel marmoreado, um tipo de papel que, quando autêntico, era considerado parte da tradicional arte veneziana. Podia ser encontrado em lojas espalhadas pela cidade.

Pacino desdobrou o papel. Leu as frases breves de um poema no centro da folha, registradas em nanquim:

*Solamente io l'avrei vista così bela?*

*Se son stato capace, eppure ti dirò*

*Nella mia più grande aspirazione, ti concepirei*

*Sicuro di averla per me, ragazza mia*

Teria somente eu a enxergado, tão bela?  
Se capaz eu fui, ainda te direi  
Na minha aspiração mais profusa, te conceberei  
Certo de tê-la, minha donzela

E no final:

*Incontrami nella statua parlante*  
*Usa la maschera*

Encontre-me na estátua falante  
Use a *maschera*

Pacino teve a melhor sensação do dia. Não havia nada mais confortante do que estar no caminho certo de uma investigação, e tinha agora uma ideia do que ocorrera. Dobrou o papel e colocou novamente dentro do saco plástico, sem parar de sorrir para a mulher ossuda. Agradeceu e deu a volta, em direção à saída.

Costanza perguntou, com bastante alívio na voz:

— Quer dizer que era só isso?

— Exatamente, *signora* — respondeu, sem deixar de mostrar as costas para ela. — Apenas isso, desde o princípio. — E partiu, tomando o caminho mais rápido para chegar ao endereço indicado pelo bilhete marmoreado.

## Capítulo 15

Em um ateliê improvisado numa das salas do andar subterrâneo, Próspero estava prestes a completar sua tarefa.

As janelas cerradas não lhe permitiam enxergar o lado de fora, mas depois de tantas horas de reclusão, sabia que era tarde. Mesmo assim, não se sentia cansado. Sua obstinação parecia não conhecer limites, e precisava concluir a tarefa ainda que fosse a última coisa do dia.

As mãos suavam sob as luvas de látex. Embrenhado na semiescuridão, analisava o rosto da mulher com a minúcia de um cirurgião plástico. A diferença é que um médico poderia tocá-lo ou enxergá-lo pessoalmente. Ele teria que deixar para depois. Neste momento, contentava-se em estudar cada traço, cada proporção dos componentes da face através de uma simples fotografia, nada mais.

Assim como Barbara, tinha em mãos a imagem de uma mulher jovem — os formulários foram preenchidos com a mesma idade, 24. Valentina possuía traços bastante simétricos e pele cor de arenito. Esguia, as íris azuis brilhavam com a mesma fluidez do céu em um dia de verão, e o queixo ilustrava uma suavidade que harmonizava com os lábios acetinados. Parecia feliz. Ou, pelo menos, simpática. Chamava a atenção o fato de que havia posado com os cabelos longos soltos e estava maquiada como uma colegial do ensino médio. Provavelmente, para parecer mais bonita na foto.

Tolice. Com ou sem maquiagem, a jovem exibia uma beleza ímpar, ideal para as suas pretensões. Ideal para o seu *presente*.

Próspero se debruçou ainda mais em cima da grande escrivania com tampo de ardósia. O rosto macilento destoava no meio de tantos outros coloridos e reluzentes, pendurados pelos quatro cantos.

*As maschere nobiles!*

Elas se assemelhavam a seres fantasmagóricos, observando-o na escuridão. Pareciam compactuar com seu trabalho, sabendo que dali a pouco nasceria mais uma. E não ficavam quietas. Repetiam em uníssono: “Vamos, faça a mais perfeita que todas nós já vimos, a mais avassaladora, e ela o recompensará”.

Elas estavam certas.

Próspero tinha consciência: esta seria ainda melhor, pois todas à sua volta haviam lhe servido de treinamento durante anos. Aperfeiçoava a técnica a cada uma que modelava. Repetiu o trabalho inúmeras vezes, até perder a conta. Até que estivesse suficientemente apto para realizar seus planos.

Como um verdadeiro artesão, ele aprendeu que para se confeccionar uma *maschera* devia criar um monte de argila onde o relevo seria desenhado. Depois, destinava ali o vazamento de uma fina camada de gesso. Uma vez que tivesse obtido o molde, molhava pequenos pedaços de papel mache e colava-os em sua superfície, começando das extremidades para dentro. Com paciência, a superfície secava e tornava-se uniforme, pronta para ser ornada com pigmentos coloridos e demais acessórios, inclusive, cristais em arrojo.

Mas algumas de suas obras eram dotadas de um *adereço* a mais, como a que ele produzia neste instante.

Próspero cobriu o rosto com uma proteção e abriu um frasco em cima da mesa. Utilizando um conta-gotas, preencheu duas pequenas cápsulas de gesso com o líquido. Fechou-as e depois as inseriu um pouco abaixo de onde estariam os buracos das narinas. Quando terminou, depositou a *maschera* com bastante cuidado dentro de uma caixa e preencheu o vazio à sua volta com diversos cubos de isopor. Todo cuidado era pouco.

Agora, bastava escrever o bilhete no papel marmoreado e incluí-lo na caixa.

Era a melhor parte.

*O poema.*

Ele escrevia no calor do momento. Apenas debruçava a pena da caneta tinteiro sobre o papel e ia riscando as letras, compondo as palavras. Versos perfeitos e únicos para cada uma delas, merecedoras de tais arranjos. As últimas palavras que elas leriam em suas míseras vidas.

Ao concluir a tarefa, retirou a proteção do rosto e as luvas das mãos. Depois sorriu, animado. Não faria mais nada hoje. Enfim, podia sair e recarregar as energias para o dia seguinte.

Quem o olhasse naquele instante, imaginaria que sua satisfação se dava por terminar mais um trabalho perfeito. Ou por ser tão artiloso, a ponto dele próprio se surpreender. Ou ainda, por saber que, no próximo dia, uma nova vítima seria arrastada para seu covil.

Ledo engano.

Próspero não sorria por nada disso. Sentia-se assim sempre que se lembrava do fato mais curioso disso tudo: que as doces e inocentes jovens haviam preenchido os formulários e entregue suas fotografias... espontaneamente.



## Capítulo 16

No começo, a ansiedade não é tão ruim. Mas quando fica-se agitado ou percebe-se que ela domina os sentidos, é porque passou do ponto, incomoda. E Pacino sentia-se exatamente desta forma.

Não perderia mais um segundo sequer. Tinha que chegar logo ao endereço do bilhete. Não sabia dizer se corria contra o tempo, mas, com certeza, necessitava de respostas rápidas. Somente assim afastaria a pressão imposta por Alberto Fazolato.

Pacino olhou para cima e viu o céu negro se fechar em uma noite de chuva. O vento forte que soprava do sul havia aumentado, varrendo as águas dos canais e trazendo mais frio. Lamentou não ter vestido um cachecol de manhã. Culpa da ressaca. Então limitou-se a puxar a gola do casaco para cima, protegendo o pescoço das chibatadas de ar gelado.

Chegar ao local indicado e percebê-lo deserto não foi novidade. “Encontre-me na estátua falante”. Ele sabia bem do que se tratava; o Campo dei Mori, ao norte extremo de Cannaregio, mas nem de longe um dos *campi* mais requisitados de Veneza. Os turistas que se aventuravam por aquela paragem interessavam-se mais em conferir a casa de Tintoretto que ficava na *fondamenta* próxima do que visitar a estátua do mouro Antonio Rioba, um dos três irmãos Mastelli que se instalaram naquele trecho no século XII. A mais famosa “estátua falante” de Veneza.

Em um tempo no qual podia-se perder o pescoço por fazer um comentário sobre a vida alheia, os venezianos colocavam seus recados aos pés da estátua do mouro, os famosos *pasquinate*. Hoje, porém, as visitas tinham um propósito mais inusitado: a estátua de pedra possuía um nariz de ferro nada elegante — promovido após o desgaste natural do órgão antecessor —, e diziam trazer sorte para quem o tocasse.

Pacino não se sentiu surpreso. Se houvesse neblina à noite — nada incomum para a época —, aquele seria o lugar perfeito para um delito, embora ainda não pudesse confirmar que, de fato, ocorrera um.

Coçou a testa e refletiu quais teriam sido os passos da *ragazza*. O que ela teria feito? Esperado pelo encontro ao lado da estátua? Apoiado a mochila no chão e retirado a caixa de dentro? Seguido as instruções do bilhete e colocado a *maschera*?

Ele curvou seu corpo e ficou sobre um dos joelhos, com a mão encostada na estátua, examinando o entorno. Fazia mais por esperança de encontrar um vestígio do que qualquer detalhe técnico. Qualquer coisa que, por Deus, desse continuidade à investigação.

*Vamos, ragazza, ajude-me!*

Mas não havia nada além do desgaste natural da estátua e poeira, muita poeira pelo chão. Ela cobria o piso em forma de ondas, deslocando-se por causa do vento forte que vinha do canal próximo. Pacino encontrava-se em um corredor de construções por onde o vento deslizava com bastante animosidade.

Ao levantar-se, observou as palmas das mãos impressas no cimento e bateu uma na outra, livrando-se da sujeira. Depois caminhou até a cisterna próxima, mas assim como a escultura, não lhe confessou nada.

Pacino retornou à estátua do mouro. Um gosto amargo tomou sua boca e a ansiedade deu lugar ao desânimo. O que mais podia fazer? Não havia sinais ou testemunhas, como no início da investigação. O desaparecimento perdurava vários dias e o local tinha sido bem escolhido. Qualquer pista esquecida próximo da estátua de Rioba ou perto da cisterna já teria sido arrastada dali, movida para longe. E se fosse em direção a água, estaria perdida para sempre.

E ele, também.

Pacino abaixou a cabeça e segurou o queixo, desanimado. Ficou olhando as marcas das mãos no chão enquanto pensava. “Encontre-me na estátua falante”, dizia o papel. Tinha tanta certeza do local que podia marcá-lo com um “x” em um mapa.

Um casal de turistas passou por ele, protegendo-se do vento que castigava com mais intensidade. Os dois assustaram-se com a sua presença. Pacino pensou em cumprimentá-los, mas já estavam longe, temerosos com a chuva que desabaria em pouco tempo.

Olhou novamente para baixo e percebeu que as marcas de suas mãos haviam desaparecido. Encobertas pela poeira e vento elas partiram, como se nunca tivessem estado ali.

Ou como se mostrassem algo.

E o cérebro dele se incendiou.

A estátua de Antonio Rioba ficava incrustada em uma esquina. Pacino decidiu tomar como parâmetro o vento que soprava há vários dias e a direção para onde apontava. Olhou no curso contrário à *fundamenta* — mais exatamente através do corredor de edificações que terminava na igreja Madonna Del’Orto — e enxergou um fio de esperança. Evidências muito provavelmente teriam sido arrastadas para aquela direção. E, com sorte, as paredes agiriam como barreiras, impedindo que fossem parar muito longe.

Quatro dias de ventos.

*É possível!*

Pacino caminhou pela extensão do corredor. Ultrapassou a cisterna, observando minuciosamente a junção de cada parede com o chão. Ia e voltava várias vezes, de ambos os lados. Encontrou lixo comum, mas nada que necessitasse mexer. A maior parte continuava sendo poeira, porém, cada vez que avistava um pequeno objeto pela frente, seu maxilar contraía com

força. E ele cuidava para que os olhos não falhassem, pois dificilmente teria outra chance.

Mas nenhum objeto contava de fato o que ele precisava saber.

O estômago congelou quando ele avistou a igreja. A porta da entrada ficava de frente para outro canal, e a cada passo que dava naquela direção, a esperança esvaia-se através dele.

*A fugitiva do carnevale. Será que Pietro está com a razão?*

Pacino chegou à extremidade e fincou os pés no piso, as únicas coisas *realmente* firmes. Mas que pistas esperava encontrar? Aparentemente, Barbara não tinha sido *forçada* a aparecer ali, sequer havia sido coagida a isso. O bilhete, o poema, a forma como a caixa surgira, tudo apontava para um romance. Anônimo, misterioso, mas um romance. Ou ela não teria sorrido com tamanha espontaneidade ao ler o papel marmoreado.

Foi então que chegou perto do canal e travou.

Um barco tinha afundado recentemente. Podia ver somente a ponta do convés para fora, próximo a uma sequência de estacas. Uma grande quantidade de diesel na superfície da água e a espuma branca já invadiam, inclusive, a *fondamenta*. Uma faixa laranja suportada por duas pequenas boias isolava o trecho de água, fazendo com que a contaminação não se estendesse para longe. Porém, chamava mais atenção uma quantidade considerável de detritos na água — os mesmos que imaginou terem sido carregados pelo vento —, amparados pelo cerco. E não só isso: por causa da densidade menor do óleo, até os mais pesados ficaram travados na camada superior.

*Dias de material acumulado.*

Pacino pensou se merecia tamanha sorte!

Agachou-se e puxou uma das boias, trazendo o material para junto da *fondamenta*. Pensava se aquele deveria ser ou não um trabalho para a

perícia, dado as circunstâncias do diesel. Mas se a acionasse, vários criminalistas isolariam a área para examinar o local, e nem queria imaginar a atenção que isso despertaria nas pessoas. E o que dizer dos repórteres? Tudo que Fazolato menos desejava ver pela frente — e porque não dizer, ele também. Em lugares ermos como aquele, podiam farejar o cheiro de confusão e surgir por todos os cantos, especialmente pelo canal. Por isso, antes que se arrependesse, calçou as luvas de borracha e tratou de separar o entulho amontoado na água. Recolheria o que interessava daquele monte de lixo e levaria diretamente para o laboratório.

Os dedos tocaram várias texturas alternadamente. Papéis de balas, tampas de *gassatas*, folhas de árvores, pedaços de brinquedos... tudo regado pela viscosidade do óleo. E foi então que encontrou.

Um cubo de isopor. Dois. Três.

Reconheceu de imediato: eram os mesmos cubos que vira pular da caixa em que Barbara retirou a *maschera*. Os mesmos utilizados para transportar objetos frágeis e que ela talvez tivesse deixado cair ao abrir a mochila em algum instante.

Finalmente o céu negro despencou. Pacino continuou remexendo o lixo, porém, nada mais interessava. Melhor do que aquilo, somente se encontrasse a *maschera* ou a própria Barbara! Então extraiu um segundo saco plástico e deslizou os cubos para dentro dele. Estavam sujos, mas inteiros. Guardou-o junto do papel marmoreado e entregaria tudo para o laboratório de criminalística.

Saiu do local encharcado pela chuva, porém, exultante. Havia persistido e fora premiado. A filmagem, o bilhete, os cubos de isopor... E apesar de saber que aquilo era muito pouco, achou que, naquele momento, merecia uma salva de palmas.

Não, mais do que isso...

Merecia comemorar à sua maneira.

## Capítulo 17

Daniel acordou no momento em que as poderosas turbinas do Airbus roncavam sobre a *taxiway* da pista do Aeroporto Marco Polo, em Veneza. À medida que a aeronave diminuía a velocidade, a vontade de sair dali aumentava em proporção inversa. Não que a viagem tivesse sido tão ruim, mas a poltrona apertada e a turbulência encarada desde a conexão em Paris permitiram-no tirar apenas um breve cochilo no final da viagem.

Na saída, Daniel desembrulhou o italiano e pediu informações de como poderia se dirigir até a hospedaria. Um dos funcionários do terminal de desembarque respondeu:

— Você pode pegar um dos *vaporettos* que passa pelo Grande Canal. Estamos distante a aproximadamente 10 quilômetros pela água.

— E quando eles partem?

— A todo o momento, *signore*.

Daniel agradeceu. Correu na direção indicada e conseguiu um lugar na embarcação que saía naquele instante.

Enquanto o *vaporetto* deslizava em direção a cidade, Daniel via o chuvisco cair intermitentemente sobre o mar, como se marcasse o caminho que séculos passados funcionou como o fabuloso comércio de Constantinopla. E em pouco tempo, teve a primeira visão do que seria sua morada pelos próximos dias.

A Veneza de Marco Polo, Vivaldi e Tintoretto postava-se à sua frente, imponente com seus patrimônios históricos e sustentada pelos seus catorze séculos de equilíbrio com a natureza. Daquela distância, a cidade-sonho da costa do Adriático parecia mergulhada sob um manto de magia e mistério que lhe fazia justiça. Mas foi apenas quando desembarcou na paragem Vallaresso-San Marco que Daniel conferiu de perto o que tornava a cidade tão peculiar.

Ali existiam canais ao invés de asfalto. Rios tomavam o lugar das estradas, e carros eram substituídos por embarcações pequenas ou gôndolas. A maior parte dos lugares onde era possível caminhar mostrava-se tão estreito que parecia um labirinto de becos desordenados. E embora parecesse um lugar familiar — por conta das inúmeras fotografias que havia visto da cidade —, Veneza não podia ser comparada a qualquer outro lugar da face da Terra.

Um novo pedido de informações e Daniel se dirigiu à direita, passando pelo Giadiri Reali, até chegar às Colunas de São Marcos e de São Teodoro. Chegou à Praça de São Marcos, o principal ponto turístico de Veneza — ou “a mais elegante sala de estar da Europa”, como dissera Napoleão Bonaparte. Uma enorme área aberta onde se erguiam, além da Basílica, o Campanário e o Palácio dos Doges.

“Esplêndido!”, disse em voz alta, como se precisasse marcar aquele momento com a melhor palavra que conseguisse.

Daniel ficou parado por um tempo, a chuva caindo à frente dos olhos, admirando aquela beleza opressiva que só conhecia através dos filmes e revistas. Pensou o quanto Nilla devia ter se sentido ligada a tudo aquilo. Ela adorava lugares em que cada centímetro que se olha propõe uma foto diferente.

Mas a mística desapareceu na mesma velocidade em que ele girou a cabeça.

*Céus, o que é isso?*

Definitivamente, o que via não fazia parte do contexto. Em meio a pombos e turistas, uma enorme estrutura de metal contrastava com toda aquela bela arquitetura bizantina, romântica e gótica do local. Um palco. Ocupava um largo espaço quadricular no centro da praça, elevado a pelo menos dois metros de altura do chão. Possivelmente para evitar os efeitos da



*acqua alta* — o temeroso avanço das águas —, caso ela decidisse surpreender a todos. Acima, sobre todos os enfeites carnavalescos, havia uma enorme faixa onde se lia: *L'illusione di Venezia abbraccia il mondo*.

— A ilusão de Veneza abraça o mundo — traduziu. — É claro! Só pode ser aqui.

Foi então que, em poucos minutos na cidade, reparou que havia dado de cara com o local do show de ilusionismo.

Daniel verificava o pequeno mapa com instruções de Marvin antes que a chuva borrasse o papel por completo. Não havia se passado um dia inteiro desde que o editor riscara o caminho até a hospedaria com uma esferográfica, mas talvez por causa do cansaço que cavalgava os seus ombros, podia jurar que era quase uma eternidade.

Seguiu a linha, afastando-se da Praça de São Marcos. Quando avançou pela terceira ou quarta ponte — não se recordava direito, todas elas se assemelhavam —, visualizou a placa com nome “Brezza” à frente da hospedaria. Longe de ser um Hotel Danieli ou um Boscolo Bellini, ainda assim lembrava um antigo palacete, como outras tantas construções à volta. E, por sinal, bem cuidado.

Na entrada, Daniel arrastou a porta através da aldrava. Conferiu um saguão de teto alto, repleto de móveis de madeira com curvas elegantemente oviformes. Atentou-se para o balcão da recepção que ficava ao fundo. Não havia ninguém atrás dele. Colocou a bolsa molhada em cima do tapete. Tocou a sineta e aguardou, como todo bom hóspede que chega. Em poucos segundos, uma jovem surgiu da porta ao fundo. Sua voz germinou em um doce e suave italiano, como as ondas que batiam tranquilamente nas paredes dos canais do lado de fora.

— *Ciao*. Posso ajudá-lo?

— Meu nome é Daniel Sachs.

— O repórter?

— Sim. Sabe por que estou aqui?

Ela confirmou com a cabeça.

— Falei ontem com um *signore* chamado Marvin, duas vezes. Ele me disse que você chegaria hoje às pressas.

— É meu editor. Lembro que ele comentou algo sobre ter conversado com uma pessoa daqui.

— Na verdade, foi fácil identificar você. Não esperamos mais nenhum hóspede, estamos com o estabelecimento lotado. Como a maioria, nesta época do ano.

— Entendo. Infelizmente, não vim à turismo. Estou aqui para resolver um problema. — O corpo enrijeceu, como se a frase tivesse soado mórbida demais.

— A fotografia...

— Sim.

— Sinto muito — disse ela. — Soube que vocês dois são próximos.

Daniel assentiu, satisfeito por poder dispensar a explicação.

Ela baixou os olhos negros para a tela do computador à frente, encabulada.

— Deve ser bem difícil. Sabe, isso nunca nos aconteceu... Quer dizer, uma pessoa desaparecer da hospedaria assim, deixando todos os pertences para trás?

— Eu imagino — murmurou Daniel, procurando por uma identificação. — Desculpe, mas ainda não sei seu nome...

— Paola.

— Gerente?

— Proprietária — consertou ela, apertando a sua mão. — Eu e meu irmão Gino.

Daniel não conteve a surpresa. A moça à sua frente demonstrava jovialidade, magra e alta, com os cabelos negros descendo até os seios. Não se parecia com Nilla, mas tinha certeza de que se houvesse conhecido sua ex-mulher nessa idade, seria tão *italiana* quanto a que conversava com ele.

— Sei o que está pensando — disse ela.

— Sabe? — espantou-se.

— *Sì*. Que sou jovem demais para ser proprietária.

— Bem, confesso que me passou pela cabeça.

— Você não é o único... — Ela deu um sorriso, uma graça angelical. Depois puxou um papel da gaveta e entregou a Daniel. — Sei que o momento não é adequado, mas preciso que preencha este formulário para mim. Não posso registrá-lo sem sua assinatura.

— Claro.

Um casal desceu as escadas e cumprimentou-os. Eles retribuíram. Depois o homem abriu um enorme guarda-chuva e os dois desapareceram pela porta principal.

Daniel retomou a conversa:

— Algum problema se eu ficar no quarto de Nilla?

— Não. Na verdade, é o único que temos disponível. E imaginei que gostaria de ficar lá, mesmo que houvesse outros livres.

Daniel concordou enquanto preenchia a ficha.

— Pretendo ficar até resolver o caso.

— Entendo. Não se preocupe. Seu editor havia deixado todas as diárias pagas para a *signora* Nilla até o fim do *carnevale*. Caso precise de algo, me procure.

— Onde estão as coisas dela?

— Lá em cima. Asseguro que ninguém mexeu em nada, providenciamos apenas a limpeza do quarto e banheiro.

— Certo.

Paola apoiou os cotovelos sobre o balcão enquanto Daniel escrevia.

— Posso fazer uma pergunta?

— Claro.

— Você é um repórter investigativo?

— Não, escrevo matérias cotidianas.

— Não é?

— O que a fez pensar que eu fosse?

— Desculpe, mas se parece com um, com este olhar de perito e vestindo esta jaqueta mostarda. Tenho certeza de que anda com um caderninho e uma caneta no bolso.

— Pode apostar que não! Hoje em dia, nós escrevemos tudo no computador. Ou, no mínimo, anotamos aqui para lembrarmos mais tarde. — Daniel desenterrou o celular do bolso.

— Bem, pode não ser um, mas acho que este é o momento certo para lhe dizer que notamos algo bem *estranho*.

O coração de Daniel estremeceu com a frase.

— Como assim?

— É melhor você mesmo ver. Venha, vou lhe mostrar.

Ele percebeu a firmeza na voz de Paola. Parecia à vontade para ajudá-lo. Ou, no mínimo, curiosa com os acontecimentos.

Enquanto ela buscava uma chave e se desvencilhava do balcão, Daniel pegou a mala e deu uma nova conferida no lugar. Um enorme e imponente lustre verde iluminava o ambiente. No teto alto, em alguns pontos, podia-se ver afrescos decorativos. Próximo a uma lareira modulada por compenses de

mármore, uma porta lateral dava acesso a um saguão menor. Pelas mesas, concluiu que o local servia de desjejum para os hóspedes.

*Nada mal. Nada mal mesmo!*

Ao subirem as escadas, Paola perguntou:

— Desculpe a indiscrição, mas... Vocês não vão citar o nome da hospedaria em alguma matéria sobre esse acontecimento, certo? Eu e meu irmão estamos tendo um pouco de dificuldade para conseguir manter o negócio.

— Mesmo com o lugar lotado?

— Estamos na época do *carnevale*. Infelizmente, nem sempre é assim. Durante o ano, a maior parte dos turistas não passa mais do que um pernoite em Veneza, quando muito. Uma pena, pois a cidade tem mais a oferecer do que imaginam. E a cada ano que passa, a manutenção da hospedaria fica mais onerosa.

— Entendo. Bem, não se preocupe, desejo resolver tudo discretamente.

Daniel seguiu-a por um corredor estreito até a porta que continha uma placa dourada com o número 11. Ela colocou a chave na fechadura e abriu. Ao cruzar a porta, Daniel viu que um quarto menos admirável que o saguão principal, porém, os móveis de folhas pesadas de madeira faziam-se presentes, e o cômodo montava par com um banheiro de uso exclusivo. Um tecido vermelho com losangos dourados cobria as paredes. No teto, duas vigas de madeira emparelhavam outro lustre bastante chamativo. Uma janela próxima da cama provavelmente dava visão para algum canal, mas estava obstruída por uma cortina e a cama próxima.

Tudo impecavelmente limpo.

Daniel largou a bolsa no carpete. Paola apontou para um canto do cômodo. As duas malas vermelhas de Nilla estavam posicionadas na posição

vertical, com os cadeados intactos, como se não tivessem sido tocadas desde o momento em que chegou ao quarto.

A confusão instalou-se na mente. Não fazia o menor sentido! Conhecia bem Nilla. Ela deixaria tudo de cabeça para baixo poucos minutos após pisar em um quarto de hotel. E se desapareceu durante a estadia, as roupas e tudo mais deveriam estar espalhadas pelos quatro cantos do cômodo. A não ser, é claro, que alguma camareira tivesse arrumado.

A cabeça rodopiou, e o cansaço pesou pelo corpo. Não conseguia raciocinar direito. Queria desesperadamente encontrar respostas.

Daniel apoiou as mãos na cintura e disse:

— Você me disse que não mexeram nas coisas dela.

— E não mexemos.

— Como assim? Não há nada desarrumado. Todos seus pertences devem estar dentro das malas.

— Você não entendeu direito — atentou Paola. — Ela recolheu tudo e deixou as malas desta forma... antes de desaparecer.

## Capítulo 18

A quinta vez seguida na semana que Pacino acordava de ressaca não possuía um significado novo. Era um número considerável, mas já superado em outras ocasiões. Sentia-se cada vez mais acostumado com aquilo, embora nem todas as partes do corpo revelassem o mesmo — como a cabeça.

Ao levantá-la, ela explodiu.

A enxaqueca, de novo.

Pacino fechou os olhos e apertou as têmporas tentando afastar os demônios. A viagem seria longa. A boca amarga e a fórmula do álcool passeando pelo sangue indicavam que não ficaria em paz tão cedo.

*Esqueça isso! A ressaca é apenas um incômodo, concentre-se em outra coisa!*

Pensou nos sonhos que acabara de ter, mas era difícil se recordar. Só havia uma coisa na mente nebulosa: o rosto de Barbara. Acordara com o corpo encharcado de suor, quase podendo enxergá-lo na sua frente.

Pacino levantou-se. Empurrou as cortinas baratas e abriu a janela. Com sorte, a corrente de ar frio dissiparia o resto dos devaneios. Todavia, ainda podia sentir o cheiro do óleo diesel envolvendo o corpo. Ao virar-se, avistou os sacos plásticos em cima da mesa, contendo os três cubos de isopor e o bilhete. Ficou feliz ao conferir os objetos. Mais ainda ao verificar a sua arma ao lado deles, como se os protegesse enquanto a mente desenfreada viajava pelas órbitas providenciadas pela bebida.

Diferente dos outros dias, a manhã ganhara novo ânimo. Mesmo que as articulações doessem por passar a noite no sofá e a cabeça reclamasse em grau elevado, satisfazia-se por ter dado o primeiro passo sem cambalear. Depois outro, e mais outro. Conseguiu manter o ritmo até vestir-se. Desta vez, sem vomitar.

Um verdadeiro milagre.

Pacino chegou cedo à *questura*, para espanto de todos. Guardou o casaco e fez uma pausa. Inspirou profundamente o ar pelo nariz. Depois expeliu pela boca, tentando controlar a dor de cabeça. Ao ver Pietro e seu *espresso* iluminados pelo monitor, jogou os dois sacos plásticos em cima da escrivaninha, quase derrubando o copo.

— O que é isso? — perguntou Pietro.

— Sua “fugitiva do *carnevale*” entrou em contato.

— Não entendi.

— Pistas.

Pietro segurou os plásticos à frente dos olhos. Analisou os objetos: “Isopor e papel marmoreado? Tudo isso de uma só vez?”. Pacino aquiesceu, exibindo um sorriso triunfante. Explicou como chegara a eles e depois completou:

— Como pode ver, o *investigatore* bêbado trabalhou bastante ontem.

— Devem ter sido as 24 horas mais emocionantes de sua vida — observou Pietro. — O que tem neste papel?

— É um bilhete.

— De despedida? Eu sabia! Fugitiva!

Pacino balançou a cabeça, arrependendo-se por causa da dor que o gesto produziu. Pietro parecia continuar a queda de braços sobre teorias de desaparecimento. Quase podia ver a palavra “irredutível” piscando na testa dele.

— O bilhete foi escrito por outra pessoa. Barbara teve um encontro secreto.

Pietro franziu a testa.

— Talvez estivesse planejando seu desaparecimento com a ajuda de alguém.



— Pode ser. Mas alguma coisa me diz que estes objetos vão destruir de vez sua teoria.

Pietro tentou ler o bilhete através do plástico.

— Não vai encaminhar para a perícia?

— Pensei em deixar você à cargo disso. Se houver algo, nos informarão. Aqueles cientistas ficarão felizes com um pouco de trabalho.

— Em pleno *carnevale*? Duvido muito.

— Então é melhor pedir urgência.

— Quer dizer que passei a ser seu parceiro de investigação?

Pacino riu.

— Não brinque comigo, *ragazzo*. Eu não deixaria acontecer nem se me acertassem um tiro no peito.

— Bem, isso eu mesmo posso providenciar — zombou Pietro.

Pacino encostou o cotovelo na parede e segurou a nuca.

— Quem diabos hoje em dia marca esse tipo de encontro?

Pietro ameaçou dar uma gargalhada.

— Deve estar brincando! Posso assinalar dezenas de lugares na internet onde as pessoas conversam sem se conhecerem, para depois se encontrarem pessoalmente. — Apontou para o monitor, como se todas as respostas do mundo estivessem encolhidas dentro dele. — Quando é que você vai aprender a ligar um computador?

— Não preciso disso para sair com mulheres.

— Sorte *delas* — respondeu.

Pacino não se chateou com a observação de Pietro, mas também não quis prolongar a discussão. Sabia bem que a maior parte de seus relacionamentos começavam a datar de épocas remotas. E se antes as mulheres já não se interessavam pelo seu estilo de vida, faltava pouco para que se parecesse com um padre, agora.

Pietro lembrou algo importante:

— Você não deveria informar Fazolato?

Pacino coçou o queixo teatralmente, como se refletisse. A porta da sala de Fazolato estava fechada. “Talvez mais tarde”, terminou dizendo.

Pietro ficou boquiaberto.

— O que foi? — Pacino perguntou.

— Mais importante do que comunicar Fazolato? Você deve estar ficando louco! — insistiu Pietro. — Ou se achando muito especial.

— O que é? Vai querer tirar uma foto comigo?

— O tiro no peito me pareceu uma solução mais inteligente — ironizou. — O que vai fazer?

O rosto de Barbara voltou a poluir a mente de Pacino, e nem fora necessário recorrer à pasta em sua mesa. Não se livraria dele enquanto não encontrasse a *ragazza*. Então ele firmou as mãos na mesa e arqueou as sobrancelhas, encarando Pietro. Bastava de brincadeiras.

— Nesse momento, preciso visitar o Mercado de Rialto. Já faz muito tempo que não frequento aquele lugar. Tempo demais.

## Capítulo 19

Para Daniel, nada daquilo fazia sentido. As malas perfeitamente arrumadas, encostadas em um canto, como se houvessem acabado de desembarcar de um avião. Duas Samsonite idênticas de cor vibrante — um vermelho indiano que não lembrava de ter visto em outros objetos.

*As malas de Nilla!*

Não fosse Paola confirmar que ela sumira há vários dias, poderia supor que sua ex-mulher estava em algum lugar daquele quarto, pronta para partir.

Tentou organizar as ideias: se havia algo importante a ser revelado, deveria procurar por perto, e só Paola poderia ajudá-lo.

— Você tem certeza de que Nilla chegou a desarrumar essas malas? — perguntou. Paola assentiu.

— Ela agiu como uma hóspede normal durante os primeiros dias, chegando a colocar suas roupas dentro do armário. A cama foi desfeita, e havia pasta de dente caída na pia. Apenas os sabonetes da hospedaria não foram utilizados, mas isso é comum entre hóspedes, especialmente mulheres. — Deu de ombros. — Nós preferimos usar produtos pessoais de higiene, devem estar guardados aí dentro.

— Você mesma conferiu tudo isso?

— Não, é claro que não. Quando notamos as malas arrumadas e sua ausência, questionei os funcionários dos dois turnos. Não são muitas pessoas, compreende?

— Então não se lembra dela...

— Eu não disse isso — observou. — Recordo-me dela, apesar de termos tido pouco contato. Eu e Gino nos revezamos na recepção sempre que possível. Talvez ele possa ajudá-lo mais do que eu. De minha parte, não notei nada de errado — fez uma pausa. — Você tem alguma foto?

Daniel sentiu o coração pular. Deveria ter trazido uma fotografia de Nilla, pois possuía várias. Como pode esquecer? Ficou em dúvida se mostrava a gravação que ela lhe enviara, mas não tinha feito isso com Marvin, seu editor e amigo, e Paola ainda era uma desconhecida — mesmo que demonstrasse boas intenções.

Preferiu segurar a gravação mais um pouco.

— Infelizmente não.

— Bem, lembro-me da pele branca, olhos verdes e cabelos castanhos até os ombros. Parecia simpática. Como uma daquelas pessoas que se tornam sua amiga facilmente, de um dia para outro.

Aquela descrição bastou para que Daniel. Nilla possuía o talento de causar aquele tipo de reação à primeira vista: *beleza e encanto*. Perguntou a Paola se lembrava de mais alguma coisa, algo que pudesse ter passado despercebido e que fizesse sentido agora, mas recebeu um “não” seguido de longa pausa. Então sentiu a angústia dar um nó no pescoço, apertado pela ausência de informações.

Paola percebeu.

— Quer mesmo ficar aqui? Posso tentar encontrar outra hospedaria que possua uma vaga sobrando.

Daniel fez que gostaria de permanecer. Não queria afastar-se daqueles objetos.

— Precisamos abrir as malas — falou, como se a convidasse a agir com ele.

Paola chegou a titubear, mas viu que não tinha outro jeito.

— São cadeados com combinações numéricas. Você sabe os códigos?

Ele balançou a cabeça. Observou que cada um possuía quatro discos com números de 0 a 9. Não era bom em probabilidades, mas qualquer um sabia que ali poderiam existir milhares de combinações possíveis.

Segurou o primeiro deles e experimentou. Iniciou pelas sequências mais lógicas. Depois passou para datas, utilizando os quatro primeiros números ou os quatro últimos. Colocou eventos marcantes, como o aniversário dela ou as datas das mortes dos pais. Tentou o dia, mês e ano de sua formatura. Inseriu até mesmo a data de casamento — afinal, tudo levava a crer que Nilla andava pensando bastante nele ultimamente. Por último, marcou o dia do acidente deles, embora acreditasse, no fundo, que ela nunca o utilizaria.

*Nada.*

— Vamos ter que arrombar os cadeados — disse ele, já sem paciência.

— O quê?

— Tem alguma ideia melhor?

Paola negou.

— Nunca pensei que faria isso com as malas de um hóspede — disse ela.

Daniel não prestou atenção na observação de Paola, pensava apenas em localizar algo que destruísse aqueles cadeados. Uma ferramenta seria ideal, mas não havia trazido sequer um canivete suíço consigo.

Antes mesmo de perguntar a Paola se poderia providenciar alguma coisa, ela surgiu com um objeto decorativo do próprio quarto: um leão de pedra alado, sentado sobre uma base retangular. E Daniel percebeu que eles se espalhavam por toda aquela cidade.

Ele recebeu o pesado enfeite.

— Pode usar, custou menos do que imagina — disse ela.

Daniel conteve o sorriso, mas devolveu um olhar de agradecimento. Agarrou o objeto e desceu violentamente sobre um dos cadeados. Repetiu várias vezes, procurando acertá-lo sempre com a quina da base, até que o

fecho desistiu de lutar e se rompeu. Empolgado, driblou o cansaço e fez o mesmo com o outro. Em minutos, as malas estavam abertas à frente deles.

Daniel começou a retirar tudo de dentro. Paola ajudava, mas sem saber direito o que procurar. Mas, na verdade, ele também não sabia.

Ele reconheceu peças de sua época, e suas pernas bambearam com a visão. Sentou-se na cama antes que ficasse pior. De modo geral, aquela confusão exibia com bastante clareza e crueldade o bom gosto de Nilla.

Pegou uma carteira de couro. Encontrou alguns euros, cartões de crédito e documentos, inclusive o passaporte. Nilla não havia carregado nada. Então, como se manteria em Veneza?

Por fim, sentiu falta de uma coisa bem importante...

— A Nikon não está aqui!

— O quê?

— A máquina fotográfica. Nilla nunca saía de casa sem ela.

Daniel se levantou e conferiu à volta. Ao ver as coisas de Nilla espalhadas pelo quarto, o espaço ao redor se expandiu. A impressão que tinha é que sua ex-mulher abriria aquela porta a qualquer momento e perguntaria o que ele fazia por lá. Somente assim ele conseguiria suportar tudo aquilo.

A angústia retornou com força. Ao encarar a foto no passaporte, a lembrança do vídeo no cartão de memória disparou na mente. Aquilo golpeou seu estômago com ferocidade. Não fosse a presença de Paola ao lado, talvez já estivesse ajoelhado no chão.

Não sabia mais o que tentar. As coisas não se encaixavam. Era desesperador. Até que Paola soprou as palavras ao seu lado:

— O cofre.

Ele se virou e olhou para ela. A jovem apontava para um retângulo metálico na parede. Como Daniel não se tocou naquilo? A verdade é que

fazia tempo que não saía do seu apartamento. Mas Paola tinha razão. O cofre. Onde mais alguém guardaria algo importante em um quarto de hotel?

Daniel foi até a parede e examinou. Um modelo antigo, que não possuía dígitos. Nenhum botão, nada eletrônico, somente uma fechadura.

— A chave... onde está?

— Não sei nada sobre a cópia, talvez tenha ficado com ela. Mas possuo a original lá embaixo. Vou buscar.

Paola saiu pela porta, deixando-a entreaberta. Daniel, cansado pela viagem, fechou os olhos e inclinou a cabeça para trás tentando aliviar a dor no pescoço. Seu corpo estava moído. Em outra situação, já teria se jogado em cima da cama com a roupa que vestia.

Ao descer a cabeça e abrir os olhos, notou uma figura que o observava pela fresta da porta.

Um homem.

Desapareceu logo em seguida.

Apesar do corredor mal iluminado, Daniel não teve dúvidas. Tinha praticamente a mesma altura que ele, talvez, um pouco mais magro. Não pode ver seu rosto, mas, pela silhueta, os cabelos estavam cortados à moda escovinha. Sentiu vontade de ir atrás, contudo, percebeu que seria bobagem. Provavelmente era apenas um hóspede curioso com a movimentação.

Depois de longos minutos, Paola reapareceu equilibrando a chave na palma da mão. Daniel recebeu-a e chegou próximo do cofre. Antes de abrir, notou que o espaço era pequeno demais para caber a câmera fotográfica de Nilla. Cravou a chave e girou. Paola apresentava-se colada ao seu lado, tão desperta quanto ele. Ouviram juntos a tranca ceder. E quando o cofre se abriu, encontraram um envelope.

Daniel pegou e analisou. Viu letras escritas na sua face.

— Mais documentos? — perguntou Paola.

Ele não respondeu. Não conseguiria. O corpo mostrava-se congelado, como se apenas o coração fosse capaz de trabalhar.

Na sua cabeça, reconheceu que o envelope atingira seu propósito.

Nele, estava escrito:

“D.S. OLHE PARA O OUTRO LADO”



## Capítulo 20

Se havia um lugar onde Veneza pulsava em vida, esse lugar se chamava Mercado de Rialto.

Pacino avançava pelo meio das barracas ao redor da igreja de San Giacomo. O relógio na fachada apontava para as 11 horas. Um burburinho de cidadãos que fluíam em busca de produtos frescos; já os turistas aproveitavam mais para contemplar as cores e desfrutar dos aromas do que efetivamente levar algo. Fosse uma coisa ou outra, o certo era que, mesmo no inverno, o mercado permanecia cheio.

Quando chegou próximo do Campo Cesari Batisti, Pacino se espremeu em uma área onde as pessoas se aglomeravam. Enterrou as mãos no casaco e ficou observando o sujeito de colete laranja que descascava alcachofras e gritava para o público. Via-o separar com maestria as folhas do cerne e jogar os pedaços em baldes distintos, cada qual de um lado. Um comportamento normal, capaz de convencer qualquer pessoa. Exceto Pacino.

Pacino esperou um cliente parar, conferir a mercadoria e sair. Quando certificou-se que nenhum outro orbitava a barraca, entrou no campo de visão do sujeito, até suas vistas se entrecruzarem.

Uma eletricidade percorreu o ar entre eles.

— Ferrero! — disse alto.

Não teve resposta. Aproximou-se.

— Algum problema com seus ouvidos, Ferrero?

O homem baixou os olhos e, sem deixar de manusear as alcachofras, respondeu a ele:

— Sabe, meu nome sempre soa estranho quando sai da sua boca.

— Eu imagino quanto.

— O que quer aqui, Pacino?

— Acho que você pode adivinhar.

— Nós não temos nada para conversar.

— Não é verdade.

Pacino segurou uma alcachofra. O cheiro realçava os efeitos da ressaca. Não se lembrava de ter visto outras tão grandes quanto aquelas.

— Suas visitas não me agradam, sabe disso — declarou Ferrero.

— Agradar não é *bem* meu exercício. Na verdade, nem me lembro da última vez que fiz isso com alguém.

— Eu não lhe devo mais nenhum favor. Estamos quites.

— Sei disso.

— Então, vou repetir: *o que quer aqui, Pacino?*

Pacino não se intimidou. Ambos fincavam os pés como dois oponentes, separados apenas pela barraca. Pacino considerava que Ferrero não passava de um canalha desprezível, do tipo que vendia a alma de qualquer um — policial ou criminoso — para o diabo. Pior. Vendia e não entregava.

— Digamos que estou interessado em negociar — explicou.

— Este aqui é o meu único negócio.

Pacino espremeu a alcachofra até destruí-la. Balançou os dedos para baixo, livrando-se dos restos. Ferrero incendiou-o com os olhos.

— Vou ter que pedir para você ir embora — disse ele.

— Está brincando comigo, não está?

— Não vê que estou trabalhando?

— Não me diga.

Pacino arrebentou outra alcachofra. Ganhou um novo olhar e silêncio.

— Quanto você está cobrando? — perguntou.

— Duas dúzias por dez.

— Não estou falando das alcachofras. — Pacino segurou outra, jogando-a para cima como uma bola de tênis. — Quero saber qual o valor atual por uma informação. Digamos, uma bem importante.

— Não há nada à venda além do que está à sua frente.

Pacino deu um assobio, depois sorriu.

— Há quanto tempo não nos vemos, Ferrero?

— Bem menos do que eu gostaria.

— Tenho certeza disso, ou não continuaria com suas respostas curtas.

Pacino comprimiu a mão de novo.

Pegou outra. Ferrero ficou consternado.

— Veja o prejuízo que está me causando!

Pacino não se importava. Estava claro que aquilo afastava os clientes. Além de falar duro com o homem, destruía sua mercadoria, e por isso ninguém tinha coragem de parar na barraca. Então Ferrero puxou algo de seu interior, que Pacino logo percebeu bem do que se tratava: contra ataque.

— A única informação que tenho, Pacino, é que soube que você anda fazendo um estrago pelos bares da cidade.

Pacino aniquilou o sorriso do rosto em repúdio. Apertou tanto a alcachofra que as unhas feriram a palma da mão.

— Tome cuidado com o que diz.

— O.k., tudo bem. Mas soube que tem gente que não anda gostando *nada* disso. Gente poderosa.

Pacino encarou o homem com a selvageria de um leopardo. Ferrero não passava de um cretino com língua afiada. Infelizmente, apto o bastante para destruir a carreira de alguém, especialmente de um *investigatore*. Gostaria de espremer o pescoço dele como fazia com as alcachofras, mas isso não resolveria a situação. Ao mesmo tempo, se finalizasse a conversa por ali, sairia com um alvo marcado em sua própria testa. Então, decidiu trocar as cartas.

— Você não está percebendo certos sinais — disse Pacino.

— Que sinais?

Pacino abriu o casaco e puxou o paletó.

— Veja, aqui está a minha arma. Sabe o que carrego do lado dela? O meu distintivo. Junto dos dois, no bolso do casaco, está a minha carteira de dinheiro. — Pacino deu tapas nos locais, para que fosse bem compreendido.

— E o que tem isso? — retrucou Ferrero.

— Nesse exato momento tenho a opção de puxar um desses três objetos para conseguir a informação que desejo de um canalha como você.

Ferrero não se retraiu. Exibia um sorriso insuportável.

— O que vai escolher? Sacar a arma?

— Não — respondeu Pacino. — O distintivo.

Ferrero sorriu com mais desprezo.

— Deve estar brincando. Acha que *isso* me mete medo?

Pacino fez conforme prometido: retirou a identificação e jogou-a em cima das alcachofras. Ela caiu como se tivesse o peso de uma rocha.

— Deixe-me explicar melhor... Aqui diz que sou um *investigatore*, está vendo? Vivo cercado de oficiais. E os homens com quem trabalho ficariam felizes em saber onde eu conseguia informações quando ninguém mais era capaz. Venho pensando nisso há tempos.

A cor e o sorriso sumiram repentinamente do rosto de Ferrero.

— Você não faria isso! Sabe que minha vida viraria um inferno.

— Quer apostar?

Ferrero ficou perplexo de verdade. Pacino sabia muito bem o que passava pela mente dele: naquele tipo de negócio, manter-se abstrato ou invisível era quase uma religião.

O homem engoliu em seco.

— O que quer saber?

— Barbara — disse Pacino, guardando o distintivo.

— Um nome bonito.

— Não faça esta cara. O que tem sobre ela?

— Eu não sei nada sobre o que você está falando. — Ele voltou a descascar alcachofras. — Mas escutei algo que talvez te interesse.

Pacino fez sinal para que continuasse.

— Um movimento criminoso que chegou a Veneza.

— Você quer dizer algo *novo*?

O homem aquiesceu.

— Um tipo de comércio, bastante lucrativo, pelo que entendi. Até então, eu sabia que existia em algumas partes do mundo, mas nunca havia escutado falar sobre isso por aqui.

— Quer dizer então que o desaparecimento da *ragazza* tem a ver...

Ferrero interrompeu:

— Eu não confirmei isso, mas é possível. Sei como estas coisas se encaixam.

— Como assim?

Ele deu de ombros.

— O *investigatore* aqui é você, não eu.

*Devagar demais!*

A paciência da Pacino ia embora com aquele rodeio desnecessário. Mesmo separados pela barraca, ele esticou o braço o bastante para que conseguisse segurar o colete laranja de Ferrero. O aroma das alcachofras pareceu intensificar-se.

— Diga logo: sobre *o que* estamos falando?

— Tenha calma, homem...

— Me chame de *investigatore*, idiota! — disse, com as palavras borbulhando na garganta. — Você pode não saber o paradeiro da *ragazza*, mas só de ouvir o nome dela, associou os dois assuntos. Seria coincidência?

— Mas é verdade, não sei onde ela está! O que posso fazer?

Olhares recriminadores pousaram sobre Pacino. Havia chamado atenção demais. As pessoas se acostumaram a assistir a atos violentos na televisão, contudo, ao vivo e a cores, uma agressão sempre chocava mais. A vida não era como nos filmes. E mesmo morando quase toda sua existência em Veneza, Pacino havia presenciado coisas demais na profissão, coisas que a maioria dessas pessoas nem fazia ideia.

O relógio da igreja de San Giacomo mostrava que o tempo passava depressa. Pacino encarou fundo os olhos de Ferrero. Por causa da presença de pessoas, limitou-se a deixar a arma guardada. Ainda podia abrir a carteira de dinheiro — chegara até o local disposto a isso —, mas a conversa acabou desandando para trocas de ameaças e retirar alguns poucos euros dela também deixara de ser uma solução. Além disso, a lembrança do rosto de Barbara não deixava-o em paz. E antes que perdesse o juízo, soltou a mão.

— Desembuche.

Ferrero ajeitou a roupa, aliviado. Limpou a saliva dos lábios com o antebraço. Na certa, não queria que nada atrapalhasse a entonação da pergunta que fez a seguir:

— *Investigatore...* já ouviu falar no termo *snuff*?

## Capítulo 21

Lorenzo Oro acordou, sabendo que o fato não o livrava da escuridão. Era somente o início de sua jornada de sempre, sem pausas ou descansos. Muitas vezes despertava pensando que se fosse permitido fazer um pedido, desejaria abrir os olhos e poder ver luz, cores, formas; tudo aquilo que os outros enxergavam, mas que não davam importância. Um minuto, apenas, já bastaria.

Ouviu os habituais sons da *calle*, andares abaixo, o que lhe dizia ser cedo. Deslizou o corpo para fora da cama até os pés tocarem o piso frio, e experimentou uma sensação agradável, como se acordasse somente naquele instante.

Ele desceu a escada em silêncio. Dois lances, quatorze degraus cada. Não detectou nenhuma presença no salão, fosse pela respiração oblíqua ou odor subconsciente. Acomodou-se na poltrona preferida e ligou o rádio, atendo-se ao som.

Esperou.

Nenhuma notícia.

Mudou de estação várias vezes, mas os programas daquele horário não comentaram sobre o desaparecimento da *ragazza*. Parecia que a imprensa havia fechado os olhos — e ele se permitiu notar certa ironia com a expressão — para o que acontecia na Sereníssima. Porém, era uma situação que não duraria por muito tempo, como previa. Até que ouviu a porta da entrada se abrir. O mesmo piso que os pés tatearam momentos antes, agora denunciava passos às suas costas.

Uma só pessoa.

Uma mulher.

Ela se aproximou. O encontro dos saltos com o chão cessou próximo do encosto da poltrona, mas o perfume continuou em movimento, até que o

cheiro invadiu os lugares mais profundos do cérebro de Lorenzo.

Ela desligou o rádio e soprou em seu ouvido:

— Ele chegou a Veneza.

Lorenzo sorriu. Enfim, algo que precisava escutar.

— Ótima notícia — devolveu.

Sentiu a mão pousar sobre seu ombro. Segurou-a com a força que tinha, como se o gesto fosse salvá-lo de um afogamento. Em seguida, veio a pressão dos lábios em sua testa. Era impossível ignorar o calor incendiando o local do beijo ou desprezar os músculos se enrijecendo de excitação.

A mulher despreendeu o braço. Depois colocou dois comprimidos de Vicodin em sua mão, como sempre fazia.

— Tome — disse.

Lorenzo fez uma careta. Odiava ter chegado naquele ponto. A dor estava suportável, mesmo que não permanecesse assim por muito tempo. Tinha ciência que a droga não o curaria, somente o afastaria do colapso que o perseguia diariamente. Mas sem os comprimidos, o que seria ele? Nada, absolutamente nada. Talvez, nem estivesse de pé. Ainda assim, preferia deixar de tomá-los, mandar tudo para o inferno, abraçar os joelhos junto ao peito e esperar pacientemente na escuridão.

Contudo, não podia fazer isso.

Ainda não.

Engoliu as pílulas sem água. Significava mais algumas horas enganando-se.

A mulher não se mexeu. Nenhum som, apenas respiração. Certamente, examinava-o. Então Lorenzo esperou ela sair. Ficaria ali, no mesmo lugar, por mais tempo. Não tanto quanto gostaria, mas pelo mínimo considerável.

Um minuto, apenas.



Este era seu mundo: carente de conceitos, porém, transbordando em sentidos. Melhor assim. Talvez, se fosse diferente, não seria o que se tornou: o homem capaz de cometer milagres, de impressionar o mais incrédulo dos indivíduos. O homem capaz de surpreender a si mesmo pelas coisas que fazia. E que, por tudo isso, era chamado de Lorenzo Oro, o melhor de todos.

A cegueira?

Bem, ela era somente um detalhe.

*Uma ilusão.*

## Capítulo 22

Daniel não estava acostumado com aquilo. Uma sequência de informações em cadeia bombardeava sua mente, sem tempo para se organizar. Em pouco mais de vinte quatro horas havia descoberto várias pistas, atravessado o Oceano Atlântico e compartilhado informações com uma italiana desconhecida em Veneza.

*Onde isso vai terminar?*

Sentou-se novamente na cama com o envelope nas mãos. Deveria abri-lo rapidamente, mas não conseguiu.

Paola encarou-o sem compreender direito. Ela percebeu o sangue esvaindo do rosto dele e perguntou:

— Você está bem?

— Sim, apenas não esperava por isso.

— Como assim?

— Parece que Nilla deixou esse envelope para mim. Veja: são as iniciais do meu nome... D.S. DANIEL SACHS.

— E essa frase?

— “Olhe para o outro lado”? Não faço a menor ideia.

— Muito estranho... As malas foram arrumadas. Você disse que a câmera fotográfica não está aqui. Agora, encontramos este envelope dentro do cofre. Ela fez tudo isso antes de sumir?

— Arrisco dizer que foi premeditado — respondeu Daniel, com a gravação de Nilla vindo à tona. — Porém, tem uma coisa que me incomoda profundamente nesse envelope.

— O que é?

— Estas letras... não parecem ser de Nilla.

— Talvez ela tenha escrito com pressa.

— Nilla *sempre* escreve rápido. E a caligrafia dela não é assim. Não mesmo.

— Você não vai abrir?

Daniel observava Paola ansiosa, sem levantar os olhos do envelope. Porém, os braços dele permaneciam inertes. Ficou na dúvida se revelava ou não o conteúdo diante da jovem, até que ela percebeu.

— Desculpe! Você quer ficar sozinho, não é?

Daniel sentiu algo tocá-lo por dentro. Sem querer, Paola refletira bem a sua personalidade atual com a simples pergunta; um sujeito sem vontade de aproximar-se de alguém. Vivia deste jeito, excluindo todos à volta. Não chegara ao extremo, mas faltava pouco. Nem sempre foi assim. Porém, à partir do acidente, tudo mudou.

Daniel tinha consciência: tornara-se outra pessoa, a amargura apoderava-se dele. O mesmo sentimento que via em determinadas pessoas e que fazia-o sentir pena. Deixou os amigos se afastarem. Não, afastou-se. Não os procurou mais, transformando-se no que mais temia: um homem solitário. Quem sabe fosse o momento de parar de se esconder, pois o mundo dava uma nova oportunidade. Tudo bem que os caminhos parecessem tortuosos demais, mas se não começasse a compartilhar informações, seria incapaz de solucionar todo aquele mistério.

Podia enxergar o brilho nos olhos de Paola e o interesse de arrastar-se para aquela aventura. Então, Daniel decidiu baixar o escudo.

— Sinto muito — desculpou-se. — É claro que você pode ficar, mas prometa que não contará para ninguém o que vir aqui.

Paola sorriu.

— Não precisava nem dizer — respondeu ela, animada. — Vamos, abra logo esse envelope antes que eu arranque-o de suas mãos!

Daniel rompeu o lacre. Quando virou o envelope, um grande papel dobrado caiu aos seus pés. A animação de Paola despencou na mesma velocidade.

— O que é isso? — perguntou ela.

Daniel resgatou a folha e abriu.

— Parece uma imagem, uma grande fotografia.

Paola torceu a boca.

— Isso eu percebi — disse ela, sentando-se ao seu lado. — Bem.. sabendo a profissão de sua ex-mulher, nada poderia ser mais óbvio, não é mesmo?

Daniel não se virou, nem fez qualquer sinal. Apenas esticou o papel sobre o colo. Examinou-o com atenção. Parecia uma imagem precária de Veneza.

— Sabe do que se trata? — perguntou ele.

Paola fez que sim.

— Claro. É a reprodução de uma xilogravura, feita no século XVI. Executada por Jacopo de' Barbari. Chama-se *Veduta di Venezia*.

— Vista de Veneza?

— O primeiro trabalho documentado do artista. Um projeto grandioso, demorou três anos para ser finalizado — explicou ela. — Obviamente, o original é um imenso painel, e está hoje no Museu Correr. Isso aí não passa de uma reprodução barata, um souvenir.

Daniel ouviu aquilo enquanto examinava o Grande Canal serpentear numa tonalidade sépia por toda a cidade. À primeira vista, parecia um desenho desqualificado, contudo, se pensasse na época em que fora feito e os recursos que possuíam, não deixava de ser impressionante.

Paola continuou:

— Veneza é retratada por um ponto de vista elevado, em uma perspectiva que não era muito utilizada para a época. Por isso existe certa deformidade para o leste, aumentando essa região e comprimindo fortemente toda a área ao oeste. No fundo, além das ilhas do norte da Lagoa, vemos o perfil dos Alpes. Ao sul, a parte dianteira da ilha de Giudecca de San Giorgio.

Daniel sentiu-se curioso.

— Todos os palácios, casas e canais da época estão aqui?

— Possivelmente. Como eu disse, foi um trabalho longo, minucioso. Apesar de nos referirmos a Jacopo como o responsável pela imagem, o serviço foi executado por uma grande equipe. Este mapa serviu como referência para os venezianos durante um bom tempo.

— E o que são estas duas figuras? Deuses? — Apontou para as personalidades gigantes que sobressaíam ao norte e sul da grande laguna.

— Algumas referências pessoais do artista: Mercúrio e Netuno. Assim como a grande quantidade de embarcações no Grande Canal, o propósito era enfatizar o poder comercial e marítimo da Sereníssima, e a proteção que a cidade dispunha. — Ela pausou por um instante. — Mas, espere aí.

— O que foi?

— Observe um pouco acima da cabeça de Netuno, mais à direita. Alguém fez uma marcação.

Era verdade. Se Paola não tivesse comentado, Daniel talvez não percebesse. Uma esferográfica preta havia sido rabiscada sobre o papel, com riscos tão escuros quanto os traços do desenho. Quase imperceptíveis.

Foi então que Daniel reconheceu a marca e o coração quase parou.

Três círculos concêntricos, o menor deles preenchido.

— Não pode ser! — disse ele.

— Qual é o problema?

— Esse sinal — ele tocou várias vezes com o dedo indicador no mapa —, é um símbolo que já vi antes. Para ser mais específico, ontem.

Paola voltou a expressar toda a sua curiosidade.

— Sérió?

— Sim. Vou lhe mostrar.

Daniel se levantou da cama e foi até a bolsa. Retirou o Zippo que havia recebido no dia anterior e entregou para ela, voltando o lado riscado na direção de Paola.

— Os círculos! — disse ela, examinando também o leão dourado. — Como conseguiu esse isqueiro?

— Nilla me encaminhou. Uma encomenda internacional.

— E como sabe que foi ela?

Daniel travou novamente. O cartão de memória continuava inserido em sua máquina fotográfica. Não precisaria falar muita coisa; bastava retirá-la da bolsa e mostrar a mensagem que Nilla havia gravado.

Pegou a máquina.

— O cartão de memória chegou dentro do isqueiro — disse ele. Depois apertou o PLAY, e em menos de um minuto, Paola ficou a par de tudo. — Reconhece o lugar?

Paola balançou a cabeça.

— Não, mas reconheço a sua ex-mulher.

— Então isso quer dizer que foi *realmente* Nilla que planejou todos estes passos.

— Parece que sim. Mas que motivo ela teria para fazer isso?

— Não sei. Porém, se estes círculos significam alguma coisa, tenho que ir até o local e descobrir o máximo que conseguir — respondeu. — O que tem neste ponto?

Paola espremeu os olhos em direção a área demarcada no papel.

— Os círculos maiores parecem envolver boa parte da Praça de São Marcos, mas o central fica exatamente sobre o Palácio dos Doges. Sim, é isso.

— E “o outro lado”? O que fica nele?

— Depende de que lado estamos falando. Olhe atrás da folha.

Daniel virou o mapa, mas não havia nada escrito.

Voltou para a face preenchida.

— Seriam os pontos cardeais? Norte, sul, leste ou oeste?

— Ou lado de dentro e fora?

Daniel franziu o cenho e refletiu por alguns segundos. Ainda sob impacto da explicação, observou os detalhes do mapa, mas não conseguia desvencilhar os olhos dos círculos. A marca resplandecia no papel. Gostaria de adivinhar de que lado devia procurar, ou ao menos se perderia mais tempo pensando naquilo antes de sair pela porta, todavia, a resposta parecia estar em outro lugar. Mais precisamente no centro daqueles círculos. E se fosse um bom explorador, talvez reconhecesse o que procurava quando encontrasse.

Ele recolheu o mapa e decidiu avançar.

— Preciso ir. Neste momento, só posso agradecer por tudo que me contou. Te devo uma — disse.

Paola levantou-se da cama, encarando-o. Suas órbitas negras já não davam ares tão desconhecidos assim. Num movimento rápido, estava plantada na porta do quarto, as mãos na cintura, esperando que ele se mexesse. E sua voz não poderia soar mais incisiva:

— Pois pode começar a pagar, *signore* Sachs. Nem pense em me deixar fora dessa!

## Capítulo 23

Pacino retornava para a *questura* pressentindo que algo ruim espreitava nas sombras. Apesar disso, considerava a conversa com Ferrero satisfatória. Foi até ele atrás de informações e, embora o idiota tivesse jogado duro, elas chegaram. Nada boas, é verdade, mas não podia esperar muito de uma pessoa que conhecia o submundo do crime tão bem quanto disfarçava a sua principal ocupação.

Quando Ferrero citou a estranha palavra — *snuff* —, Pacino chegou a sentir dúvidas. Deveria ter assimilado logo de cara, contudo, não se culpava. Ouvira muito pouco sobre aquilo. Na verdade, nunca soube de provas ou escutou alguém confirmar que existia de fato.

*Filmes snuff. Matar um ser humano em frente das câmeras e vender o filme como entretenimento.*

Pacino chegou à *questura* e sentou-se junto à escrivaninha. Arrastou o braço e arrancou tudo que via em cima dela. Não se importou com o que caiu no chão, nem com as pessoas que olhavam-no sem compreender nada. Precisava apenas ligar o computador. Pressionou o botão do equipamento várias vezes, mas nenhuma luz acendeu. Deu um soco com tanta força no monitor que não se quebrou por milagre.

Sentia-se mal. Quando não era a ressaca, era o trabalho. Odiava os dois em igual intensidade. Ao mesmo tempo, só tinha eles na vida.

Quando percebeu, Pietro estava plantado ao seu lado. Parecia que nunca saía daquele lugar, um espírito aprisionado eternamente no *ufficio*.

— Agora não, Pietro! — exclamou, sem a menor paciência.

O rapaz agachou e encaixou o plugue de força do computador na tomada, sem dizer nada. Pacino acompanhou-o com os olhos. Quando Pietro apertou o botão, a máquina, enfim, deu sinal de vida.



— O pessoal da limpeza deve ter desconectado em algum momento. Faz tanto tempo que você não liga isso que não deve ter notado — explicou.

Pacino devia ter agradecido, mas não tinha vontade. Ficou impassível até fazer algo que fugia do costume:

— Preciso de sua ajuda — murmurou.

Ao contrário do que esperava, Pietro não manifestou surpresa. Gesticulou somente para que vagasse a cadeira, pois queria sentar-se à frente do computador. E depois que o fez, perguntou:

— O que quer saber?

Pacino apoiou as palmas das mãos sobre a escrivaninha, como se precisasse de alicerces para o que diria a seguir:

— Sobre filmes snuff.

Agora sim, Pietro mostrava-se pasmo. E Pacino nem precisou citar o nome de Barbara; com certeza, ele associara de imediato.

— O que *exatamente* quer saber?

— Se devo realmente levar isso em conta.

Pacino percebeu que Pietro não subestimou a resposta. Nem poderia. Não tinha mais ao seu lado o *investigatore* bêbado, e sim, um homem completamente são, procurando por justiça. Dedilhou o teclado várias vezes. Escreveu o termo snuff variando com as palavras “reais”, “mito” e “comércio”. A tela apresentou uma lista infundável de referências.

— Na melhor das hipóteses, 412 mil resultados sobre o assunto — disse ele.

— O que isso quer dizer?

— Que não devemos ter pressa.

— Não é a resposta que procuro. Ande logo, dê-me algo.

Pietro clicou em uma enciclopédia on-line.

— Vamos começar do básico... — Ele passou a ler trechos da tela que brilhava à frente. — Um filme snuff é um gênero que mostra o assassinato real de pessoas visando satisfazer ao prazer mórbido de alguns espectadores. São produções obscuras, de baixo orçamento, mas que podem alcançar valores expressivos no mercado alternativo. Todavia, é necessário distingui-los de filmes com mortes reais. Estes não são comercializados e não podem ser considerados filmes snuff.

— Como assim?

Pietro foi rápido na resposta.

— O assassinato de John F. Kennedy e o enforcamento de Saddam Hussain, por exemplo. Execuções, mortes acidentais, assassinatos por motivos religiosos ou ideológicos...

Pietro clicou no botão voltar e depois em um tópico que dizia “Filme snuff: verdade ou mentira?”. Passou os olhos rapidamente sobre o texto e citou o que viu de mais importante:

— “A resposta por trás do debate sobre a existência desses filmes é inconclusiva. Embora exista no mundo uma tendência em capitalizar a morte por despertar o interesse geral da população, sabemos que a produção *underground* de filmes é verdadeira e que existe público para tal. Mas com o avanço a passos largos da tecnologia, hoje em dia fica difícil separar o real do falso.”

— Permanecemos na mesma! — comentou Pacino.

Pietro foi e voltou com o mouse várias vezes, clicando em vários lugares. Conferia as palavras tão rapidamente e descartava os sites que não interessavam. A maioria dos textos não relatava, efetivamente, se existia ou não este tipo de comércio. Muitos citavam documentários e filmes hollywoodianos que foram feitos em cima do assunto. Pacino, cansado, disse:

— Pense comigo... onde apareceu pela primeira vez este termo?

— O que se sabe é que surgiu na década de 1970. Nessa época, a Polícia de Nova York e o FBI iniciaram uma caçada em cima de supostos produtores e distribuidores desses filmes. Dizem também que um membro anônimo de uma seita de psicopatas sugeriu o nome pela primeira vez em uma entrevista. Uma mulher teria sido decapitada por essa seita, e o fato, documentado. Tempos depois, boatos de que boa parte destes filmes estavam sendo produzidos na América do Sul intensificaram a busca pela verdade.

— Então, nada é conclusivo?

— Nem tanto — reparou, em meio a cliques. — Aqui diz que jovens ucranianos foram presos e condenados por terem matado um homem que escolheram aleatoriamente. E que filmaram tudo com o propósito de uma futura negociação deste filme.

— Isso é fato real?

— *Sì*. Não existem referências sobre o filme nesse artigo, mas posso procurá-lo na internet. Vai demorar um pouco.

— Faça isso depois. O que mais pode me dizer?

Pietro continuou associando palavras ao termo snuff. Demorou algum tempo. Só falou quando achou uma referência oportuna:

— Uma coisa nada boa — declarou.

— Existe algo *pior* do que tudo que me contou?

Ele fez que sim. Arrastou o ponteiro do mouse sobre o texto, marcando-o com uma cor diferente. Deixou que Pacino lesse em voz alta:

— “Normalmente filmes snuff são produções cujas mortes são precedidas de forte exploração sexual. As vítimas podem sofrer abuso e violação antes de serem mutiladas em vida.”

Assim que Pacino terminou, o ódio torceu seu coração. Pior que isso, o sentimento fora misturado com doses de repulsa e ansiedade, formando

uma massa pesada, quase incapaz de ser suportada dentro do peito. A mente não chegava a pensar em “quem seria capaz de fazer uma coisa dessas” ou “o motivo para tal”. Na prática, tudo não passava de suposições, e Pacino freou a precipitação, recusando-se a confirmar que Barbara estava de fato envolvida naquilo. E se fosse verdade... Ainda estava numa corrida contra o tempo ou já era tarde demais?

Não importava. Sejam quais eram as respostas para aquelas equações, tinha que ater-se aos fatos. Eles apontavam para um desaparecimento e o prenúncio de uma nova era de crimes em Veneza. E se houvesse uma relação entre eles, por mais minimalista que fosse, então só lhe restava uma opção: caçar os desgraçados.

— Quer parar por aqui? — indagou Pietro, notando sua aparência transtornada. Mas Pacino respondeu, num esforço quase sub-humano:

— Não. Vamos até o final.

## Capítulo 24

Daniel se apressava para acompanhar os passos de Paola enquanto desciam as escadas da hospedaria. Quando invadiram o saguão principal, teve uma surpresa: um homem com cabelo à escovinha, semelhante a um militar, postava-se atrás do balcão. Tinha olhos flamejantes e rosto demasiadamente fino. Com certeza, o mesmo sujeito que Daniel havia visto momentos antes na porta do quarto, analisando-o.

— Só um instante — disse Paola, indo na direção do balcão.

Daniel observou a visão do sujeito congelada nele. Faltava pouco para ouvi-lo rosnar! Sentiu-se intimidado, porém, não se retraiu. Eles continuaram se encarando, até que os olhos do homem cederam em direção a Paola. Daniel caminhou até a porta de entrada, distante, mas não tanto que deixasse de escutar a conversa.

— Vou sair — falou ela.

— O que pensa que está fazendo? — rebateu o estranho.

— Preciso cuidar de uma coisa.

— Com *ele*?

Daniel matou a charada: pelo tom da conversa, só podia ser Gino, o irmão. E por algum motivo que não tinha ideia, Daniel não causara boa impressão.

Paola assentiu acanhadamente, justificando:

— É sobre a hóspede que desapareceu.

— E o que nós temos a ver com isso?

— Estamos zelando por nosso estabelecimento — respondeu. — Precisamos descobrir o que aconteceu com ela antes que os *carabinieri* batam à nossa porta.

Gino desceu os olhos.

— Isso não vai acontecer.

— Como pode ter tanta certeza?

Ele não respondeu. Observou que Paola retinha a chave do cofre de um dos quartos na mão. Depois olhou novamente na direção de Daniel, desta vez mirando o papel que segurava.

Daniel percebeu e disfarçou o mapa com o corpo.

— O que vocês encontraram?

Paola nada disse.

Gino agarrou o braço dela com força desnecessária.

*O que está acontecendo aqui? Isso já está indo longe demais!*, pensou Daniel. Fez menção de correr e interceder, mas travou quando ouviu as palavras:

— Se não ficar quieta, não tenho como protegê-la. Veneza não é mais a cidade de tempos atrás.

— Você fala como se eu não soubesse me cuidar. — Ela desvencilhou-se.

— Mantenha-se longe de encrencas. Por favor.

Paola deixou escapar um leve sorriso ao guardar a chave e pegar o casaco. “Precisa parar de se preocupar comigo, sabia?”, disse. Depois deu um beijo na sua bochecha, mas Gino não alterou a cara amarrada.

Ela se aproximou. Daniel pigarreou, disfarçadamente.

— Prazer, meu irmão — explicou ela, ao abrir a porta.

— Tem certeza de que quer ir?

— Claro. Ou também vai querer me dar conselhos?

Daniel não teve tempo de falar nada. Paola já se colocava do lado de fora da hospedaria, com o casaco cobrindo o corpo e prendendo os cabelos antes que se embarhassem por causa do vento. Ao sair, ele deu uma rápida espiada no sujeito que cerrava os maxilares com força, atrás do balcão. E partiu com a impressão que Gino tentava ler seus pensamentos.

Daniel só se deu conta que o vento frio havia diminuído a força quando chegaram à Praça de São Marcos. Paola manteve-se o tempo todo ao seu lado, sem dizer nada. O assunto Gino nem foi tocado. Ao menos o silêncio serviu para que ele organizasse as ideias de quais seriam os próximos passos.

As botas de Paola travaram no chão molhado, próximo do palco vazio. Daniel abriu o mapa e conferiu novamente os círculos.

— Bem, o que faremos? — perguntou ela, com as mesas do Café Florian às suas costas. Havia um intenso movimento de turistas naquele instante.

— Você falou que o centro dos círculos fica em cima do Palácio dos Doges.

— Exato. Se for realmente uma indicação de que Nilla queria que você estivesse nesta praça, ela apontou para o local. Mas, e se não for?

— Que outra opção nós temos? Este símbolo parece um alvo. Ao menos, já é um ponto de partida. — Daniel observou à sua volta. — Então, o que temos dos lados?

Paola gesticulou com o braço esticado.

— A Basílica e o Grande Canal. À frente, a Biblioteca Marciana. E do lado oposto, a Ponte dos Suspiros.

— Te dizem alguma coisa?

— Não, nada além de locais de grande visitação. Corrija-me se estiver errada, mas pelo que entendi, bastava apenas *olhar* para o outro lado.

— Ela rodopiou o corpo. — E não vejo nada diferente.

— Provavelmente é algo dentro do Palácio, então.

Um pombo alçou voo próximo a Paola. Ela se desviou.

— O que acha que Nilla está querendo? Encontrar-se com você? Estaria vindo aqui escondida todos os dias à sua procura?

— Não temos como saber. Tudo que vimos, embora premeditado, parece ter sido feito às pressas. Tenho certeza absoluta de que ela fez o possível para que eu estivesse aqui. O que me estranha, caso seja um encontro secreto, é por que escolheria um local de grande movimentação.

— A não ser que estivesse disfarçada.

— Bem, é uma possibilidade.

— Não entendo... por que ela simplesmente não escreveu um recado direto para você?

Daniel engoliu em seco, tentando domar o solavanco das palavras.

— Nilla aparentava estar em perigo. É possível que tenha feito isso com receio de que outras pessoas obtivessem as informações que conseguimos.

— Certo. Mas... e se ela não estiver esperando por você? O que de fato estaríamos procurando?

Daniel não tinha muito que chutar. Tentou raciocinar da maneira mais lógica possível: até agora, tudo se dera através de uma sequência de acontecimentos. Nada fora feito de forma clara, mas os eventos pareciam interligados, até a presença deles naquele local. E com a ajuda dos estranhos sinais.

*Olhe para o outro lado.*

De repente um palpite muito forte assombrou a sua cabeça. Se Nilla estava em perigo, a frase só podia ter significado se associada com algo que somente ele acessasse ou possuísse, como uma *ligação* secreta. Parecia-lhe, enfim, que tudo tinha sido feito de forma calculada e com a máxima proteção possível.

Ele fechou o mapa e guardou no bolso de trás da calça.

— Pensei numa coisa importante...

— O que foi?



— Tente seguir meu raciocínio: qual foi a primeira mensagem que Nilla me encaminhou?

— A gravação no cartão de memória?

— Errado.

Daniel pegou o isqueiro e empinou-o com os dois dedos em sua direção. Paola demonstrou-se surpresa.

— O Zippo?

— Exatamente! A primeira mensagem está nesse objeto. Sabemos que serviu, a princípio, para duas coisas: avisar-me que ela estava aqui em Veneza e esconder o cartão de memória.

— Tudo bem, isso eu compreendi.

— Agora... a mesma marcação que vemos no isqueiro, ela repetiu no mapa que deixou aos meus cuidados: os círculos concêntricos.

— Certo, você comentou, nos fez presumir que seja um alvo.

— É o que parece. Nesse caso, só nos resta *um* sinal.

— Que sinal?

— O que faz par com os círculos.

Paola fez cara de que não tinha ideia. Seus olhos negros estagnaram no objeto. Daniel aproveitou o momento e virou o isqueiro ao contrário, projetando a face oposta na sua direção.

— O quê? O leão alado? — perguntou ela.

Ele aquiesceu.

— O primeiro símbolo que olhei quando recebi o Zippo. Embora seja uma figura simples, parece ter sido escolhido propositadamente. Deve existir algum significado lógico com o local marcado no mapa.

— Ela quis dizer para olhar para o outro lado... do isqueiro?

— Tem palpite melhor?

— Nem por milagre! Se você acha que faz sentido, então o que deveríamos fazer...

— Seria procurarmos um leão alado ou algo do gênero no Palácio dos Doges — completou.

A face empolgada de Paola se desfez. Ela se virou e abriu os braços em direção à enorme construção, cuja fachada gótica desenvolvia-se em dois níveis, encimados por colunas em mármore esculpido e abertos por grandes janelas ovais. Ao fazer o sinal, a estrutura pareceu maior do que era.

— Deve estar brincando! Sabe qual o tamanho desse Palácio? Estamos falando de três andares que sobreviveram a dois grandes incêndios e a invasão Napoleônica.

— Nesse caso é melhor irmos logo, antes que as visitas se encerrem.

Paola revirou os olhos.

— Você não entendeu? Devem existir dezenas de referências ao leão alado ali dentro! Nem os venezianos seriam capazes de indicar todos os pontos exatos.

— Exatamente. Se é difícil para você, imagine para Nilla — explicou. — Ajudaria muito se tentasse se lembrar das principais.

Paola concentrou-se por alguns instantes.

— Bem, que tal começarmos por ali? — Ela apontou para uma porta que parecia ser a entrada fundamental do Palácio. Acima dela havia uma imagem de um Doge ajoelhado perante um leão alado.

— O que é?

— A Porta della Carta — citou, enquanto andavam na direção. — É a entrada principal. Mas aquela não é a escultura original. A primeira foi destruída pelos franceses em 1797. No século seguinte, o doge Francesco Foscari não só mandou reconstruí-la como solicitou a Luigi Ferrari, o escultor, que fizesse sua figura ajoelhada diante do Leão de São Marcos.

— Tem algum outro significado para você? — perguntou Daniel, na esperança que alguma mulher disfarçada o esperasse embaixo do pórtico. Em vão.

— Bem, dizem que na frente dela, os membros do Conselho faziam as leituras de condenações e indultos.

— Tudo bem, vamos nos concentrar na imagem do leão alado. O que pode me contar sobre ele?

— O leão? É o emblema do evangelista Marco. Acabou se tornando símbolo de Veneza após o roubo de suas relíquias de Alexandria. O corpo dele foi transladado para cá em 828. Imediatamente, começaram a construir uma igreja dedicada a ele — a Basílica de São Marcos —, onde seus restos mortais repousariam desde então.

— Por isso vejo leões para todos os lados...

— *Sì*. A imagem do leão alado é tão forte que está representada até na bandeira da Sereníssima República de Veneza.

— Bem, parece-me que não há muito por aqui. — Daniel deu mais uma examinada nas pessoas até virar-se para ela. — Estou curioso. Como sabe tudo isso?

Paola fez uma cara simpática.

— Sou dona de hospedaria. Ouço perguntas sobre essas coisas todo o tempo, especialmente quando aparecem homens vestidos de jaqueta mostarda e precisando de ajuda.

Ele sorriu.

— Certo. Qual é o próximo passo?

— Vamos por este lado.

Os dois avançaram por dentro do Palácio. Daniel a seguia, observando cada detalhe do local. À medida que caminhavam, espantava-se com toda a

opulência que os cercava. Poderia passar dias ali dentro sem se cansar de olhar tudo, tinha certeza.

Aproximaram-se de uma escadaria onde duas estátuas colossais pareciam guardar o pórtico ao fundo. Acima da entrada em arco, um novo leão alado olhava em sua direção.

— Esta é a Scala dei Giganti — comentou Paola. — A Escada dos Gigantes. A última das quatro escadarias que conduziam aos gabinetes administrativos do primeiro andar. Aqui eram celebradas as coroações dos doges.

— Marte e Netuno — disse Daniel, reconhecendo facilmente as duas estátuas. — Os deuses romanos da guerra e dos mares.

Paola fez sinal de afirmativo.

— Lembra-se das imagens no mapa?

— Sim. Será que temos algo diferente aqui?

Desta vez, foi Paola quem balançou a cabeça.

— Acho que não. Ou ela teria marcado também as imagens dos deuses, certo?

Daniel observou turistas ao redor deles. Nenhum sinal de Nilla ou qualquer coisa que indicasse que tivesse passado por ali.

Desanimou-se.

— Isso não está certo — comentou.

— O quê?

— Se pensarmos que Nilla não ficaria me aguardando esse tempo todo, o que esperaríamos encontrar em um lugar marcado por um alvo?

Paola parecia ter tido o mesmo pensamento que ele.

— Mais um objeto?

— É possível. Nilla fez o mesmo com sinais. Cada um deles foi indicando outro objeto: o isqueiro, o cartão de memória, as malas... e agora,

o mapa.

— É verdade.

— Desta vez, sinto que estamos procurando por algo *muito* valioso, como um tesouro. E onde você esconderia um objeto *próximo* a um leão alado? As esculturas que vimos ficam bem alto, impossíveis de serem acessadas. O que seriam, então?

As palavras de Daniel ficaram suspensas no ar, como indicassem que era o momento ideal para se concentrarem. Ele deu um suspiro perguntando-se quanta informação havia dentro daquele lugar. Na verdade, não tinham muita escolha. O próximo passo seria avançar cada vez mais para dentro do Palácio, mas não sem entender o que estaria esperando por eles, ou dariam tiros a esmo.

Paola cerrou os olhos, como se fizesse um esforço para que a mente se abrisse. Ele torcia para que surgisse um sinal. Afinal, já estivera em praticamente todos os cantos daquele palácio, e Daniel não poderia estar melhor assessorado. Se fosse necessário, perseguiria cada centímetro daquela enorme construção atrás de uma resposta. Mudaria estátuas de local, arrancaria pedras com os dedos e escalaria paredes. Devia isso a Nilla. Devia isso e eles dois.

Então Paola abriu os olhos, como se despertasse de um profundo sono. Ela se virou na direção de Daniel e exibiu o sorriso mais largo que ele já vira.

— Acho que gostará bastante do que mostrarei agora. Venha!

## Capítulo 25

Paola conduzia Daniel através do enorme pátio interno. Invadiam o Palácio dos Doges, em direção à ala coberta. Chegaram a outra escadaria — mais ostentosa que a anterior —, enquanto ela continuava suas explicações: estavam agora na Scala d’Oro — ou Escada de Ouro, finalizada em 1559, e repletas de pinturas de Alessandro Valentina e Giovanni Battista. Através dela, chegariam aos andares superiores, onde ficavam as *loggias*.

— Notável! — exclamou Daniel enquanto subiam, vislumbrando as decorações em estuque branco e folhas de ouro na abóbada sobre sua cabeça.

Os dois seguiram por um longo corredor que Paola chamou de Hall dos Filosóficos, chegando à porta de um salão. Antes de entrarem, ela anunciou que à frente ficava a Sala Grimani.

— Esta sala foi batizada com o sobrenome de três doges da mesma família que por aqui passaram: Antonio e Marino no século XVI, e Pietro no século XVIII.

Daniel ingressou primeiro. As paredes revestidas de vermelho davam dimensão menor à sala, embora tivesse espaço suficiente para várias pessoas ali dentro. Havia uma lareira excepcional ao lado direito, dotada de esculturas. Uma faixa com lindas pinturas rodeava toda a parte superior do cômodo, próximas ao teto, fazendo-o inclinar bastante o pescoço para trás a fim de visualizá-las. Mas o que Paola queria mostrar estava bem mais abaixo, ao alcance deles.

— Pinturas do Leão de São Marcos! — disse Daniel.

Três quadros espichados horizontalmente, na altura dos olhos, exibiam leões alados com bastantes semelhanças. As pinturas pareciam berrar em busca de louvor e admiração. Felinos voltados para esquerda, com uma das

patas sobre um livro e uma áurea dourada envolvendo as cabeças. Tinham feições tão expressivas que faziam Daniel se recordar de rostos humanos.

— Talvez aqui? — perguntou ela.

— É um bom palpite. Temos que procurar algo.

Ele analisou: dois quadros posicionavam-se acima de uma arca de madeira, centralizada por cadeiras pretas. Sobre cada assento, uma placa vermelha indicando as frases: “Non sedersi/Don’t sit down”. Em cima do móvel, um aviso menor sinalizava um traço vermelho sobre um dedo esticado, solicitando explicitamente que não tocassem nele. Já o terceiro quadro estava disposto em outra parede.

— Espere aí... — disse ele. — São três pinturas?

— Como assim?

— Bem, quantos círculos nós tínhamos?

— Três.

— Exatamente. E o mais curioso: em cada imagem, o leão possui uma aura em volta da cabeça. Uma aura *circular*.

Paola refletiu.

— Não faz sentido se avaliarmos que eram círculos concêntricos. Aqui eles estão separados.

— Visualmente, sim. Mas os círculos concêntricos têm, como relação entre si, o mesmo ponto central. Fazendo uma analogia livre, a mesma *ideia*. E o que lhe parece as áureas? É, no mínimo, curioso.

Daniel se compenetrava nas figuras quando Paola varreu sua atenção:

— Seja o que for, precisamos voltar amanhã.

— Nada disso! Temos que procurar logo, Nilla não pode esperar. — Ele deu um passo à frente.

— Não! — Paola foi incisiva, agarrando seu braço. — Você não pode mexer em nada. Neste momento, os turistas estão percorrendo as galerias. Se

um deles nos vir tocando em algum objeto, denunciará à segurança.

— Paola...

Ela segurou as laterais do rosto dele.

— Daniel, preste atenção: o melhor momento para vasculharmos esta sala é quando a visitação se inicia. Se chegarmos primeiro e corrermos diretamente para c a, teremos tempo suficiente antes que os turistas apareçam.

  princípio, Daniel não cedeu. Algo dentro do seu corpo fervilhava. Era capaz de agarrar-se àqueles móveis e deixar os p s se enraizarem no solo, impedindo-o de sair enquanto uma resposta definitiva não fosse dada. Porém, não demorou para cair em si. Pessoas transitavam pela sala a todo instante. Turistas. Seguranças. Funcionários da limpeza. O que mais podia fazer? Inspirou fundo e compreendeu a justificativa de Paola. Arrumar confusão com algum órgão público capaz de deport -lo de volta seria, neste instante, um desastre.

Paola conferiu o relógio.

— Preciso voltar para a hospedaria! Gino deve estar me aguardando.

  contragosto, Daniel deu meia-volta. Caminharam em direção   saída, pelo pátio interno do Palácio, que parecia maior. O cansaço atingia o seu corpo violentamente, como se dissesse que seria permitido apenas andar até a hospedaria, colocar os pertences de Nilla de volta às malas e nada mais.

Ele virou o rosto e deu a última olhada. Perguntou:

— Amanhã, na primeira hora?

— No primeiro minuto — respondeu ela.



## Capítulo 26

O Entregador leu a placa na entrada, que dizia: “Black Crow, um restaurante para a América contemporânea.” Ele avançava até a porta quando um dos seguranças bloqueou a passagem, numa posição firme de braços cruzados. O Entregador desceu os óculos escuros até a ponta do nariz. Os dois exibiam grandeza e musculatura equivalentes, mas mesmo que o sujeito fosse maior, ele não se intimidaria. Poderia destruí-lo com facilidade, mas, por ora, nada de violência. Bastava emitir duas palavras simples que, proferidas da maneira como fez, tomaram proporções monstruosas:

— Senador Carrey.

O segurança manteve o corpo rígido por alguns instantes. Então recuou e abriu a porta para ele enquanto trancava os maxilares com extrema força.

O Entregador entrou, sorrindo.

O lugar chamava tanta atenção dentro quanto fora. Já havia visitado outros restaurantes como aquele, não passavam de uma cova luxuosa de demônios. A única diferença é que Black Crow ficava em Washington, D.C., a capital da nação americana, e era a primeira vez que ele pisava na cidade.

Ao olhar para a direita, identificou o maître, um homem de corpo esguio e alto. O cabelo esticado para trás destacava o nariz e pomo de adão contundentes; a coluna tão ereta que parecia ter sido aparada com uma régua. Ao vê-lo, o homem caminhou em sua direção, medindo-o de cima para baixo, como se usasse visão de Raio-X. Parecia que tinha atravessado todo o Grand Canyon a pé antes de pisar ali, e não seria convidado sequer para o piano bar.

O homem chegou com a testa franzida.

— Veja bem, se veio em busca de um emprego, posso lhe dizer que este não é o momento mais adequado. Normalmente não realizamos

entrevistas sem hora marcada. E, principalmente, *sem indicações*.

O Entregador permaneceu onde estava. Rugas incisivas expressaram-se por trás dos óculos escuros.

O maître voltou a falar, com o dedo em riste:

— Obviamente, não quer me dar ouvidos. Se vai nos causar problemas, serei forçado a chamar...

Num gesto abrupto, o Entregador segurou o dedo que o homem lhe apontava e torceu-o para o lado, quase estourando a falange média. Em segundos, os olhos do maître lacrimejaram de dor. Então, ele deu a ordem:

— Leve-me ao senador Carrey.

O maître fitou-o com o corpo envergado. As pálpebras tremiam, implorando para que o estranho não girasse o pulso. Então o Entregador soltou o dedo antes de causar uma fissura completa.

O homem esguiu consertou o equilíbrio da coluna, aliviado por ter sua mão poupada. As palavras quase não saíram:

— O senador... ele está em um espaço reservado... a quem devo anunciar?

O Entregador não respondeu. O maître, então, decidiu levá-lo até o local antes que ele promovesse um novo estrago em alguma parte do seu corpo. O pavor escapulia-lhe pelos olhos.

— Queira me acompanhar, por gentileza... — murmurou, enquanto dava os primeiros passos.

O Entregador seguiu-o pelo meio do salão abarrotado, chamando a atenção dos homens e mulheres que olhavam-no com repugnância. Os dois caminharam até uma das mesas ao fundo, próximo a varanda. Ele se admirou com a vista, mas não tanto quanto a louça fina e reluzente sobre a mesa ou a mulher de curvas generosas que acompanhava o homem gordo como um urso. Senador Carrey desfrutava da presença dela e de uma dispendiosa garrafa de

vinho. Assim que percebeu a aproximação do Entregador, limpou a boca com o guardanapo e fez um movimento afoito com a mão para que a mulher saísse de perto naquele instante. Ela se levantou e caminhou silenciosamente em direção a varanda.

O Entregador conferiu o quadril que sobressaía por dentro do vestido justo e elegante.

— Você! — disse Carrey, tomando-lhe a atenção. — Sente-se, por favor.

O Entregador desabou o corpo na cadeira enquanto o maître afastava-se rapidamente. Pegou a taça da mulher e jogou o resto de água no chão. Encheu-a de vinho e bebeu de uma só tacada.

Carrey examinou o gesto, sem recriminar. Nada mais tinha importância. Havia chegado o *seu* momento.

— Onde está? — perguntou Carrey.

O Entregador buscou um embrulho retangular da jaqueta. Colocou-o em cima do pano da mesa e deslizou-o na direção do político. Viu os olhos dele se arregalarem como os de uma cadela no cio.

*Divirta-se, idiota!*

Sem demorar, Carrey retirou uma folha de cheque da carteira e preencheu com uma quantia sustentável. Ao recebê-lo, o Entregador conferiu o valor e dobrou o papel, acomodando-o no bolso. Deu um sorriso rápido, sem desgrudar os lábios. Poderia se esforçar um pouco mais, mas ser sociável não fazia parte do negócio. No final das contas, não importava o homem ou o que significava para a política daquele país. Aquelas tolices não o influenciavam. Empenhava-se apenas em fazer as entregas, e fazê-las perfeitamente, sem aproximar-se muito dos receptadores. Só valia a pena o que as entregas representavam em termos de recompensa, é claro. Uma boa quantia no banco e todas as despesas pagas; viagens para os cinco

continentes; e, porque não dizer, os olhares de satisfação daqueles tolos convencidos.

Não poderia ter escolhido profissão melhor!

O Entregador encheu outra taça de vinho e bebeu novamente. Levantou-se fazendo um cumprimento formal para o homem à mesa. Depois, seguiu em direção a saída. De soslaio, viu que o maître fitava-o aterrorizado, certamente torcendo para que fosse embora dali o mais breve possível.

Senador Carrey não podia mais domar o êxtase. Nada tinha mais urgência naquele momento. Levantou o enorme corpo da mesa e recolheu os pertences, acomodando o pacote no bolso do casaco. Fez uma rápida conta na cabeça e deixou dinheiro suficiente para pagar os dois prazeres — o jantar e a mulher, que ainda congelava de frio na varanda.

Ao dirigir-se para a porta, riu da situação da prostituta. Que ironia! Teria sido sua companhia para o resto da noite, mas tinha sido trocada por um objeto. A visão ridícula que tinha dela tremendo do lado de fora acabou tornando-se um bônus.

Chegou apressado até a calçada. Esperou até que sua BMW fosse trazida por um dos manobristas da casa. Impaciente com a demora, lançou um olhar furioso para o rapaz.

— Vou fazer com que o despeçam, seu idiota!

Tomou as chaves da mão paralisada do manobrista e deu partida no carro, colando a barriga no volante. Saiu com os pneus cantando sobre a fina camada úmida do asfalto. Dirigia como um adolescente, com os vidros embaçados pela sua respiração ofegante. E em poucos minutos, o carro atravessava os portões de sua mansão.

Carrey irrompeu a enorme sala com passos largos e pesados sobre o piso de mármore. Subiu as escadas, deparando-se com a porta de um dos cômodos. Entrou e passou a chave, selando o ambiente. Finalmente, seu escritório particular!

Tirou o embrulho e jogou o casaco em cima da mesa. Num ritual quase indulgente, rasgou o papel que revestia o pacote e revelou o objeto retangular que recebera do visitante. *Uma fita de vídeo*. Simples, preta, sem nenhum rótulo, marcação ou algo que a distinguisse das demais. Uma fita VHS, quase obsoleta.

Dirigiu-se para o aparato tecnológico encaixado na estante. Sentia o ar entrando e saindo em sobressaltos dos pulmões, muito mais pela ansiedade do que pela obesidade. Colocou a fita dentro do aparelho de vídeo e apertou o PLAY. Chuviscos preencheram a tela do televisor, como uma fita virgem.

Carrey se preocupou.

Não podia ter sido enganado, aquilo não aconteceria em hipótese alguma! A primeira informação dizia que quando o Entregador o visitasse, não se arrependeria. Tudo se deu da forma mais sigilosa possível, desde que soube que existia aquele tipo de mercado, inscrevendo-se no círculo restrito de pessoas que receberiam a encomenda. Mas se não tinha a menor ideia de como era o rosto do responsável, que diria do Entregador?

*Se alguém estiver brincando comigo, vai perder muito mais do que imagina!*

Carrey apertou o botão de avançar e a fita correu rapidamente. Pensou nos meses em que ficou aguardando por aquele dia e a aflição que sentia só de pensar que seria flagrado pelo Entregador a qualquer momento.

De repente, a fita começou a revelar o conteúdo.

Apertou o PLAY novamente. Ao ver o início da cena, exibiu um largo sorriso, poderoso e inundado de insensatez.

Carrey recostou as costas largas na cadeira e desabotoou o primeiro botão da camisa. Depois aguardou pelos prazeres que a fita proporcionaria a partir daquele instante.

## Capítulo 27

A Fantocceria era apenas um exemplo das inúmeras lojas facilmente encontradas em Veneza: antiga, minúscula e com cristais de Murano coloridos transbordando pelos quatro cantos.

Benedicto Friuli tirou os óculos e deixou-os cair pendurados no peito. Sentado nos fundos do estabelecimento, avaliava que estava na hora de ir. Avistou a filha Valentina, de 23 anos, com a cabeleira ruiva e pele alva como a mãe, conferindo de pé o fechamento do caixa. Ela mostrava aparente dificuldade, muito em razão do dia que havia sido proveitoso. Em época de *carnevale*, uma quantidade enorme de turistas passava pelo estabelecimento, fazendo com que fechassem além do horário normal, e não havia nada de ruim nisso.

Ele se levantou, indo ao encontro dela.

— Deixe-me ajudá-la.

Valentina até aceitaria o auxílio, mas depois que conferiu o cansaço explícito no rosto do pai, recusou.

— Não se preocupe, está tudo sobre controle.

Benedicto guardava as melhores falas para momentos como aquele.

— Não há mais nada que um velho artesão possa fazer além de limpar mercadorias e passar os dias vendo a filha embrulhar souvenirs de cristal?

Valentina sorriu.

— Provavelmente, mais do que o senhor pensa. Embora, há de convir comigo, seu dom divino de fazê-los sempre superou em muito qualquer outra tarefa que lhe tenha sido designada.

Benedicto esfregou a mão nas costas da filha, agradecendo as palavras. Os dedos trementes lembravam que não havia mais espaço para sonhar com nada daquilo. Nenhuma saudade superava a de produzir vasos, jarras, copos, bibelôs, enfim, tudo que estava à volta, utilizando-se da arte

secular que somente os artesãos da ilha de Murano eram capazes de produzir. Porém, sessenta e seis anos bastavam para sentir-se o homem mais velho do mundo. Havia passado mais de cinquenta criando souvenirs como aqueles, até que as suas mãos, sem menor aviso prévio, decidiram tomar decisões por si mesmas, tornando-se desobedientes. Ainda assim, ele ocupava grande parte dos dias sentado na loja, passando tempo, e ali permanecendo até a hora de fechar.

Ele conferiu as horas. Olhou para o caderno e os papéis espalhados pelo balcão. Valentina teria trabalho para finalizar as contas.

— Não podemos deixar para amanhã? Já se passou muito do horário de fechamento da loja.

— Realmente — explicou ela, libertando a caneta para ajeitar a gola embrulhada no pescoço do pai —, mas amanhã será outro dia de bom movimento, melhor que hoje. Não gostaria de dormir pensando que deixei toda essa papelada de lado.

— Você e sua mania de perfeição, igualzinho a sua mãe!

— Por falar nela, que tal o senhor ir na frente? Sabemos como fica preocupada nesses dias de *carnevale*.

O homem tornou a apoiar os óculos no nariz. Conferiu o mundo exterior pela janela, olhando por cima dos cristais expostos em pequenos pedestais de acrílico.

— Está escuro lá fora e voltou a chover. Esperarei por você.

Valentina expeliu o ar dos pulmões.

— Pai...

Ele ouviu em silêncio a sofreguidão da *ragazza*. Decidiu não contestar. Sua casa ficava a menos de dois quarteirões e Valentina sempre se sentiu segura em permanecer sozinha na loja, como em tantas outras oportunidades. Concordou e vestiu o casaco. Logo em seguida, colocou a



boina preta sobre a cabeça. Ela o acompanhou até a porta, destrancando-a e abrindo para que passasse. Mas antes de continuar, Benedicto sentiu-se na obrigação de insistir pela última vez:

— Tem certeza?

Valentina fez que sim e beijou seu rosto.

Assim que saiu, Benedicto tropeçou em uma caixa largada na porta, quase caindo estatelado no chão.

— O que é isso? — esbravejou, buscando o objeto molhado. — O *Ufficio Postale* não tem mais hora para entregar encomendas? Deixar desta forma, sem comunicar? Será que não observaram que estávamos dentro da loja?

— Deixe-me ver — respondeu Valentina, pegando a caixa e conferindo a leveza. Estava embalada com um papel verde, sem escritas e sem o *francobolli*, o selo italiano. — Não me parece ser deles. As caixas de correios comuns que chegam são vermelhas. Azuis, quando expressas. Esta é diferente, outra pessoa deve tê-la deixado aqui.

— Abra-a — disse Benedicto, já bastante molhado pela chuva.

Valentina deixou os ombros caírem e a caixa pender para baixo.

— Pai, isso sim, pode ser deixado para amanhã.

Benedicto pestanejou, sabendo aonde aquilo ia parar. “Veja, está ficando todo encharcado. Vá logo antes que adoeça!”. Os pais cuidam dos filhos e logo eles estão dando ordens, invertendo a ordem natural da criação. Quisera ele ter tratado o pai desta maneira para ver o que acontecia! Contudo, aquilo era pouco para iniciar uma discussão, e a filha só prezava pelo seu bem-estar. Uma caixa deixada na porta? Qual era a urgência? Valentina tinha razão, e não lhe restava outra coisa senão obedecê-la. Na verdade, ele desejava muito ir para casa. Mas não sem erguer os braços e

agitá-los em sinal de protesto enquanto afastava-se pela *fondamenta*. Deveria que ser o último a dar uma ordem, e passou o recado de longe:

— Não demore!

Valentina trancou-se novamente e retornou para o balcão. Colocou a caixa de lado enquanto buscava as contas que havia feito no caderno. Mas a esta altura, mesmo que não houvesse comunicado seu pai, a sua mente pendia para o cansaço, e a coluna já não se mostrava tão firme. E o que dizer da garganta irritada, de tanto que conversara com os clientes.

Pingos d'água escorriam pela superfície da caixa, chamando a atenção por serem as únicas coisas que se movimentavam no local além dela. Valentina observou melhor. O papel verde estava suficientemente molhado para pensar que algo poderia estragar caso a água atravessasse o papelão.

Decidiu abrir e salvar o que tinha dentro. Rasgou o invólucro. Viu uma caixa comum, quadrada, um pouco maior que uma caixa de sapatos, lisa de ponta a ponta. Retirou a tampa e notou uma quantidade considerável de cubos de isopor. Subtraiu vários deles até encontrar um objeto dentro.

Uma *maschera* feminina.

Valentina estranhou. Era bem produzida, cravejada de cristais. Diferente das que se viam espalhadas pela cidade, em lojas simples ou barracas. Em contrapartida, não levava a assinatura do artesão, como faziam os homens mais experientes para diferenciá-las das confeccionadas nos mercados indiano e chinês.

*Quem me enviaria uma maschera nobile?*

Voltou a atenção para o interior da caixa, procurando alguma identificação. Notou um papel jogado lá dentro, misturado com o resto do isopor. Pegou e abriu. Um papel marmoreado fazia a vez de bilhete. Então

ela prestou atenção nas frases curtas pintadas de nanquim e com letras de escriba no centro da folha:

*Quando alla notte il cielo fà onore alla tua bellezza  
Il desiderio più profondo uno sguardo taglierà  
Nel canto delicato del nido, una vita nascerà  
Gentile gioventù, per il tuo sogno partirò*

Quando o céu honra tua beleza à noite  
O anseio mais profuso um olhar desbastará  
No canto mais delicado do ninho, asas crescerão  
Bondosa juventude, para o sonho teu, partirei

Valentina, enfim, achou tudo muito espirituoso. *Um admirador secreto?*

Imaginou que talvez fosse alguém que apreciasse seus trejeitos comuns, que quisesse fazer brilhar e conquistar seu coração acalmado com versos emocionados. Talvez esse mesmo admirador estivesse encarnando o singular espírito de Giacomo Casanova, o grande libertino e conquistador de damas italianas que fizera fama pelos canais venezianos na época da Inquisição. Sim, só podia ser isso! Ele havia deixado a assinatura de lado, pois sua timidez devia equivaler-se à grandeza daquele gesto platônico.

Ela leu a frase que vinha logo após:

*Spero che abbia azzeccato nella misura*

Espero ter acertado no tamanho

Sem demorar, levou a *maschera* até a face, para conferir se o admirável sedutor a conhecia suficientemente para fazê-la fiel ao seu rosto.

Foi quando ela reparou algo errado.

Um forte odor invadiu o nariz com tanta agressividade que seu corpo pesou como uma marionete que tem as cordas cortadas abruptamente.

E antes mesmo de chegar ao chão, ela já havia desacordado.

## Capítulo 28

No dia seguinte, o ruído do telefone destruiu o sono de Pacino como um raio caindo em uma árvore. Teve a péssima sensação de ter sido arrancado às pressas de um lugar onde só reinava paz e conforto. Inclinou-se em busca do celular, orientando-se pela campainha irritante. Olhou para o visor e identificou o telefone da *questura*.

Um telefonema àquela hora? Não podia indicar coisa boa.

— *Pronto?* — disse, sofrendo com o gosto amargo na boca.

— *Buongiorno, investigatore Pacino.*

Reconheceu a voz da atendente plantonista. Olhou em direção a janela. Nem havia clareado direito.

— O que foi?

— Recebemos uma ligação. Um desaparecimento.

Pacino sentou-se na cama com esforço. Seu pé esbarrou em uma garrafa vazia que rolou até o outro canto do quarto. Sentiu vontade de perguntar se havia outro *investigatore* disponível, mas seria estupidez. Depois de Barbara, todos na *questura* sabiam quem seria o primeiro a ser convocado, caso acontecesse qualquer crime daquela natureza na cidade.

A mulher se adiantou:

— Nós identificamos a chamada. O telefonema partiu de um estabelecimento chamado Fantocceria.

— Qual foi o horário da ligação?

— Minutos atrás.

— E quem entrou em contato?

— Benedicto Friuli, o proprietário. Quer o endereço?

— Um minuto, por favor.

Pacino levantou-se de forma atabalhoada, sentindo as pernas vacilarem por conta da nova ressaca. O corpo demoraria a anular todos os

efeitos da bebedeira da noite anterior, mas agora não se daria ao luxo de esperar. Só então percebeu que vestia o terno de trabalho. Havia apagado sem trocar a roupa. *Cada vez pior!* Ao menos encontrou caneta e papel dentro do bolso, e anotou o endereço com garranchos.

— Quando a vítima foi vista pela última vez? — perguntou.

— Ontem à noite, pelo próprio Benedicto, em seu estabelecimento. Já deslocamos alguns homens para o local a fim de preservar o ambiente.

Era pouco tempo. Deveriam aguardar no mínimo quarenta e oito horas, o padrão internacional da polícia para declarar uma pessoa desaparecida. Mas a mulher na linha certamente sabia disso e não ligaria se não fosse por um *bom* motivo, e podia imaginar qual era.

Buscou coragem para fazer a pergunta:

— Qual é a descrição da vítima?

— Mulher caucasiana, solteira, 23 anos de idade. Valentina Friuli, filha do proprietário.

Pacino apoiou o cotovelo no joelho e comprimiu a testa. O quarto escureceu e demorou um pouco até retomar o foco.

O telefonema deixara de ser apenas desagradável; transformara-se num golpe duro nas suas entranhas. O que mais temia estava acontecendo. *Outra ragazza!* A mente nem havia processado tudo que Pietro conseguira descobrir sobre filmes snuff e já tinha que entrar em ação. Os dois haviam passado horas demais na frente de um computador, procurando respostas sobre o assunto. E como ele desejava não ter escutado nada daquilo! Se fosse verdade, se realmente existia um comércio daquele tipo em Veneza, seria a coisa mais sórdida que tivera conhecimento em toda a carreira. Pior que isso: um verdadeiro desastre para o turismo.

Desconfiando que seria incapaz de resolver tudo sozinho, solicitou:

— Preciso de um perito no local. Quero que esteja lá antes de mim. —  
Desligou em seguida.

Pacino esperou o coração dar partida. Depois pegou o casaco e vazou pela porta.

Trocar de roupa era a única coisa com a qual não se preocuparia naquele dia.

## Capítulo 29

Assim que Daniel desceu as escadas, viu que Paola esperava de prontidão no saguão principal. Atrás do balcão, nenhum sinal de Gino; apenas um rapaz negro com crachá no peito montava guarda.

Ela reagiu com espanto ao ver o cabelo desarrumado e os olhos profundos de Daniel.

— *Dio mio*, o que houve? Seu aspecto é péssimo!

— Nem me fale.

— Insônia?

Daniel aquiesceu. Não havia como disfarçar, nem que quisesse.

Na noite anterior, quando encostou a cabeça no travesseiro, já sabia que não conseguiria se desligar dos acontecimentos dos últimos dias. Não bastasse a angústia pela falta de notícias de Nilla, as imagens dos leões alados impregnaram os pensamentos com tanta força que foi impossível libertar a mente e adormecer. E cada vez que abria os olhos, lá estavam as malas Samsonite empinadas, assombrando-o silenciosamente em meio ao isolamento.

Uma noite péssima, mas que não tiraria sua determinação.

— Vamos! — disse ele.

Daniel partiu desta vez na frente de Paola, querendo afastar-se o mais rápido possível daquele quarto. Ela o seguiu, fazendo um nítido esforço para alcançar seus passos largos. Então ele diminuiu a velocidade para que ela conseguisse acompanhá-lo. Paola perguntou:

— Se realmente existe um objeto, já pensou no que pode ser?

A cota de palpites de Daniel estava no fim.

— A única coisa que me passa pela cabeça é a Nikon. Ou está com Nilla, ou ela deixou em algum lugar para que eu encontrasse. É uma das coisas mais importantes que ela possui. Talvez, a maior delas.



— Hmm.. Pode ser. Embora eu não acredite muito que ela tenha conseguido esconder uma câmera profissional naquela sala.

— Havia um móvel de madeira, não é?

— E como ela o abriria? Eles são trancados. Aquilo não é uma chapelaria, é uma sala cheia de antiguidades.

— E a lareira?

— O.k., seria uma possibilidade. — Paola ergueu os olhos para ele.

— Daniel, o que ela veio fazer em Veneza?

— Nilla foi encarregada de cobrir um show de ilusionismo para a editora na qual eu trabalho.

Ela deu um tapa de leve na testa.

— Claro! Não se fala de outra coisa na cidade... Lorenzo Oro — disse. — O show é amanhã à noite.

— Sei disso. Tenho que estar lá de qualquer jeito.

Paola hesitou.

— Acha que ela pode aparecer por lá?

— Não sei. Mas o que faria no meu lugar? Não podemos descartar nada. Marvin convocou Nilla por ser a pessoa mais próxima de Veneza. O único fato concreto que temos até agora é que ela desapareceu.

— Ou está escondida.

Daniel anuiu. É claro que havia a terceira hipótese — a pior delas —, todavia, nenhum dos dois fez questão de citá-la. Inevitavelmente, isso levou Paola a perguntar:

— Já pensou em comunicar as autoridades?

— E entregar todos os objetos que Nilla me encaminhou? De jeito nenhum. Não até esgotarmos todas as possibilidades.

— Tem razão. E havia um envelope com suas iniciais, parece que ela queria que cuidasse disso pessoalmente.

— Exato.

Paola deixou os olhos vagarem para longe.

— Daniel...

Ele fez sinal de que havia compreendido, sem deixá-la terminar a frase. O fato de uma hóspede ter desaparecido inesperadamente incomodava Paola, e talvez isso a impelisse em ajudá-lo. Por enquanto, queria manter as coisas do jeito que estavam, sem expor nada, nem ninguém.

Preferiu mudar de assunto:

— Pode me contar algo sobre o ilusionista?

Paola levantou uma sobrancelha.

— O que quer dizer com *algo*?

— Não sei, qualquer coisa.

— Como assim? Você não sabe *nada*?

Daniel balançou a cabeça.

— Marvin disse apenas que é um show como nunca se viu antes.

— Bem, eu diria que foram palavras bem escolhidas. Nunca se *viu* antes. — Ela sorriu. — Chega a ser espirituoso falar isso, se levarmos em conta a deficiência dele.

Daniel brecou o corpo. Segurou o braço de Paola para que ela também não avançasse.

— Espere aí! Você está me dizendo que o cara *não enxerga*?

Paola assentiu, rindo da sua expressão.

— O que foi? Não acredita em mim? — perguntou.

— Não é isso, é que parece uma coisa muito... *improvável*. Um ilusionista cego?

— Entendeu agora quando dizem que é o maior de todos? — Ela estalou os dedos e depois retomou a marcha. — Principalmente tendo nascido aqui em Veneza.

Daniel saiu da inércia e alcançou-a, ainda sem conseguir imaginar a cena.

— Certo. Você me deixou bastante curioso — disse ele.

— Não posso contar muito. Sei somente o que vi na mídia, um dos pouquíssimos documentários sobre ele na emissora RAI.

— O que dizia?

— Lorenzo sempre teve uma vida sofrida: infância pobre, problemas de visão aos quatro anos e a falta de tratamento especializado. Aos seis, já havia perdido o sentido. Aos nove, ficou órfão. Daí em diante, tornou-se um exemplo de superação, desses que diferenciam uma pessoa em cada milhão no mundo. Principalmente por se tornar um ilusionista. “O” ilusionista.

— Mas se Lorenzo Oro é um artista veneziano, por que tanto burburinho? — perguntou ele. — Já devem estar cansados de assisti-lo.

Paola respondeu de prontidão:

— Nem tanto. Lorenzo não se apresenta na cidade há mais ou menos cinco anos. Desde a última turnê, passou por um período de reclusão, morando em algumas partes do mundo. Desta vez, retornou para uma apresentação gratuita na Praça de São Marcos. Dizem que proporcionará um novo truque. Inesquecível, sem explicações!

Daniel achou graça com o ímpeto de Paola.

— Sou bastante cético em relação a isso. A não ser que seja quase um milagre, será difícil me surpreender.

— Quer apostar? Se você o conhecesse, acreditaria em mim.

Daniel refletiu um pouco sobre o assunto, sem se mostrar plenamente convencido. Depois disse:

— Reconheço que não sou frequentador de shows de ilusionismo. Na verdade, não é uma arte que me atrai muito. Mesmo assim, eu já deveria ter ouvido falar dele.

— Bem, quanto a isso, não sei explicar... Lorenzo Oro alcançou uma carreira meteórica, enriquecendo rapidamente. É adorado por toda a Itália e em muitos outros lugares, mas parece ser totalmente avesso a mídia. Talvez não tenha chegado o momento de conquistar outros palcos.

— É difícil imaginar um artista desta categoria completamente cego. Mesmo com toda parafernália tecnológica, tem a movimentação no palco, a interpretação e todo o contexto gestual.

Paola sorriu novamente.

— Espere até amanhã e verá com seus próprios olhos.

Daniel avaliou o tom de voz de Paola. Lorenzo Oro tinha status de celebridade para o povo veneziano, certamente pelo fato de ter nascido na cidade e por toda a mística que envolvia seu nome. Então preferiu não prolongar o assunto. Se antes já pensava em estar lá, agora via com interesse a hipótese. E finalmente compreendia a importância de Nilla estar em Veneza cobrindo a matéria; essa era uma história, no mínimo, intrigante.

Daniel passou a se concentrar em chegar rapidamente no Palácio dos Doges. Passaram por tantas pontes que se sentiu perdido. Paola disse “por aqui” algumas vezes. Ele via placas amarelas no alto das paredes que apontavam para a Praça de São Marcos e em outras direções. Turistas começavam a surgir por todo canto.

De repente, deram de cara com uma estranha movimentação.

— O que é isso? — perguntou Daniel.

— *Carabinieri!* Deve ter acontecido algo. Quer parar para ver?

— Melhor não. Temos que chegar logo ao Palácio.

Paola olhou para o relógio.

— Ainda há tempo. Venha.

Um grupo pequeno de policiais trajando roupas pretas com listras amarelas reunia-se na *fondamenta*, em frente a uma pequena loja. A presença

de *espressi* em copos de papel dava um contexto tranquilo à cena. Por causa disso, Daniel já estava desistindo de ficar ali, quando um deles saiu de frente da porta. Então Daniel observou melhor: a fechadura havia sido arrombada.

Não tinha jeito. Em qualquer lugar do mundo, aquilo confessava...  
Um crime havia sido cometido.

## Capítulo 30

Daniel apontou para a fechadura quebrada. Paola aquiesceu, o que fez ele compreender que ela já estava ciente. Ambos concordavam que havia algo errado. Ele fixou os olhos nos dois policiais que cercavam a entrada da loja. Um terceiro oficial pedia às pessoas que trafegavam pela *fondamenta* que continuassem seguindo em frente.

— Espere aqui, vou ver o que está acontecendo — disse Paola.

— Não quer que eu a acompanhe? — sugeriu Daniel.

Ela balançou a cabeça.

— Acredito que os *carabinieri* desejam apenas desviar a atenção dos turistas. Conheço um dos *ragazzi*. Ele estudou com Gino, era amigo de infância. Vou perguntar a ele.

— Acha que ele vai responder?

— Não se preocupe, deve ter sido uma invasão. Vai ver furtaram algumas coisas, nada além disso.

— Não sei — desconfiou Daniel. — Parece ter sido algo mais sério.

— Pode ser, mas só saberemos daqui a alguns instantes. É melhor você ficar aqui na esquina enquanto consigo informações. Tentarei me aproximar sem que o outro *carabiniere* me veja.

Paola atravessou a ponte e caminhou de forma dissimulada — para não dizer quase sorrateiramente — até os dois policiais que estavam na porta. De onde estava, Daniel precisava expor uma parte de seu corpo para ter uma visão melhor da entrada. Esticou o pescoço e especulou o interior do estabelecimento pela porta semiaberta. Viu mais dois homens, apenas um deles uniformizado como os de fora, agachado próximo ao chão. O outro, de pé, vestia terno e casaco pretos.

Daniel forçou a vista, pois tinha pouca luz no interior da loja, sem contar que ela era pequena demais. Teve uma ideia. Optou por sacar a

máquina fotográfica, ajustar o zoom e tentar ver com mais clareza através dela.

Foi quando percebeu que os homens não estavam sozinhos.

Desabada sobre uma cadeira, uma senhora chorava compulsivamente. Um senhor de idade similar a confortava. O marido, talvez.

A tristeza imperava ali dentro, e Daniel sentiu um calafrio.

*Um simples furto? Quem dera!*

Começou a tirar fotos do interior da loja, focalizando o policial agachado. O ângulo era ruim, mas suficiente. Não sabia direito porque fazia aquilo, contudo, algo o impelia, talvez sua veia jornalística. Voltou a atenção para Paola. Como ela previra, um dos policiais a reconheceu. O rapaz juntou o quepe ao peito e cumprimentou-a.

Paola começou a soltar frases. Daquela distância, Daniel não conseguia escutar nada. Chegou a tentar uma leitura labial, mas logo viu que seria inútil. Tinha bom conhecimento da língua, mas nem tanto. Limitou-se a observar os gestos dos dois. O guarda balançava negativamente a cabeça, como se nada tivesse a comentar. Mas Paola parecia decidida: repetia frases e agitava as mãos para ele, com tanta insistência que Daniel presumia que ela mal tinha tempo de respirar.

Já havia visto aquele olhar quando ela se plantou na porta do quarto. Teimosa. Terrivelmente teimosa.

Então o rapaz finalmente se rendeu.

Ambos se distanciaram da porta e dos outros oficiais. Ele murmurou frases para Paola. Ela deixou de gesticular as mãos e iniciou uma sessão de movimentos rápidos com a cabeça, de cima para baixo. Compreendia tudo. Porém, a cada palavra expelida pelo guarda, o movimento ia cedendo e seu semblante se fechando.

*Nada bom.*

Num descuido, Daniel quase cruzou o olhar com o terceiro guarda. Esquivou-se atrás da esquina, contou alguns segundos e voltou a observar. Quando o fez, Paola já retornava apressadamente pela ponte, trazendo consigo o rosto pálido.

— Vamos sair daqui — disse ela.

— Por quê?

— Vou lhe contar, venha.

Daniel não se mexeu. Um desejo estranho parecia enclausurar a atenção para a cena, como se dissesse que ele tinha a ver — e muito — com aquilo. Estava tão determinado a ficar que mal dava atenção aos apelos de Paola. Mas por que se sentia assim, estático? Talvez porque não acreditasse tanto em coincidências. Às vezes, os sinais são tão claros, tão consumados, que a mente é incapaz de enxergá-los, de perceber o que o destino é capaz de aprontar.

Fitou os olhos de Paola, profundos. Ela queria escapular logo dali. Então pensou se estava sendo justo com a garota e acabou fazendo o mesmo que o policial: cedeu, concordando em ir embora. Mas antes que Paola conseguisse puxar seu braço como fizera no dia anterior, ele colocou a câmera pela última vez à frente dos olhos e tirou outra foto do lugar, como um turista insistente, que registra todas as recordações até o derradeiro instante.

E foi então que percebeu a besteira que havia cometido.



## Capítulo 31

Pacino recebia a ajuda de Maurizio, o técnico de criminalística, enquanto analisava a Fantocceria com cuidado. Os dois haviam se movido pelos quatro cantos da loja, revirando tudo a sua volta: prateleiras, mesas, gavetas, vidros, pastas e o que mais encontraram. Por vezes, Pacino sentia-se um pouco tonto e tinha que parar. Parar e respirar. Ainda, o efeito da bebida. Desistiu e ficou de pé, observando Maurizio caçar provas periciais pelo chão da loja. Ele já havia terminado com a porta e, como procurar impressões em maçanetas nunca era uma boa ideia, limitou-se a tentar descobrir de que maneira a fechadura fora forçada e destruída. Para isso, um bocado de fotos seriam levadas ao laboratório.

Pacino agradecia aos céus que desta vez havia outro profissional designado para a tarefa. Mas a demora preocupava tanto quanto os *carabinieri* do lado de fora chamando a atenção. Pior do que isso, só o estado da velha *signora* na cadeira próxima, sendo consolada pelo marido Benedicto. O choro tomava conta da loja, exacerbando os ouvidos de Pacino como sinos de igreja. Mesmo quando indagou a Benedicto Friulli o que havia acontecido na noite anterior, o lamento dela praticamente não cedeu. Houve somente um instante de pausa quando todos ouviram o homem comentar sobre a caixa abandonada na porta.

O mesmo *modus operandi*.

De acordo com Benedicto, aparentemente nenhum objeto da loja havia desaparecido. As contas ficaram espalhadas em cima do balcão, e pelas anotações, podia ver que o trabalho não fora concluído a tempo.

Foi sorte o velho ter ido embora antes. Sabe-se lá o que aconteceria se tivesse permanecido ou saído junto com a filha. Naquela idade e com as mãos vacilantes, ele não ofereceria a mínima resistência. Ao menos restava

alguém para consolar uma velha *signora* desta vez, ao contrário da mãe de Barbara, embora a tarefa não parecesse fácil.

Nada fácil, mesmo.

— *Investigatore*, veja.

Maurizio chamou sua atenção. Pacino se agachou. Perto do balcão, havia uma pequena quantidade de pó branco no assoalho.

Pacino esperou Maurizio recolher a amostra. Depois, tirou as luvas de borracha do bolso e tocou o pó. Esfregou-o junto às narinas, mas o efeito foi quase nulo. O nariz ainda estava impregnado pelo odor da bebida. Então tocou de leve o dedo indicador na língua, torcendo para que esta estivesse fora do contexto. E deu certo.

Pacino nem precisava esperar pela resposta da análise, pois sabia exatamente do que se tratava...

— Gesso — disse ele.

O pó no chão poderia significar diversas coisas. Mas por sorte, tinha assistido a gravação no *bacari* de Giotto. Sendo assim, só restava uma conclusão a tirar: alguém havia deixado cair uma *maschera* no chão.

Mas havia algo errado. Uma *maschera nobile* não se destruiria tão facilmente, a não ser que pisassem nela, ou... que caíssem *junto* com ela. Daí a razão de terem encontrado somente vestígios de pó. O objeto se espatifara, sem dúvida. E esse alguém que caíra só poderia indicar uma pessoa...

A jovem Valentina Friuli.

Pacino esfregou os olhos, cada vez mais desconfortável com a situação. Assim como no primeiro caso, não havia marcas de combate. Todos os objetos estavam intactos — algo significativo, por se tratar de uma loja cheia de cristais murano. Maurizio não havia distinguido nenhum arranhão anormal no piso ou marcas de sangue, embora esta segunda opção só fosse realmente conclusiva depois que borrifasse reagentes químicos pelo

local. Entretanto, achava difícil que o sequestrador perdesse tempo limpando o chão, em razão da pressa.

*Então como ele...?*

De repente, seu pensamento foi interrompido. Pacino se levantou tão rapidamente que a tontura quase o jogou de volta para o chão. Pela porta semiaberta, viu o reflexo de algo sendo apontado em direção a Fantocceria. Quase sacou a arma quando notou que era uma câmera fotográfica.

Alguém tirava fotos.

*Merda! Isso não!*

Sem perder tempo, saiu em disparada para fora da loja.

## Capítulo 32

Daniel teve um sobressalto ao ver o homem correndo em sua direção. Fez um movimento tão rápido entre o bolso da jaqueta e a máquina fotográfica que Paola nem percebeu. Quando Pacino chegou até eles, esbravejou:

— Quem são vocês?

Ambos ignoraram a pergunta.

Pacino mirou a máquina. Arrancou-a sem pudor das mãos de Daniel, antes que ele conseguisse protegê-la.

— Espere! O que está fazendo?

Pacino virou a câmera ao contrário e abriu a tampa. Arrancou o cartão de memória e atirou-o dentro do canal. Depois devolveu a máquina fotográfica, quase cravando o objeto no abdômen de Daniel. Os outros policiais não mexeram um músculo.

— Saiam daqui — ordenou.

Daniel não se moveu.

Os dois se encararam a menos de um metro. Daniel podia jurar que sentia um cheiro de bebida sustentando-se no ar.

— Você acaba de arrumar um problema e tanto — disse.

— É mesmo? E qual é a piada?

— Que tal eu denunciá-lo?

Pacino sacou a identificação e quase esfregou na cara de Daniel.

— Então comece por este nome: Giuseppe Pacino.

Daniel não se surpreendeu com a atitude. *A costumeira austeridade da polícia!* Faltava apenas o homem ajeitar a arma no coldre para a cena ficar perfeita. Como repórter, tinha ciência que a relação entre jornalistas e policiais sempre estivera equilibrada em lâminas, mas fazia anos que não topava com um, e talvez não fosse uma boa ideia começar um entrave

justamente em Veneza. Só que o cérebro cansado nem sempre sugere as melhores ideias, e naquele instante, o sangue de Daniel fervia em um caldeirão de bravura.

O investigador continuava a encará-lo. Daniel estava prestes a incendiar a discussão quando Paola colocou as mãos em seu peito. Desta vez, antes que conseguisse se desvencilhar.

— Vamos embora — disse ela.

E Daniel finalmente deu razão aos ouvidos.

Daniel e Paola retomaram o caminho da Praça de São Marcos sem olhar para trás. Enquanto caminhava, ela comentou:

— A gravação de Nilla. Ele a destruiu.

Daniel se sentia desconfortável, mas não por causa daquilo. Olhou para ela e levantou um dos cantos da boca, como num meio sorriso. Paola, com certeza, não compreendia sua reação. Então ele retirou um cartão de memória do bolso e apontou-o para a jovem.

— Se fosse o cartão *certo*, estaria destruído — disse. — Agora, além da gravação, também temos as fotos. E pelo visto, elas são importantes.

— O que você fez? — perguntou, basicamente surpresa.

— Momentos antes da abordagem, troquei o cartão que possuía a filmagem de Nilla com o original da câmera, que trazia no bolso.

— Não acredito!

— Se aprendi uma coisa importante em todos estes anos de profissão, é como proteger as informações da melhor maneira possível — observou. — Mas conte-me, o que você descobriu com os policiais?

O rosto de Paola se fechou como um sinal de trânsito.

— Você tinha razão.

— Como assim?

— Aquilo lá atrás não foi um simples crime, como um furto.

— É preocupante?

Paola meneou a cabeça.

— Outra mulher desapareceu misteriosamente.

O sangue de Daniel congelou. O susto com o investigador não havia sido nada, se comparado com aquela resposta. *Outro desaparecimento?*

O sumiço de Nilla, cada vez mais, deixava de ser um fato isolado.

— Acho que estamos encrocados — declarou.

— Por quê?

— Paola.

— Não estou compreendo — insistiu ela.

— O que eu quero dizer, Paola, é que se os casos estão relacionados, a polícia *já está* envolvida... e nós, afundados na lama até o pescoço.

## Capítulo 33

— Vamos, saboreie seu chá — disse a mulher.

A bebida quente fumegava, com o vapor acariciando o rosto de Lorenzo Oro. Seus dedos encontraram a xícara e dois deles se enterraram na asa. Experimentou.

— Subestimamos o repórter — disse ele.

— Você realmente achou que ele não viria?

— Confesso que tive dúvidas — respondeu e fez uma pausa. — Onde está ela?

— Qual delas?

A voz veio do outro canto do cômodo. A mulher havia se movido.

— A nossa *ragazza*.

— Onde acha que ela está? E em que *estado*?

— Você deve ficar atenta, ela pode despertar a qualquer instante.

— Não se preocupe, Lorenzo, nada acontecerá agora — de longe a voz dela era tranquila, mas transformou-se dramaticamente quando chegou perto. — Não sei até quando suportarei. Não gostaria de ficar com toda a responsabilidade.

— Tenha paciência. Vamos resolver este problema logo.

— Eu sei. É que, às vezes, eu me sinto insegura. Nada pode dar errado, você sabe. Quanto à outra jovem...

— Não fale mais nada — interrompeu ele, levantando a mão.

Sem controle, seu corpo tremeu. Bebeu outro gole do chá, tentando disfarçar. Inutilmente.

— Lorenzo, está se sentindo bem?

— *Sì*, obrigado — respondeu.

— Você me diria se não estivesse, não é mesmo?

Ele anuiu. A voz dela soava gentil, preocupante. Ainda assim, o estômago de Lorenzo encolheu com a pergunta. Esconder a verdade fazia parte do seu negócio, mas não funcionava com ela. Também, como poderia? Ela estava ao seu lado o tempo todo. *Cuidava* dele o tempo todo. Ela era sempre tão presente, tão conectada, e ele, incapaz de conhecer o rosto dela. Pelo menos, não da maneira que todos o conheciam.

Encaixou a xícara no pires. Não fosse o tremor, seria capaz de fazê-lo com tanta perfeição que parecia saber exatamente onde ele estava. Perguntou:

— Quanto será que emagreci?

— Não se preocupe com isso. Você aparenta estar bem. Muito bem.

Silenciou-se. A dor se agravava a cada dia, como um balão inflando aos poucos. O remédio fazia cada vez menos efeito. Menos controle. Deveria render-se a um tratamento especializado, ao invés de tentar apenas administrar a dor. Ela gostaria disso. Já tinha comentado, insistido. Porém, havia tarefas mais importantes a serem cumpridas, e o tempo era um adversário bárbaro. Permitia que cuidassem de um assunto por vez.

*Ora, você não engana a todos? Faça o mesmo com a dor!*

Lorenzo escutou o barulho de uma cadeira sendo arrastada. A mulher se sentou ao seu lado. Ele gostaria de assistir aquele gesto, mas contentou-se apenas com o vapor do chá se dissolvendo próximo dos olhos.

— Bem, o que faremos? Continuamos com o plano? — perguntou ela.

— *Sì*. Você irá encontrá-lo ainda hoje.

— Não estamos nos arriscando demais?

Ele balançou a cabeça, certo que não.

— Pelo contrário, minha querida. A partir de agora, é que fica mais interessante.





## Capítulo 34

Daniel e Paola se esforçaram para serem os primeiros a entrar no Palácio. Adiantaram-se pelos corredores vazios até o piso de cima. Pé ante pé, atravessaram a Sala Grimani e chegaram ao mesmo ponto do dia anterior. Conforme presumiram, o local encontrava-se desocupado. Mas não ficaria assim por muito tempo.

— E então, por onde começamos? — sussurrou ela, com medo de que a voz ecoasse pelo corredor e chamasse a atenção de um segurança.

— Vamos nos separar. Comece pela lareira e não deixe de olhar cada espaço. Eu examinarei aqui.

— Certo.

Paola se enfiou por dentro das grades de ferro que cercavam a lareira. A cavidade onde normalmente se colocava a madeira estava ocupada por uma tora, apenas. Ela se agachou e olhou por baixo, mas não encontrou nada. Observou as frestas no interior da lareira: todas vazias. Passou para o nível de cima, onde havia um altar talhado com imagens da Virgem e dois anjos. Continuou procurando.

Enquanto fazia sua busca, Daniel colocava-se do lado oposto da sala, dando atenção aos pertences daquele canto.

As duas cadeiras pretas não possuíam espaços que servissem de esconderijos. Ele verificou a arca central. Trancada, como Paola antecipara. Tampouco apresentava sinais de que havia sido arrombada, então, tentar abri-la não seria uma boa ideia. E não havia nada atrás ou embaixo dela.

Ele passou a se concentrar nos quadros.

*Os leões alados de rostos humanos.*

As molduras douradas equilibravam-se em fios de aço presos a uma extensa faixa dourada próxima do teto. Provavelmente, os quadros eram bastante pesados.

Daniel correu os olhos por cada centímetro das imagens. Não encontrou sinal, marca ou qualquer coisa diferente, pelo menos que saltasse à vista.

Os minutos passavam depressa, e não teriam outra oportunidade tão cedo.

Então ele parou. Se fosse Nilla, qual escolheria?

Soltou em direção a Paola:

— Qual das imagens é a mais popular?

A jovem torceu o nariz para a palavra *popular*. Ela apontou para o quadro suspenso sobre a cadeira à direita do repórter e respondeu:

— Aquela. A de Vittore Carpaccio.

Daniel fixou-se nela. Realmente, a mais notável. As patas da frente firmavam-se no chão e as de trás na água, como se o maior símbolo veneziano impusesse seus domínios sobre a terra e o mar. Ele inclinou a cabeça e passou a olhar nas laterais, mas não havia nada. Talvez não fosse aquele quadro. Talvez, nem mesmo aquela sala. A possibilidade de terem deduzido errado era grande demais.

Estava por desistir, quando a frase repercutiu na mente: “Olhe para o outro lado”. Faria sentido?

Não teve dúvidas e subiu na arca.

Paola paralisou.

— *Dio mio!* Não acredito nisso! O que...?

Ele puxou cuidadosamente o quadro para frente. Tocava uma obra de valor inestimável, talvez uma das mais importantes de Veneza. Moveu-a até que a distância entre a moldura e a parede aumentasse. Pretendia virar o quadro do avesso, quando algo caiu por cima do móvel.

O coração acelerou quando percebeu o que era. Alguns segundos atrás, Daniel jamais imaginaria que fosse *aquilo*.

— Daniel! — chamou Paola. — Vem alguém aí!

Ele ouviu os passos vindos da sala ao lado. Escondeu o objeto dentro da jaqueta mostarda e desceu rapidamente do móvel para o chão.

Paola apontou para as marcas das solas dos sapatos em cima da madeira. Daniel puxou a manga da jaqueta e esfregou sobre o móvel, ao lado da plaquinha que avisava para não tocar.

A voz surgiu da porta da sala:

— Ei! O que vocês estão fazendo?

Daniel deu um salto para trás ao ver o segurança. Paola fez o mesmo, assustada. O homem pisou duro em direção a eles. Daniel já estava a ponto de tentar qualquer explicação, mas Paola foi mais rápida:

— Ainda bem que você apareceu!

O homem levantou uma das sobrancelhas. Daniel, as duas. Ela continuou:

— Deveriam cuidar melhor dessas preciosidades! Sabia que são pertences dos meus antepassados?

Tanto Daniel quanto o homem ficaram sem entender nada.

— *Famiglia Grimani?* — perguntou o segurança, surpreso.

— *Sì.* Trouxe um amigo de longe para visitar a sala. E, pasme, encontramos marcas de calçados sobre este móvel! — Ela abriu os braços para a arca. — Vândalos! Que vergonha.

Daniel concordou, quase por instinto. Não tinha ideia melhor. O segurança encolheu os ombros. Olhou para a madeira, atordoado.

— Verifique se não há arranhões na arca, ou farei uma reclamação pessoal para a Curadoria do Palácio. Se alguém arruinou um milímetro dessas pinturas, todos pagarão caro.

Provavelmente acuado, o homem sacou uma lanterna e começou a examinar cuidadosamente o local. Paola se colocou às costas dele, fazendo

sinal a Daniel para que se afastassem devagar.

Logo estavam fora da sala, caminhando em direção a saída, como fugitivos.

Ele olhou chocado para a companheira.

— Paola Grimani?!

Ela respondeu, com um sorriso ofegante:

— Quem me dera! Foi a única coisa que pude imaginar para o momento — e depois mudou de assunto: — Vamos, mostre-me logo. O que achou?

Daniel puxou o objeto de dentro do casaco e mostrou para ela. Um CD dentro de um invólucro de papel.

— Um disco óptico? — perguntou Paola.

— Uma mídia de gravação, fina o suficiente para caber naquele espaço.

— Mas como ninguém percebeu?

— Foi a primeira coisa que considerei, mas pense comigo... se tivéssemos chegado naquela sala como turistas comuns, estaríamos mais preocupados em observar a pintura ou o que estava atrás dela?

— Mesmo assim... como foi que descobriu?

Ele exibiu um ar confiante.

— Pressuponha o seguinte: se no Zippo tínhamos a imagem do leão alado no lado oposto aos círculos concêntricos, o que esperaríamos encontrar *do outro lado* das pinturas da Sala Grimani?

— Mas...

Paola sentiu-se confusa. Daniel retirou o disco do invólucro.

— O que isso te lembra?

Ela observou o objeto circular com um furo no meio.

— Claro! Círculos concêntricos!

Daniel concordou, expondo um sorriso triunfal.

— Exato. Percebi assim que caiu. Se havia um objeto escondido, só poderia ter uma forma bem semelhante à marcação que Nilla fez no mapa.

— O que será que tem gravado nele?

— Seja lá o que for, deve ser algo tão valioso que mereceu risco suficiente para ela estar naquele local. Imagino que Nilla teve um trabalho tão grande quanto o nosso para colocá-lo atrás daquele quadro.

— Isso me faz pensar... será que ela também recebeu ajuda de alguém?

Daniel abriu a boca para responder, mas fechou-a em seguida. Não havia pensado naquela possibilidade! Estaria outra pessoa auxiliando Nilla, assim como Paola o ajudava? Ou pior: alguém estaria se passando por ela, criando todo aquele elo de objetos e símbolos para levá-los até aquele ponto?

Neste caso, não podia pensar outra coisa...

*Uma armadilha?*

Afinal, nada fazia sentido. A mulher na gravação do cartão de memória era sua ex-mulher. Nilla olhava para ele, com a pele gelada e os olhos cheios de lágrimas. A voz dela chegava sôfrega aos seus ouvidos, lamentando-se pelos fatos do passado, gravados em sua mente como ferro em brasa.

Do lado de fora do Palácio, a Praça de São Marcos já estava apinhada de turistas. Os corredores do Palácio dos Doges não tardariam a ficar do mesmo jeito, e Daniel sentiu-se satisfeito pela missão cumprida.

Próximo a eles, um artista fantasiado e pintado de branco simulava uma estátua e se mexia cada vez que alguém colocava uma moeda no pote à sua frente.

Paola perguntou:

— Para onde vamos?

Daniel balançou o disco.

— Temos que examinar o conteúdo da mídia.

— No computador da hospedaria?

— É mais seguro no quarto. Eu trouxe meu Macbook, podemos utilizá-lo.

A jovem lançou um olhar intrigado.

— Você acha que virão mais surpresas com o que tem aí dentro?

— Infelizmente, presumo que elas apenas começaram. E do jeito que as coisas estão caminhando, não serão boas.

## Capítulo 35

Pacino cruzava o salão da *ufficio*, indo direto para a sua escrivaninha. Raramente parava para cumprimentar os outros ou desviava-se do caminho, especialmente em dias como aquele.

Percebeu que Pietro espichou o pescoço antes de levantar-se. Caminhou até ele, exibindo o olhar triunfal de um jogador de pôquer com um *full hand* nas mãos. Carregava o resultado do exame pericial feito no dia anterior. Depois, perguntou:

— Por onde quer começar?

— O papel marmoreado.

— Encontraram digitais de duas pessoas. Tiveram que utilizar ninidrina.

— O.k., solicite o reconhecimento por datiloscopia. Mas acho que sei a quem elas pertencem.

— Quem?

— Barbara e a *signora* Costanza, da lavanderia. As únicas que tocaram no papel — deduziu. — E os cubos de isopor?

— Nenhuma impressão. Pela quantidade de diesel que continham, seria um milagre. Na verdade, cubos de isopor são constituídos de superfícies altamente porosas. Mesmo sem o óleo, seria muito difícil identificar digitais.

Pacino reparou que Pietro exibia um largo sorriso, típico de novatos tomados de empolgação. Ainda havia mais.

— Por que a cara de felicidade? — perguntou.

— A cromatografia revelou que os cubos estavam contaminados por diversas substâncias do diesel marítimo: hidrocarbonetos, enxofre, compostos nitrogenados e oxigenados... mas também com outra bastante curiosa. Em um nível muito baixo, contudo, identificável.



— E o que é?

— Éter — respondeu ele, estendendo o *fax* recebido do laboratório pericial.

— Qual é a probabilidade do éter ter sido misturado com o diesel antes do contato com os isopores?

— Sinceramente? Bem pequena, a não ser que se pratique aeromodelismo.

Pacino se surpreendeu, mas não muito. *Éter, o mais antigo anestésico do mercado.* Pietro também tinha ciência disso e estampava com orgulho a descoberta. Agora sabiam como o criminoso agia, bastava ligar os pontos. Duas *maschere* e uma substância entorpecente. O criminoso queria apagar Barbara. E provavelmente havia feito o mesmo com Valentina.

— Soube que foi investigar o desaparecimento de outra *ragazza*. — Pietro quis matar a curiosidade.

— *Sì.*

— Acha que os dois casos estão correlacionados?

Pacino anuiu. *A segunda vítima.* Não havia muito tempo que ele deixara a Fantocceria. Antes de se ausentar, dirigira as costumeiras palavras de esperança a Benedicto Friuli e sua velha *signora*: “Não se preocupe, encontraremos sua filha. Tudo vai terminar bem.” Ainda que fossem promessas duvidosas, sabia que quando citadas por um oficial da lei, confortavam a alma dos parentes de alguma forma. Mesmo que fossem míseras palavras, fazia sentirem-se melhor. E a ele, também.

Era a única esperança que restava às jovens desaparecidas. E faria o que pudesse para cumprir o prometido.

— Procure descobrir se o éter foi comprado dentro de Veneza — disse.

Pietro levantou e abaixou os ombros.

— Vou tentar, mas não tenha tanta esperança. Hoje em dia vende-se de tudo pela internet, é mais fácil do que imagina.

— Neste caso, voltaremos para o começo da investigação. Não quero nem pensar nisso! Vamos torcer para que alguém tenha cometido um deslize.

— O mesmo sujeito que escreveu o bilhete?

Ele fez que sim. Pietro nada comentou. Utilizou o minuto seguinte para sair e voltar com um copo de *espresso* retirado da máquina. Pacino ficou se perguntando para onde ia tanta cafeína.

— Por acaso você tem nomes para me dar? — indagou Pietro.

— Nenhum. Por quê?

— Talvez conseguíssemos espionar registros financeiros. Extratos de cartões de crédito, por exemplo. Mas sem um nome ou número de documento, é impossível.

Pacino levantou uma sobrancelha.

— Conseguiria fazer isso? Não precisaríamos de uma autorização?

Pietro disfarçou.

— Fazer o quê, mesmo?

Pacino devolveu um raro sorriso de volta. O gênio da computação, enfim, se empenhava em se tornar um bom parceiro. Não que ainda aceitasse-o como tal, mas Pacino percebeu as vantagens de ter alguém em quem confiar, além das garrafas de bebidas. Alguém que pudesse trocar informações ou que, simplesmente, o escutasse. Afinal, a pressão de um caso destes sobre as costas de um só *investigatore* poderia ser chamada de desumana.

Mas aguentaria de todas as formas.

Depois da descoberta pericial, precisava se concentrar. Quantas pessoas estavam por trás dos crimes? Apenas uma? É o que parecia, mas não podia excluir que tivesse ajuda, ou mesmo que uma mulher estivesse

envolvida. Porém, não teria forças para sair carregando *ragazze* por aí. Pelo menos, não uma mulher normal. Tudo apontava para um homem, o mesmo que escrevia os galanteios nos papéis marmoreados.

Cada pergunta tinha a força de um soco no queixo. Uma tarefa mais difícil do que imaginava.

Pacino retirou o casaco. Sentou-se. Pietro soprava o interior do copo enquanto observava seu terno preto amarrotado.

— Nem pergunte — disse Pacino.

Mas o bom humor que restava foi embora na medida em que Pietro se afastou e que Alberto Fazolato abriu a porta de sua sala, praguejando.

— Que merda está acontecendo? Outra *ragazza* desaparecida? Maldição! Por que sou o último a saber das coisas?

Fazolato rugia com endereço certo, na direção de Pacino. Parecia um animal insaciável, louco para dar um bote. Mesmo sendo baixo, agia como se tivesse dois metros e meio de altura, uma visão e tanto.

Pacino permaneceu sentado, com receio de que o odor de bebida na roupa pudesse atingir as narinas do chefe.

Fazolato disparou:

— Você não vai falar nada?

*Que minha cabeça vai doer, se não acabar com toda essa gritaria!*

— Outra jovem sumiu ontem à noite. Idade próxima da primeira vítima. Desta vez, dentro do estabelecimento. Porta arrombada. De novo, não temos testemunhas.

— Não é o que desejo ouvir, Pacino! *Realmente* não é o que desejo ouvir! Conseguiu alguma informação *útil* de verdade?

Pacino colocou *l'investigatore capo* a par dos fatos. Contou-lhe sobre o material que recolheu na praça, as *maschere*, o resultado do laboratório...

enfim, tudo. Bem, *quase* tudo. Não relatou sua visita ao Mercado de Rialto e a história dos filmes snuff. Até ter certeza que havia relação entre os fatos, omitiria de forma consciente. Ao menos passava um pouco do controle da situação para as mãos de Fazolato. Quase uma piada, sabia, mas ninguém ali parecia disposto a rir.

Não compreendia como o homem havia chegado àquele cargo com seu temperamento. Era muito pior que o dele.

— Enfim, parece o mesmo *modus operandi* — concluiu.

Depois de ouvir toda a explicação, Fazolato parecia menos transtornado, mas continuava esbravejando:

— Mais um desaparecimento e estaremos ferrados!

Pacino entendeu o que ele quis dizer. A palavra *desaparecimento*, desta vez, tinha outra conotação. Era fato que não havia nenhum cadáver — o que, na realidade, não queria dizer muito. Pessoas desaparecidas, sem nenhum pedido de resgate, quase sempre são encontradas mortas depois de um tempo. E quando não são encontradas, a ferida fica aberta, a reputação da *polizia* se mancha, abrindo uma vulnerabilidade sem precedentes. Quando se vê, surgem novos casos a cada dia, a imprensa cai em cima, passando a ser uma assombração permanente.

A parte da qual Fazolato se referia.

O que mais alarmava Pacino é que viviam em meio a mais de 192 quilômetros de terra recortados por canais, estendendo-se por aproximadamente três mil vielas e 400 pontes. E com água para todos os cantos, que outra cidade poderia ser mais conveniente para se esconder um corpo?

*Corpos submergindo em pontos aleatórios.*

Impossível evitar a cena.

— O criminoso conhecia bem o *campo* onde Barbara desapareceu. Estava entre dois canais, podia sair facilmente de barco sem ser notado. Assim como Valentina, cuja loja fica em uma *fondamenta*. Sabia o momento ideal para abordá-las. Possivelmente, passou bastante tempo estudando-as, apreciando as vítimas. Eu diria até que foram pré-selecionadas.

— Isso não exclui um criminoso que esteja *de passagem*.

— Se não fossem alguns pontos interessantes, como a *cancellaresca formata*.

— O quê?

— *Cancellaresca formata* — repetiu Pacino, deixando claro. — A cancelaresca literária de Veneza, relacionada a Niccolò Niccoli. Letras minúsculas limpas, informais, com diversas ligaduras. A letra maiúscula é vertical e com desenho baseado no grafismo romano. Esse modelo serviu de base aos tipos cursivos de Grifo, e foi como o sujeito se manifestou através do bilhete.

— E que vantagem nós tiramos disso?

— A escrita cursiva do Renascimento em um papel marmoreado? Se não é um *cidadão* da Sereníssima, estamos lidando com alguém que conhece bastante os legados de Veneza.

— Temos 270 mil habitantes — lembrou Fazolato.

— Melhor que Roma. Imagine dois milhões e meio.

Ao escutar aquilo, Fazolato acrescentou uma dezena de vincos na testa.

— Não me venha com gracinhas, Pacino!

A conversa havia atraído a atenção de todos os outros do *ufficio*. Pietro se escondia atrás de um rosto sem as linhas triunfais de antes. Fazolato não alterava a cara sisuda, não encolhia o peito, não diminuía a austeridade. Nem o faria, diante de todos. Permanecia com as mãos na cintura, embora um pouco mais calmo após toda a revelação. Pacino sabia

que, no fundo, o chefe mantinha esperanças nele, que considerava-o o melhor para aquele tipo de problema. *Um homem de resultados*. Afinal de contas, fora o único a resolver os casos mais delicados daquela cidade. Como o último.

Não fazia muito tempo, encarcerou um professor particular de artes plásticas que gostava de levar os alunos — um de cada vez — para um passeio de barco pelos canais. Um passeio que mostrava mais do que as belezas situadas às duas margens, terminando sempre em seu ancoradouro particular. As vítimas, crianças, não deduravam o canalha pois morriam de medo do monstro. Meninas e meninos, que não passavam dos doze anos. A mais nova, tinha oito. Pacino imaginava o que ele deve ter feito para calá-las. Até hoje ponderava se fez o certo em tê-lo colocado na cadeia. Podia ter dado a ele um destino mais *condizente*. Não se arrependeria, de verdade.

Voltou a si. Uma divergência maior mantinha-se viva entre ele e Fazolato: o fato de ter ficado tanto tempo sem atualizá-lo com notícias. Aquilo mexia profundamente com o ego do *investigatore capo*, mas não conseguia se vir expondo relatórios a todo o momento. Não apreciava, não obedecia. Simples assim.

Fazolato foi direto, como se lesse seus pensamentos:

— Considere-me parte contínua dessa investigação. Passe um só dia sem entrar na minha sala com respostas e você estará perdido.

— *Sì, signore* — respondeu, mesmo que não houvesse qualquer veracidade na afirmação. Estava grato por Fazolato não perguntar qual seria o próximo passo. Pois seria como se o futuro saltasse à sua frente e dissesse: “Bem-vindo ao grande nada, seu idiota.”

Antes de sair, *l’investigatore capo* repreendeu-o:

— *Dio mio*, Pacino! Vá trocar esta merda de roupa!

## Capítulo 36

O sistema nervoso de Daniel vibrava com a descoberta do disco. A única coisa que anulava o cansaço e mantinha-o de pé.

Assim que ele e Paola chegaram à hospedaria, encontraram Gino atrás do balcão, como o seu ar antipático — bem diferente de como sua irmã agia. Até então, não haviam trocado uma só palavra. Mas sempre existe a primeira vez.

— Ela está esperando pelo *signore* — anunciou Gino a Daniel.

Daniel foi pego de surpresa. Não havia percebido a presença de uma quarta pessoa, até Gino apontar para a sala de desjejum. Alguém aguardava em uma das mesas, e o ângulo de visão não poderia ser mais perfeito...

Era uma mulher estonteante.

De longe, sobressaía-lhe a pele alva, que destoava de todo o mobiliário antigo e monótono do salão, e as pernas grossas, cruzadas de forma tentadora, como Daniel avaliou através da fenda do vestido vermelho que subia até uma altura insinuadora.

Uma vista tão espetacular que deixou Paola visivelmente encabulada.

— Vamos? — ele disse para ela.

Gino advertiu com a sutileza de um javali:

— Eu falei que ela aguardava pelo *signore*, não por minha irmã.

Daniel percebeu a marcação pausada das palavras. *Por que tanta agressividade?* Se não fosse parente de Paola, daria um jeito naquele entrave de uma vez por todas. Porém, isso não ajudaria em nada, e só deixaria Paola mais desconcertada do que se encontrava agora.

Ela fez um gesto rápido com a cabeça, como se dissesse: “Vá em frente. Você precisa encarar essa sozinho”.

Paola havia ficado o tempo todo ao seu lado, como uma boa parceira. Todavia, até ela percebera que o foco tinha mudado. Há poucos minutos só pensavam em conferir o conteúdo da mídia que encontraram. Agora, as atenções se voltavam para a mulher sentada no salão ao lado.

Daniel precisava saber do que se tratava aquela visita. Podia não ser tão indesejada, enfim. E do jeito que as coisas caminhavam, era provável que fosse outra página reveladora. Então decidiu ser rápido naquele assunto.

— Espere um pouco, volto logo — disse.

E caminhou em direção a mulher misteriosa.

Ao se aproximar, Daniel conferiu uma mulher mais bela e tentadora do que presumira. Mais ou menos com 30 anos, a pele delicada como porcelana e, como se não bastasse, exalava um perfume quase afrodisíaco. Uma combinação mortal, capaz de fazer qualquer homem debruçar-se aos seus pés sem constrangimento.

Daniel sentiu-se momentaneamente preso ao olhar dela e cumprimentou-a:

— Como vai?

Ela não respondeu. Abriu a bolsa preta repousada sobre a mesa e sacou um cigarro e um isqueiro. Na primeira tragada, o vermelho do batom impregnou na ponta do filtro. Em segundos, o odor do tabaco se misturou ao doce do perfume.

— Sente-se, *signore* Sachs. Espero que não se importe que eu fume.

Daniel balançou a cabeça enquanto puxava uma cadeira e aproximava um cinzeiro de vidro.

— Pode me chamar de Daniel.

— Claro.

— Está me esperando há muito tempo?



— Eu não ficaria o dia inteiro neste lugar, mas não importa. Para o *signore*, deve ser bem diferente.

— Como assim?

— Percebo que já está ambientado, visto que chegou acompanhado da jovem. — A mulher apontou Paola através de um movimento rápido com o queixo. Daniel repudiou a observação e preferiu manter-se centrado.

— Tenho certeza que minha demora não aconteceria se soubesse que alguém queria conversar comigo. Infelizmente, muita coisa aconteceu desde que cheguei a Veneza.

Ela deu de ombros.

— Tanto faz, não pretendo demorar.

Daniel começou a se incomodar com o fato da mulher à sua frente ser dona de uma rispidez tão profunda quanto à beleza que carregava. *O que há com as pessoas daqui?*

— Bem, parece que nossa conversa será rápida, uma vez que nem fez questão de se apresentar ou citar seu nome.

Ela deu uma nova tragada no cigarro.

— Se ao menos estivéssemos no Harry's Bar, eu me contentaria com um Bellini, a especialidade da casa.

— Se desejar, posso tentar que providenciem alguma bebida.

— Obrigada, mas vou recusar.

*Não em uma hospedaria*, ele pensou.

Daniel observou-a mais atentamente. Todos os simples gestos que ela cometia com o corpo eram tomados de sensualidade, e colocava o cigarro nos lábios de forma tão ensaiada que fazia-o revirar-se em elucubrações. Quase um desespero.

— Por que veio até aqui? — escolheu perguntar.

— Trabalho com Lorenzo Oro. Meu nome é Sofia.

— Continuo sem entender.

A mulher contraiu o semblante, expressando descrença.

— Você não tem ideia de *quem* é Lorenzo Oro, não é?

— Para ser sincero, nunca havia ouvido falar dele até chegar a Veneza.

— Compreendo — disse ela, após mais uma baforada. — Bem, Arno ainda planejará algo grande para as Américas. Uma turnê, quem sabe.

— Quem é Arno?

— Arno Bonatti, o agente de Lorenzo. Negocia tudo que se relaciona a ele.

— Certo. E você, o que faz?

— Sou assistente de palco. Obviamente, se tivesse assistido a alguma apresentação, não teria se esquecido disso.

Sofia trocou as pernas de posição, como se exemplificasse o comentário num simples gesto. Sabia utilizar-se de suas armas.

— Tenho certeza que seu trabalho deve deixar o espetáculo mais interessante, mas ainda não entendi o que veio fazer aqui — ele declarou.

Sofia foi direta:

— Lorenzo quer falar com você.

*O quê? O grande ilusionista, procurando por mim?*

— Espere... por que eu me encontraria com ele? Ou melhor, qual é o interesse dele em mim?

— Infelizmente, não posso adiantar muita coisa. Mas ele espera que possa vê-lo amanhã, logo após o show — respondeu ela. — Você é um repórter, não é?

A cabeça de Daniel girou e ele se viu em desvantagem. Outra surpresa! Aquela bela mulher sabia bastante a seu respeito. *Eles* sabiam. Em contrapartida, pouco conhecia sobre o ilusionista e sua trupe, exceto pelo que Paola havia contado.

— Sim — respondeu.

— Bem, caso aceite o encontro, tenho uma coisa a te alertar. Lorenzo não costuma se abrir com jornalistas. Evita repórteres, *paparazzi* e outros. No palco, executa o espetáculo com extraordinário profissionalismo. Fora dele, mantém uma vida reservada, reclusa.

— Provavelmente, para não perseguirem ou incomodarem sua família. Isso é comum entre celebridades — concluiu.

— Não.

— Filhos, esposa...?

— *Nós* somos a família dele.

— Não entendo.

Ela borrou um pouco mais o cigarro de batom.

— Bem, isso você compreenderá: não se pergunta sobre a vida pessoal de Lorenzo. Ele comenta sobre ela *apenas* se sentir vontade — explicou, sem esticar muito. — E então? Qual é a resposta que devo levar de volta?

Sofia era bem direta, e Daniel refletiu por um instante. Como previra, algo inesperado acontecia, maior do que podia presumir.

Neste momento, as palavras de Marvin explicando o que Nilla fazia em Veneza invadiram a sua mente. Ela cobriria o show de ilusionismo. Um fato normal, isolado, mas somente até o encontro que ele estava tendo. Sim, porque a visita da mulher à sua frente não era coincidência. Parecia que estavam esperando pela sua presença, e que algo precisava ser revelado. Mas o quê?

Daniel estava se sentindo cansado e gostaria de respostas rápidas. Queria saber o tamanho do envolvimento de Nilla com aquilo, e de preferência, o quanto antes. Contudo, se a mulher soubesse de algo, não tinha cara de que revelaria naquele instante. Era melhor Daniel não encostá-la na

parede, ou poderia colocar tudo a perder. Já previa estar no show de qualquer jeito, e um encontro com o ilusionista talvez lhe desse mais respostas sobre o desaparecimento de sua ex-mulher. *Seguir as instruções!*

Daniel anuiu com a cabeça, concordando. Achou que demorou muito, até.

— Pode informar a Lorenzo que ele conseguiu a minha atenção.

— Ótimo.

— Há quanto tempo você...

— Eu trabalho com ele há cinco anos — interrompeu ela, prevendo o que ele diria e apagando o cigarro em seguida. — Nós entraremos em contato com o *signore* logo após o show.

A visita tinha se encerrado.

Sofia se levantou. Daniel acompanhou o movimento, quase hipnotizado. Depois conferiu o casaco apoiado sobre o encosto da cadeira.

Ela se virou e os cabelos pretos escorreram sobre as costas desnudas por um decote, apresentando a pele mais impávida do mundo. Permaneceu imóvel, aguardando por um gesto que Daniel compreendeu perfeitamente. Antes de pegar o casaco para cobri-la, deixou o disco que carregava na mão em cima da mesa. Assim que terminou, catou-o de volta.

Sofia atravessou tranquilamente os dois recintos, chegando próximo à porta da hospedaria. Daniel ficou parado entre a sala de refeições e o saguão principal, participando da despedida. Antes de sair, a mulher correu os olhos para dentro — mais exatamente, para o balcão. Travou-os naquela direção por um segundo, ou nem tanto. Depois desapareceu de vista, com a porta se fechando atrás dela.

Paola continuava a observar a cena, mas Daniel reparou que Gino desviava os olhos, disfarçadamente.

*Que diabos?*



## Capítulo 37

Minutos depois, Daniel subiu para o quarto com o CD na mão e Paola a tiracolo. Sabia que Gino gostava cada vez menos da proximidade dos dois, e até compreendia a atitude dele. Mas não ficou se culpando ou discutiu sobre isso naquele instante. Pensava apenas em conferir logo o conteúdo da mídia para acabar logo com todo o suspense.

Daniel puxou a bolsa para perto da cama.

— Vou pegar o laptop.

— Estou ansiosa demais... — disse Paola. — Enquanto isso, conte-me mais sobre aquela mulher.

— Ela é assistente de Lorenzo Oro.

Paola sorriu.

— Quis entender o que ela queria, não quem era. Sei bem de quem se trata. É Sofia. Todos que já assistiram a um show de Lorenzo sabem.

— Sério? Ela me disse a mesma coisa — comentou. — Achei que você ficou encabulada lá embaixo.

— Ora, e quem não ficaria? Ela é assustadoramente bonita. Intimida qualquer mulher com a mesma força que arrebatou os corações masculinos.

— Entendo.

— É *claro* que entende! — Paola abriu ainda mais o sorriso. — Vamos, responda: o que ela queria com você?

— Ela veio me convidar para conhecer o ilusionista. Parece que ele quer falar comigo — contou Daniel, sabendo que Paola se assustaria com aquilo, enquanto ligava o computador.

— O quê?! Frente a frente com Lorenzo? — perguntou ela, quase de boca aberta. — Você não faz ideia do que isso significa, quantas pessoas gostariam disso!

— Para mim, a única coisa que importa é saber se Nilla teve envolvimento com este pessoal. Talvez eu descubra algo importante amanhã. Aliás, pressinto isso.

Paola se perdeu num olhar longínquo.

— Sabe, certa vez me inscrevi para trabalhar na equipe de Lorenzo Oro. Queriam contratar uma segunda assistente de palco. Você não tem ideia da quantidade de moças que se inscreveram.

— Sério? E o que aconteceu?

— Desisti. Foi uma daquelas loucuras de momento... Não podia deixar Gino cuidando sozinho da hospedaria. Além disso, parece que a seleção não foi adiante, e decidiram não contratar ninguém. Talvez por insuficiência de talentos. Ou de beleza. — Ela deu de ombros.

— Ora, vamos, pare com isso! — Ouvir isso de uma garota tão radiante quanto Paola soava como ironia.

— É sério. Quem iria trabalhar à sombra daquela mulher? Acha que é fácil? — As perguntas retóricas vibravam como um pesadelo feminino. — Bem, a que horas será o encontro?

— Logo depois do show. Você quer ir comigo?

— Não posso, amanhã estarei tomando conta da hospedaria. Tenho apenas as primeiras horas livre.

— Tudo bem — respondeu Daniel, com uma ponta de pesar. Além de se mostrar uma boa companheira, Paola fazia-o esquecer um pouco a angústia. Inseriu o disco. — Bem, vamos ver o que temos aqui.

O clique soou alto diante do silêncio instantâneo do cômodo. Daniel podia apostar que veriam fotografias produzidas por Nilla. Era a segunda vez que se recordava da época em que ela deixava imagens em cima de sua mesa. Talvez quisesse fazer o mesmo agora: falar-lhe através das

fotografias, mas de outra maneira. Embora esta outra maneira significasse “escondida”, o que não era nada bom.

Quando o laptop reconheceu o conteúdo, um grande retângulo preto com triângulo no centro pulou na tela. Daniel ficou surpreso. *Outro vídeo?* Por um instante, reteve a mão. Torceu para que não fosse um novo pedido de socorro de sua ex-mulher, ou provavelmente não suportaria. Nem mesmo a presença de Paola iria ampará-lo.

Enfim, clicou no triângulo, iniciando a execução do filme. Ambos viram a gravação vinda de uma câmera que apontava do alto.

Um quarto.

Uma pessoa toda coberta de roupa preta e máscara.

E uma mulher nua, presa à cama.

A primeira coisa que Daniel percebeu foram os cabelos da jovem. Loiros. Mesmo assim, seu instinto desencadeou uma reação imediata: verificar se aquela mulher era Nilla, disfarçada. Não era ela, e o corpo reagiu como se expulsasse uma energia estranha de suas veias. Mas a culpa chegou logo em seguida, porque era injusto com a jovem no vídeo. Os braços e pernas presos por cordas só podiam indicar uma coisa: que os momentos posteriores seriam apavorantes.

Ele viu o mascarado desembulhar um pacote na cama ao lado da moça. O que eram? Objetos cirúrgicos?!

O sujeito puxou o rosto dela com agressão, acordando-a.

Vieram os gemidos.

Quando o mascarado levantou algo parecido com um alicate, Daniel não havia percebido direito o que viria. Ou então, o cérebro se recusava a tal. Até que o vulto negro começou a sua performance.



Ele encaixou o alicate em um dedo indicador da moça. Parecia meio desconcertado, vacilante, porque demorou um pouco para capturá-lo, mas Daniel não sabia dizer se era proposital. Então assistiu as hastes serem comprimidas com força e o sangue espirrar como ele nunca havia visto na vida.

A jovem surtou. Gritos de agonia e terror surgiram, como se fossem os únicos sons do universo. Guinchos que seriam normais se viessem de um animal selvagem, não de uma pessoa.

A cama sacudiu com a energia dispensada pelos braços e pernas dela, e o coração de Daniel paralisou. *Meu Deus, isto é de verdade?*

O segundo dedo foi escolhido.

Parecia impossível, mas os gritos aumentaram ainda mais.

Daniel virou-se para Paola. Ela escondia o rosto, com as mãos tremendo de desespero. Estava tão apavorada quanto ele ao descobrir, dentro daquele vídeo, uma realidade inimaginável, tão estúpida quanto à crença de que nada daquilo existia. Pensou em abraçá-la, mas ela correu para o banheiro e se trancou lá dentro. Ainda assim, Daniel escutava o choro forte, tão alto e doloroso que quase suplantava o som que vinha do computador.

Entendia claramente o que Paola sentia.

*Repulsa.*

Daniel sentiu que a ansiedade de antes, quando ainda caminhava com o CD na mão, havia se transformado num monstro tão grotesco que ficava complicado administrá-lo. Aquilo não era um viral recebido pela internet ou um spam encaminhado para a sua caixa-postal. Aquilo parecia real. Bem real.

Não teve estômago para assistir tudo. Mesmo se fechasse os olhos, os gritos da jovem encurralavam-no em uma vontade arrebatadora de querer

pular para dentro da tela e salvá-la. Por isso, Daniel clicou num ponto em que o vídeo chegava próximo do final. Os últimos minutos. E significava dizer que havia se passado mais de uma hora desde o começo.

Pensou que talvez fosse melhor não ter feito isso.

Os momentos derradeiros eram cruéis demais para qualquer ser humano. Havia sangue espalhado por toda parte, e várias ferramentas pequenas tinham sido distribuídas pelo cômodo. As amputações continuaram em doses maiores do que a que tinha assistido no começo; mas era visível que a jovem ainda respirava, embora estivesse desacordada.

Pobre mulher.

Ela não aguentaria. Ninguém conseguiria.

Como se não se contentasse com tudo que havia feito, o mascarado tateou entre o queixo e a base do pescoço dela, e concluiu o ato com um corte frio, atravessando um bisturi de orelha a orelha.

Era o fim.

Finalmente Daniel descobriu do que se tratava o vídeo...

*Um filme snuff.*

Nunca havia assistido a um. Seria incapaz de pensar até mesmo na *possibilidade* de assistir a um, até porque nunca esteve tão próximo de vídeos como aquele, nem mesmo rodando pela imensidão obscura da internet. E mesmo que se deparasse com tal aberração, prevaleceria o bom senso de se decidir por não assisti-lo. O que, infelizmente, não pode ser feito nesse caso, devido às circunstâncias.

Quando levantou a cabeça, notou o gosto do sangue nos lábios. O nariz avisava que seu corpo não tinha resistido a todo aquele estresse. Sempre que acontecia, trazia-o de volta para a realidade, como uma picada de abelha.

Daniel segurou o nariz com firmeza até o sangue estancar. Olhou para o chão e o teclado do Macbook. Havia feito uma sujeira e tanto. Tirou uma

camisa da bolsa e limpou os vestígios do próprio sangue. Não queria que Paola confrontasse mais do que já havia visto no filme.

Destroçado, Daniel bateu na porta do banheiro e anunciou:

— Acabou.

Paola abriu a porta, com os olhos inchados e as maçãs do rosto alagadas por lágrimas. Enlaçou os braços nas costas de Daniel. Apertava-o como uma garotinha perdida, desamparada. Ele retribuiu na mesma intensidade. E os dois ficaram parados por intermináveis minutos, sem falar nada, apenas mentalizando o que tinham visto momentos antes.

## Capítulo 38

Próspero limpava as ferramentas cirúrgicas. Mergulhava-as numa mistura de desinfetante e detergente enzimáticos. Depois, esfregava todas elas com um pano para que nenhuma ficasse impregnada de sangue ou oxidada nas articulações. Por fim, secava-as. Ele não fazia aquilo porque se preocupava com doenças infecciosas, contágios ou coisas do tipo. Agia assim apenas para que os objetos funcionassem plenamente a cada nova filmagem. Afinal, eram instrumentos de trabalho.

O celular piscou em cima da escrivaninha, tocando as primeiras notas de “Primavera”. *Uma nova mensagem.* Elas sempre chegavam acompanhadas da doce melodia — o primeiro movimento de “As Quatro Estações”, de Antonio Vivaldi, o compositor veneziano. Mesmo interrompida no início, a sequência do concerto continuava ressoando em sua mente, enquanto destravava o aparelho com a senha pessoal.

Ele leu:

O REPÓRTER ENCONTROU A CÓPIA.

Próspero não manifestou surpresa. Compreendia porque o repórter não ficava quieto. E se Deus estava sendo generoso por providenciar que o tolo encontrasse a cópia... bem, bastava agradecer, pois havia se preparado para problemas muito maiores do que aquele.

Próspero teclou um número. Depois de alguns toques, ouviu seu nome pronunciado num tom exultante, como se despertasse de um coma.

— Próspero!

— *Ciao*, Entregador.

— É muito bom falar com você. Da última vez que nos encontramos, não quis estragar seu momento.

— Obrigado por fazer parte novamente.

— Não há de quê — retribuiu ele. O som do alto-falante do aeroporto misturava-se a voz do homem, que aparentava satisfação em ouvi-lo. — O cheque do senador já foi depositado. Como me pediu, é claro.

Próspero sorriu. Antes de continuar, pensou se era a única pessoa no mundo a quem o Entregador tratava gentilmente.

— Tenho uma nova tarefa para você. Foge um pouco do que costuma fazer para mim, mas tenho certeza de que apreciará bastante.

— O que quiser.

— Onde você está?

— Em algum lugar do mundo, retornando para casa.

— Mude os planos. Venha para cá. Preciso que recupere um objeto.

Próspero imaginou o Entregador anuindo em silêncio. Não fazia perguntas óbvias tipo “para quê?” ou “onde?”, e ele apreciava isso. As informações seriam transferidas para o celular do Entregador após a conversa, inclusive o valor que seria disponibilizado antecipadamente pelo serviço. E essa era a parte do acordo que nunca fazia-o recusar. Apenas ressaltou:

— Mas não machuque ninguém. Ainda.

Houve uma pausa.

— Isso é uma recomendação? Ou uma ordem?

— Um pouco de cada — respondeu. — Contenha-se. A hora certa chegará.

— Então acho que não vou apreciar *tanto assim* essa missão. Chego amanhã. — E desligou.

Próspero não se preocupou. Sabia que o Entregador respeitaria bem as ordens que lhe foram dadas. Desvendava-se um aliado cada vez mais precioso. Nunca conheceu indivíduo mais eficiente, como ficou comprovado nas ocasiões em que precisou dele. Porém, como diz o ditado, todo cuidado

era pouco. Como qualquer sujeito que sobrepõe a força física sobre a mental, às vezes o Entregador não conseguia conter seu ímpeto violento, o que podia gerar problemas. Podia estar se sentindo um pouco enferrujado e talvez passasse pela cabeça dele precipitar um pouco as coisas. Era sempre melhor Próspero deixar tudo bem explicado — e, claro, nunca faltar com as recompensas, cada vez maiores.

Repousou o celular em cima da mesa e checkou os monitores. A cópia roubada havia sido feita naqueles equipamentos. Somente agora, após vários dias, enxergava uma boa chance de recuperá-la.

*Breve. Muito em breve.*

Mas logo as recordações de Próspero se desfizeram, e a melodia de Vivaldi voltou a ecoar na sua mente. Então conferiu a hora e decidiu finalizar a limpeza dos instrumentos. Depois, dedicaria toda atenção para a nova filmagem — que começaria em pouquíssimo tempo.

## Capítulo 39

— Não sei se quero continuar com isso! — disse Paola a Daniel, sob a claridade do dia seguinte. Disfarçava as olheiras por trás do balcão, evitando encará-lo. Pelo visto, não fora apenas ele que havia tido uma noite péssima.

Depois que se separaram, Daniel tentou recuperar a energia com uma ducha quente e uma cama nem tanto assim. Deitado, suportou horas sentindo a cabeça pesar no travesseiro, pensando como seria improvável adormecer com tudo que assistira naquele vídeo. E quando o dia clareou, o cérebro desperto ainda se remoía com as imagens. Agora, refletia o que Paola acabara de dizer, com o silêncio encaixado entre os dois. Uma coisa estranha, visto que ela gostava de conversar bastante e estivera empenhada em ajudá-lo o tempo todo. Mas, no fundo, compreendia a jovem. Paola precisava se recuperar da terrível tarefa que fora assistir o filme snuff — se é que se recuperaria, enquanto ele estivesse por perto.

Então, ele decidiu ser coerente:

— Talvez seja melhor assim.

Paola, visivelmente, lutava consigo mesma para perguntar:

— O que aconteceu com a *ragazza* do filme?

— Esqueça isso.

— Não. Por favor, me fale.

— A pior coisa possível, não vai querer saber.

— Ela está morta?

Daniel assentiu com a cabeça.

— *Dio mio!* — Paola bateu as palmas das mãos na superfície de madeira. — Um assassinato? Por que fomos nos envolver nisso?

— Você a reconheceu? Sabe quem é a garota?

— Não.

— Escute, é melhor ficar fora disso, não sabemos aonde vai parar. Eu não posso desistir como você. Pelo menos enquanto...

— Enquanto você não encontrar Nilla! — ela interrompeu-o, a frase soando mais desgastada do que óbvia.

— Exato. Estou cada vez mais confuso. Não consigo entender. O que Nilla tem a ver com esse filme? Por que indicaria o local onde a mídia estava escondida? E como fez tudo sozinha?

Paola encarou-o de forma esquisita..

— Sabe o que me incomoda nesta história? — perguntou ela, como se algo não se encaixasse em sua mente.

— O quê?

— Por que você se empenha tanto assim para encontrar Nilla. Entendo que houve um relacionamento entre vocês, mas afinal de contas, ela não passa de sua ex-mulher.

— Sim, uma pessoa muito importante.

— Ainda assim, *ex-mulher* — observou. — Por que a relação de vocês é tão diferente da maioria dos casais que se separam? Onde foi que me perdi nessa história?

Daniel recuou. Desde o primeiro instante, Paola fazia-o esquecer o que havia passado. Agora, acontecia exatamente o contrário, como se o muro tivesse se desintegrado em mil pedaços. Tentou explicar:

— Passamos um período difícil. Nossa separação foi dolorosa, por causa de um erro que cometi há um ano, quando achava que fazia a coisa certa. Ela me pediu para não seguir em frente, mas não dei ouvidos. Isso trouxe algo inesperado, muito ruim para os dois. Desde então, não consigo viver minha vida direito. Não sem antes resolver isso.

Paola continuou parada, escutando-o. Ele gostaria de ser mais firme na sua explicação, contudo, estava totalmente desestruturado com os



acontecimentos, física e mentalmente. A única coisa que passava pela cabeça é que os últimos dias eram os piores de sua vida, e falar sobre a culpa que sentia pelo aborto o colocaria de uma vez por todas à nocaute. Só que subestimara Paola.

Ela balançou a cabeça e disse:

— Bastava dizer que ainda a ama.

As palavras espetaram o coração de Daniel, e ele podia jurar que sentia-o sangrar de verdade. Paola simplificava tudo numa simples frase que, até então, ele não tinha sido capaz de dizer nem para si mesmo.

— Sinto muita culpa — declarou.

Abaixou a cabeça, envergonhado. Uma confissão. Mas se não a fez com Marvin — a quem conhecia bastante —, por que fazia agora com Paola? Devia haver uma boa razão, apesar de inexplicável para o momento. O certo é que ela parecia interessada em saber os verdadeiros motivos, aqueles profundos e enigmáticos, e talvez ninguém tivesse feito isso antes. A revelação, porém, não aliviou a amargura, e ele continuava se sentindo mal a respeito. Esforçara-se duramente para não entrar em contato com o sofrimento. Em vão.

Ao final, sua dor havia se esvaído para o ambiente.

Paola puxou seu queixo para cima com o indicador dobrado.

— Sabe o que eu acho? — iniciou. — Que ela deseja livrá-lo desta culpa. Ela o ama, também. Lembre-se do cartão de memória — resumiu, convicta. E tornou a mudar de assunto: — Bem, você possui uma prova de assassinato em suas mãos. O que pretende fazer?

A pergunta levava inevitavelmente a um só lugar.

— Está na hora de procurar as autoridades. Mas não queria fazer isso sem falar com você. Envolverá muita coisa, inclusive a hospedaria e tudo o que fizemos até o momento.

— Eu sei. Mas não vejo outra saída. O que faremos?

— Lembrei do investigador que vimos ontem.

— O *carabiniere* turrão? — Paola espantou-se.

— Seu sobrenome é Pacino. Como o ator. Sei que não começamos muito bem, mas isso não tem importância diante do que tenho agora.

Paola calou-se outra vez, porém, por pouco tempo. Consultou o computador, tirou o fone do gancho e digitou um número no teclado.

— O que está fazendo?

— É o telefone da *questura*. Vamos em frente.

Daniel quase não conseguia conter o entusiasmo quando Paola colou o fone no ouvido esquerdo. As olheiras dela tornaram-se invisíveis.

Ela estava de novo dentro do jogo.

E a solidão dele, do lado de fora.

## Capítulo 40

O telefonema e a frase “algo muito importante para o *investigatore* Pacino” bastaram para que Daniel e Paola fossem convidados a irem até a delegacia.

Durante o percurso, encontraram a cidade mais agitada. Dia do show de ilusionismo e auge do carnaval. Uma quantidade considerável de pessoas utilizavam máscaras. Paola citou que a concentração maior ficava na Praça de São Marcos, mas Daniel não se importou. Não passariam por lá. Ele não tinha tempo — muito menos vontade — de ficar admirando fantasias. E cada vez que esbarrava nelas, lembrava-se da mídia com o vídeo snuff que trazia dentro da jaqueta.

Chegando à delegacia, foram recebidos por uma mulher. Ela conduziu-os até um andar que chamou de “*ufficio*” e isolou-os em uma pequena sala com grades nas janelas. Para interrogatórios, talvez.

Permaneceram sentados, aguardando alguém entrar.

— Sensação estranha, não? — disse ele.

Paola anuiu. Tamborilava os dedos sobre a mesa de ferro, nervosa.

A porta se abriu e o investigador do dia anterior avançou pelo batente. Ela recolheu os braços.

Pacino olhou primeiro para o repórter. Depois, Paola.

— Ah, o casal de curiosos! Por que sinto cheiro de confusão? — perguntou retoricamente, antes de se sentar.

Ele puxou o botão do terno, deixando a arma à vista.

Daniel observou bem o homem que estava à frente. Mais de quarenta e cinco anos, olhos profundos de quem já assistira a muitas guerras e a roupa desleixada demais para um italiano. Lembrava os investigadores de filmes da década de 1960, a exceção do chapéu, que não via em sua cabeça. Ao

menos, tinha o cabelo ajeitado. E ao contrário do dia anterior, não percebia o cheiro de bebida.

— Bem, quem começa? — perguntou Pacino.

— Meu nome é Daniel Sachs. Cheguei há poucos dias na cidade e estou hospedado no estabelecimento dela.

— E qual o nome da *signora*?

— *Signorina* Paola — consertou ela.

— É claro — disse, voltando a atenção para Daniel. — Se vieram causar problemas por causa do cartão de memória que destruí ontem, já adianto que...

— Não viemos por causa disso, embora eu não tenha me esquecido.

— Não? E o que querem aqui? Temos um departamento específico para casos envolvendo turistas.

Pacino apoiou as mãos na mesa, fazendo menção de se levantar.

— Vim por causa do desaparecimento de uma pessoa — disse Daniel.

Pacino cravou os olhos nele.

— Como é?

— Eu disse...

— Claro, o desaparecimento! — bufou. — Diga-me, o que você faz?

— Eu sou... repórter.

— Ah, sim! — Pacino envergou-se para frente, entrelaçando os dedos por cima da mesa. Os olhos pulavam de um para o outro. — O que foi mesmo que falei quando entrei nesta sala? Podem me repetir?

— Não pretendemos causar problemas — respondeu Paola.

Foi quando Daniel notou o equívoco.

— Espere, não é o que está pensando. Você está enganado.

Pacino incendiou-se com a observação. Levantou-se, fincando os braços como toras sobre a mesa e vasculhando o interior dos olhos de

Daniel.

— Escute aqui, *signore* Daniel... Não sou um daqueles *investigatori* de merda que vocês estão acostumados a ver em seriados policiais. Isso aqui é o mundo de verdade. É o mundo em que levanto minha bunda todas as manhãs e saio com ela pelas *fondamenta*, caçando delinquentes mentais que se acham melhores do que a polícia. O que viram ontem, ficará trancado dentro desta sala. Se eu ler alguma notícia sobre isso, juro que conseguirei bons motivos para deixar sua amiga longe desses canais por um bom tempo. E você, repórter, nunca mais colocará os pés por aqui.

Daniel engoliu em seco.

— Não viemos falar sobre nenhum acontecimento de ontem. Minha ex-mulher desapareceu em Veneza. O nome dela é Nilla.

As frases surtiram efeito de gás paralisante em Pacino. Ele arregalou os olhos. Demorou alguns segundos até que se encaixasse novamente na cadeira, e o dobro para que voltasse a falar:

— Há quanto tempo ela não faz contato?

— Muito antes de eu chegar aqui.

Pacino inclinou o corpo para trás. Sem o semblante agressivo, embora não desfizesse a seriedade. O assunto seria tratado com respeito. Ou, no mínimo, com um pouco mais de calma.

Depois de Pacino solicitar que falasse tudo que sabia, Daniel retornou a memória alguns dias, explicando o que acontecera. A cada etapa, colocava em cima da mesa as provas que carregava: o isqueiro, a câmera com a gravação de Nilla e o mapa. Cada peça que surgia acrescentava vincos no rosto de Pacino. Mostrou-lhe tudo que tinha, exceto o CD. Pretendia fazer as coisas devagar, evitando que a ansiedade transbordasse.

Durante todo o tempo, Paola ficou em silêncio. Limitava-se em assentir com a cabeça, confirmando o que passaram juntos à partir do

momento em que se encaixava na história. Pacino prestava tanta atenção nela quanto na explicação. Sua beleza era a única coisa que anuviava a tensão instalada na sala.

Quando Daniel fez uma pausa, Pacino disse:

— Uma história e tanto. Porém, existem procedimentos que não podemos pular. Em primeiro lugar, precisaremos colher os depoimentos de vocês dois.

— Não acabou — interrompeu Daniel, preocupado. — Encontramos algo dentro do Palácio dos Doges que talvez seja mais importante do que tudo que está vendo.

A parte mais difícil chegou. Daniel gostaria que Paola contasse o que fizeram na Sala Grimani, porque talvez expusesse de maneira melhor do que ele. Deu uma rápida olhada para o lado, mas via-a petrificada. Então, foi em frente: descreveu as ações deles no Palácio, e Pacino quase saiu do sério. Haviam infringido pelo menos meia dúzia de artigos das leis italianas, e o olhar dele se apresentava tão frio quanto o metal da mesa em que se sentavam. E se no início sentira o cheiro de confusão, ficou pior quando Daniel tirou o disco e colocou-o à frente de todos.

Paola se agitou como encarasse um fantasma, mas desta vez, ela não recebeu atenção. O objeto sobressaía-se sobre todo o resto.

— O que é isso? — perguntou Pacino.

— A pergunta certa é o que tem dentro dele — respondeu Daniel, com a respiração de Paola acelerada ao seu lado. — Você tem um computador por aí?

Daniel e Paola viram Pacino sair e retornar com um investigador bem mais novo. Foram apresentados a Pietro. Ninguém naquele lugar saudava através de apertos de mãos, apenas cabeças acenavam.

Ao colocar o laptop em cima da mesa, Pietro disse:

— Até o computador dos meus pais tem mais memória do que este, mas deve servir. O que tem aí?

— Uma filmagem — respondeu Daniel.

Paola se levantou e pediu para deixar a sala, sem explicar o motivo. Somente Daniel entendeu o gesto e concordou. Pacino não insistiu para que ela ficasse. Eles haviam chegado até ali pedindo ajuda. Apenas solicitou que ela aguardasse do lado de fora e abriu gentilmente a porta para que passasse. Em seguida, ele se dirigiu novamente para a mesa e disse:

— Vamos ver o que você trouxe.

— É bem pesado — Daniel pronunciou e depois pensou o quanto soava idiota comentar isso para uma dupla de policiais. Permaneceu sentado, com os homens cercando-o e o laptop à frente deles.

Pietro inseriu o CD e em poucos segundos o vídeo começou a executar. Já no início, perguntou a Pacino:

— Acha que é ela?

Pacino demorou, mas enfim aquiesceu com a cabeça. Carregava uma carranca transtornada.

— Quem é “ela”? — perguntou Daniel.

— Barbara. A primeira desaparecida — respondeu.

— Parece que o apelido dela acabou de mudar. Não é mais nossa “fugitiva do *carnevale*” — declarou Pietro.

— Sinto muito — disse Daniel, aterrorizado. — Meu Deus, até ontem, pensava que Nilla fosse a única.

— Nilla? Quem é Nilla? — perguntou Pietro, sem entender nada.

— Sua ex-mulher não constava em nossos registros. Ninguém reclamou por ela até vocês surgirem — Pacino explicou a Daniel e, de certa forma, também a Pietro.

Quando o assassino apareceu na tela, Pietro descruzou os braços e olhou para o companheiro. Perguntou:

— O que é isso? Um doido fantasiado?

— Vestindo capuz, luvas... e *maschera*.

— Você está pensando o mesmo que eu?

Pacino afirmou, meio descompensado. Daniel preferia manter-se calado. Queria entender o que acontecia.

— Acho que encontramos a ligação que procurávamos — disse Pacino.

— O filme snuff e a imagem do sequestrador? É muita sorte! — exclamou Pietro, socando a palma da mão. — Mas como esse filme veio parar aqui?

— É uma longa história. Falamos sobre isso depois. Neste momento, temos que trabalhar rápido para que meus relatórios sobre o caso não acabem se tornando um dossiê.

O corpo de Daniel estremeceu. Ao contrário do que pensava, aquele filme não era surpresa para a polícia. Sabiam mais coisas do que presumia. Uma investigação dava a pinta de estar em andamento, e tinha entrado de cabeça nela. Então se perguntou qual era o envolvimento de Nilla com aquilo. Um filme snuff? Mulheres desaparecidas? No início, enfrentava a tudo como um problema pessoal, daqueles complicados de serem resolvidos, mas não impossível. Agora, pela primeira vez desde que chegou à cidade, sentiu o medo se instalando. O medo de Nilla ter mais a ver com o crime do que o fato de ter apenas escondido a mídia.

Um desânimo puxou Daniel para baixo, mas ele manteve a cabeça erguida. Chegou àquela delegacia com a tola esperança de que fizessem alguns telefonemas e que tudo terminasse bem. Encontrariam Nilla, ficariam com a mídia e os dois iriam embora para casa. Um final rápido e feliz.



Foi então que o vídeo começou a mostrar.

O primeiro dedo. O segundo.

E Daniel caiu em si que ter sido convidado para ir à delegacia significava assistir a tudo do início ao fim.

## Capítulo 41

Os minutos seguintes foram emocionalmente dolorosos.

À partir daquele ponto, Daniel havia avançado o filme e não sabia como as demais mutilações aconteceriam, apenas o resultado final. Mas isso fora antes, na hospedaria. Ali, seria bem diferente.

Por um instante, sentia-se arrependido de estar dentro da sala. Gostaria de correr alucinadamente, afastar-se quilômetros daquele lugar, antes que a Epistaxe se manifestasse na frente dos policiais. Então ele voltou sua atenção para o filme e algo que nunca sonharia em ver, aconteceu: o assassino, inesperadamente, virou-se para a câmera e abriu a roupa negra na altura do peito.

— Espere! Pare o vídeo! — gritou.

Pietro tocou rapidamente com o dedo no trackpad do laptop e a tela congelou. Todos os olhos voltavam-se para o peito do vulto de negro.

— O que é isso? Uma tatuagem?

— Você consegue ampliar? — perguntou Pacino.

— Não será necessário — interrompeu Daniel.

— O que está dizendo?

— Eu e Paola já vimos este desenho. E ele está aqui, na nossa frente.

Daniel catou o mapa na mesa e abriu. Dizer que os círculos concêntricos saltaram aos olhos era pouco. Quando se virou novamente para a tela, a tatuagem no peito do assassino revelava uma cópia quase idêntica.

A dupla de investigadores ficou boquiaberta.

— A mesma imagem? Que droga é essa? — perguntou Pietro.

— Já presenciou este sinal em outro lugar? — Pacino dirigiu-se a Daniel.

— Não.

— Nem através de sua ex-mulher? Ela nunca manifestou isso?

Daniel balançou a cabeça.

— Nem sei o que significa, achávamos apenas que ela fez um alvo no mapa. Quando o encontramos, percebemos que era o mesmo sinal arranhado no isqueiro. — Ele separou o objeto. — Depois, notamos a semelhança do símbolo com um disco de mídia. Um CD. De qualquer forma, foi esse sinal que nos levou a encontrarmos o filme.

— Encontrarem o filme? Pois passou a ter um novo significado — completou Pacino.

O coração de Daniel batia em descompasso. Pacino estava certo. Num âmbito geral, tatuagens faziam algum sentido, e aquela não parecia ser diferente. Então, pelos céus, o que significava?

— Coisa de gangue? — Pietro deu a sugestão

— Não sei, nunca vi nada semelhante. — Pacino aproximou o rosto da tela e forçou a vista. — A pele em volta está vermelha e inchada. A tatuagem foi feita recentemente. Horas antes, talvez.

— Você quer dizer *dias* antes — consertou Pietro. — Eu tenho uma tatuagem e sei que ela sangra no início da cicatrização, mesmo seguindo todos os outros procedimentos. Não é o caso.

— É isso mesmo — complementou Daniel. — E, por Deus, essa é a única coisa nesta tela que não está sangrando.

— Ao menos sabemos que é um homem caucasiano — concluiu Pacino. — Pietro, consegue averiguar o desenho?

Os olhos do jovem investigador arregalaram.

— Você deve estar brincando! Procurar esse negócio sem fazer a menor ideia do que se trata? Simbologia?

Pacino não respondeu, apenas franziu o cenho. Tinha a feição mais carregada do que antes. Todos perceberam que não estava para brincadeiras e não repetiria o pedido. De certa forma, Daniel sentia-se feliz por isso.

Pacino apontou para o laptop.

— Continue, vamos ver o que mais temos aqui.

Pietro deu andamento no filme e viram o maníaco fechar a roupa. Quis somente mostrar a tatuagem para câmera. Mas qual era o propósito?

Daniel pensou em passar a pergunta adiante, mas a boca de Pacino apresentava-se cerrada demais para manifestar-se naquele momento. Ele havia puxado o nó da gravata para baixo, desafogando o pescoço. Parecia envolvido demais com o caso e sabe-se lá o que se passava na cabeça de um policial ao assistir aquilo. Então achou que o homem não tinha visto guerras suficientes, como previu antes.

Daniel se limitou a continuar observando — na medida em que conseguia —, enquanto o maníaco apresentava suas atrocidades na tela e o vermelho sobrepunha devagar todas as outras cores do ambiente.

Quando o filme terminou, nenhuma música tocou ao fundo, nenhum crédito subiu, e ninguém disse nada. O corpo de Barbara ficou estirado na cama, dilacerado pelo assassino. Daniel contou seis ferramentas, e todas foram utilizadas. E já que não podia correr para longe, os dedos mantiveram-se o tempo todo enterrados nos fios de cabelo, como se somente aquilo resgatasse-o de volta para a realidade.

Pietro se inclinou para o laptop e ejetou o disco, quebrando o silêncio.

— Para quem entrego isso?

Pacino despertou do transe e recolheu a mídia da mão dele. Escondeu-a no casaco antes que Daniel tivesse a mesma reação. Em troca, murmurou para ele:

— Venha. Vamos sair daqui.

## Capítulo 42

O Entregador espremia o grande corpo entre árvores do lado de fora da delegacia. Arrumou um espaço próximo ao canal e ficou em pé, atento a toda movimentação na porta de entrada e procurando não ser notado pelos policiais que transitavam por ela. Não sairia dali enquanto não avistasse a sua vítima.

O jovem repórter.

Não seria difícil adivinhar como ele era. Assim que desembarcou do voo, as mensagens que recebeu informavam que Daniel estaria acompanhado de uma jovem e possivelmente utilizando uma jaqueta mostarda. Um alvo bem fácil, diria.

Ajeitou a faca na cintura para disfarçá-la, e a bainha roçou de leve na coxa. Era grande demais e chamava a atenção, mas não tinha dúvidas quanto sua eficácia: uma legítima faca de combate Ka-bar, forjada em aço inoxidável com 7 polegadas e guarda dupla. A união das boas virtudes entre o oriente e o ocidente. Porém, não faria uso dela agora, pois a ordem tinha sido clara: recuperar o disco sem ser notado — e, infelizmente, sem machucar ninguém.

Viu o casal avançar pela batente da porta, acompanhados de um homem de terno e casaco preto. Era um investigador. Podia identificá-los de longe.

Eles deram início a uma conversa reservada. O Entregador se aproximou um pouco mais, suficiente para entender o que falavam.

— Antes de irmos embora, me responda... notou alguma coisa estranha além da tatuagem? — Daniel questionou.

— *Sì*. Aquele homem... existia algo *travando* seus movimentos — externou Pacino.

— Exato.

— O que vocês querem dizer? — perguntou Paola, confusa.

— Ou estamos lidando com um novato ou o assassino não se sentia muito à vontade com o que estava fazendo.

— Ou talvez as duas coisas juntas — completou Daniel, voltando-se para o policial. — O que pretende fazer?

— Esperar que Pietro me ajude com aquele símbolo enquanto examino o filme exaustivamente. Preciso que mantenham sigilo, o.k.?

Ambos assentiram com a cabeça.

Pacino entregou um cartão de visitas para cada.

— Tomem, guardem isso. Não pensem duas vezes em me ligar.

— Certo.

O Entregador acompanhou o casal se afastando. Depois de ouvi-los, sua mente parecia clara como a água. *Eles já sabem. Aquele investigador também. Tenho que avisar Próspero!* Pressionou as teclas do celular enquanto acompanhava os passos dos dois. Reteve o dedo quando ouviu a jovem perguntar:

— Pacino ficou com o vídeo?

— Não tem problema, Paola. Possuo outro disco no quarto.

— Como é?

— Eu fiz uma cópia assim que planejei nosso encontro com a polícia, um pouco antes de dormir. Ou melhor, *tentar* dormir. Como você se esqueceu de me deixar a chave do cofre, escondi-o em outro lugar.

— Por que não me surpreendo mais com isso?

Daniel elevou um dos cantos da boca em resposta.

— Qual é o próximo passo? — perguntou a ela.

— Voltarei para casa. Como eu disse, não poderei ficar para o show, pois Gino não cuidará da hospedaria hoje. Com o humor que ele anda tendo, não me atrevo a desfazer o combinado.

— Tudo bem, estarei por perto. Encontrarei você mais tarde.

O Entregador viu a mulher concordar e ir embora. Duas mídias? O repórter era mais astuto do que previra! Realmente, uma surpresa.

Se soubesse da informação horas antes, teria sido mais fácil abordá-lo na hospedaria, e recuperaria os dois discos antes mesmo que percebesse o que acontecera. Mas não iria se lamentar, pois não era nenhuma tragédia. Alguma coisa grande se desenhava — o que, na verdade, só tornava tudo mais divertido.

A pele do Entregador arrepiou de expectativa. Mas se o repórter não passava de um alvo fácil, por que Próspero se preocupava tanto com a integridade dele? Estaria amolecendo o coração, como uma garotinha? Difícil de acreditar, pois Próspero possuía uma alma perversa como a do Entregador — embora canalizasse a maldade no cérebro, enquanto ele se aproveitava dos músculos. Mas, ainda assim, almas gêmeas.

*O.k., vou obedecê-lo por hora, Próspero.*

Terminou de apertar as teclas e completou a ligação. Explicou tudo ao seu contratante. Eram duas mídias. Escutou:

— Vamos esperar pelo momento do show. Vá até a hospedaria, aguarde meu sinal e recupere uma das cópias.

— E o investigador?

— Não se preocupe, cuidarei disso. — Desligou.

Os músculos do Entregador se retesaram. Sentiu-se decepcionado.

*Deixar o investigador de lado? Próspero, você está mesmo se tornando uma maldita garotinha.*

## Capítulo 43

### *Primeiro toque de campainha.*

O show de ilusionismo estava atrasado em mais de uma hora. Fazia tempo que jovens de roupas coloridas pertencentes a alguma companhia de dança italiana deixaram o palco livre para o anfitrião da noite. E também uma chuva desabou com força sobre o público. Mesmo assim, poucas pessoas arredaram o pé. As que saíram, pareciam ter retornado tão logo a chuva cessou, vinte minutos depois.

Daniel aguardava de pé, pensando nas emoções que teve naqueles dois dias. Não se lembrava de tanta agitação na vida. Tudo isso sem conseguir dormir sequer algumas horas. As pernas, neste momento, quase não suportavam o peso do corpo. As panturrilhas queimavam de dor, suplicando por descanso. E não havia local que pudesse sentar, pois o espaço entre as pessoas era mínimo e o chão da Praça de São Marcos encontrava-se bastante molhado.

### *Segundo toque de campainha.*

Pedi a Deus que o espetáculo começasse logo, pois só após o término, se encontraria com o ilusionista. Mas como? Lembrava-se que Sofia tinha dito que entrariam em contato. Bem, ela já havia-o localizado uma vez, e parece que conheciam-no bastante, então não se preocuparia com aquilo.

### *Terceiro toque.*

Finalmente o show ia começar.

Daniel reparou, ao seu lado, um homem que se assemelhava vagamente a Marvin. Não fizera contato com o amigo desde sua chegada a Veneza, e



Marvin devia estar preocupado com seu estado. Ele ficaria, se fosse o inverso.

Desvencilhou o celular do bolso e telefonou para a editora. Tentou a primeira vez, mas a ligação não completou. Péssimo sinal. Fez uma nova tentativa, e depois a terceira, sem sucesso. Quando ia tentar mais uma vez, ouviu um estrondo vindo das caixas de som e gritos esfuziantes ao seu redor. O show estava iniciando.

Dois canhões de luz ganharam vida. Reflexos coloridos rodopiaram pelo palco e lâmpadas de câmeras de TV aumentaram de intensidade. Mais um estrondo, sem que ninguém anunciasse nada. Apenas um som avassalador, capaz de gerar ondas gigantescas no Grande Canal.

De repente, ele surgiu.

Lorenzo Oro.

Daniel reparou que ele havia subido lentamente de dentro do piso para o palco. O Harry Houdini italiano, vestido de fraque preto e gravata borboleta, como um tenor de óperas, diferenciando-se deles pelo pouco peso e pela suntuosa máscara veneziana que utilizava no rosto. Fogos de artifício explodiram ao redor. As pessoas aplaudiam, gritavam e assobiavam feito loucas. Flashes espocavam por toda a plateia. Impossível deixar de sentir a força que o homem do palco exercia sobre elas.

Até o desastre.

Os fogos. Muito perto.

A roupa de Lorenzo começou a chamuscar. Labaredas cresceram por todo o tecido. As pessoas se calaram. Assustaram-se. Passaram a expressar pavor ao vê-lo em chamas.

*Minha nossa, onde está o socorro?*

Lorenzo despencou no chão. As labaredas aumentaram, proliferando por todo corpo. O artista que subira elegantemente logo se transformou em

uma massa disforme, acuada no chão, sendo consumida pelo fogo.

O silêncio tornou-se tão intenso que Daniel seria capaz de escutar o crepitar das chamas. Uma tragédia. O ímpeto foi de ajudar, mas as pernas tremeram, fracas. Ficou cravado no chão, sem nem mesmo conseguir imaginar os minutos seguintes. Então um homem surgiu correndo dos bastidores com um extintor de incêndio nas mãos, despejando fumaça branca sobre o ilusionista. Mas já era...

Tarde?

Daniel não conseguia acreditar. Ninguém acreditou!

Quando a névoa branca começou a se dissipar, nada do corpo de Lorenzo no chão. A fumaça se moveu do piso para o alto, como se fosse ao compasso de uma música, até todos perceberem a mudança.

O homem que segurava o extintor era o próprio ilusionista.

Um truque.

Todos aplaudiram, até mesmo Daniel, timidamente. Rostos tensos tornaram-se risonhos, tomados de êxtase pelo que acontecia. E porque não dizer aliviados, por tudo não passar de uma grande enganação.

Sofia surgiu no palco. Essa, sim, era a verdadeira mágica.

Daniel repetiu para si mesmo que a ajudante de Lorenzo não era tão estonteante quanto achava. Pois ela era mais do que isso, seguramente.

Sofia usava um vestido negro com pedras brilhantes que acompanhava em elegância a roupa do ilusionista. As luzes do palco deixavam seu colo e pernas — suas lindas pernas — mais alvejadas ainda. Parecia não se importar com o frio. Possivelmente, a segunda função das lâmpadas seria aquecer aquele corpo escultural. E Daniel tinha certeza de que todos os homens da plateia gostariam de fazer o mesmo.

O espetáculo a seguir foi inimaginável.

Lorenzo apresentou números impressionantes. Já havia utilizado o fogo; os três elementos restantes — terra, água e ar — foram meticulosamente trabalhados em outros truques. Quem sabe o próprio ilusionista fosse o quinto elemento, pois seu corpo se dividiu em dois, fez objetos se transformarem em animais e, depois, estes mesmos animais desapareceram. Cordas enroscaram e foram desvencilhadas. Novas figuras revelaram-se do nada, sempre com a ajuda de Sofia ao seu lado. Foi quando ele se recordou de Paola, dizendo que nenhuma outra mulher conseguiria acompanhar Sofia no palco. Uma seleção delas, para falar a verdade.

Mas tantos truques absurdos fizeram Daniel pensar. Até onde sabia, Lorenzo não enxergava. Era cem por cento cego, como Paola dissera. Como era capaz, então?

O rosto estava sempre velado pela máscara. Nada mais podia ser notado, a não ser que ele se movia sem pressa. Porém, segurava objetos como uma pessoa sem deficiência. O próprio Daniel, em estado normal, precisaria se dedicar a treinos intensos. Imagine o ilusionista, então. Um homem cego.

*Ou um embuste?*

Lorenzo chamou cinco voluntários para o palco. Em nenhum momento utilizou a voz. Quem anunciava no microfone era Sofia, todo o tempo.

Seus homens desceram e transitaram no meio da plateia, escolhendo indivíduos aleatoriamente. Apenas as pessoas que levantaram a mão, é claro. Daniel reconhecia que tinha vontade de fazê-lo, mas conteve-se.

Só que não adiantou.

Tomou um baita susto quando puxaram seu braço, quase arrancando-o. O homem arrastou-o por um corredor de gente. A maioria parecia invejar a graça de ele ter sido escolhido. Em menos de um minuto, o homem colocou-o em cima do palco, embaixo de todas aquelas luzes.

Sofia o encarava, sem expressar surpresa.

Daniel tinha certeza de que ela ria por dentro.

Nem havia se recuperado direito quando o vendaram. A última imagem que teve foi da máscara de Lorenzo. Tentou observar seus olhos, mas o ilusionista não se virou em sua direção. Então as luzes desapareceram e tudo ficou negro.

Deviam ter feito o mesmo com os outros. Daniel pensou que era típico. Queriam mostrar que não havia nada combinado. Então Sofia anunciou: uma caixa foi trazida para o palco e Lorenzo contraiu o que havia dentro dela. O objeto caminhou pelos voluntários, até Daniel recebê-lo. Correu os dedos para identificar o que era. Quando descobriu, quase deixou um sorriso insurgir.

*Um carrinho de madeira.*

Lorenzo, através de Sofia, informou ser um brinquedo de sua infância. A mesma infância pobre a qual Paola se referira enquanto caminhavam. O carrinho havia se perdido e recuperado muitos anos depois, por acaso.

Sofia pediu que imaginassem Lorenzo no dia em que o carrinho havia desaparecido, aos oito anos de idade dele, e que cada um descrevesse uma peça de roupa que Lorenzo usava no dia. Obviamente, todos teriam que *sugerir* algo.

O microfone passou de mão em mão. Daniel ouviu coisas como camisa azul listrada, calça marrom rasgada nos joelhos, botas pretas sujas de terra e gorro verde. Ao chegar a sua vez, não havia sobrado muita coisa. Então, quando o microfone encostou em seus lábios, falou:

— Cabelos loiros.

Seja lá o que viria pela frente, decidira dificultar um pouco. Os cabelos negros de Lorenzo não estavam encobertos pela máscara. Eram mechas pretas, parafinadas, tinha certeza.

Muitos na plateia deviam estar chamando Daniel de idiota, outros talvez não houvessem compreendido a sua atitude, mas Sofia não pediu para que mudasse a resposta. Talvez estivesse sem reação, percebendo seu prazer em devolver a surpresa que concederam-no minutos atrás. E se reparasse direito, veria que quem ria por dentro agora era Daniel.

Só que veio a reação da plateia.

Daniel ouviu sons de espanto. Gritos. Alguma coisa acontecia, e não tinha a menor ideia do que era. Então decidiu arrancar a venda por conta própria. Não seria enganado novamente. Não deixaria acontecer.

Mas aconteceu.

Viu somente o último momento da transformação. Lá estava, à sua frente, o garoto Lorenzo aos oito anos de idade, vestindo todas as peças de roupas que os voluntários sugeriram. O ilusionista, que tinha aproximadamente a sua altura e talvez fosse mais velho do que ele, transformara-se num retrato vivo da imagem que acabaram de conceber em seus pensamentos.

E com cabelos loiros.

Daniel ficou pasmo, como se presenciasse um milagre a poucos metros de distância! *Que armação é essa?* De início pensou em truques de circo, com jogos de espelhos e luzes. Até que o assombro aumentou.

O garotinho veio em sua direção e pegou o carrinho que estava em suas mãos, por ter sido o último. Os pequeninos dedos tocaram nos seus. Daniel estremeceu. Em seguida Sofia levantou e segurou o menino nos braços, a menos de um metro de distância de Daniel.

O garoto era físico. Palpável.

*Como era possível, então?*

Daniel olhou para os demais voluntários que, assim como ele, viam-se livres das vendas. Uma mulher deixou uma lágrima escorrer pela face,

emocionada. Todos no palco queriam agarrar aquela criança, segurá-lo no colo, mas estavam assustados demais para isso.

Ao menos, Daniel estava.

Daniel e os outros quatro voluntários foram orientados a descer do palco tão rapidamente quanto subiram. Quando voltou para a plateia, pessoas deram tapinhas no seu ombro e costas, certificando-se que ele era de verdade ou apenas felizes por ele ter tornado o truque ainda mais fantástico.

*Cabelos loiros. Que idiota!*

Mas o show não havia terminado.

O *grand finale* estava por vir.

## Capítulo 44

O Entregador havia caminhado com tranquilidade através dos canais vazios. Aparentemente, todos estavam na Praça de São Marcos assistindo o grande show de Lorenzo Oro. Agora ele calculava as horas do lado de fora da hospedaria, certo de que ninguém perceberia sua presença. Bem, quase ninguém. Afinal, uma pessoa decidira tomar conta do lugar, sozinha.

*Como era mesmo o nome? Paola?*

Espiava-a no interior do saguão pelo vidro da janela fechada e uma mísera fresta nas cortinas, mas suficiente para vê-la por inteiro.

Ele contraiu e estendeu os dedos repetidas vezes. A moça era atraente. Tão atraente que, por longos segundos, o Entregador esqueceu-se do objetivo. Pensou em quantas brincadeiras encontraria ali dentro, de pé, naquele saguão.

De repente a Ka-bar pesou na cintura, dando sinal de vida. Gritava, implorando para ser apresentada a jovem. Bastava ele abrir a porta e invadir o local. Mas o Entregador amorteceu o ímpeto. Tinha que se concentrar na missão.

*Recuperar a mídia.*

Como sempre, as instruções chegariam no momento adequado. “Aguarde meu sinal”, Próspero disse. Então, o melhor a fazer seria arrumar um passatempo. Algo que não fizesse barulho, é claro. Não queria incomodar a jovem indefesa, por mais que sua faca teimasse em ser utilizada.

Ele sacou a Ka-bar e encostou a ponta afiada no dedo indicador. Pressionou e um fiapo de sangue escorreu pela pele. Forçaria aquele movimento lentamente até sentir dor, até não conseguir mais aguentar. *Quando foi que utilizei a Ka-bar da última vez? Alguns meses? Um ano?* Não se recordava muito bem. Não costumava guardar datas na cabeça,

somente as vítimas e suas feridas. As duas únicas coisas que realmente valiam a pena serem lembradas.

Como a bibliotecária.

A primeira. A mais importante. A única mulher pela qual se interessou verdadeiramente. E pela qual dedicou dias de sua adolescência na Universidade.

Ele não era conhecido como Entregador naquela época, nem havia trocado seu verdadeiro nome. Mas lembrava-se bem do lugar onde vivera até os dezoito anos: a cidade de Dresden, na Alemanha, às margens do rio Elba. Naquela época, já se apresentava corpulento e pensava que isso bastaria para chamar a atenção de Mirja, a bibliotecária. Uma alemã de cabelos ruivos e olhos maduros, diferente das jovens magricelas que desfilavam pelos corredores da universidade. Ele fazia inúmeras visitas ao lugar, sem dar a mínima para os livros que alugava, somente ela. Sempre atendia-o com sorriso no rosto. Simpática, mesmo que chegasse no último horário. E a cada sorriso, seu interesse só aumentava. Queria tratá-la como deveria. Conquistá-la. Então, um dia, decidiu revelar-se, indo diretamente ao ponto. Não pensou em nada; esperou que o lugar ficasse vazio, tomou fôlego e contou o que sentia e o que pretendia com suas visitas.

A partir de então, ela recolheu o sorriso.

Aconteceu tão logo ela caiu em si de suas reais intenções. Rejeitou-o, sem mais nem menos, sem explicações, sem pensar nas dolorosas consequências que isso causaria. Ele não compreendeu de imediato. Insistia em voltar lá, mas o tratamento já não era o mesmo.

Mirja.

Até que, um dia, ele descobriu.

Chegou tarde e a Biblioteca estava fechada. Contudo, encontrou também Mirja com um amante, a quem ela dedicava todos os sorrisos. Podia



enxergá-la do lado de fora, escorada no automóvel, com o imbecil imprensando-a. Um homem mais velho. Professor, talvez. E ele passou os dias seguintes pensando em como poderia retribuir tamanha ingratidão.

A oportunidade apareceu e teve que aproveitá-la.

Como em quase todas as universidades, a maioria dos jovens está mais interessados em fórmulas de bebidas e drogas do que Matemática, Física ou Químicas. E os que não estão, são renegados pela maioria. Ele nunca participara de nenhum dos lados. Sempre fora aficionado por lutas marciais, ocupando o tempo livre com a prática delas. Com porte físico avantajado e agilidade, nunca fora importunado pelos demais alunos. Mas na classe havia um idiota que sofria nas mãos de três valentões. Quando soube que este mesmo idiota possuía uma extensa coleção de facas de combate do pai e que não tinha colhões necessários para utilizá-las, ofereceu-se para quebrar a cara dos sujeitos em troca de uma delas. O fracote recebeu um pouco, porém o acordo terminou selado. E para não que não restasse dúvidas, executou o serviço dignamente: acuou um valentão por vez, estraçalhou seus rostos e, com isso, ganhou o direito de escolher a faca que quisesse.

Decidiu-se pela Ka-bar, a mais fascinante.

No dia em que a recebeu, saiu pelas ruas vagando com ela na cintura. Aquele objeto fazia-o sentir-se maior, mais poderoso. E na mesma noite, ele decidiu retornar para a Biblioteca da faculdade.

Com a porta da frente aberta, agiu como sempre: caminhou entre as estantes, observou, esperou até que o local ficasse vazio. Foi a primeira vez que reparou como aquele silêncio e o mofo dos livros incomodava-o. Então decidiu ser rápido: deixou que Mirja o visse. Escolheu qualquer livro na estante e dirigiu-se até ela. Jogou-o em cima da mesa e disse:

— Sua chance.

— Que quer dizer? — Ela reteve o sorriso. Na certa, esperava mais bajulação. Vadia.

— Vamos conversar sobre nós dois.

— Não. Esqueça essa história, por favor.

— Você não pode me ignorar. Vamos, mostre-me seu sorriso de antes.

Realmente tentou dar mais uma chance a ela, até que seus ouvidos escutaram:

— Não seja tão babaca, deixe-me em paz!

Às onze horas e onze minutos daquela noite, ele saiu da Biblioteca. Obedeceu Mirja, deixando-a em paz. E sem carregar o livro. Manchado de sangue, não serviria para mais nada. O líquido escuro — quase negro — dela havia jorrado por toda a mesa, proveniente de um corte profundo logo abaixo do queixo. E para deixar a cena mais engraçada, ele havia aberto um novo sorriso no rosto da alemã desgraçada.

Gostaria de ter visto a cara de quem a encontrou, mas sumiu antes que alguém observasse os registros da biblioteca ou que o idiota colecionador de facas soltasse a língua e contasse do acordo entre eles. A partir daquele instante, ninguém jamais o chamaria pelo verdadeiro nome. Novos documentos foram arranjados. A língua materna, aposentada. Vários países, várias culturas. Uma vida recomeçada do zero, até conhecer Próspero.

E o Entregador nasceu.

A ponta da faca atingiu o osso do dedo. A dor chegou, trazendo-o de volta para a realidade. *Ka-bar, minha verdadeira garota!* Somente ela foi capaz de aceitá-lo. Formavam uma dupla perfeita, tão perfeita que, juntos, faziam as pessoas sorrirem, como provaram diversas vezes.

Ele mordeu os lábios. Já estava quase desistindo da pressão quando o celular finalmente vibrou após receber uma nova mensagem.

QUARTO 11. AGORA.

Até que enfim.

O Entregador usou a faca para cortar um pedaço de pano da manga e cobrir o dedo com ele. Em seguida, calçou luvas e enfiou folhas de árvore no pulso. Não conteria o sangue, mas iria impedi-lo de escorrer. Depois de guardar a faca, pensou como chegaria até o corredor de cima. Paola permanecia no saguão, então não devia entrar por ali. Percorreu o primeiro andar dos quartos com os olhos.

*Hora dos poderosos músculos trabalharem.*

Ele subiu, agarrando-se nas falhas da alvenaria da parede externa e com o auxílio de uma calha. Depois fixou os dedos em uma saliência que separava o andar térreo do primeiro. Encontrou a janela do corredor e entrou. Caminhou por ele até ver a placa dourada com o número 11. Poderia arrombar a fechadura, mas faria muito barulho. Então saiu de novo e calculou a entrada correta. Moveu-se agilmente pelo parapeito, em silêncio, de janela em janela, até invadir o quarto do repórter.

Quando entrou, pensou no item que procurava. “Tenho outro disco”, dissera ele. Um objeto fino. Pela importância, não estaria tão à vista assim. Lembrava-se do idiota ter dito que não tinha a chave do cofre, então, devia estar enfiado em qualquer canto. Só que isso significava duas malas vermelhas, uma bolsa e todo o resto dos móveis do quarto e banheiro.

Isso podia demorar. O Entregador não tinha ideia de quanto tempo faltava para o final do show e a hospedaria estar agitada de novo. Sabia que o repórter se ocuparia por mais tempo, porém, outras pessoas logo apareceriam por todo canto. Bisbilhoteiros, talvez.

Começou pelas malas. Ironicamente, alguém já havia arrombado os cadeados, e nem se deu ao esforço.

Pegou todo o conteúdo e jogou para fora. *Estranho. Feminino demais.* As malas pertenciam a uma mulher. Refletiu se estava no quarto correto. Conferiu a mensagem no celular, quarto 11. Próspero não se enganaria. Então correu as mãos para a bolsa menor. Um laptop. Câmera. Roupas masculinas. Enfim, a bagagem do repórter.

Porém, nada do disco.

Perfurou o colchão da cama e depois arrastou o tapete. Conferiu o sofá, a cômoda e esquadrinhou o banheiro.

*Onde ele escondeu?*

Talvez fosse melhor esperar pelo idiota. Ele o imobilizaria, forçando a entregar o objeto. Quem sabe, quebraria um braço ou um punho, nada demais. Uma tala improvisada resolveria até chegar ao hospital. Mas aquilo iria contra as palavras de Próspero, o que o deixaria frustrado. E odiava descumprir ordens.

Então ele sentiu.

Um zumbido surgiu na cabeça, com a mente se fechando para todas as possibilidades. Havia vasculhado cada espaço naquele quarto. Cada objeto, por mais incerto que fosse. Exceto um.

O Entregador olhou para o teto e conferiu o lustre feito de cristais de Murano. Com seus pendentos, desenvolvia um círculo fechado demais, quase em forma de cúpula, capaz de chamar a atenção de qualquer hóspede logo que entrasse no quarto.

*O idiota não seria capaz de tanto! Ou seria?*

Moveu a cama até que ficasse posicionada no centro do quarto. Depois subiu, com o ódio impregnando cada célula do seu corpo.

Lá estava.

O disco.

O objeto encontrava-se agora em seu poder. Havia subestimado poucas pessoas na carreira, e o repórter quase conseguira enganá-lo! Mas com o passar do tempo, adquirira mais vitórias do que derrotas, e por que agora seria diferente? E para certificar-se que não havia outra cópia armazenada, colocou o laptop dentro da banheira, abriu a torneira e ficou observando a água subir até o equipamento ficar submerso.

Minutos depois, escutou alguém mexer na maçaneta, e sombras surgiram pela fresta de baixo da porta. Possivelmente, Paola. Deu-se conta que o quarto ficava bem em cima do saguão principal e, por mais cautela que tivesse, o som da água descendo pelo encanamento velho tinha-o denunciado, fazendo barulho demais.

Ele sacou a Ka-bar da cintura e correu para trás da porta. A faca, novamente, implorava para ser apresentada.

Esperou a mulher entrar. Ela desconfiaria da bagunça, qualquer um faria o mesmo. Então haveria somente um breve instante até que ela recuasse e corresse de volta para o saguão.

Assim que viu o corpo dela por inteiro, meteu o pé no meio da porta. O baque fez com que ela se virasse para trás, assustada, sem compreender direito o que acontecia.

Ele deu um passo à frente e disse:

— Vamos, doçura. Mostre-me um sorriso.

## Capítulo 45

Daniel atentava-se para o palco. Sofia, com o menino nos braços, entrou em um box de cortinas pretas e saiu pelo lado oposto, trazendo pela mão o ilusionista mascarado. Tudo isso em míseros segundos, tão rápido que poderia perder de vista. E, porque não dizer, divertido.

Finalmente Daniel deixava-se levar. Não tinha como resistir, o calor humano da plateia misturado aos acontecimentos no palco — numa cidade tão estupenda como Veneza — seria algo que não esqueceria jamais.

Lorenzo moveu-se para o centro do palco. Sofia solicitou silêncio absoluto. Pura teatralidade. Pareciam decididos a tornar o espetáculo mais inesquecível com o último ato. E a plateia obedeceu, a exceção dos flashes que espocavam insistentemente.

Então aconteceu. Outra vez.

Lorenzo levitou a poucos centímetros do chão. Até aí, nada demais. Um truque básico, devia estar no script de todos os que se formam naquela arte. Só que a distância foi aumentando. Os pés afastavam-se cada vez mais do piso, e a sombra se despedia lentamente de Sofia.

Até que a coisa se tornou inacreditável.

Lorenzo já estava acima da grande faixa que anunciava o espetáculo. Os canhões de luz seguiam seu corpo enquanto flutuava. Para surpresa de todos, ele mudou a direção. Passou do vertical para o horizontal, passeando por cima da cabeça das pessoas na plateia.

Daniel perguntou onde estavam os cabos ou o trilho que pendia o ilusionista. E o mais importante... para onde ele estava indo?

Lorenzo voltou a subir com o corpo ereto, num percurso em 45 graus, como se subisse com a ajuda de uma interminável esteira. Todos olhavam para cima, boquiabertos. Ninguém prestava atenção em outras coisas, senão

no mascarado que voava ainda mais para o alto. Às vezes ele mexia os braços, para terem certeza de que não se tratava de um boneco.

Lorenzo passou por cima da multidão. Curiosamente, as pessoas não saíram do lugar, com medo de que despencasse sobre elas. A confiança do povo impressionava. Então todos perceberam para onde ele estava indo.

*O campanário!*

A torre, uma espécie de elo entre a grande praça e a Piazzetta, era muito mais alta que a Basílica e o Palácio dos Doges. Na verdade, fazia contraposição à toda a horizontalidade dos monumentos ao redor. E se Daniel não se enganava, a construção mais alta de Veneza, podia-se ver os Alpes lá de cima. Mas quantos metros teria? Oitenta? Noventa? Não podia crer que Lorenzo levitava até ela! Mal conseguia enxergar a estátua do arcanjo Gabriel no topo, e se não visse a proeza com os próprios olhos, teria rido da cara de quem contasse. Já havia assistido ilusionistas *descerem* de lugares elevados em programas de TV, mas nunca levitarem tão alto.

Lorenzo Oro terminou o glorioso trajeto. Agarrou-se a estátua e, dependurado, fez sinal para a plateia. Ovationavam. Urravam e aplaudiam de alegria o homem cego, promovendo um barulho ensurdecedor. O cume molhado e o vento soprando arditosamente não fizeram Daniel pensar em escorregões ou acidentes do tipo. Apenas imaginava quantas autorizações Lorenzo deve ter conseguido para estar lá. Se é que ele precisava disso.

Então Daniel desceu a vista e notou algo importante.

Alguém tirava fotos em sua direção.

Tirava fotos dele.

Uma mulher.

*Nilla?!*

Daniel ficou suspenso no ar por alguns segundos. Não como Lorenzo, mas como alguém que perde o chão quando o mundo se abre

inesperadamente aos seus pés.

*Meu Deus, será possível?*

O cérebro demorou a escutar o coração, dando tempo suficiente para que ela se movesse.

Daniel abriu espaço na multidão, sem se importar em esbarrar nas pessoas. O efeito de ser voluntário havia ficado para trás. Olhavam-no de cara feia, xingavam-no, mas Daniel queria apenas tirá-los da frente.

Calculou a distância: dez metros, no máximo. O que equivalia, por causa das pessoas, 100 metros com barreiras. Quase tropeçou em uma criança. Escorregou no piso molhado e levantou-se. Quando olhou de novo, perdeu-a de vista. *Não, isso não! Onde ela está?* A pele branca, o gorro, o cabelo... não conseguiu ver o rosto, contudo, não tinha dúvidas quanto à máquina fotográfica, a Nikon.

*Mas por que Nilla fugiria de mim?*

Quando chegou no local, esticou o pescoço. Nada.

Desesperou-se, contendo o soluço na garganta com força avassaladora. Então caminhou em direções aleatórias, buscando-a, mas em vão. E parou, esgotado. Respirava com dificuldade, as pernas tremiam. Aquilo não podia estar acontecendo.

Tão perto!

De repente, Daniel sentiu a mão em seu ombro. O corpo inteiro se incendiou. Virou-se, disposto a abraçar o mundo.

E ficou no meio do caminho.

Por um segundo, Daniel teve esperança de ser Nilla.

Não fazia ideia de quem era o homem. A primeira coisa que viu foi o grande anel esmeralda na mão dele. Havia duas mechas grisalhas nos cabelos, mas não tão acentuadas para que pudesse chamá-lo de velho.



Ajeitadas com o suporte de algum óleo, acompanhavam o rosto impecavelmente barbeado. Um sujeito que se preocupava com a aparência.

Daniel recuperou o fôlego e perguntou:

— Quem é você?

— Arno Bonatti.

— O agente?

Ele aquiesceu.

— É um prazer conhecê-lo, *signore* Sachs. — E apertou sua mão. —

Espero que tenha gostado do que acabou de ver.

— Como assim? — Daniel titubeou.

— O espetáculo.

— Claro. Desculpe. Foi emocionante.

— É o que pretendemos, sempre. Mas eu estou aqui para levá-lo até

Lorenzo Oro.

— Pensei que Sofia me buscaria.

Ele sorriu.

— Sei que minha companhia não é tão brilhante quanto à dela, mas prometo não entediá-lo.

— Não foi minha intenção.

— Não se preocupe com isso, estou sendo um tolo brincalhão — completou. Daniel deu outra olhada à sua volta. Arno perguntou: — O *signore* procura por algo?

— Hein? Não, é apenas distração.

— Certo. Podemos ir?

Daniel voltou-se para o Campanário. Não havia mais ninguém em seu cume. No palco, funcionários começavam a recolher os objetos deixados para trás, e as luzes já não mostravam-se tão esfuziantes assim. O show havia se encerrado. Homens da imprensa ainda lutavam por uma exclusiva

com o ilusionista, mas ninguém sabia onde ele ou Sofia estavam. A multidão, satisfeita, despedia-se da Praça de São Marcos. Rumavam de volta para seus lares, hotéis ou *vaporettos*.

Daniel pensou o quanto gostaria de fazer o mesmo. A esta altura, uma conversa com Lorenzo já não parecia mais uma ideia tão empolgante, especialmente porque ainda não havia descoberto o motivo da conversa. Todavia, se faltava empolgação, sobrava curiosidade, e percebeu que tardaria a voltar para a hospedaria. Para o próprio bem, com algo proveitoso daquela visita.

Então concordou em seguir Arno.

Ao menos, desta vez, não estava sendo forçado.

## Capítulo 46

Quando escutou Arno Bonatti anunciar que o levaria até Lorenzo Oro, Daniel pensou que o homem se referia aos bastidores do espetáculo. Porém, caminharam bem além da Praça de São Marcos. A cada centímetro que avançava, sentia como se deixasse Nilla para trás, pois a Nikon ainda tirava fotos na sua mente cambaleante.

Arno guiava-o sem pressa, como num passeio de fim de semana. Depois de vários minutos em silêncio, Daniel decidiu interagir:

— Desculpe, mas não entendo o que estou indo fazer.

Os rastros grisalhos do cabelo de Arno apontaram em sua direção.

— Gostaria que soubesse que é uma grande honra para nós conhecê-lo, *signore* Sachs. Deseja conversar na sua língua natal ou permanecemos no italiano?

— O que você preferir — respondeu, surpreso. — Não fazia ideia que dominava o meu idioma.

— Bem, fica mais fácil quando se compreende o léxico românico e sua herança nas línguas ocidentais, especialmente a latina. Eu poderia falar bastante sobre isso, mas acho que vou entediá-lo. Façamos jus ao país em que estamos, então.

— Fique à vontade. Mas pensei que a honra fosse minha, por estar sendo levado ao encontro de uma celebridade.

— Por favor, não diga isso! Lorenzo é inquestionavelmente simples. Mesmo com a cegueira, distingue muito bem as pessoas com quem deseja se relacionar, inclusive repórteres. Por causa disso, sabe como costume chamá-lo?

Daniel balançou a cabeça.

— *Racconto*.

— Acho que não compreendi muito bem.

— Em uma tradução livre na sua língua, seria algo como “pequena fábula”. Estou me referindo a Esopo. Conhece?

— Os três ratos cegos? — Foi a única parábola que veio a cabeça e fazia sentido a Daniel.

Arno riu mais uma vez, desta vez tão alto que o som ecoou pelos canais.

— Desculpe! Foi uma bela tentativa. Porém, não menciono esta, que nem pertence à Esopo, a não ser que eu e Sofia sejamos os outros ratinhos — respondeu. — Eu me referi a fábula do cego e o filhote de lobo.

— Nunca ouvi falar.

— Bem, diz a breve história que um homem cego possuía a fama de distinguir animais tocando-os com as mãos. Certa vez, decidiram testá-lo; entregaram um filhote de lobo para ele e pediram para identificá-lo. Então o cego colocou o filhote sobre o colo, correu as mãos sobre o pelo e teve a resposta. Sabe o que ele disse?

— Ele conseguiu acertar?

Arno balançou a cabeça.

— “Eu não sei se isto é um filhote de raposa ou de lobo, mas de uma coisa tenho certeza: ele jamais seria bem-vindo em um curral de ovelhas.”

Daniel continuou indiferente, pois o cérebro já não estava tão afiado àquela altura. Achou que havia compreendido, mas o cansaço fazia-se visível.

Arno percebeu.

— O que houve, *signore* Sachs? Muitos contratemplos?

— Na verdade, alguns. Quando chegaremos?

— Não se preocupe, nós acabamos de chegar. Toparemos com Lorenzo ali dentro. — Arno apontou para a edificação de três andares à

frente. — Esta é sua Ca'. É aqui que nos acomodamos quando estamos em Veneza.

— Vocês todos moram juntos?

— *Sì*. Lorenzo nunca fica sem a nossa companhia, é bem mais fácil deste jeito. E nós devemos a ele o que somos.

Eles caminharam até a entrada. Daniel reparou no sistema de segurança, que não combinava em nada com o resto. Arno encaixou a chave na fechadura e arrastou a porta na altura da aldrava. “Por favor, entre”, disse.

A suntuosidade do salão principal não causava mais espanto a Daniel. Mesmo com pouca luminosidade, já começava a se acostumar a ver tetos altos, quadros fabulosos e relíquias de cristais de Murano espalhadas pelos quatro cantos. Se comparado, seu apartamento no Rio de Janeiro não passava de um buraco num móvel cheio de cupins.

Mas o que mais chamou a atenção foi a música.

Daniel não entendia nada sobre óperas, mas devia ser alguma nona sinfonia de um compositor memorável da Europa. E podia ouvi-la claramente, como se estivesse sendo tocada ao vivo naquele mesmo cômodo. Só que pela solidão do local, alguém devia ter esquecido o aparelho de som ligado.

— O que gostaria de beber, *signore* Sachs? — indagou Arno, já debruçado sobre garrafas de bebida.

A cena, misturada à melodia e a temperatura mais confortável, não deram a Daniel chances de recusar.

— Um vinho. Ou um conhaque, não sei muito bem.

Neste instante, foram interrompidos por uma voz solene:

— Posso recomendar um Martini? É a bebida preferida de Sofia.

O coração de Daniel veio à boca. A fala surgia de um dos cantos da sala, mais especificamente, de uma poltrona de veludo vermelho. Vencendo a semiescuridão, Daniel percebeu que o homem sentado nela tinha o físico incapaz de acompanhar a força de suas palavras e encobria os olhos com óculos escuros de alguma grife italiana na qual não distinguia direito.

Era Lorenzo Oro.

Sem máscaras.

Arno falou na direção do ilusionista:

— Eu e o *signore* Sachs caminhamos bem lentamente, Oro. Fizemos o possível para que você pudesse chegar antes de nós.

— Isso foi muita... gentileza, *signore* Sachs.

— Por favor, me chame de Daniel.

— Claro. Por que não se senta? — convidou, fazendo um movimento breve com a mão espalmada.

Daniel agradeceu. Ficou intrigado ao ver que o homem sabia que ainda estava de pé, quando enfim percebeu o barulho que o sofá fazia quando alguém se sentava nele. Depois achou que essa foi fácil.

O agente de Lorenzo entregou-lhe a bebida. O anel esmeralda reluziu próximo. Em seguida colocou a segunda taça nas mãos do ilusionista, que ainda utilizava a roupa do palco.

Lorenzo disse:

— Sofia pede desculpas por não estar presente. Todos ficam muito cansados após o término do espetáculo.

— Sinto informar que também os deixarei — comentou Arno.

— Não nos acompanha num drinque? — Daniel sugeriu educadamente, já que todos agiam da mesma forma. Arno agradeceu, mas balançou a cabeça.

— Já cumpri com minhas duas obrigações: guiá-lo oferecendo uma boa conversa e preparar drinques à altura. Foi um prazer conhecê-lo, *signore* Sachs.

Arno curvou seu corpo. Daniel retribuiu com um aceno de cabeça e ingeriu um gole do Martini. Então o grande anel esmeralda desapareceu de vista.

Reparou que em nenhum momento Lorenzo insistiu para que Arno ficasse.

— Melhor assim — murmurou o ilusionista.

— O que disse?

Lorenzo levou a taça até a mesa ao lado, libertando-a ao escutar o contato do vidro com a madeira. Depois apoiou os cotovelos e colou as pontas dos dedos à frente do queixo.

— O que conversaremos é uma decisão parcial, não acompanha o consentimento de todos do grupo. Principalmente de meu agente, que esperava que eu tivesse uma reação diferente em relação ao *signore*.

— Eu não sabia que meus assuntos se incluíam nas decisões de vocês.

— Para nós, faz todo sentido.

Daniel sentiu-se incomodado. Moveu o corpo para frente, enquanto Lorenzo permanecia na mesma posição, como uma estátua de cera. Todo o magnetismo de encontrar-se com o grande ilusionista tinha descido pelo ralo com aquela cena. E, claro, todo o mistério sobre o assunto.

— Estou cansado de ser o último a saber das coisas.

— Entendo.

— Não, acho que não entende. Concordei em vir porque Sofia disse que você tinha alguma coisa importante para me dizer. E, com todo respeito, Lorenzo, talvez seja melhor irmos direto ao ponto.

Lorenzo permaneceu na mesma. O nariz apontava para algum canto próximo do ombro de Daniel.

— O que quero explicar, Daniel, é que sei o que pretende fazer em nossa cidade. E gostaria de pedir, imensamente, que me fizesse um grande favor.

— E qual seria?

— Eu quero que vá embora de Veneza. Ainda hoje.

A resposta surgiu bruscamente, sobressaindo-se à música. Mesmo sentado, Daniel sentiu como se tivesse levado uma rasteira das boas. Descabido, olhou ao redor. Tudo naquela sala parecia exatamente no lugar, ordenado demais, como no espetáculo. Levantou-se e não precisou que o barulho do sofá falasse por ele. Largou a bebida.

— Não deve saber exatamente por que vim a Veneza, e é por isso que eu acho que nossa conversa acaba por aqui. A verdade é que estou indo embora, Lorenzo, mas somente de sua casa.

— O *signore* não está sendo razoável.

— Será mesmo? Pois não aceitarei ordens suas.

— Eu posso forçá-lo a partir.

Daniel sentiu o sangue borbulhar. Incomodava o fato de ter sido convidado somente para escutar aquilo. Que perda de tempo! Sofia podia muito bem ter dado o recado no dia anterior — e ela era ríspida o suficiente para tanto —, embora nenhum dos dois fosse capaz de afastá-lo do objetivo sem que apontassem uma arma em sua cabeça. E pensou que se Lorenzo não fosse um homem cego, talvez tomasse uma atitude mais drástica com toda a repugnância que sentia dele a partir de então. Reconhecia que se impressionara com o show e que isso trouxera uma boa dose de respeito pelo homem à sua frente, mas que agora parecia-lhe apenas um sujeito prepotente demais.



— Você deve ser maluco. Não me impedirá de ficar. Tenho meus motivos para não ir embora — repetiu.

— Eu sei disso.

— É mesmo? Como? Através de seus extraordinários poderes?

Lorenzo respondeu, tentando mirar seu rosto:

— Não, é claro que não. Sei de tudo isso apenas porque sua ex-mulher me preveniu.

## Capítulo 47

Daniel quase caiu de volta no sofá ao ouvir aquilo. Precisou se esforçar para controlar a respiração afoita.

— Sinto muito por ser tão direto, mas o *signore* não me deu outra opção — disse Lorenzo.

*Afala branda, de novo.*

— Como pode saber sobre Nilla? Onde ela está?

— Acho que não escutou o que eu contei antes.

— Você disse que ela o preveniu...

— Sobre sua vinda até aqui. Mas prevenir não significa que ela esteja presente. Isso foi no passado.

Daniel percebeu as palavras cautelosas demais. Que tipo de informação seria aquela? Nada pior poderia afetá-lo neste instante.

— Onde ela está? — repetiu.

— Eu gostaria de responder essa pergunta, mas infelizmente não posso. Eu não sei, presumo que bem longe daqui.

— Não acredito em você. Aliás, é muito fácil ter este tipo de sentimento.

— Qual é o motivo?

— Você engana as pessoas. Vive disso.

— Está me tomando por um trapaceiro. Não faço disso minha profissão, apenas entretenho as pessoas.

Daniel se aproximou da poltrona. Uma grande sucção absorveu o ar da sala.

— Então me dê uma prova.

Lorenzo subiu o queixo para onde brotava a voz. Daniel não conseguiu ver através dos óculos dele. Escuro demais. Coincidência ou não, a música instrumental chegou ao final naquele instante.

— Sua ex-mulher me procurou antes de você aparecer.

— E por que ela faria isso?

— Ela queria muito uma entrevista comigo.

— Nilla não é repórter.

— Eu sei, fotógrafa. Mas sua editora contratou-a para fazer uma matéria a meu respeito, e creio que achou prudente incluir uma entrevista. Acho que sabe disso. Desde então, ela passou a telefonar insistentemente para nós. Você teria feito o mesmo, não?

— Tenho meus próprios métodos.

— É claro.

— Continue.

Lorenzo pegou a taça. Sabia exatamente onde havia deixado. Depois, molhou a garganta com o Martini.

— Arno achou por bem aceitar. Disse que não podemos ficar tão distantes assim da imprensa. Ele planeja mudar de ares. Novas turnês, você compreende.

Daniel recompôs-se fisicamente, empertigando o corpo. Pena que não conseguia fazer o mesmo com o lado emocional.

Lorenzo continuou:

— Nilla chegou até mim. Nos conhecemos aqui mesmo, nesta sala. Posso dizer que permaneci o tempo todo sentado nesta poltrona e ela se colocava mais distante do que você, se isso o conforta.

— Não me preocupo com isso.

— É claro que não! — Lorenzo deu um sorriso, irônico. — Interessada por um cego? Que tolice!

— Não foi o que quis dizer.

— Ora, vá em frente. Não me incomoda escutar isso.

Daniel segurou as pontas.

— Escute, não tenho razões para abordar esse tipo de assunto. Só quero entender aonde quer chegar.

— Fiz uma oferta de trabalho para ela.

— Como assim?

Lorenzo apoiou uma das pernas sobre joelho oposto.

— Eu cedi à entrevista. Sua ex-mulher conduziu-a com extrema naturalidade. Uma profissional bastante competente, se me permite observar. Infelizmente, não posso dar minha opinião sobre as fotos que tirou.. — Ele simplificou, dando dois toques na haste dos óculos. — Há muito tempo eu e Arno pensávamos em uma biografia. Sabe, existem boatos a meu respeito aos quais gostaríamos de dar um fim. O assunto surgiu naturalmente durante a entrevista. Então, fiz a oferta.

— O.k., digamos que seja verdade — Daniel disse em um tom desconfiado. — Ela aceitou?

— Informou que pensaria a respeito, pois isso implicaria que acompanhasse nossas turnês por um tempo bem longo.

— E...?

— Dias depois ela ressurgiu, inesperadamente, enquanto ensaiávamos. Sofia me acompanhava, se quiser comprovar minhas palavras. Nilla estava afoita, apressada. Foi quando ela afirmou que não aceitaria a minha proposta.

— E onde *eu* me encaixo nisso tudo?

Lorenzo mostrou a palma da mão. Não havia acabado.

— Nesse dia, pude perceber o soluço na voz dela. Entenda, não sou um homem insensível, *realmente* me preocupo com o estado das pessoas, Daniel. Perguntei o que estava acontecendo, mas ela não revelou muita coisa, apenas confidenciou que você estaria aqui, procurando por ela. Pediu-

me para que o localizássemos na hospedaria e que o convencêssemos a partir.

Daniel sentiu-se preso em um buraco fundo demais. Um poço.

— Isso não faz o menor sentido! Nilla nem podia estar totalmente certa que eu viria para Veneza. Por que me mandaria de volta para casa?

— É o que ela gostaria. Por algum motivo que desconheço, não podia esperá-lo, e me pediu para que fosse enfático. Foi a última coisa que ouvi. Depois disso, não tivemos mais notícias dela.

— E como explica as malas abandonadas? Os documentos deixados para trás?

— Não sei nada sobre isso, mas gostaria de ter as respostas.

Houve uma pausa. Daniel tomou fôlego. Não tinha a menor ideia se Lorenzo falava a verdade. Acreditava ser capaz de perceber quando uma pessoa mentia através de acenos e olhares, mas no caso de Lorenzo, ele pouco se mexia. E quando fazia, tinha uma gestualidade absoluta. Além disso, os olhos estavam inacessíveis para qualquer avaliação.

Pensou em Nilla. Sempre tão linda, tão intensa! Terrível imaginar que estivesse perambulando por aí, solitária, com lágrimas nos olhos e contendo o nó no pescoço, como no vídeo. E doía saber que outras pessoas haviam notado o sofrimento dela além dele.

Depois de toda explicação, não sabia se torcia para aquela conversa ter acontecido. Se Nilla previa o perigo, podia ter escapado e queria que ele fizesse o mesmo. Talvez o vídeo não fosse um pedido de ajuda. Talvez ela quisesse mantê-lo o mais longe possível, despedindo-se. E então, tudo a seguir não passou de pistas acidentais. Mas como iria embora sem aquelas respostas? Pior... sem Nilla?

Lorenzo quebrou o silêncio:

— Eu compreendo a agonia que está sentindo, não deve ser fácil.

Daniel afastou-se. Fechou os olhos e viu pontos luminosos dançando à frente. Percebeu passos vindo da escada. Quando abriu-os, Sofia descia os degraus. Estava metida em um robe violeta, curto o bastante para que as pernas sobressaíssem sobre todo o resto.

— Está tudo bem, Lorenzo? — perguntou ela.

— *Sì*, minha querida, creio que já terminamos por aqui. Bem, o que me diz, Daniel? Qual será seu próximo passo?

Daniel, cansado de encarar óculos escuros, voltou-se para Sofia. Entendia que ela fazia ideia de tudo que acontecia naquela sala, como se fosse um enorme plano deles.

— Ele disse que foi o único a tomar esta decisão.

— É verdade. Arno acha que Lorenzo não deveria se envolver neste assunto.

— E você?

— Eu me isento de qualquer opinião. A decisão é toda sua, repórter.

Ponto final. Não iriam além disso. Então Daniel caminhou até a porta. Antes de sair, deu o recado:

— Lorenzo Oro — disse alto, para não restar dúvidas —, eu não irei embora. E você ainda vai escutar falar de mim nos próximos dias.

O ilusionista não se mostrou surpreso:

— Eu já tinha certeza disso, Daniel. Tinha absoluta certeza disso.

## Capítulo 48

Quase meia-noite. Pacino perambulava pelos canais, sem saber aonde ir ou o que fazer. Chegou a passar na frente de sua casa, mas não conseguiu entrar. Nesse momento, ela trazia a mesma tranquilidade que um abatedouro para um suíno vivo.

A mente continuava impregnada pelas cenas do filme snuff. Há pouco encontrava-se enfiado na *questura*, analisando cada segundo da película, até que não aguentou: saiu carregando o disco no bolso e a impressão de estar novamente paralisado na investigação.

Pobre Valentina!

O coração rasgou só de pensar que a *ragazza* estava em poder do maníaco, sendo mantida escondida em algum lugar obscuro de Veneza. Podia estar a poucos metros de distância e ele não tinha como ele saber. Visualizava as mãos dela atadas, a sujeira, a solidão, o desespero. Sentia-se agonizado. Porém, ao contrário de Valentina, ele tinha algo no que se amparar; trazia uma garrafa de bebida consigo, e desta vez, a de maior teor alcoólico que encontrou pelo caminho.

Pacino encostou o gargalo na boca. Percebeu que a garrafa estava vazia. Enquanto isso, seu cérebro boiava no líquido ingerido. Tontura. Suas pernas começavam a viver sozinhas, separadas do resto do corpo. Os dois primeiros sintomas do porre.

Passou na frente do *bacari* de Giotto. Fechado. Melhor assim. Se tivesse o azar de encontrá-lo, teria que dar pessoalmente a triste notícia de que havia visto Barbara no filme snuff e que sua funcionária jamais voltaria. Então, agradecia aos céus que o homem havia ido embora. Aliás, todos pareciam ter desaparecido. Os canais estavam silenciosos, como em algum lugar a mil léguas abaixo do mar à sua volta.

Pacino decidiu tomar o caminho para casa de Barbara. Não que houvesse alguém por lá, mas talvez fosse bom sentir a presença da *ragazza*, mesmo que não a tivesse conhecido. Quando chegasse, se equilibraria respeitosamente diante da Ca' abandonada e iniciaria uma oração pela jovem e por sua mãe. Era o mínimo que podia fazer.

Até que foi interrompido da pior maneira possível.

Sentiu o ombro direito queimar.

*O que é isso?*

Um corte.

Não, algo mais rápido.

*Um tiro!*

O corpo entrou em alerta, agindo como se todo o sangue convergisse para a ferida. Uma competição de células dentro do seu sistema vascular acontecendo em milésimos de segundo. Mesmo com a embriaguez, o medo espalhava-se com uma velocidade maior ainda. Dor? Morte? Talvez não. Pacino estava sozinho, e o problema não era pensar que havia chegado a sua vez. Era *depois*. Afinal, quem velaria seu corpo, de verdade? Um bando de *investigatori* a quem sequer dava bom dia?

Colocou a mão no ombro. Correu sem direção, sem confiar nas próprias pernas.

*Maldito porre!*

Próspero lamentava a falta de prática. Como fora capaz de errar um alvo tão fácil? A 20 metros de distância, o ângulo parecia perfeito, embora a iluminação nem tanto. Ainda assim, o *investigatore* já deveria estar caído no chão. Mas via-o ziguezagueando o mais rápido que podia, tentando escapar. E o mais engraçado... sem largar a garrafa.

*Bêbado.*



Chegou no momento em que o homem havia desistido de entrar em casa. Seguiu-o. Podia ver o objeto circular estufando o bolso do casaco dele e previa um trabalho rápido: acertá-lo e retirar a mídia quando o corpo estivesse no chão. É claro que, se o Entregador não recuperasse a cópia do repórter, aquilo não adiantaria muito. Teriam que pensar em outra solução. Mais complicada, até.

Mas ele era Próspero e não temia desafios.

Aguardou pelo instante mais oportuno, até que o oponente estivesse na posição ideal para ser alvejado, e então... errou o disparo.

Avaliou a situação. Nem precisava se dar ao trabalho de esconder-se, pois o *investigatore* sequer olhava para trás. Além disso, havia toda a escuridão. Aquela hora, Veneza voltava-se para si mesma, e ninguém os importunaria. Portanto, armou novamente a pistola. Iria derrubá-lo de vez, mesmo que fosse a última coisa a ser feita, mesmo que o idiota se movesse indefeso como um animal desnorreado.

Só que o *investigatore* encontrou um beco.

Próspero moveu-se rapidamente para não perdê-lo de vista. Observou a silhueta do casaco chicoteando de um lado para o outro, prensada por um caminho estreito entre duas paredes. Infelizmente, haviam sombras demais naquele beco escuro e curto. Logo ele conseguiu desaparecer do seu campo de visão.

Estava ficando divertido.

Próspero seguiu-o pelo beco com a pistola empunhada. Afinal, o *investigatore* podia estar esperando por ele do lado de fora. Mesmo bêbado, talvez tivesse a sorte de acertá-lo. Então, antes de chegar ao final, esgueirou-se em uma das paredes, pronto para um duelo. Sairia dali e veria quem era mais rápido; se estivesse suficientemente perto, meteria uma bala na testa dele. Uma morte digna para um *carabinieri*, enfim.

Foi quando ouviu o barulho de vidro quebrado. Depois, água.

Próspero saiu da escuridão e olhou para a ponte. Não havia ninguém.

O covarde havia mergulhado no canal.

Próspero conseguiu enxergar somente a ponta do casaco preto submergindo na água escura. Ele havia se jogado em desespero? Que decepção! Talvez tenha se desequilibrado da ponte e caído. Bem, tanto faz. Tinha dado um fim na perseguição — e no CD, certamente.

De repente, as primeiras notas de “Primavera” ecoaram pelo espaço.

Próspero pegou o celular. O Entregador enviava um novo recado:

ESTOU COM A CÓPIA. CARREGO UM PRESENTE JUNTO.  
ESPERO QUE APRECIE.

*Ótimo.*

Hora de retornar. Para não haver dúvidas, Próspero chegou em cima da ponte e descarregou tiros na água, exatamente onde bolhas flutuavam. Se não acertasse o maldito, pelo menos iria mantê-lo mais tempo debaixo da água gelada, acabando com a resistência dele e o mísero fôlego de bêbado.

Era o fim do *investigatore*.

Depois de alguns minutos, ao certificar-se que o homem não havia submergido, Próspero foi embora, pensando como era bom ter um pouco de ação.

## Capítulo 49

A hospedaria não ficava muito distante da casa de Lorenzo Oro, mas Daniel demorou bastante tempo para encontrá-la. Seu senso de direção não funcionava direito. Aliás, nada parecia funcionar. Se andar em Veneza já era complicado, com aquela situação de esgotamento, era a pior coisa do mundo.

Ele chegou à porta e empurrou-a. A claridade corroeu os seus olhos como ácido. Esfregou-os. Passou ao lado de um dos sofás. Gostaria de mergulhar dentro dele. O lado bom da fraqueza é que finalmente sentia sono, muito sono. A noite não seria igual às anteriores, teria um pouco de descanso, enfim. Mesmo com todos os problemas, merecia uma folga. Algumas horas, ou seria impossível seguir adiante.

Não havia ninguém atrás do balcão. Paola devia estar em algum canto além da porta que ficava ao fundo, sem perceber a sua chegada. Seria normal, se não fosse um fato relevante: Daniel deixou-a morrendo de curiosidade com o show e a conversa com Lorenzo Oro. O mais lógico seria que ela estivesse contando os minutos para vê-lo novamente.

Também não viu sinal de Gino, mas isso não o preocupou nem um pouco.

Daniel enfrentou a escada. Cada degrau tinha três vezes a altura. O pescoço, costas e pernas doíam imensamente. *Destruídos*. O corpo fraquejou. Ao subir, precisou se amparar no corrimão, como um velho. Quando finalmente encontrou o quarto, encaixou a chave na fechadura e entrou.

No inferno.

Ao acender a luz, viu tudo revirado.

As malas de Nilla escancaradas junto à sua bolsa. O chão repleto de roupas e outros penduricalhos. Os móveis, arrastados de lugar. Não havia uma só coisa que parecesse em ordem, um verdadeiro caos.

Ele olhou para a maçaneta, mas ela parecia íntegra. Restou a janela. Estava aberta.

*Meu Deus, a cópia!*

Daniel fechou a porta. Fez um esforço quase sobre-humano para olhar o lustre. A claridade encheu os olhos como tempestade de areia, contudo, esse não era o problema. O objeto estava a quilômetros de distância, numa dimensão que nunca alcançaria. Achou que não aguentaria chegar até ele e percebeu que nem precisava. A posição da cama não deixava dúvidas: alguém havia subido nela e vasculhado o que ele havia pensado ser o lugar mais secreto daquele quarto. Mas quem?

Se tivesse escolhido um quadro de leão alado, talvez tivesse complicado um pouco mais a vida dos invasores, como ocorreu com ele e Paola.

Daniel caminhou até o banheiro, arrastando os objetos do chão com os pés. Viu o laptop afogado na banheira. Uma cena terrível para quem costuma guardar a vida dentro de um desses. Porém, reveladora: seja lá quem entrou naquele quarto, não tinha intenção de roubar nada além do filme snuff.

Voltou-se. Antes de andar, fraquejou novamente. Escorou as duas mãos na batente da porta do banheiro. A vista turvou e sentiu vontade de vomitar. Estava próximo de um esgotamento total. Bater na porta de outro quarto? Não conseguiria caminhar tanto. Pensou em pedir ajuda pelo telefone, mas o salão estava vazio e demoraria até que alguém atendesse. Não sabia nem mesmo se conseguiria chegar até o teclado do aparelho telefônico. E se chegasse, possivelmente não enxergaria os números.

Soltou as mãos devagar e deu o primeiro passo.

*O que está acontecendo comigo?*

Daniel estava atordoado, como se a cabeça carregasse uma pedra no lugar do cérebro. Sentia uma força estranha anulando-o rapidamente,

retirando sua alma de dentro do corpo. Uma sensação que nunca teve em toda a sua vida.

Deu mais um passo.

Os ombros se curvaram para baixo e os joelhos dobraram. A gravidade puxava-o violentamente para o centro da Terra, e os objetos no chão balançaram na direção dos quatro pontos cardeais. Tinha que descobrir o que havia acontecido com eles. Quem os espalhou? Quem mais estaria interessado no filme?

Se fechasse os olhos, não os abriria mais.

Então deu o terceiro e último passo.

*Esgotado!*

Daniel não resistiu. Despencou sobre a cama, como se houvessem cortado todas as cordas que seguravam seu corpo. E teve um só pensamento, antes de apagar...

Algo estranho havia acontecido nas últimas horas.

## Capítulo 50

Na luz tênue do andar subterrâneo, Próspero e o Entregador dividiam o espaço da sala tecnológica. Desta vez não havia música tocando no ambiente, somente o ruído constante de água batendo no lado externo de alguma parede.

Próspero recebeu o disco. O Entregador disse:

— Acho que era isso que queria.

— A cópia! Você se saiu muito bem.

— Obrigado.

— Foi muito difícil?

— Digamos que o repórter é menos idiota do que presumimos. Mas apenas um pouco, é claro... — Ele riu. — O que aconteceu com o outro disco?

— Não se preocupe, já cuidei de tudo. A esta altura, não serve para mais nada. — Próspero forçou as mãos e partiu o CD em dois. E completou: — Daqui a um tempo, não passará de mais uma relíquia perdida no fundo do mar.

O Entregador se surpreendeu.

— Quer dizer que você foi *pessoalmente* atrás do policial?

— O que pensou? Que eu não conseguiria?

— Livrou-se dele?

Próspero deixou um sorriso triunfante atravessar os lábios. Não necessitava responder. Controlou o mouse e um monitor exibiu Paola desfalecida em uma sala, amordaçada. Perguntou:

— Por que trouxe a *ragazza*?

— Um pequeno contratempo... encare como um bônus pelo serviço.

— Não esperava por isso. Receio que tenhamos que improvisar um pouco.

— Quer que eu me livre dela? Para mim, será um prazer.

Próspero refletiu: sair do plano era um jogo arriscado. Tudo caminhava bem até aquela noite, sem erros. Pelo menos, até a chegada do Entregador trazendo mais do que deveria. Mas não o repreendeu; tinha receio de abalar o profundo respeito que o homem nutria por ele. Além disso, por que se preocupar? Não passava de mais uma *ragazza*. Ironicamente, lembrava-se dela, de seu rosto. Tinha sua ficha guardada junto das outras, e ela poderia ter integrado a lista a qualquer momento.

Respondeu:

— Esqueça. Pensarei em alguma coisa.

— Tem certeza?

Ele fez que sim. Melhor seria se não se preocupassem com isso por enquanto. Pensaria em algo. Arrumaria um bom cliente para ela, ou talvez, planejasse um fim mais adequado.

— Bem, o que quer que eu faça? — perguntou o Entregador.

Próspero abriu uma gaveta. Passou para as mãos dele outro pacote retangular e novos bilhetes de passagens aéreas, além de um envelope.

O Entregador examinou os bilhetes e disse:

— Roma?

— Por sorte, um lugar perto. Quero que faça a entrega e retorne o mais rápido possível. Acho que precisarei de você... As coisas podem esquentar um pouco aqui em Veneza.

O Entregador fez que havia compreendido. Guardou as passagens junto com o pacote. Porém, abriu o envelope, curioso. Encontrou várias fotografias impressas.

— Para que isso?

— Uma *isca*. Leve-as.

Ele anuiu. Já dava as costas para Próspero quando este chamou sua atenção:

— Pode me fazer um favor antes de sair?

— Claro. O que quer?

A água bateu com violência na parede. Próspero moveu novamente o mouse e outro monitor ganhou vida. Imagens de sacos plásticos surgiram na tela.

— Você pode jogar fora o lixo para mim?



## Capítulo 51

Os olhos de Daniel ainda estavam fechados quando ele sentiu alguém tirá-lo subitamente da cama. Mãos engancharam a sua jaqueta mostarda na altura do peito, machucando-o. Seus braços estavam amolecidos, incapazes de esboçar reação. E quando as pálpebras descolaram, ele enxergou o rosto de Gino.

— O que aconteceu?! Vamos, me responda! — ouviu-o gritar.

Aquela situação desenrolou a energia dentro do corpo de Daniel e ela se espalhou rapidamente por todos os poros. Conseguiu se desvencilhar e caiu sentado na cama.

— Que está fazendo?

— É tudo culpa sua!

Não tinha jeito. Gino mostrava-se alterado. Para não dizer, insano. Os olhos estavam a ponto de entrar em erupção.

Daniel se preparou para receber um golpe. Não seria páreo para ele naquelas circunstâncias, ainda recuperando o cérebro dormente. Qualquer coisa que dissesse talvez não chegasse aos ouvidos do rapaz enlouquecido. Mesmo assim, fez uma última tentativa:

— Fique calmo! Não estou entendendo, mas seja lá o que for, posso ajudar.

Gino passou longos segundos encarando-o. Parecia vasculhar vestígios de culpa, com os punhos cerrados, pronto para descarregar em Daniel todo o ódio acumulado. Mas, surpreendentemente, ele não atacou, muito pelo contrário.

Gino se voltou para o corredor e sumiu por ele.

Daniel se levantou, desnorreado. Desviou-se dos objetos no chão e foi atrás, passando pelo batente e chegando ao corredor. Alguns hóspedes haviam aberto as portas, assustados com a gritaria. Olhavam Daniel como se

tivesse feito algo muito ruim, mas até onde ele sabia, não passava de um tremendo engano.

Já no meio da escada, viu Gino atravessar o saguão em direção a saída como um velocista. Não conseguiria ir atrás dele. Então, gritou:

— Espere!

Gino agarrou a maçaneta da porta e fuzilou-o com os olhos. Eles estavam lacrimejantes.

— Se algo acontecer a ela... se algo acontecer a minha irmã, juro que você se arrependerá de ter pisado nesta hospedaria! — ameaçou de onde estava.

Gino foi embora, mas as palavras dele permaneceram no local, como se presas em um quadro de avisos.

A cabeça entrou em ebulição.

Começou a jornada de lembranças: a última vez que vira Paola foi na delegacia. Contou a ela sobre a cópia que fizera. “Escondido no quarto”, disse. Ela respondeu que voltaria para a hospedaria, pois precisava tomar conta do estabelecimento sozinha. E desde que ele chegou da visita a Lorenzo Oro, não a viu mais.

Foi quando Daniel se encolheu na escada como um animal ferido e tremeu.

É claro. Paola devia estar ali quando invadiram a hospedaria. Sabiam sobre a mídia. Mas como era possível? Nem mesmo os dois investigadores foram instruídos sobre aquela cópia. Ele não dissera nada, e Paola ficara o tempo todo do lado de fora da sala. Ela só soube do segundo CD depois.

Pensou no sujeito mascarado do filme.

*Meu Deus, a culpa é minha!*

Gino tinha razão! Daniel havia envolvido Paola em todo aquele mundo sórdido e misterioso, sem nem ao menos compreender o que acontecia.

Embora esperta, Paola não deixava de ser uma mulher indefesa, uma presa fácil. Talvez tivesse até mesmo sido obrigada a abrir a porta.

Devia tê-la preservado. Devia ter previsto que algo do tipo poderia acontecer.

Então um pensamento mais apavorante surgiu...

Paola se *encaixava* no perfil das outras desaparecidas. Bonita, jovem e sozinha, no momento da invasão ao quarto dele. Pior, não apenas ela... Nilla também! Embora seu desaparecimento parecesse mais calculado do que os outros — por todas as pistas que deixou para trás —, Daniel não podia excluir nenhuma possibilidade. Ao mesmo tempo, recusava-se a perder as esperanças. Estava quase certo ter visto Nilla na Praça de São Marcos. Sim, só podia ser ela.

Ou não?

Daniel tentava, mas, a esta altura, era difícil se concentrar, acreditar. Talvez fosse hora de pedir ajuda. Unir forças.

Colocou a mão no bolso da jaqueta e tirou o cartão. *Giuseppe Pacino, o investigador*. Lembrou-se da recomendação sobre ficar calado. Naquele momento ele concordara, porém, era apenas uma questão de tempo até que a notícia do que acontecera na hospedaria se espalhasse.

Pacino tinha que encontrar a solução.

Ele era a salvação de todos.

## Capítulo 52

Daniel caminhava até a casa de Pacino, carregando toda a esperança que lhe restava. Havia demorado bastante para conseguir falar com o investigador. O celular gravado no cartão mostrava-se indisponível, e a atendente da delegacia relutou bastante para abrir mão do telefone residencial. Ela cedeu somente depois que escutou Daniel falar sobre os desaparecimentos.

Chegou até o endereço. Uma casa bem simples, se comparada à hospedaria e a morada de Lorenzo Oro. Então, bateu na porta. Pacino não demorou a abri-la. Ele não vestia nenhuma camisa e tinha um curativo no ombro direito. O vento frio socava o seu peito, mas ele não parecia se importar.

— Entre — disse.

Pacino deixou a porta aberta e deu as costas. Daniel mal pode ver rosto dele, mas percebeu que as coisas não andavam nada bem. Enquanto andava, pensou que haviam chegado a um ponto onde suas vidas convergiram para o mesmo caminho. Engraçado, se levasse em conta que eram um investigador de polícia e um repórter.

Daniel seguia os passos frios do investigador. Enquanto isso, perguntou:

— O que aconteceu com seu ombro?

Pacino não parou. Apenas fez um gesto rápido, apontando o dedão para trás.

— Um tiro. Pelas costas.

— O quê?!

— Tentaram me apagar.

Daniel recebeu a notícia como se acordasse num prédio em chamas; já Pacino, demonstrava bastante naturalidade. Ele se sentou num sofá, enquanto

Daniel escolhia uma cadeira. A sala, toda bagunçada, cheirava a bebida. Havia um estojo de primeiros socorros na mesa de centro. Gazes sujas de sangue e um vidro aberto de antisséptico chamavam atenção.

— Você não foi ao hospital?

— Não.

— Espere aí. Você mesmo suturou...

— Podemos passar adiante?

— Só se me disser o que aconteceu.

Pacino cravou os olhos nele. Devia estar pensando o quanto Daniel estava sendo intolerável com aquilo.

— Consegui fugir e pular dentro de um canal. Me escondi na água, embaixo da ponte, durante uns cinco minutos, até que o atirador fosse embora. Satisfeito?

— Não revidou o tiro?

— Não.

— Por quê? Estava sem a sua arma?

Ele balançou a cabeça negativamente. Sem querer, olhou para uma garrafa vazia no chão. Daniel entendeu a confissão.

— E como ficou este tempo todo na água?

— Você é *realmente* um maldito repórter.

— Eu sei.

Pacino buscou a garrafa. Segurou-a um pouco abaixo do pescoço e desceu o fundo dela em direção a quina da mesa de centro. Enquanto Daniel se refazia do susto, ele girou a mão e bateu mais duas vezes, até abrir um buraco enorme em sua base.

— Já praticou mergulho, *signore* Sachs? Tente se manter embaixo d'água e respirar através disso.

— Um *snorkel* improvisado?!

Ele fez que sim com a cabeça. Largou o vidro de lado.

— Não tem medo que isso infeccione? — insistiu Daniel.

— Sua vez — interrompeu ele.

— Certo. Paola desapareceu.

— Sinto muito.

— O quê? Só isso?

— Que quer que eu faça?

— Que tal começar a procurar por ela?

Pacino levantou as palmas das mãos, cercando-se de cuidado com o curativo.

— Sabe o que consegui até agora?

— Não.

— Exatamente. Não existe nenhum registro do rosto do criminoso. Nenhuma digital, nenhuma indicação de onde fica o cativo. Temos apenas um material coletado da água que não serve para quase nada e uma tatuagem em um vídeo. Se estiver com pressa, pode começar a bater de porta em porta e abrir a camisa de todos os homens de Veneza.

— Não brinque com isso, por favor.

Pacino não deu a mínima.

— Onde está o CD? — perguntou Daniel.

— Destruído, assim como o meu celular. Não sei nem se consegui salvar a minha arma — respondeu ele. — Como você soube que sua amiga Paola desapareceu?

— Gino, o irmão dela. Um sujeito meio esquisito, antipático. Usa um cabelo à moda escovinha, com corte militar. Não queira nunca ser seu amigo.

— Ele sabia no que vocês estavam envolvidos?

Daniel deu de ombros.

— Não tenho certeza de nada.

— Foi o que expliquei antes: nada. Percebeu?

Daniel não se deu por vencido.

— Não importa que chegamos neste ponto, temos que procurar algo.

— O que quer fazer? A não ser que alguém entre aqui carregando a resposta sobre o que significa aquele símbolo, não temos aonde ir.

— O tempo está correndo.

— Acha que não penso nisso desde o começo?

— Barbara...

— Barbara está morta! — A voz dele subiu alguns degraus. — Sinto informar você, mas Valentina já pode ter sido a próxima da lista. — Não tocou no nome de Nilla. Mesmo assim, Daniel sentiu-se como se tivessem atirado em seu peito.

— Ainda temos Paola, precisamos salvá-la.

Pacino envergonhou-se para frente, apoiando os braços nos joelhos.

— Diga-me... O que sente?

— Não compreendo.

— Culpa? Por Paola ou por sua ex-mulher?

— Não interessa.

— Volte para sua casa. Não encontrará solução para suas perguntas por aqui. — Pacino fez menção de se levantar.

— Por que todos querem que eu faça isso?

Ele arqueou uma sobrancelha.

— Como assim?

— Lorenzo Oro falou para eu me mandar de Veneza. Agora, você. Por que será que incomodo tanto?

— Ele te *pediu* isso?

— Pediu, não. Ordenou.

Percebendo o interesse de Pacino, Daniel despejou as últimas notícias naquela sala. Incomodava-o profundamente ter participado da conversa sozinho e despreparado, mas deixou o investigador a par do que se lembrava até o ponto em que voltou para a hospedaria e desmaiou. Pacino não interrompeu em nenhum momento.

— Obviamente, não segui as instruções de Lorenzo, assim como não seguirei seus conselhos — concluiu.

Pacino não se incomodou com a frase.

— O que me contou é muito estranho! Por que Lorenzo queria que partisse? Com todo seu dinheiro e prestígio, poderia ter oferecido ajuda.

— Talvez não quisesse se envolver.

— O que me contou já é suficiente para arrolá-lo no caso. Pelo que entendi, ele foi o último a ver a *signora* Nilla. Qual é o sentido de contar isso a você? Se fosse eu, não teria sequer convidado a ir até minha casa.

— Não é tudo. Enquanto estive lá, passou uma coisa por minha cabeça.

— O que foi?

— Lorenzo Oro... ele é *genuinamente* cego?

O corpo de Pacino afundou no sofá.

— Você está brincando, não está?

Daniel olhou sério para ele.

— Não, não está. — Pacino deu a resposta.

— Ele é um ilusionista.

— Não continue.

— Faz coisas impossíveis.

— Ele *treina* para isso.

— Evita a imprensa.

Pacino estendeu o indicador na direção de Daniel.



— Olhe, você está querendo entrar num terreno muito perigoso. Duvidar de um homem destes? Do nome dele? Quer se gabar de quê?

— Talvez de descobrir a verdade?

Pacino baixou a cabeça ao invés de continuar discutindo. Daniel poderia lançar outras coisas em sua direção, como a visão que teve de Nilla e sua máquina fotográfica na Praça de São Marcos, mas não agora. Por enquanto, tudo que havia revelado já era mais que suficiente.

Pacino encarou seu rosto novamente.

Por um instante, Daniel achou que ele diria que não tinham saída, que a melhor coisa a fazer seria aceitarem os seus destinos. Ou que esse tipo de crime acontece todos os dias, e que ele mesmo não passava de um homem comum, limitado, atormentado por seus próprios medos e vícios. Havia, de fato, uma série de coisas a serem esclarecidas, e isso devia incomodar Pacino tanto quanto a si próprio. Talvez, até mais. Ainda assim, pensou em suplicar: “Por favor, ajude-nos, faça alguma coisa”, mas era desnecessário.

De repente, uma fagulha surgiu dos olhos de Pacino. Pequena como um grão de areia, mas admirável como o infinito.

— Eu pretendia evitar sair hoje, mas algo me dizia que seria impossível — comentou, levantando-se. — Espere-me aqui, vou trocar de roupa.

— O que fez você mudar de ideia?

— Talvez o fato de que odeio truques de mágica?

Daniel deu um leve sorriso.

“Você não é o único”, disse para si mesmo.

## Capítulo 53

Daniel sentia como se uma mão invisível empurrasse suas costas enquanto andava ao lado de Pacino. Não entendia muito bem o que iriam fazer, nem para onde estavam indo. O investigador apresentava uma frieza impassível. Ainda o efeito da bebida? Ou realmente se concentrava?

Parecia guardar a resposta para si mesmo, trancada a sete chaves.

Pacino conduziu Daniel até uma praça. Um sino badalava continuamente perto deles e Daniel logo percebeu que vinha de uma torre imensa, em meio a outras edificações. No centro do pátio, uma cisterna branca esculpida reluzia sob a luz fria do inverno. Próximo a ela, uma banca com souvenirs à venda.

Pacino parou. Daniel observou o lugar. Viu pouca movimentação.

— Onde estamos? — perguntou.

— Campo Santi Apostoli.

— E por que viemos até aqui?

— Encontraremos com Pietro — disse ele, olhando para a torre.

— Pensei que iríamos até a delegacia.

— Se eu passar por lá, terei que dar várias explicações. Telefonei para Pietro do telefone fixo do meu quarto, e ele combinou que nos contaria tudo que obteve até agora. Achei que nós três, juntos, talvez consigamos descobrir algo importante sobre o símbolo.

— Mas aqui? — perguntou Daniel, sentindo o vento frio cortar a pele com mais intensidade que nos dias anteriores.

Pacino desceu os olhos para ele.

— E o que queria? Que nos encontrássemos com ele em cima da Ponte dei Sospiri? Com todas as pessoas nos observando?

Daniel gostaria de dizer que ao menos um chocolate quente cairia bem, mas calou-se. Nem se lembrava mais da última boa refeição que fizera. A

bebida na casa de Lorenzo Oro fora a coisa mais recente que havia consumido, sem nada sólido para acompanhar. Talvez por isso tivesse se sentido tão mal e desmaiado.

Antes mesmo do pensamento ir embora, Pietro apareceu.

— *Ciao* — disse ele.

Os três permaneceram de pé, formando um pequeno triângulo. Expeliam o ar em pequenas nuvens brancas, que logo se dissolviam. Todos mantinham as mãos enterradas nos bolsos. Pietro perguntou a Pacino:

— É seguro?

— *Sì*, não se preocupe.

Daniel imaginou se discutiam sobre o local em que se encontravam ou sobre ele. A segunda opção pareceu ser a mais correta.

— O que temos sobre o símbolo? — Pacino fez a vez.

— Muita coisa e, ao mesmo tempo, nada.

Pietro tirou um papel dobrado do bolso. Abriu-o e entregou para Pacino. Daniel acompanhou com os olhos.

— Eu reproduzi o símbolo no computador, idêntico ao que tínhamos no filme. Depois, imprimi em uma folha de papel comum — disse, enquanto Pacino segurava o papel com os círculos concêntricos. Para Daniel, ainda parecia um alvo. — Vocês já escutaram falar em realidade aumentada?

Pacino negou. Daniel sabia mais ou menos o que era, mas ficou quieto.

— Bem, realidade aumentada, ou simplesmente R.A., é uma mistura de dois ambientes. Um sistema computadorizado, como se elementos interagissem entre si, alguns deles reais e outros criados virtualmente. Hoje em dia deixou de ser apenas pesquisa para entrar no campo prático.

— Como em jogos de futebol — disse Daniel.

Pietro olhou para ele, compreendendo a citação.

— Exatamente. Quando uma linha amarela mostra se um jogador está em posição legal ou não. Ela é inserida na imagem através de um computador, mas não existe de verdade. Porém, todos a veem porque ela *está* lá. Outros exemplos conhecidos são os celulares com GPS, onde o caminho se forma dentro de uma sequência de imagens geradas pela câmera.

— Quando virão as boas notícias? — soltou Pacino.

— Certo, vamos ao que interessa — respondeu Pietro, compreensivo. — Você já devem ter se deparado com peças publicitárias com alguns selos peculiares chamados QR Code. Eles aparecem normalmente em anúncios de revistas. Junto, vem um endereço de um web site. Se acessá-lo e direcionar a imagem para a webcam, visualizará uma imagem virtual na tela, em tempo real, misturado à sua. Essa imagem muito provavelmente terá algum tipo de animação.

Daniel conhecia bem o sistema: aparecia em várias edições das revistas da editora. Pacino, ao contrário, continuava mergulhado em trevas.

— O que tem isso? — perguntou ele.

— Bem, depois de um tempo, notei que minha pesquisa sobre o símbolo não estava tendo muito sucesso. Então me lembrei dessa tecnologia: R.A. Sabia que já havia acessado um website com mecanismo semelhante, no qual identificava vários tipos de imagens pela webcam. Bastava apontar uma figura e o sistema trazia de volta uma lista com resultados, algo como uma enciclopédia on-line.

— Ou um programa identificador de músicas — disse Daniel. — Basta reproduzir um trecho que ele traz todas as informações como título, cantor, etc.

— Então você resolveu desenhar a imagem, imprimi-la e testá-la. Tem a ver com esta baboseira tecnológica? — adiantou-se Pacino.

— Isso mesmo — respondeu Pietro. — E depois que localizei o website, mostrei o papel branco com os círculos concêntricos para a webcam.

— E o que você encontrou?

— Uma lista com bastante referências.

— Tantas assim?

— Nem me fale. Eram muitas. *Mesmo*.

Pacino fez uma careta. Daniel, ao contrário, já previa mais obstáculos, pois fora assim desde que pisou em Veneza. Porém, Pietro parecia estar preparado:

— Entendam... círculos concêntricos existem por todo lado, não são nenhuma novidade, especialmente na Arquitetura. Aqui mesmo, em Veneza, podemos vê-los em mosaicos espalhados pelo chão ou em cúpulas de igrejas. — Ele apontou para a que estava à frente deles, ao lado da torre. Várias linhas diminuía até o cume.

— Será que o mapa queria indicar algo parecido? — Daniel perguntou.

— Acho que não — respondeu Pacino. — É hora de procuramos um sentido *diferente* para a tatuagem. Além do mais, você encontrou o CD dentro do Palácio dos Doges. O mapa cumpriu seu papel, levando-o a ele.

— Sim, pensei que a marcação equivalia ao formato do disco, mas agora sabemos que vai além disso. Sua presença no mapa não parece ser coincidência, deve haver uma ligação entre o desenho e a tatuagem do criminoso.

Pacino voltou-se para Pietro.

— Quais foram os principais resultados que encontrou?

— A primeira e mais importante definição que apareceu foi geométrica. Duas ou mais circunferências com o mesmo centro, mas de raios

distintos.

— Ondas. Jogue uma pedra para cima e deixe-a cair sobre a água — comentou. — Ou os anéis internos de uma árvore.

— Exato.

— E o que mais?

— Como eu disse, temos círculos concêntricos em muitas referências.

— Eu entendi. Mas seria mais fácil se nos desse exemplos.

Pietro anuiu, contando nos dedos enquanto falava. Iniciou a explicação dizendo que nas lendas Atlantis era configurada geopoliticamente, alternando-se faixas de terra e água, e até por causa disso, Poseidon também simbolizava-se através deles. Lembrou que plantações são marcadas misteriosamente com círculos concêntricos o tempo todo, como sinais de comunicação extraterrestre. E que numa escala de mistério semelhante, Stonehenge, que ninguém sabe ao certo a origem, se visto de cima, teve suas pedras alinhadas em círculos concêntricos.

Pacino disse, aturdido:

— Daqui a pouco vai dizer que existe isso em todo o universo.

Pietro devolveu um olhar confiante.

— E por que não? Se formos pensar mais amplamente... que tal os anéis de Saturno? O que lhes parecem? Uma manifestação monumental deles, é claro.

— Sim, mas isso não nos leva a lugar nenhum — falou Daniel.

— Concordo — comentou Pacino. — Não teríamos que pensar em três círculos, apenas? Como no desenho?

— Certamente diminuiremos as possibilidades.

— *Sì*, mas nem tanto — interrompeu Pietro.

— Como pode ter certeza?

— Três, para nosso azar, é um número bastante simbólico, principalmente se misturado aos círculos concêntricos.

Era verdade. Se pensassem em termos sagrados, três círculos concêntricos reproduziam corpo, mente e alma. Ou até mesmo Inferno, Purgatório e Paraíso. A exceção ficava por conta da Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Esta tinha a representação mais correta em um triângulo equilátero, cada qual sugerindo um vértice.

— Vocês estão se esquecendo de algo — disse Pacino.

— O quê? — perguntou Pietro.

— O centro preenchido. Ele não quer dizer nada?

— Bem, se fossem apenas dois círculos com o menor deles preenchido, seria um circunponto. Mesmo assim, se procurarmos, teremos dezenas de resultados. Quer que eu tente outra vez?

— Não temos tempo para isso, já devíamos ter chegado a algum lugar... — Ele olhou para os pés. — Eu não sei, mas parece que existe num ponto cego, algo que não enxergamos.

Daniel sentiu um formigamento passear na nuca. Desta vez, nada tinha a ver com o vento frio, mas sim, um sinal de alerta para o que Pietro acabara de dizer.

— Esperem!

— O que foi? — disse Pacino.

— Um circunponto! Sei quais são os principais significados dele, lembro-me de já ter lido sobre isso recentemente.

— Você sabe o que é? — indagou Pietro, espantado.

— Pode ser uma representação gráfica do sol. Ou de Deus. Ou ainda, algo mais importante para a investigação...

— Diga logo! — exclamou Pacino, ansioso.

Daniel estalou os dedos.

— O símbolo alquímico do ouro.

— Ouro? Tem certeza?

Daniel aquiesceu, tirando o papel das mãos de Pacino.

— Se analisarmos bem, esta figura tem o símbolo do ouro representado dentro de algo maior que ele. *Um círculo que domina o outro.* E não só isso... — Ele rodopiou o papel algumas vezes. — Agora que temos esta informação e examinando com mais clareza a figura, percebo que possuímos círculos concêntricos em um órgão muito importante do corpo humano. Qual é a lembrança que a imagem lhe traz?

— Não faço a menor ideia.

Daniel rasgou o papel em volta das bordas do círculo maior. Levou a imagem até o rosto, posicionando-a entre uma das maçãs do rosto e a sobrancelha.

— Um olho?

— E se quiserem ir além, posso lembrar-lhes de algo mais curioso... Círculos concêntricos também são utilizados para enganar a percepção das pessoas. Querem fazer uma aposta comigo?

— Que aposta?

— Quem aqui nunca brincou com ilusão de ótica?

— Ilusão de... Espere aí! Você está forçando a barra, não está?

— Tem explicação melhor que esta?

Não, não tinha, e Daniel sabia disso. Contudo, sabia também que Pacino não se convenceria tão facilmente.

— Sabe o que eu acho? Que você continua querendo me convencer sobre suas teorias conspiratórias. Como repórter, está acostumado a aumentar os fatos, enxergar coisas que não existem.

— Pensei que investigadores de polícia avaliassem todas as possibilidades.



— Todas as *sensatas*.

— Tem certeza? E se isto nos levar a encontrar as jovens desaparecidas? Vai descartar minha teoria assim tão fácil?

— Então você *realmente* acha...

Daniel fez que sim, antes mesmo que o investigador completasse a frase. Pietro mostrou-se confuso.

— Ei, alguém pode me explicar o que está acontecendo? — soltou ele.

Pacino revirou os olhos. Daniel podia apostar que ele se recordava das palavras ditas em sua casa, pois agora pareciam tão claras como a cisterna no centro daquela praça. Todo aquele simbolismo tinha lógica: a sequência de acontecimentos, as marcações, os passos dados. Nada estava ali por acaso. Provavelmente, nem mesmo eles.

O momento era decisivo, e esperou Pacino retornar do plano em que havia se enfiado. Seria capaz de compreender o receio dele? Talvez sim. Estava encurralado entre a lógica dos fatos e a insistência de um repórter desconhecido. Não pretendia colocá-lo em situação delicada, é claro, mas não tinha mais cartas na manga.

Desejava dizer a Pacino o que deveria fazer. Todavia, deixou-o chegar à conclusão por si próprio. Nunca estivera na pele dele, e não tinha motivo para estar agora. Até que ele saiu da posição petrificada em que se encontrava.

— Pietro, pode me emprestar seu celular por um tempo?

— O que houve com seu aparelho?

— Faria isso por mim ou não? — disse, impaciente.

Pietro entregou o telefone.

— Algo importante deve estar mesmo acontecendo! É impressionante que queira ficar em contato.

Pacino mudou a atenção para Daniel.

— Ouro, ilusão de ótica, olho...

— Ainda acha que é coincidência?

Pacino balançou a cabeça em silêncio. A frieza impassível tinha ido embora. Talvez, se pudesse, responderia esmurrando alguma parede.

## Capítulo 54

O voo do Entregador foi curto. Quando desembarcou, ele ainda sentia o sabor do café servido a bordo da aeronave.

Assim que atravessou os portões do aeroporto Leonardo da Vinci, ligou o celular. Logo o aparelho captou as informações: deveria encaminhar-se até a Praça de São Pedro e aguardar. Ao contrário de Washington, D.C., desta vez não procuraria pelo cliente. Era ele quem seria encontrado.

Uma pessoa mais importante, com certeza.

Minutos depois, o táxi chegava à entrada do Vaticano. Mesmo com o trânsito infernal de Roma, estava adiantado. Tudo conforme planejado.

O Entregador conseguiu um exemplar do *L'Osservatore Romano* e atravessou a Praça de São Pedro, acomodando-se ao lado do obelisco. Sua posição e o periódico à vista eram os sinais combinados para que o encontrassem. Foi cuidadoso em escolher a roupa desta vez: nada de couro ou jeans. Vestia um casaco de lã preto sobre a camisa de gola role e uma calça folgada. Preferia disfarçar o corpanzil, assim chamava menos atenção. E mesmo estando frio e nublado, os óculos escuros permaneceram no rosto.

Examinou os rostos à sua volta, procurando indícios. Não apreciava muito aquela forma de entrega, *ser surpreendido*. Os homens de roupas coloridas e bufantes que compunham a Guarda Suíça não preocupavam, pois colocavam-se a servir e proteger o Papa. Incomodava, sim, a Gendarmaria Vaticana — os verdadeiros policiais de nacionalidade italiana. Sabia que alguns deles costumavam andar à paisana, se misturar com os turistas, especialmente naquele lugar. Por isso, devia ficar alerta.

Também era impossível deixar de notar as colunatas da Praça Oblíqua, o Palácio Apostólico e a Basílica de São Pedro. Em especial, o balcão central, onde o Papa costumava dar sua bênção “*urbi et orbi*”.

*Não tenho mesmo o melhor emprego do mundo?*

Depois de alguns minutos, um rapaz aproximou-se dele com o rosto tão liso que o Entregador pensou se havia passado dos dezoito anos. Vestia-se diferente dos outros jovens — nada de agasalhos da GAP e tênis emborrachados, muito pelo contrário: usava suéter preto sobre camisa branca, calça marrom e sapatos suficientemente brilhantes para se apresentar em um coral —, e parou a dois metros e meio de distância.

— Você é o Entregador? — perguntou.

— Sim.

— Venha comigo, por favor.

O Entregador escondeu o pacote dentro do jornal e avançou somente depois que o jovem deu-lhe as costas, seguindo-o pela extensão do pátio. Logo o piso da Praça de São Pedro ficou para trás. Andaram por uma avenida movimentada até verem a lateral do castelo Sant'Angelo. O rapaz, porém, não recolheu os passos. Os dois chegaram até a entrada da ponte que possuía o mesmo nome do castelo e que passava por cima do rio Tibre.

Enquanto o jovem avançava, o Entregador se retesou.

*Perigo.*

Já estivera por ali! Conhecia um pouco da história da Ponte Sant'Angelo. Era simplesmente uma das pontes mais importantes de Roma, não somente por causa das 12 belíssimas estátuas angelicais em pedra que protegem toda sua extensão, mas porque as lembranças que ela guardava sob seus arcos não eram nada boas.

Uma ponte de azar.

Pensou se não estaria caindo em uma cilada. Mas de quem? Próspero? Ele o mandara até lá. Apressadamente, é fato, mas sempre fora fiel às suas ordens e não havia motivos para traição. Sequestrar a dona da hospedaria não era motivo para tal, pois havia explicado bem o imprevisto. E Próspero sabia que o Entregador seria incapaz de desobedecê-lo, a não ser que fosse

para salvar a própria pele. Porém, nesse caso, não lhe passava outra pessoa na cabeça. Afinal, fora Próspero que comprara as passagens e que enviara as instruções para seu celular. E que, pela primeira vez na vida, mandava-o seguir um estranho. Aguardar para ser morto. Uma emboscada.

*Mas por que ele faria isso?*

O jovem andou até o meio da ponte. Parou, encostando-se na murada. O Entregador percebeu que ele havia caminhado o tempo todo com as mãos junto à frente do corpo. O que estaria escondendo?

Antes que ele se virasse de frente, o Entregador livrou um dos botões do casaco de lã, suficiente para sacar a Ka-bar e atirá-la a uma velocidade tão rápida que, para muitos, chegaria a ser sobrenatural. Portanto, aquela criança não teria chance.

Mas quando o jovem girou o corpo e encarou a sua face, o Entregador reparou o que ele transportava, de fato, nas mãos.

Era um terço.

*Um maldito religioso!*

— Aguarde aqui, *signore* — disse ele.

O Entregador aquiesceu. O jovem deixou-o sozinho, mas sem ir muito longe. Caminhou até uma distância que não chegava a ultrapassar totalmente o limite da ponte, pairando à vista. Depois de dois ou três minutos, um homem baixo, com cabelos mesclados de branco e ruivo, passou por ele. Uns 75 anos, talvez. O rapaz assentiu com a cabeça na direção do velho, bem de leve.

O homem movia-se lentamente. Pior, arrastava-se como um pinguim, as pernas mais curtas que o resto. Quando finalmente chegou próximo ao Entregador, perguntou:

— Você trouxe? — Seu italiano era rouco e sereno.

O Entregador colocou o jornal em cima da murada. Abriu-o no meio e mostrou o pacote retangular. Percebeu que os olhos cor de avelã do homem brilharam como se estivesse diante de uma relíquia sagrada.

— *Perfetto!* — exclamou ele.

O velho retirou um maço preso por elásticos do bolso e colocou ao lado do jornal. O Entregador pegou e rasgou um pedaço da borda. Eram tantas notas de euro que pensou como passaria despercebido com aquilo pelo aeroporto.

Quando o velho levantou a mão para apanhar o jornal, exibiu o anel de ouro no dedo anular direito. O Entregador reconheceu de imediato.

— É verdade? — perguntou.

— O quê?

— Que centenas de peregrinos morreram aqui mesmo, nesta ponte?

As sobrancelhas grossas do velho se arquearam, demonstrando surpresa.

— Durante o jubileu de 1450, enquanto a população atravessava para chegar até a Basílica de São Pedro, as balaustradas da ponte cederam e muitos morreram afogados nas águas do rio Tibre. Por causa disso, o Papa Nicolau V mandou destruírem o Arco Triunfal Romano na entrada da ponte.

— E depois?

— O que tem depois?

— No século seguinte, esta mesma ponte serviu para exibir corpos de homens executados pela Inquisição. Estou certo?

— Não existem provas concretas em relação a isso — disse ele, desconfiado. — Por que a pergunta?

O Entregador não respondeu. Não o faria, nem que fosse a última coisa do mundo. Apenas retribuiu com um sorriso provocante. Guardou o dinheiro e deu-lhe as costas, andando na direção oposta. A sensação de perigo já não

existia mais. Uma armadilha? Emboscada? Como foi tolo! Próspero nada tinha a ver com isso, nunca traiu sua confiança. Se alguém quisesse livrar-se dele, podia imaginar uma fila mais extensa que aquela ponte. E Próspero, com certeza, não estaria nela.

Agora enxergava os fatos. Evidente que o jovem fora enviado antes por questões de segurança. Devia servir aos propósitos do velho — e sabe-se lá quais os outros serviços que prestava a ele. E este, por conseguinte, servia a algo maior, bem maior. Por isso o Entregador fez as perguntas, apenas para confirmar. Somente um membro da maior instituição do mundo responderia com tanta confiança. E embora não estivesse vestindo sua nobre indumentária, seu cargo podia ser identificado facilmente.

*Sim, o anel cardinalício!*

O Entregador olhou para as horas. Precisava retornar para o aeroporto.

Saiu pensando quem, de fato, seria mais perverso: ele ou o velho que ficava para trás.

— Aonde a humanidade vai parar? — disse em voz alta e sorrindo.

## Capítulo 55

Daniel pressentia que as coisas ficariam piores daqui para frente.

Ele e Pacino cruzavam depressa os canais. Desta vez, era ele quem guiava o investigador, não o contrário. Fazia-o sem estar totalmente convicto de suas ações, já que a ideia que havia proposto soava um tanto quanto desconfortável.

Quando chegaram à frente da casa de Lorenzo Oro, Pacino perguntou:

— É aqui?

Daniel aquiesceu.

— Tem certeza de que quer ir até lá?

— Está com receio? Pensei que encontrar Nilla fosse sua prioridade.

— Claro que é — completou, em meio à respiração ofegante. — Mas não podemos colocar tudo a perder. Você mesmo disse...

— Acho melhor você não entrar comigo.

— O quê?

— Você está inseguro.

— Eu estou bem.

— Não, não está — afirmou.

— Acredite em mim. Apenas gostaria de ter plena confiança de que vir até aqui foi a coisa certa.

Pacino lançou um olhar de reprovação.

— Que diabos! Sou um *investigatore*, é claro que deveríamos ter vindo.

Era inútil argumentar. Daniel havia convencido Pacino com tanta acuidade que acabou criando um campo de força à volta dele. Porém, a essa altura, tinha dúvidas do que queria fazer. E antes que passasse pela cabeça sair logo dali, viu Pacino andar até a porta e bater com força os nós dos dedos na madeira.



Daniel parou ao seu lado. Momentos depois, a porta se abriu.

A primeira coisa que surgiu foram os rastros grisalhos do cabelo de Arno. Depois, o sorriso.

— *Signore* Sachs! Não espera vê-lo tão cedo. E acompanhado...

— *Investigatore* Giuseppe Pacino — se apresentou.

Arno fez força para manter o sorriso, nitidamente. Mesmo assim, disse seu nome e reverenciou-o com a costumeira inclinação de tórax.

— Creio que essa é a hora em que pergunto: a que devo a honra da visita?

— Precisamos conversar com Lorenzo Oro — Daniel anunciou.

Arno deu uma rápida espiada para dentro da casa, como uma dona de casa conferindo a arrumação em meio a uma visita inesperada.

— Tem certeza de que esta conversa não pode...

— *Signore* Arno — interrompeu Pacino —, a presença de um *investigatore* à sua porta não o faz pensar que é importante?

Ficava óbvio que Arno desaprovava aquela forma de falar, mas conteve-se.

— É claro. Entrem, por favor.

Atravessaram o batente. Mesmo à luz do dia, o salão principal mantinha-se um tanto quanto escuro. Daniel tremeu ao lembrar do susto que tomou com o ilusionista sentado na poltrona de veludo vermelho. Foi o primeiro lugar que olhou. Vazio.

Arno deu atenção especial a Pacino:

— Queira desculpar minha preocupação anterior. Faço minha parte, como agente e amigo de Lorenzo.

— Tenho certeza que não necessariamente nesta ordem.

— Não, é claro que não — respondeu ele, aprovando a observação.  
— Aceitam alguma bebida?

Ao perceber Pacino congelar, Daniel recusou por ambos, antes que Arno se debruçasse novamente sobre as garrafas. Não seria uma boa ideia.

— Poderia anunciar a Lorenzo que estamos aqui? — perguntou.

— Não há necessidade. Certamente ele já sabe.

— Como assim?

Arno encostou dois dedos no ouvido.

— Lorenzo tem audição mais aguçada do que nós três juntos.

— Você fala como se estivesse na pele dele — disse Pacino, bisbilhotando a capa de um livro de arte.

— Nós convivemos juntos diariamente, *investigatore*. Não lhe parece óbvio?

— Ainda assim, como pode ter certeza?

— Não estou entendendo.

Daniel percebeu Arno subir o tom de voz.

— *Signore* Pacino... não estamos falando de superpoderes, e sim, de superação. As perdas que a cegueira traz para uma pessoa que enxergava o mundo são mais relevantes do que para quem já nasce cego. Ou vai dizer que nunca ouviu falar?

— É claro.

— Pois direi uma coisa: pior do que aprender a andar, é aprender a fazer isso *duas vezes*. Não é fácil sentir o mundo transmutar, ficar diferente de uma hora para outra. Esse tipo de trauma atinge não somente o campo material, como também a psique. Costuma destruir as bases... — Arno pausou como se lembranças invadissem sua mente. — Quando eu o conheci, Lorenzo não passava de um *ragazzo* em início de carreira. Sofia juntou-se a nós bem mais tarde.

— E como vocês conseguem lidar com isso? — intercedeu Daniel, tentando anuviar o clima pesado.

— Fazendo exatamente o inverso do que todos esperam: *não* o ajudamos e impedimos qualquer um de tentar algo parecido. Somente assim Lorenzo consegue reconstruir todos os seus pontos de referência.

— Não sei, parece um pouco cruel — disse Pacino.

Arno encarou-o outra vez.

— Será mesmo? Olhando o que aquele homem faz... você tem total segurança no que está dizendo?

— Não, mas posso imaginar o quanto foi benéfico. *Para todos*.

— Lorenzo nunca se opôs a nossa conduta. Ele aprova tudo que fazemos.

— Ainda assim, parece...

— O quê? Manipulação? — Arno alterou-se.

— Pense o que quiser.

— Nós apenas o blindamos, *investigatore*. É o único benefício que podemos lhe proporcionar. Todo o resto é mérito dele.

O ar da sala ficou denso. As últimas palavras foram atiradas em rostos.

Daniel tentou baixar a voltagem.

— Como ele ficou cego?

— Glaucoma Congênito Primário.

— Parece uma doença rara.

— *Sì*, não preservou nenhum dos dois olhos.

— O processo foi doloroso?

— Bastante. Mas como eu poderia garantir isso sem estar na pele dele, correto? — ironizou Pacino. — Se duvidam do que disse, por que não perguntam ao próprio?

Nesse instante, Lorenzo pigarreou do alto da escada. Os três se voltaram para cima. A aparição era bem menos mirabolante que no show,

mas ainda surpreendente, pelo momento da conversa. Todos ficaram olhando-o descer os degraus com precisão milimétrica, apenas se amparando em um dos corrimões.

Daniel reparou que Lorenzo nunca utilizava bengalas. Nem mesmo com a ausência de Sofia, seu cão-guia.

Logo ele se misturou ao grupo.

— Daniel — disse.

— Lorenzo.

— Quem é seu amigo?

— Um *investigatore*. *Signore* Giuseppe Pacino — Arno adiantou-se.

— Um *investigatore*, hein? — Lorenzo esticou a mão para o vazio. Pacino cumprimentou. — Arno, onde está o Martini que preparou? Pude sentir o aroma dois andares acima.

Os três se entreolharam.

— Não há nenhuma bebida servida, Lorenzo.

— Oh, queira me perdoar... *signore* Pacino!

Daniel engoliu em seco assim que compreendeu a ironia. Olhou para Pacino. A fúria despontava assustadoramente no rosto dele. O punho direito cerrou como se esmagasse massa de modelar na mão.

Lorenzo continuou:

— Percebo que é um homem de palavra, Daniel.

— Por que ele não foi embora? — Pacino entrou no embate.

— Contou tudo a *polizia*?

— Sim — respondeu Daniel.

— Isso não foi nada esperto, Daniel. Nada mesmo.

— Que quer dizer?

— Não estou certo de como explicar. E você, se me entenderia.

— Eu já vi isso — disse Pacino.

— O quê?

— Suas palavras. São como aqueles truques fajutos com baralhos. O mágico induz a pessoa a pegar a carta que ele quer. É assim que se inicia.

Lorenzo distribuiu um sorriso.

— Não se envolva nisso, *investigatore*. Por favor.

— Onde estão elas?

*Não. Rápido demais! Direto demais!*, pensou Daniel.

— Não sei do que está falando. Apenas chamei o *signore* Daniel até aqui para repassar uma mensagem de sua ex-mulher — disse Lorenzo.

Pacino deu um passo à frente. O corpo inteiro de Daniel se incendiou.

— Quer me ignorar, certo? E o que me diz disso?

Pacino puxou o papel recortado do bolso. *O símbolo*. Posicionou-o à frente do rosto do ilusionista, quase esfregando os óculos escuros com ele. Daniel sabia que era uma tentativa súbita de surpreendê-lo, desmascarar uma possível mentira, mas Lorenzo Oro não moveu um milímetro de músculo. Quem se mexeu foi Arno.

— Deixe-o! — exclamou, colocando a mão no peito de Pacino.

*Péssima ideia!*

Pacino agarrou o pulso de Arno e girou. Daniel ouviu um estalo. Num piscar de olhos, Arno estava ajoelhado no chão.

Daniel esperou pelo urro de dor, mas Pacino cedeu. Ainda assim, demoraria alguns segundos até que Arno se levantasse novamente — o tempo necessário para Pacino piorar as coisas.

Lorenzo interveio:

— Consigo imaginar todos os gestos melancólicos que está executando apenas ouvindo a maneira como se move imbecilmente, *investigatore*. E saiba que eu poderia estar a quilômetros de distância daqui, que o efeito seria o mesmo.

Ao escutar aquilo, Daniel tentou segurar o braço do investigador, sem efeito. Pacino já estava dois passos à frente, em cima de Lorenzo.

— Pacino, pare! — gritou.

Ele não deu a mínima.

Daniel sentiu os músculos da face pinicarem.

Seu nariz se manifestou.

*Sangue.*

Aquilo não podia estar acontecendo, não era real! Era uma cena sem o menor cabimento!

Assim que Daniel largou o braço de Pacino, este se desequilibrou, talvez por causa do ombro costurado, e caiu junto com Lorenzo. Os dois ficaram estirados sobre os degraus — Pacino sobrepondo-se ao frágil ilusionista, como um touro bravo prestes a massacrar o toureiro. Ao menos, bufava igual a um. Em contrapartida, Lorenzo se debatia, tentando colocar a mão na cara de Pacino, mas o braço deslizou e bateu no seu próprio rosto. Os óculos quicaram nos degraus e estacionaram no chão. E então, Daniel viu.

— Por Deus, Pacino, ele é mesmo...

Mas Pacino suspendeu as suas ações antes de Daniel terminar a frase. Estando mais próximo do homem, o espanto dele fora, com certeza, infinitamente maior.

Os olhos cinza de Lorenzo.

Vazios.

Aquilo foi um duro choque de realidade! Daniel não podia pensar na verdade se revelando de maneira pior, em meio ao enfrentamento de homens descontrolados. Então caiu em si do peso de suas ações. Era óbvio que Pacino tinha sua parcela de culpa, mas não totalmente. Na maior parte, o culpado era ele mesmo.

O sangue desceu de seu nariz como nunca, sujando o piso xadrez. Pacino levantou-se, atordoado. Arno curvou-se sobre Lorenzo, dividindo as mãos entre seu peito e nuca. Ordenou:

— Vão embora daqui! Agora!

As palavras atingiram Daniel com violência maior do que a que presenciou há pouco. Onde estava com a cabeça quando propôs ir até lá?

Mesmo sem respirar direito, era incapaz de levantar o rosto e estancar o sangue. Permaneceu cabisbaixo, envergonhado. Olhou de esguio para Pacino. Ele estava igualmente destruído. E antes que criassem mais monstros dentro daquela casa, os dois partiram.

## Capítulo 56

Daniel deixava o canal à frente da casa de Lorenzo Oro sem olhar para trás. Controlava os filetes escorregadios de sangue do rosto antes que atingissem ainda mais a sua jaqueta mostarda. Pacino, desanimado, afrouxava a gravata. Depois de um longo silêncio, perguntou:

— O que houve com o seu nariz?

— É uma anomalia.

— Doença, você quer dizer.

— Não posso dizer ao certo, nunca cheguei ao diagnóstico. Só sei que, quando passo por algum tipo de estresse muito forte, ele sangra.

A palavra estresse evitaria perguntas sobre sua condição emocional por algum tempo. Pacino entregou-lhe um lenço. Daniel agradeceu, pensando quem andava com um lenço no bolso na década em que estavam, mas logo se deu conta que deviam ser bem úteis a investigadores de polícia.

O pano ficou empapado de sangue. Não teve coragem de devolvê-lo e jogou fora. Ao menos, suas narinas estavam livres outra vez.

— Sinto muito — disse Pacino.

Foi pego de surpresa. Olhou para ele. O homem turrão e valente que conhecera há dois dias parecia agora um rato indefeso, mais do que as mulheres que tentavam salvar.

— Tudo bem. Ao menos, sabemos que Lorenzo é cego de verdade.

Pacino fechou as pálpebras com os dedos.

— *Dio mio*, avancei contra um deficiente! O que há comigo?

— Tudo nos levou até ele.

— O quê? Uma conversa maluca e uma definição precipitada sobre o símbolo?

— Só contei o que sabia, o resto foi dedução. Lembra-se?

— E eu lhe dei ouvidos.



Daniel percebeu uma pontinha de ingratidão.

— Que está dizendo?

— Que eu deveria ir pelas evidências, não por suposições. Um *investigatore* não pode ser impulsivo.

— Eu tentei ajudar. Acha que o que aconteceu lá dentro me deixou feliz?

— Ótimo, pois só me faltou abrir a camisa do homem e procurar por uma tatuagem em seu peito.

*Eis o turrão novamente!*

— Acho que você deveria beber menos.

Pacino cravou os olhos nele, pasmo.

— O que *você* tem a ver com isso?

— Desde que não atrapalhe a investigação, nada.

O tom de voz de Pacino tornou-se gélido.

— Escute aqui...

— O que foi? — Daniel manteve o peito estufado.

— Você quer saber por que eu bebo? Porque a bebida me faz companhia. A lei, acredite, já não é a mesma. Não funciona mais, é corrupta. Meu próprio chefe tem o rabo preso, não quer que as notícias se espalhem. E esta droga de criminalidade é como um câncer. Está por toda parte, cada vez pior.

— Se isso fosse motivo suficiente...

Ele não deixou Daniel terminar:

— Tente olhar para fotografias de pessoas mortas. Assassinas. O sangue que saiu do seu nariz não passa de um pingo d'água em um riacho.

— Não fuja do assunto, Pacino! Você não vê que a bebida tira a sua concentração? O que foi aquilo dentro da sala?

— Isto está começando a me irritar.

— Pois não pedirei desculpas.

— Não necessito delas. Aliás, nem me recordo da última vez que escutei isso na minha vida — observou. — É melhor mesmo você ir embora.

— Não acredito que esteja falando isso.

— E o que pretende? Nem sequer é um repórter investigativo! Quanto tempo ficará por aqui, procurando por sua ex-mulher?

— O tempo que for necessário! — Daniel quase gritou.

Pacino colocou a gravata no lugar. Uma chuva começou a cair.

— Escute, estou atolado de lama até o pescoço. Depois do que fiz, Lorenzo Oro pode me destruir antes mesmo que eu pise na *questura*. Ou não se tocou que ele é uma celebridade por aqui?

— Mas ainda não o livra de ser suspeito — disse, mais calmo.

Pacino brecou.

— Você é mesmo louco!

— Lembra-se do que comentou assim que saímos da delegacia ontem?

— Devo ter dito várias coisas. Como vou me lembrar?

— Refrescarei sua memória.

— Faça isso, ou deixe-me em paz. — Ele voltou a andar.

— Pois bem. Você disse que o criminoso parecia travado.

— Sim, e daí?

— Daí que talvez ele não estivesse. Talvez apenas calculasse os movimentos — explicou.

O sangue desapareceu do rosto de Pacino.

— Como um cego?

Daniel afirmou, convicto.

— Droga! — exclamou Pacino. — Você está querendo me manipular.  
De novo.

— Você tem que concordar que faz sentido.

— Não pode ser, eu derrubei Lorenzo com facilidade. Você viu o sujeito, é magro como uma pena. O assassino não parece ser tão frágil assim.

— Vimos apenas parte do peito do assassino. Quanto de roupa não havia ali? Ontem mesmo, vestido de fraque, Lorenzo não parecia o mesmo cara.

Daniel aproveitou para apontar um folião fantasiado da cabeça aos pés. Usava traje vermelho e dourado cingido ao corpo, com uma capa de fazer inveja ao super-homem. Pegou Pacino pelo braço e carregou-o até ele, que estava protegido embaixo de uma marquise. O folião, sem compreender direito, apenas acenou para os dois com um leque, a máscara escondendo-lhe o rosto.

Daniel disse:

— Sabe me dizer se é um homem ou uma mulher que está ali dentro?

Pacino não respondeu. Aliás, nem se mexeu. Tinha o olhar compenetrado, até que foram interrompidos por uma música que tocava baixo. Ficaram perdidos, sem saber de onde vinha, e então Pacino lembrou-se do celular de Pietro. Tirou-o do bolso e se afastou para atender.

Daniel permaneceu observando os turistas que tiravam fotos com o folião. Pelo que sabia, ele não recebia nenhum incentivo financeiro para participar da festa ou utilizar a fantasia pesada, até mesmo em dias chuvosos como aquele. Uma missão a ser cumprida para o bem de Veneza, não importava o quão fosse difícil. De certa forma, sentia o mesmo em relação à Nilla. Não podia deixar de solucionar o mistério, por mais difícil que parecesse. Desesperar-se? Perder a cabeça? De nada adiantaria, só daria mais força ao assassino. Então, se tivessem que enfrentá-lo, que mais poderia fazer? Precisava correr o risco, pois não se despediria daquela cidade sem cumprir a *sua* missão: salvar Nilla. Uma promessa solene, dita

pela enésima vez. Mas e Paola? O que faria em relação a ela? Teria coragem de deixá-la para trás?

Pacino encerrou a ligação. Retornou para perto de Daniel. Tinha a pele do rosto esmagada de consternação.

— O que foi? — perguntou Daniel, assustado.

— Pietro me telefonou da *questura*.

— E?

— Encontraram as nossas *ragazze*.

## Capítulo 57

Inconformado. Se havia uma palavra que descrevesse Pacino neste momento, Daniel chutaria esta, sem medo de errar.

O canal mais parecia um ancoradouro de gôndolas negras. Pessoas se penduravam nas janelas das edificações à volta, enquanto outras se acotovelavam em cima da ponte, apoiadas na fina grade de ferro. Até mesmo as delicadas rosas vermelhas das sacadas pareciam dirigir-se para baixo, como espectadoras interessadas.

Pacino abria espaço no meio da multidão. Daniel seguia-o. Um forte odor se acentuava à medida que avançavam. Policiais tentavam, inutilmente, evitar os registros das máquinas fotográficas dos turistas. Porém, flashes cintilavam na água onde dois mergulhadores recuperavam sacos plásticos e colocavam-nos em terra firme. E pelo esforço que faziam, eram pesados.

Mesmo sem ver o conteúdo, Daniel já suspeitava.

*Cadáveres.*

E pelo tamanho dos sacos, obviamente não estavam inteiros.

*Não, não, não!*

O pavor impediu-o de seguir adiante. Teve que se segurar na grade e agachar-se para não cair, pois faltava pouco para o seu corpo desabar sobre os joelhos. Já Pacino, fez o contrário: superou a grade e aproximou-se dos mergulhadores, com o assentimento dos outros policiais. Um deles emprestou luvas e máscara cirúrgica. Enquanto isso, Daniel encaixou o rosto entre as grades. Uma coisa branca e esponjosa com pontos vermelhos na extremidade descansava ao lado dos sacos.

Pacino perguntou, abafado:

— O que aconteceu?

Um dos mergulhadores interrompeu o trajeto. Apoiou-se na borda e arrancou a máscara de mergulho.

— Um gondoleiro encontrou o braço boiando na água. Deve ter se soltado de um dos sacos. Peixes, provavelmente.

O estômago de Daniel se contorceu em pelo menos três pontos. Então percebeu o que era a coisa esponjosa: um braço feminino, com mão e unhas pintadas! Amaldiçoou a falta de sorte por estar ali naquele instante.

Cada saco que batia no solo emitia um som seco, como se houvessem pedras nas bases. Alguém desejou afundá-los.

Pacino começou a conferir o interior deles com bastante zelo. Empregava-se dos olhos, sem mexer em nada. Daniel, em meio a náuseas, admirava a força dele.

Dois antropólogos forenses chegaram em seguida. Aguardaram até que os mergulhadores se certificassem de que não havia mais nada no fundo do canal. Sinais de positivo foram trocados. Uma mulher, revoltada, gritou da varanda que monstro teria feito uma coisa daquelas. Daniel se perguntava a mesma coisa, só que de forma silenciosa.

Não aguentou em continuar olhando.

Ele se encolheu ainda mais, contendo o choro que parecia inevitável a cada milésimo de segundo. Sua busca havia terminado? A resposta não tardaria a chegar. Porém, não imaginava que o arauto dessa notícia seria Pacino. Lembrou-se das palavras dele — “encontraram nossas *ragazze*” —, e ficou aguardando a revelação: quantas e quais eram as garotas distribuídas dentro daqueles sacos.

Pacino se aproximou. Daniel ergueu o corpo. Um bloco de concreto formou-se no peito para aguentar o tranco. Isso não impediria o choro, é claro. Mas a chuva não parava de cair, e logo a água se misturaria às lágrimas, e tudo ficaria bem. Tudo ficaria em paz.

Pacino retirou a máscara cirúrgica e ultrapassou novamente a grade. O rosto estava cerrado como o punho de lutador de boxe. Quando relatou que eram duas vítimas, Daniel não disse nada. “Reconheci-as”, completou Pacino, livrando-se das luvas.

Depois de intermináveis segundos, Daniel perguntou:

— Quem?

— Barbara e Valentina.

Daniel olhou fundo para ele.

— Tem certeza?

Pacino meneou a cabeça.

— Somente um dos sacos estava violado, provavelmente de onde saiu o braço. Os outros preservaram seus conteúdos, dentro do possível. E foram nesses que identifiquei as *ragazze*.

Daniel voltou a respirar. A esperança retornou com força dantesca. Parte dele experimentou um alívio impossível de ser medido. A outra parte, uma vergonha absurda pelo sentimento, e lamentou pelas duas pobres vítimas. Enquanto isso, o público protestava estarrecido.

— Acha que conseguirão descobrir algo?

Pacino colocou as mãos na cintura e olhou para os agentes.

— Eles levarão os corpos e farão os exames de praxe. Toxicológico, estupro, impressões, DNA... Temos que aguardar.

— Você está bem?

— Não, não estou. Odeio isso cada vez mais.

— Tenha calma.

Aquilo era quase nada. Nenhuma frase aliviaria a barra, mas que outra atitude Daniel podia ter? Não conseguia nem pensar direito, tamanha era a incapacidade de lidar com a morte.

De repente, o rosto de Pacino contorceu-se ainda mais.

— Merda! — exclamou ele, mirando por cima do ombro de Daniel.

— O que foi?

— Fazolato.

Daniel se virou. Um homem velho se dirigia a passos largos na direção deles. Possuía roupas e aspecto similares aos de Pacino. Um oficial, certamente, pois todos se pareciam, de certa forma. E pelo rosto em chamas, a última pessoa do mundo que alguém gostaria de ver neste momento.

Chegou ainda sob os protestos da população, sem dar a mínima para Daniel.

— Vim pessoalmente ver a desgraça em que nos meteu, Pacino! — disse ele. — Como pode deixar chegar a este ponto?

— Acha que não estou fazendo o melhor que posso? — respondeu Pacino, como se fosse bom livrar-se de um pouco de peso.

Fazolato odiou aquilo.

— Não vejo sua cara há dois dias, e sei que esteve na *questura*. Minhas informações, Pacino. Onde estão? Qual foi mesmo a ordem que lhe dei, *investigatore*?

— Não tive a intenção.

— Não seja idiota de dizer isso! Como eu pude pensar que resolveria tudo sozinho?

— Pietro tem me auxiliado.

— Pietro? *Dio mio!* Quer arrastar o *ragazzo* para dentro de sua desgraça?!

— Não o culpe. Ele...

Fazolato não o deixou prosseguir.

— Em que momento você se perdeu, Pacino? Qual será o próximo passo? Remédios? Drogas pesadas?



— Não há tempo para discutirmos sobre mim, *signore*. Ainda temos duas vítimas em perigo.

— O quê?! — O rosto de Fazolato ficou branco.

*Péssimo*, pensou Daniel.

O velho cravou os punhos na cintura, tentando controlar-se.

— Quantos desaparecimentos temos ao todo?

— Quatro *ragazze*.

Os olhos de Fazolato se estreitarem para os sacos, e Daniel podia percebê-los penetrantes e frios. O homem corroía-se de raiva enquanto os gritos italianos de reprovação ecoavam pelos canais.

Quando a cabeça dele balançou, Daniel achou que não pararia nunca mais. A mente dele devia estar ocupada com coisas bem desagradáveis.

Ao se voltar, finalmente encarou Daniel. Embora percebesse sua presença, ainda fazia-o sentir-se como um fantasma.

Daniel procurou as palavras certas caso ele dissesse algo, mas não precisou se dar ao trabalho. Logo o homem devolveu a atenção para Pacino.

— Esqueça! Pegarei as informações com Pietro. Suma da minha frente. Se eu vê-lo até dar um fim nisso tudo, juro que será suspenso.

— Vai mesmo me colocar de lado?

— Preciso anotar a frase na sua testa?

A discussão terminou. Fazolato partiu em direção aos sacos para conferir o estrago de perto. Policiais faziam o cerco para evitar a aproximação da população. Daniel ficou imaginando qual seria a reação do chefe de Pacino quando tivesse ciência do que os dois fizeram na casa de Lorenzo Oro. Cedo ou tarde, a notícia chegaria aos ouvidos dele. Enquanto isso, Pacino permanecia imóvel. O coração de Daniel voltou a ficar apertado. Com o investigador fora do caso, restaria alguma chance? Provavelmente, não. Daniel voltaria a ser o mesmo sujeito solitário e

desorientado de quando chegou a Veneza. Desta vez, destruído de esperança de uma vez por todas.

Pacino se moveu e deu as costas para ele.

— Aonde você vai? — Daniel gritou.

O investigador espiou rapidamente o repórter.

— Não consigo mais, Daniel. Sinto muito.

Pela primeira vez, Pacino não o chamava pelo sobrenome. Então Daniel viu-o partir. Ficou parado, sem se importar com o odor pútrido e a multidão aglomerada.

Olhou para o céu. Os pingos caíam como navalhas em seu rosto. Incomodavam, mas Daniel precisava sentir que algo maior existia, que a chuva era o sinal de que Deus ainda atentava para ele.

Mesmo que nada de diferente fosse acontecer dali para frente.

## Capítulo 58

O som do *vaporetto* abrindo caminho sobre as águas embalava o trajeto. Dentro dele, o Entregador olhou para o relógio.

6h 30min.

*Ótimo.*

Retornava para Veneza num horário onde os turistas começavam a se despedir da cidade mística ou se debandavam para as hospedarias, exaustos das caminhadas. Seja lá o motivo pelo qual Próspero havia ordenado que voltasse logo, obviamente tinha pouco a ver com a vida noturna da Sereníssima. Quer fosse rara, mas existente.

Não demorou muito, o celular vibrou no bolso.

TENHO NOTÍCIAS SOBRE O CASO DO REPÓRTER INCOVENIENTE.

O Entregador manteve o aparelho nas mãos. Em pouco tempo, chegaria a segunda parte da mensagem. Refletiu o quanto Próspero adorava tecnologia. Mensagens curtas e instantâneas, em especial, preservavam conversas. Não que sentisse pavor de registros ou escutas telefônicas. Afinal de contas, hoje em dia, todos os aparelhos são, de certa forma, descartáveis: basta comprá-los em dinheiro vivo, utilizando-se de documentos falsos. Exatamente o que Próspero fazia, de tempos em tempos. E ele, também.

O Entregador avistou as cúpulas da Basílica de São Marcos e o Campanário imprensados entre as nuvens cinza e o mar. Mais uma noite de chuva e frio. Depois que cumprisse todas as entregas, talvez desse um tempo naquilo. Mas não retornaria para casa. Nada de lar, doce lar. Fincaria os pés em alguma região do hemisfério sul, pois ainda era verão por lá. Escolheria um lugar quente o suficiente para fazê-lo suar em bicas, com cervejas geladas em cima de uma mesa e uma mulher ao lado dela. Ou o inverso.

O celular vibrou novamente.

ESTA NOITE É UMA QUESTÃO DE VIDA OU MORTE. VOCÊ DECIDE.

Ele conteve uma imensurável vontade de gargalhar. Pela primeira vez nos últimos dias, a mordacidade de Próspero vinha à tona. *Ora, vamos, que dilema mais excitante! Duas opções, uma só resposta*, refletiu.

Enfim, chegou a hora do trabalho ficar realmente excitante. Mas o que teria feito Próspero mudar de ideia? Difícil dizer, mesmo conhecendo-o há tanto tempo. Sabia apenas que havia planejado com segurança. Se mandava-o entrar em ação, é porque tinha em mente um ato consumado, e sabia que não falharia.

Respirou fundo, como se canalizasse todo o ar em energia. Os músculos inflaram, prontos para o combate. Faltava pouco para o *vaporetto* encerrar o trajeto. Logo, estaria pisando em terra firme.

*Vida ou morte? Próspero, esta piada foi mesmo de matar!*

## Capítulo 59

Daniel precisava voltar para a hospedaria. Caminhou durante horas desordenadamente, ignorando a chuva e toda a beleza atemporal à sua volta. A câmera fotográfica permaneceu enterrada no bolso. Um pecado, sabia, pois a cidade não tinha culpa. Mas era impossível agir diferente.

Ele não queria parar e deixar a dor alcançá-lo de novo.

Quando girou a porta da hospedaria, viu outra vez o saguão solitário. Pior. Desta vez, o estabelecimento parecia abandonado. Conferiu um pote de amendoins perdido em uma das mesas da sala de desjejum. Com o estômago vazio, não deu chances para ele.

No balcão, fichas dos hóspedes com vários *check-outs*. Nada estranho depois da gritaria de Gino logo cedo.

Pensou no que o rapaz estaria fazendo neste momento. Ainda procurava pela irmã, como ele próprio passou os últimos dias caçando Nilla? Torcia para que a tivesse encontrado, embora transbordasse silêncio no lugar para alertá-lo do contrário.

Nenhum funcionário tinha colocado os pés no quarto. As coisas de Nilla, espalhadas junto às dele, davam um toque adicional de desespero a bagunça. Daniel não catou nada, apenas desviou os passos e tirou a jaqueta molhada e suja de sangue. Pretendia tomar um banho quando se lembrou da triste cena do Macbook mergulhado na banheira.

Então percebeu algo realmente peculiar.

Várias fotografias descansavam em cima da cama.

Pegou-as. Daniel aparecia em todas elas, em meio a uma multidão, usando a sua jaqueta mostarda.

*O show de ilusionismo?!*

Eram as fotografias que Nilla tirara dele, tinha certeza! Quase instantâneas, se é que podia chamá-las assim. O papel revelava tudo.

Processadas em uma dessas impressoras pequenas de mercado, para uso doméstico. E não só isso. Encontrou o Macbook estirado sobre o carpete úmido.

Imediatamente, olhou para o banheiro. A porta estava fechada e a luz acesa por baixo dela. Não havia deixado assim. Saiu de manhã, sob a claridade do dia.

Isso só podia indicar uma coisa...

Alguém tinha chegado à noite e desobstruído a banheira para tomar um banho antes dele. E, sabe-se lá, ainda estaria por ali.

Mesmo que não quisesse, a cena aterrissou em sua cabeça.

— Nilla...?!

Daniel largou as fotografias e correu. Queria abrir a porta o mais rápido possível. Não, queria arrancá-la com os braços, fazê-la em pedaços, destruir tudo que teimava em se colocar a frente deles, pois era óbvio demais! Varrer o chão, trocar as toalhas, arrumar a cama... Nenhum funcionário entrou este tempo todo, pois perceberam a presença de uma pessoa no quarto. E Nilla, coitada... depois do que deve ter passado, nem quis saber da bagunça.

*Meu Deus, ela voltou!*

O coração explodiu.

Daniel prendeu a respiração e colocou a mão na maçaneta. Girou.

Foi quando sentiu a bota queimar em seu peito.

Voou, quase atravessando a parede e chapando sentado. Ergueu a cabeça e viu um cara enorme. Não tão alto, mas largo. Difícil calcular o tamanho, mas os ombros ficavam a centímetros da batente da porta.

As suas pálpebras tremeram de pavor. Escutou:

— Olá, repórter maldito.

Daniel gelou. O homem dissera aquilo como se conhecesse-o há muito tempo. Obviamente, isso dava a ele uma vantagem no combate — mesmo que a palavra combate não se encaixasse muito bem, pois não tinha a menor ideia de quem se tratava e porque se enfrentavam —, e definitivamente não era o que gostaria de fazer naquele momento.

O Entregador caminhou com tranquilidade na sua direção. Daniel tentou se reerguer como um filhote de cervo que aprende a andar, emboscado por uma matilha de lobos. Ainda assim, conseguiu ficar de pé antes que o tocasse. Desesperado, prendeu o ar novamente e lançou-se adiante, atingindo a barriga dele com a cabeça.

O Entregador deu apenas um passo para trás. Com o cotovelo, acertou suas costas.

Daniel desabou. Podia ver a bota que o atingiu bem de perto, mas a dor na coluna era bem mais real do que a visão e preferiu dar atenção completa a ela.

— Sabe... me chamam de Entregador, mas às vezes costumo livrar os outros de problemas.

Daniel flexionou os braços e ergueu o tórax triturado.

— Não sei do que está falando — disse da altura dos joelhos dele.

— É claro que não.

— Por que... está fazendo isso?

O Entregador fez uma pausa. Deu toques curtos e teatrais com o indicador nos lábios.

— Pensando bem, também não sei — respondeu ele, sorrindo. — Isso não torna tudo mais engraçado?

Daniel viu a bota se movendo e atingindo sua cabeça, quase arrancando-a fora. O cérebro chacoalhou. De novo, foi à lona. Caiu de lado, com a têmpora grudada no carpete. Quando o quarto parou de girar, a

primeira coisa que pensou foi em fugir dali. Não iria sobreviver aquilo, nitidamente. Mas antes, precisava distraí-lo.

Lembrou-se do Macbook.

Daniel arrastou-se, deixando o Entregador pensar que partiria em direção ao banheiro. Em nenhum instante esticou o braço para pegar o laptop; continuou se movimentando como um soldado em guerra, com o peito colado no carpete, até sentir o corpo envolver o aparelho. Percebeu-o mais pesado que o normal por causa da água. Então se colocou de pé e fez um movimento giratório com o laptop em mãos, objetivando o rosto do homem, atingindo-o.

O Entregador não desmoronou como esperava, mas também não ficou completamente alinhado. Ele encolheu os ombros e envergou o enorme pescoço, levando uma das mãos a testa.

Os dois ficaram quase do mesmo tamanho.

*Quase.*

— Seu... desgraçado! — disse ele.

Antes que Daniel pudesse se vangloriar do golpe e começar a correr, o Entregador já estava a centímetros dele. Agarrou seus pulsos e fez o laptop cair no chão. Mesmo com toda aquela massa muscular, era mais ágil do que aparentava. Além disso, sabia exatamente o que fazia.

Daniel caiu, desta vez com o Entregador por cima dele. Pode ver de perto a testa inchada do homem por causa da pancada. Com certeza, havia-o deixado mais furioso. Se debateu e o corpo oscilou para o lado. O Entregador percebeu. Colocou os joelhos sobre seus braços, imobilizando-os. As pernas soltas de pouco adiantavam, pois Daniel nada podia fazer senão agitá-las.

O Entregador depositou todo o peso sobre o tórax de Daniel, deixando-o com dificuldades de respirar. Então puxou a Ka-bar da cintura.



Parecia terrivelmente afiada, e os olhos de Daniel se arregalaram de medo.

— Sinta-se lisonjeado, meu caro.

O Entregador fez o movimento até o pescoço de Daniel, lentamente, como se quisesse que o pavor dele crescesse e pedisse copiosamente para que não o matasse. Estranhamente, Daniel refletiu se obedeceria às suas pretensões. Em qualquer outro momento, teria implorado pela vida, porém, ultimamente sentia pouco orgulho das coisas, e isso incluía — porque não — a própria existência. Então, se era para decidir entre partir de vez ou voltar para a solidão de antes, não parecia ser o momento ideal? E pela atual situação, só havia uma escolha realmente disponível; a outra estava ali apenas para fazer figuração.

Perto do fim, ele se perguntava como podia ter desperdiçado tempo demais longe de Nilla. Imaginou se ela havia sido realmente feliz ao seu lado, mas recuou. Não tinha sentido cogitar o contrário. O problema é que sentia-se inconformado, e a sensação carregava-o para baixo. Tinha de admitir, com toda a honestidade, que o afastamento havia sido bom, ou não perceberia quanto a amava — e quanto gostaria de ter dito isso a ela.

Só que era tarde demais.

Daniel se preparou para receber o golpe. Intermináveis segundos se passaram, vendo a mão do Entregador se aproximar. O ar escapuliu dos pulmões. Torcia para desmaiar antes que a lâmina o atingisse, mas sabia que isso não aconteceria. E mesmo que acontecesse, o homem faria de tudo para acordá-lo. Queria vê-lo sofrer. Caso contrário, qual seria o prazer dele?

Desprovido de qualquer reação, Daniel aceitou o óbvio: iria morrer. E entregou os pontos.

## Capítulo 60

Graças a Deus, nem todos pensavam igual.

Com o canto de olho, Daniel notou a porta do quarto abrir-se violentamente. O baque da maçaneta na parede despejou um resto miserável de adrenalina no corpo, enquanto via o Entregador estremecer.

Pacino surgia empunhando uma arma.

Ele era o elemento surpresa. Para ambos.

— Fique parado, agora! — gritou ele.

Daniel recolheu as pernas, esperando que o homem em cima dele nem mesmo respirasse com vigor. O Entregador não obedeceu, é claro, mas libertou seu pescoço. Ao menos, parte da ordem surtira efeito.

Com agilidade digna de artes marciais, o Entregador rolou para o lado, sem deixar a faca escapular. Ia em direção a janela. Outra vez, Pacino gritou. Novamente, ele desobedeceu.

*O que está esperando? Ele vai fugir!*

Daniel viu o corpo enorme atravessar as cortinas e encaixar-se com eficiência na abertura, pronto para avançar. Em poucos segundos — com toda a habilidade que tinha, era fácil acreditar nisso — ele se lançaria para dentro do canal e desapareceria.

O ar do quarto estagnou.

Vieram mais baques, desta vez, curtos e secos.

Daniel percebeu Pacino atirar várias vezes, tantas que imaginou quantas balas cabiam naquela arma.

Cortinas foram golpeadas, vidros se despedaçaram. A cena ocorreu numa velocidade tão rápida que Daniel não sabia se os tiros vieram antes ou depois do vulto sumir de vista. Neste momento, tinha como prioridade tossir e puxar o ar de volta para os pulmões, tudo ao mesmo tempo.

Pacino pulou por cima do corpo de Daniel, chispando em direção a janela. Demorou alguns segundos atentando-se para baixo. Depois voltou-se para dentro e guardou a arma.

— Você está bem?

— Sim, graças a você.

— O que ele queria?

— Não faço a menor ideia! Você o acertou?

Pacino anuiu, estendendo a mão para ajudá-lo a se erguer. Daniel precisou das duas. Depois encostou na parede, os braços como dois alicerces sobre as coxas.

— Venha, vamos descer — disse Pacino.

O investigador já estava três passos à frente. Daniel seguiu-o. Quando passou ao lado da cama, reviu as fotografias e guardou-as dentro da jaqueta suja, que vestiu rapidamente. Depois, ambos desceram e se aproximaram do corpo.

O Entregador estava caído de bruços às margens do canal, sobre uma poça de água e vidro quebrado. Não havia sangue em grande quantidade, somente pequenas manchas vermelhas em suas costas. A chuva caía insistentemente. A faca repousava a poucos metros de sua mão. Era uma cena digna dos melhores *thrillers* policiais, faltando apenas marcar o chão à volta dele com giz branco.

Pacino cutucou o corpo com o pé.

— Não parece tão assustador agora, não é?

Daniel anuiu enquanto colocava a mão na cabeça, acreditando que a dor que incomodava por causa do chute fosse melhorar. Perguntou:

— Como será que ele entrou no quarto?

— Com o saguão abandonado? Não é muito difícil. Onde estão as pessoas?

— Não sei. Olhei as fichas. A maior parte deixou a hospedaria, senão todos. Com o caos que aconteceu aqui de ontem para hoje, não me admira se até mesmo os funcionários foram embora, assustados.

— Ninguém quer se envolver com os *carabinieri*, certo?

Pacino se agachou próximo do corpo. Virou-o para cima.

— Espere! Vai mexer na cena? — perguntou Daniel.

Pacino não respondeu. Quando desabotoou a camisa do cadáver, Daniel entendeu o que ele pretendia.

*Nenhuma tatuagem!*

As manchas de sangue eram maiores na frente. Os tiros atravessaram o tórax, aumentando o estrago na saída. Pacino remexeu em todos os bolsos possíveis e localizou um celular. Nenhum documento.

— O Entregador — disse Daniel.

— Como é? — Pacino se levantou.

— Ele acabou de me dizer lá no quarto. Era como se declarava. Eu também achei estranho.

— Realmente. O que quer dizer?

— Não faço ideia. Onde você estava?

— Consolando familiares e amigos das duas *ragazze*. Eu precisava fazer isso. Nem queira saber como foi.

Daniel não percebeu cheiro de bebida desta vez. Parecia verdade.

— O.k., mas por que você resolveu vir atrás de mim?

— Não me pareceu boa ideia deixá-lo sozinho depois do que me aconteceu ontem. Ainda bem que eu estava certo.

*Ou talvez não tenha desistido*, Daniel pensou, animado.

Pacino continuou:

— Mas o importante mesmo é sabermos por que ele veio atrás de você. Existe algo que não me contou?

Os olhos do investigador pausaram sobre ele. Daniel sentiu o desconforto. Até então, debatia-se para encontrar o motivo pelo qual decidiriam eliminá-lo. Com a pergunta, não demorou muito para que caísse em si dos fatos. Então varreu a água do rosto com a mão antes de confessar:

— Eu havia preparado uma cópia do filme snuff por segurança. Alguém invadiu a hospedaria e levou-a embora, junto com Paola. E pela força e agilidade que este homem demonstrou hoje, acho que descobrimos quem foi.

Pacino não repreendeu Daniel, talvez porque tivesse coisas maiores para se preocupar.

— Você está certo em relação a esse cara, mas eu posso imaginar uma causa maior do que essa.

— O quê?

— Creio que chegamos perto demais.

— Não entendi.

— Pense comigo... com tudo que fizemos hoje de manhã na casa do ilusionista, livrar-se de você não parecia ser uma boa ideia?

Daniel não permitiu que continuasse.

— Está querendo dizer que Lorenzo Oro seria capaz disso? Uma celebridade?

— O que foi? Não era você que me convencia de que ele estava envolvido?

— Sim, mas...

— Que tal um cara apavorado com muito dinheiro no banco? Inventou toda aquela baboseira para tentar expulsá-lo, você permaneceu, procurando por sua ex-mulher. Voltou na companhia de um *investigatore*. Lorenzo está tomado de raiva pelo que fizemos hoje de manhã. O que o impediria?

— Não é motivo para alguém chegar a este ponto...

— Claro que é. Se algo aconteceu a sua ex-mulher, e digo isso porque entendemos que ele a conhecia, Lorenzo fará de tudo para esconder o crime. Eliminar as provas, apagar os inimigos. Não pense que é a primeira vez que me deparo com gente assim.

— Mas e o filme que encontrei no Palácio dos Doges? Você acha que Nilla o roubou? Foi por isso que ela... — Daniel engoliu em seco — desapareceu?

Pacino deu de ombros.

— É claro que não temos todas as respostas, mas e daí? Depois que descobrimos algo que liga Lorenzo aquele símbolo, era natural que imprensássemos ele na parede. De repente, Lorenzo cai em si que a bola de neve está aumentando cada vez mais e precisa tomar providências.

— Então manda alguém fazer o serviço?

Pacino aquiesceu com firmeza.

— Quantos homens ricos como ele você já viu sujarem as mãos pessoalmente? Em especial... cegos?

Daniel estremeceu. Era difícil contestar. Pacino inseria lógica à conversa com a cadência de quem havia estudado todo tipo de absurdo. Ainda assim, parecia apenas a ponta do iceberg.

— Continuo achando complicado acreditar nisso. Como Lorenzo poderia saber que tínhamos o filme?

— Pensar que este sujeito estava nos seguindo é complicado também? Eu tinha uma cópia, você outra. E se em uma noite tentam me eliminar — Pacino estalou os dedos molhados —, quem seria o próximo da fila?

— Então foi o Entregador que atirou em você.

— Não sei, isso realmente me intriga — titubeou. — Não há nenhuma pistola com ele. Por que se decidiria por uma faca? É muito mais demorado desta forma.

— Talvez ele tenha se livrado dela depois de ter atirado em você.

— O.k., é possível. Mas esse cara era um profissional. Se tentasse me matar, dificilmente cometeria falhas, como ontem. E minha cabeça ainda está inteira.

Daniel observou que as manchas de sangue no corpo do Entregador começavam a crescer rapidamente, como se rolhas enfim tivessem sido retiradas. Então se encolheu dentro da jaqueta. Dentre todas as coisas extraordinárias que havia visto em Pacino, sua indiferença em tratar certos assuntos perturbava. Mas, indubitavelmente, a explicação ganhara terreno. A pior parte — a que dava motivos para confiar que algo muito ruim havia acontecido a Nilla — era simplesmente devastadora. Ela não tinha uma família presente. Filha única, os pais se foram há muito tempo, e seu círculo de amizades sempre fora tão restrito quanto o dele. Além disso, pelo que Marvin havia contado, Nilla passava por sérias dificuldades financeiras. Esse tipo de pessoa desaparece o tempo todo, no mundo inteiro, sem que as pessoas se importem com elas por muito tempo.

Daniel se esforçou para ficar totalmente ereto. Pela manhã ele tinha se restaurado do cansaço — só um pouco —, mas agora voltava com força descomunal. Sentia agulhas ferindo as plantas dos pés até a região lombar. A coluna, peito e cabeça inchados por causa da surra. O rosto, tinha certeza, não devia estar muito melhor do que o do homem estirado no chão. Manter-se íntegro naquela cidade tornava-se uma tarefa ainda mais complicada.

Para sua surpresa, Pacino estendeu uma chave. Daniel recebeu-a junto com os pingos de chuva.

— Tome, vá para minha casa. Tranque-se e não abra a porta para ninguém. Espere até eu chegar.

— O que vai fazer?

Pacino chutou um caco de vidro.

— Veneza é uma cidade turística. Droga, não posso deixar toda essa sujeira à beira do canal, não é mesmo?



## Capítulo 61

Àquela hora Veneza era uma cidade adormecida, contudo, a quadra onde ficava a casa de Pacino estava inserida em sonos profundos demais. Por isso, logo que a avistou, Daniel apressou os passos. Afinal, uma tentativa de assassinato já era confusão demais para aquela noite.

Ele entrou. Ficou com receio de acender a luz, mas cedeu. Numa rápida olhada, percebeu que Pacino havia recolhido o estojo de primeiros-socorros e vidros de garrafas antes de saírem. Mesmo assim, podia sentir a mistura de álcool e iodo escorando-se pelas paredes da sala. Daniel queria abrir as janelas, mas o “tranque-se” dito pelo investigador meia hora atrás fez com que abandonasse a ideia.

Não conseguia acreditar... Lorenzo realmente tinha mandado o Entregador para eliminá-lo?

Ele desligou a luz e sentou no sofá. Ficou aguardando, no escuro.

Em menos de um minuto, seu corpo deslizou para a horizontal.

Em menos de dois, ele apagou.

## Capítulo 62

Passaram-se duas horas até Pacino chegar em casa. Entrou após chapinhar em poças, a mão repousando cautelosamente sobre o coldre, e conferiu Daniel dormindo profundamente no sofá.

Sentou-se na cadeira em frente, sem fazer barulho. A água da chuva escorria por todos os cantos do seu corpo e o ombro incomodava. Pegou o celular do Entregador e começou a investigá-lo. Embora fosse um aparelho usado, estava vazio, o que significava dizer que todos os registros de ligações e mensagens haviam sido apagados preventivamente. Conseguiu localizar apenas o número da linha, o que não valeria de muita coisa naquele instante.

Suas mãos trocaram o aparelho telefônico pela faca.

A lâmina parecia trazer consigo o peso das almas aniquiladas. Ka-bar. Pacino lembrava-se do nome da faca pela sua curiosa história: uma abreviação livre das palavras “Killed a bear”, sobre um caçador de ursos que matara o animal utilizando somente uma faca. Em um inglês desengonçado, o homem mandara uma carta para a empresa que a produzira, agradecendo pela qualidade do produto e contando o ato — “K a bar”. Daí, decidiram-se pela adoção do nome. Por curiosidade, passou a ser uma das armas mais utilizadas pelos EUA durante a Segunda Guerra Mundial.

Se o caçador soubesse disso, talvez tivesse pensado duas vezes antes de mandar a carta de agradecimento.

Pacino depositou a faca e o celular sobre a mesa. Desta vez preservou sua arma junto ao corpo, pois não desejava misturá-la com os objetos que recolheu daquele párea. Recostou-se na cadeira e inclinou a cabeça para trás. Os artefatos cirúrgicos utilizados pelo assassino no filme snuff se materializaram à frente dos seus olhos. Em especial, o que deu o talho final no pescoço de Barbara. Nada tinham a ver com aquela faca, por isso,

presumiu que o Entregador não era o homicida que procurava, embora apostasse que a cabeça dele também estava a prêmio.

O celular vibrou sobre a mesa.

Pacino quase pulou da cadeira.

Pegou o aparelho. Não havia senha de segurança cadastrada, mas não se espantou. O Entregador parecia um sujeito bastante altruísta. Depois de dedilhar algumas vezes e se habituar ao sistema, localizou uma nova mensagem de texto.

ONDE ESTÁ VOCÊ? JÁ DEVERIA TER VOLTADO.

Pacino sentiu as entranhas queimarem, mas por pouco tempo. À princípio, era uma mensagem reveladora, só que se pensasse com cautela, nem tanto assim, pois não levava longe. Quem quer que estivesse do outro lado, não havia necessariamente ordenado que o Entregador matasse alguém, apenas aguardava pelo seu retorno. E criminosos com famílias comuns não eram nenhuma novidade. Aliás, a estatística era maior do que se podia presumir.

*O.k., vamos brincar.*

Ele escreveu: TIVE UM PROBLEMINHA. Apertou a tecla SEND. O melhor a fazer, neste caso, seria dar corda. Em nível igualmente emblemático, é claro. E como a pessoa não sinalizava através de códigos, provavelmente esperava que o Entregador fizesse o mesmo.

Ficou aguardando. O celular tremeu novamente.

NÃO ME DIGA QUE O REPÓRTER CAUSOU PROBLEMAS. ESTÁ ENFERRUJADO?

Certo. Agora sabia sobre o que se tratava: matar Daniel. O Entregador possuía comparsas. Com sorte, a pessoa que o contratara. Com mais sorte ainda, o próprio assassino do filme snuff.

Digitou:

NÃO. VOCÊ ESTÁ ANSIOSA?

A última palavra fora colocada no gênero feminino propositadamente. Naquele momento, pensou em como a outra pessoa responderia; sim, não, talvez, nem tanto... qualquer uma dessas expressões confirmaria que era uma mulher. Ou então...

QUEM É VOCÊ?

Homem. Ótimo! Um blefe, mas que não levaria a comunicação adiante. A partir daquele instante, a pessoa sabia que não se tratava do Entregador. Então, só lhe restava uma saída triunfal:

O ENTREGADOR ESTÁ MORTO. VOCÊ É O PRÓXIMO.

Passaram-se alguns minutos sem resposta. Poderia ficar ali a noite inteira que ela não chegaria. O.k., sem problema. O recado tinha sido dado.

Jogou o celular em cima da mesa. O objeto rodopiou e parou ao lado da Ka-bar. Mandaria os dois para análise? Melhor não. Não correria o risco de Fazolato saber que ainda corria por fora. Além do que, o máximo que conseguiria seria uma identificação do Entregador. Isso poderia remexer em crimes mais longínquos, criando uma confusão danada. No momento certo revelaria o corpo dele, é claro, pois não pretendia tornar-se nenhum justiceiro. E não havia mal nenhum em agir assim. Afinal, provavelmente ninguém, além do estranho que mandava mensagens, procuraria por ele.

*O Entregador.* Fazia sentido.

O homem estava ligado diretamente ao produto final, não as *ragazze*. Filmes snuff não transitavam facilmente pela internet. Por mais ágil que fosse a rede virtual, não era um território seguro e qualquer ignorante sabia disso, até mesmo *investigatori* truculentos como ele. Mas contratar um sujeito do porte do Entregador? Entregá-los pessoalmente? Quão valioso seria aquele material?

Pior do que isso, foi o que passou pela sua cabeça, em seguida...

*Quem são os canalhas que curtem esta monstruosidade?*

O ombro direito doeu, lembrando-lhe como a coisa se tornara pessoal.

Olhou novamente para Daniel. O repórter descansava, imerso em paz.

Um sujeito corajoso, sem dúvida alguma. Até mesmo, admirável.

## Capítulo 63

Daniel despertou com os nervos retorcidos pelo toque estridente do seu celular. A iluminação natural espalhava-se sobre os móveis da sala de Pacino, mas ele não estava por perto. Quantas horas havia dormido? Seis, sete? Parecia apenas uma.

Levantou-se. O corpo reclamava por causa da surra do Entregador. As dores iriam durar alguns dias, todavia, para quem mantinha o pescoço inteiro, soava como dádiva.

Daniel pegou o celular. A bateria estava no final. Quando viu o número da editora, atendeu com um “alô” tão entusiasmado que a voz nem parecia sair de dentro dele. Escutou:

— Dan! Graças aos céus! Onde diabos você se meteu? Por que não me ligou?

O corpo estremeceu. Era Marvin.

— Eu tentei — justificou, lembrando-se dos momentos que antecederam o show de ilusionismo —, mas não consegui completar a ligação. O sinal por aqui não é grande coisa.

— Merda! Você tem ideia de como me preocupei?

Daniel sentiu um instante de conforto. Marvin agia como um irmão mais velho, apreensivo, esperando por ele em casa, sem saber onde se metera. A preocupação era totalmente justificável. Afinal, devia sentir-se responsável por tê-lo enfiado naquela terra.

O celular emitiu um bip informando que a bateria acabaria em breve. Daniel olhou para os lados e não viu nenhum telefone fixo na casa de Pacino. Lembrava-se apenas que ele havia dito que tinha um aparelho no quarto.

— Escute, a ligação não vai durar muito. Não conseguirei contar tudo agora.

— Então não perca tempo! Em primeiro lugar, responda se você está bem.

— Sim...

— Não minta! Tem certeza?

Não, não tinha. Física ou emocionalmente, a resposta seria a mesma. Mas isso estava incluso em uma longa explicação que precisava dar, e que a bateria minguante não permitiria. O relatório completo ficaria para outra hora.

— Estou bem, Marvin, de verdade — disfarçou.

— Ótimo! Conte-me, como foi seu encontro com Nilla?

A cabeça de Daniel latejou.

— Como assim?

— Quero saber como reagiu quando falou com ela. Vamos, era você quem deveria me dar a notícia.

Daniel pensou se estava louco. O que havia perdido? Lembrou-se de todos os movimentos que dera desde que chegara. E tinha certeza absoluta que não falara com Nilla — a não ser, em seus sonhos.

— Marvin, não encontrei com Nilla em nenhum momento — esclareceu, desta vez, como meia verdade. Achava que a tinha visto com a Nikon, mas não podia afirmar com segurança. E isso também estava incluso na longa explicação.

— Mas eu acabei de falar com ela — assegurou Marvin.

— O quê?!

— Sim, ela acabou telefonar para o meu celular.

Daniel despencou de volta no sofá. Fantasmas rodopiaram à sua volta.

— Marvin, o que está dizendo? Estou procurando por Nilla desde que cheguei aqui e agora me diz que ela telefonou para você?

— Você não está falando coisa com coisa, Daniel! Tenho certeza que era ela. Reconheceria sua voz como se fosse a de minha própria mãe.

— acredite em mim. Eu não a encontrei.

Um silêncio sepulcral instalou-se entre eles. Qualquer coisa que fosse dita naquele instante afundaria em algum lugar do oceano que os separava e não chegaria ao ouvido do outro.

Um segundo bip da bateria fez com que Daniel se apressasse.

— O que vocês conversaram?

— Nilla parecia segura do que dizia.

— Não foi o que perguntei.

— Eu sei — disse Marvin. — Mas o que disse, parecia normal. Sei lá, acho que ainda parece.

Marvin estava desorientado. Mesmo assim, Daniel acelerou:

— Conte-me depressa.

— Nilla disse que havia se encontrado com você. Segundo ela, está tudo bem, mas que se empenharia em terminar a matéria. Eu recusei, óbvio. Falei que nada daquilo era mais necessário, diante de tanta confusão. Mas ela insistiu, quase não me deixava falar. E terminou afirmando que conversaria com você o que fariam daqui para frente.

Daniel sentiu-se atropelado por um trem. Podia encontrar um motivo para pensar que Marvin delirava, contudo, conhecia-o tão bem quanto ele próprio. O assunto era sério, e nenhum dos dois estava para brincadeiras.

— Tem alguma ideia do que está havendo? — devolveu Marvin, diante do silêncio do seu silêncio.

— Não. Esta história está cada vez mais louca! — respondeu. — Marvin, muitas coisas estranhas aconteceram aqui nos últimos dias. Cheguei a pensar que ela estivesse...

Marvin interpelou:



— Pare, Daniel. Não pense nisso, ouviu bem? Não a vi, mas posso assegurar que era Nilla. Você sabe, conheço-a há anos. Está viva e deu a entender que sentia-se feliz.

Feliz! Como poderia? Nilla não parecia nada alegre na gravação do cartão de memória. Agora tudo havia mudado?

Marvin tomou a frente outra vez:

— Onde você está? Viajarei para aí. Colocaremos a polícia a par de tudo.

— Não! — respondeu, com firmeza. — Já existe um investigador me ajudando. Estou, inclusive, na casa dele. Por favor, me passe o número.

— O quê?

— O número do telefone que Nilla utilizou.

— Claro! Boa ideia.

Marvin pediu um instante. Daniel ouviu o som das teclas de celular enquanto procurava uma caneta. Não encontrou. A casa de Pacino era desesperadora.

Mais um bip. Marvin passou o número para ele. Memorizou.

— Dan, por favor, tome cuidado! Não tenho noção do que está acontecendo, mas percebo que está metido em encrenca. Eu nunca deveria ter concordado que fosse até aí.

— Nilla teria feito o mesmo por mim, sabe disso.

— Sim, mas talvez não soz...

*Último bip.* A ligação se encerrou.

Um sentimento terrível esgueirou-se pelo chão como uma aranha e subiu pelas pernas de Daniel, chegando até o seu peito. Tudo que acabara de escutar parecia insano demais! Porém, se tinha alguém neste mundo cuja confiança mostrava-se inabalável, este alguém era Marvin. Detalhes demais para o amigo ter se enganado.

Daniel chamou por Pacino várias vezes. Onde ele havia se metido? O número de telefone em sua mente era importante e tinha medo de esquecê-lo. Bem, ao menos, uma resposta satisfazia: sabia que Nilla estava viva, sabe-se lá onde, e isso dissipava as camadas de fumaça do cérebro como um sopro de ar fresco.

Não esperaria mais. Viu que a chuva ficara para trás. Decidiu sair pela porta e encontrar um meio de telefonar.

Era hora de resolver aquilo de uma vez por todas.

Daniel achava que localizar um telefone público em Veneza fosse mais fácil. Depois de caminhar bastante, avistou um telefone prateado dentro de uma meia-cabine, com um adesivo vermelho escrito “Puntotel” em cima. Por sorte, aceitava moedas.

Os dedos vacilavam enquanto teclava a sequência de números guardada na memória. Esperou. Lá pelo quarto e quinto toque, a conexão se estabeleceu. Ouviu o ruído quase imperceptível de alguém levando o telefone ao ouvido, porém, a pessoa nada disse, era apenas respiração.

— Por favor, fale alguma coisa... — suplicou.

Levaram-se mais segundos de eternidade. Daniel sentiu a boca seca. Queria ouvir logo Nilla, descobrir onde ela estava, e terminar com a agonia de uma vez por todas. Até que uma voz feminina finalmente surgiu do outro lado:

— *Ciao*, repórter.

O chão se abriu. Daniel teve que se apoiar na cabine para não cair no vazio.

Quem estava do outro lado não era sua ex-mulher, pois reconheceu bem a voz insinuante...

Era Sofia!

Foi pego de surpresa. As nuvens retornaram e a mente poluiu de vez, ficando negra de estarrecimento. O fone no ouvido pesava uma tonelada. Aguentou o quanto pode, até abaixá-lo. Era Sofia, sem dúvida! Mas como podia ser? O que ela tinha feito? Telefonado para editora e simulado a voz de Nilla?

Não. O tom de voz dela sequer chegava próximo. E mesmo que chegasse, significaria falar em outra língua com sotaque italiano. Marvin não se deixaria enganar, tinha certeza. As palavras *tinham* saído da boca de Nilla. Então, só podia significar algo mais relevante...

Nilla estava escondida na casa de Lorenzo Oro.

Daniel encostou novamente o fone no ouvido. O simples movimento fazia o corpo inteiro doer, mas ele ignorou. Prometeu a si mesmo que, sob nenhuma circunstância, deixaria Nilla escapar de novo. Nunca chegara tão próximo dela desde que picou naquela terra — e era bom que eles tivessem uma explicação.

— O que vocês fizeram com Nilla? — perguntou, tomando o peito de coragem.

Sofia respondeu:

— Venha. Estou aguardando por você.

E desligou.

## Capítulo 64

*Ele está vindo!*

Próspero se adiantou para deixar tudo preparado: providenciou uma maca no cômodo, já que outra cama seria impossível para o momento; testou a câmara e verificou se estava na posição adequada; depois carregou as duas mulheres nos braços e depositou-as uma em cada leito, a poucos metros de distância uma da outra. Se não estivessem desacordadas — e iriam ficar assim por mais tempo —, poderiam cometer a imprudência de tentar se ajudarem. Afinal, todas elas tentavam escapar. Por isso, terminou a tarefa tirando suas roupas e prendendo os pulsos e tornozelos com cordas, como fez com as anteriores.

As outras *ragazze*. Seus corpos vindo à tona, nos canais.

Isso sim, foi uma grande surpresa.

Teve tanto trabalho para desmembrá-los e embalar em sacos plásticos. E quando incumbiu o Entregador de afundá-los dentro de algum canal, esperava que ficassem submersos por um bom tempo. Mas o imprevisto aconteceu, e Veneza acendeu o sinal de alerta. Com a cidade deste jeito, havia deixado de ser um local adequado. Seria esta, então, sua última obra para o momento? Parecia inevitável. Precisava deixar a poeira assentar-se, até porque, com o Entregador morto, teria que arrumar outro jeito para que a mercadoria chegasse às mãos do próximo cliente.

O Entregador morto.

*Maldito* investigatore.

A princípio, quando viu-o cambaleando naquele canal, parecia-lhe uma piada. Quem podia dizer que havia conseguido escapar de sua emboscada? E que justo ele daria um fim no Entregador? A troca de mensagens, embora anônima, não lhe deixava dúvidas. Essa era uma notícia que jamais podia esperar.

Queria saber como o embate tinha acontecido. Se é que houve um, é claro, pois era mais fácil pensar no Entregador sendo surpreendido do que alguém confrontando-o. O *investigatore*, enfim, parecia um sujeito determinado, mas não que aquilo o chocasse. E fez a promessa: vingaria a morte do Entregador antes de ir embora.

Próspero recolheu as roupas e segurou a maçaneta. Lançou um olhar para as duas figuras angelicais. Gostaria de ter mais tempo para ficar com elas. Até onde ia seu limite? Desejá-las? Possuí-las? De fato, eram duas belíssimas *ragazze*, contudo, devia ter previsto tudo isso antes. Então despediu-se silenciosamente, apagando a luz e trancando a porta.

Agora bastava esperar pelo repórter.

## Capítulo 65

Poucos metros separavam Daniel da casa de Lorenzo Oro. Era a terceira vez que ia até ela, e a centésima que aquilo o extenuava. Todo o encanto de se deparar com a edificação havia ficado para trás. Aquele esqueleto continuava inabalável frente às águas do canal, mas a impressão é que desmoronaria em segundos, e Daniel só esperava que não fosse consigo lá dentro.

Diferente de Pacino, tocou a campainha. O coração aos pulos alardeava todo o seu corpo. Piorou com o estalo que a porta fez ao abrir automaticamente.

Daniel entrou. A grande sala, naquele instante, não passava de um covil. Não foi recepcionado pelo bem-humorado Arno Bonatti, nem ninguém. Melhor assim. Como reagiria diante do cinismo daquelas pessoas? Pois tinha certeza absoluta, eles escondiam mais coisas do que aparentavam.

Daniel fechou a porta e gritou para o alto da escada:

— Estou aqui!

Embora não demonstrasse, o silêncio apavorava-o. Pressentia que o Entregador surgiria a qualquer instante e pularia em cima dele. Estava morto, sabia bem, mas com aquele negócio de ilusionismo, impressionava o fato das ocorrências anteriores parecerem mentiras.

Escutou a voz surgir lá de cima:

— Daniel.

Sofia descia os degraus, encaixada em um macacão de couro que a deixava com mais curvas do que era possível. E, porque não dizer, com aspecto fatal, também. Só que aquela aparência não a livraria agora; Daniel estava prestes voar em cima dela, arrancar todas as respostas de uma só vez.

— Estou cansado de perguntar, mas farei a última tentativa: onde está Nilla?

— Ela está bem.

— Então você *confirma* que ela está aqui?

Sofia anuiu. O rosto de Daniel se acalorou, aliviado. Mais do que isso, apenas se conseguisse ver sua ex-mulher de uma vez por todas. Podia pressentir que estava muito perto dela, mas não fazia ideia do quanto.

Desejava muito acelerar, porém, Daniel manteve-se firme entre a segunda e terceira marcha:

— Vamos, quero vê-la.

— Ainda não, Daniel. No tempo certo, por favor.

— No tempo...

Ele se calou sem acreditar no que escutava. Parecia que Sofia o encurralaria em mais um de seus joguinhos de palavras. Porém, havia algo diferente nela. Sua fala não era a da mesma mulher segura e ríspida de antes. Ela era outra pessoa.

Sofia acendeu um cigarro. Daniel perguntou:

— Onde foi parar sua aspereza? Sim, porque agora percebo que está sendo polida comigo.

— Nunca o enxerguei como inimigo, mas não o culpo por pensar o contrário.

— Pois é exatamente como eu os vejo. Todos vocês — disse ele. — Por falar nisso, onde estão seus amigos?

— Nós dois estamos sozinhos.

— Não! Isso não passa de mais uma mentira. Sei que estão planejando alguma coisa. Se quisesse me ajudar, teria levado Nilla até mim no início, quando me encontrou na hospedaria. Poderia ter resolvido toda essa história naquele dia.

— Você tem razão, em parte — ela deixou sair quase como um murmúrio. Deu outra tragada. — Só que isso não vai mudar as coisas. Fiz

exatamente o que podia ser feito, mas nem tudo que aconteceu foi premeditado. Acredite.

— Premeditado? Por que não assume de vez a responsabilidade? Você não é apenas uma assistente de palco, não é mesmo?

— Só posso pedir para que tenha calma — explicou ela.

— Meu Deus! Como consegue ser tão fria?

Ela não respondeu. Ao invés disso, os olhos passaram desorientados pela sala. Havia um brilho lacrimejante neles, que Daniel não compreendia. Indecisão? Pois se Sofia encenava um teatro, estava pronta para receber o melhor dos prêmios.

Ela se recompôs. Saiu da inércia e levou o corpo anatomicamente perfeito até o lugar preferido de Arno Bonatti, bem próximo das garrafas de bebida.

— Deixe-me servi-lo de algo — disse ela, apagando o cigarro.

— Pare com isso! Eu disse que você estava polida, não que era gentil.

— Por favor, não continue tornando tudo mais difícil.

— O que quer dizer? Que sou eu quem está dificultando as coisas por aqui? Quanto tempo pretende me enrolar? Faça o melhor para nós dois: conte-me onde vocês a colocaram e sairei daqui com ela.

— E quanto a Paola?

Aquilo pegou Daniel desprevenido. Resolver a questão sobre Paola importava tanto quanto Nilla. Chegara até aquele ponto graças a ajuda dela. Ou seja, não podia simplesmente abandoná-la, ou nunca se perdoaria.

Não sairia dali sem as duas. Como, ele não sabia.

Com o coração atravessado, blefou:

— Deixarei a polícia resolver o assunto. Tenho certeza de que eles adorarão dar um jeito nisso.



— Os *carabinieri* — disse ela, de costas. Incomodava Daniel não ver o que Sofia fazia. — Lorenzo me contou sobre um deles. Um sujeito temperamental. Um *investigatore*, correto?

— Sim, mas eficiente, especialmente por ter sobrevivido — disse ele.

— Como assim?

— Qual é a surpresa? Pensou que haviam conseguido apagá-lo?

Ela se virou. Tinha um simples copo d'água nas mãos. Apenas um.

— Não sei do que está falando.

— Ora, vamos, não se faça de desentendida! Pacino está vivo. Eu também, graças a ele. Quando vocês mandaram o Entregador atrás de mim, não esperavam que ele me salvasse, certo? E que ainda por cima, matasse o assassino?

Sofia expressou toda sua surpresa calada, mas os olhos fitaram-no, perguntando: “O Entregador está morto?!” E pela primeira vez desde que chegou, Daniel acreditava nela — o que confundiu-o mais, como se estivesse perdido em uma mata densa e escura, ouvindo barulhos sem conseguir identificá-los. Porém, as linhas que ligavam os acontecimentos anteriores ainda pareciam traços pontilhados, aguardando para serem preenchidos. Só que ele não tinha tempo para isso. Ele precisava agir. A única coisa que importava era resgatar Nilla e Paola, e sair dali o mais rápido possível.

Estava prestes a colocar Sofia na parede de uma vez por todas quando percebeu a água tremulando no copo. Ela havia ficado nervosa de repente.

— Tome, beba isso! — disse a mulher, apressadamente.

— Eu não quero. Espere... o que pôs aí dentro?

— É um sonífero, Daniel.

— O quê?! Por que eu beberia isso? — O rosto queimou, com a lembrança do desmaio sobrevoando a mente. — Foi o que me deram da última vez? Por isso eu desmaiei na hospedaria?

— Não é uma escolha! Você tem que obedecer. Vamos, por favor, beba rápido!

— Não! — Ele pegou o copo e jogou-o longe. O vidro estilhaçou na parede, pequenos cacos ricochetearam. — Você é louca?!

Os olhos de Sofia não estavam mais grudados nele. Focalizavam algum ponto atrás de seu corpo, e isso só podia indicar uma coisa: havia uma *terceira* pessoa na sala. Chegara sorrateiramente pelas suas costas enquanto conversava com ela.

Daniel ia virar-se quando um golpe atingiu sua cabeça, fazendo-o despencar no chão. Do piso, teve a última visão do seu agressor antes de apagar...

Um vulto usando roupa preta e máscara.

## Capítulo 66

Pacino retornou para casa achando que não havia bebido tanto para ficar desorientado. Curiosamente, foi a primeira coisa que ocorreu ao ver o sofá da sala vazio. Daniel havia desaparecido. Mas o repórter ainda estava lá, quando Pacino não suportou mais e saiu para reabastecer-se com uns tragos. Era para ser apenas uma saída breve, mas a verdade é que, quando bebia, nunca era breve o suficiente.

Na volta, procurou-o por todos os cantos. Torcia para que quando o encontrasse, não enchesse-o com perguntas tolas sobre seu estado ou o que tinha feito com o corpo do Entregador. Explicaria, no máximo, o que eram os dois troféus que conseguira com ele e que carregava consigo: o celular e a Ka-bar.

Porém, nenhuma pista de Daniel. O repórter havia partido, e ele podia apostar que sabia para onde.

— Maldição! — disse, ao sair.

## Capítulo 67

Primeiro, Daniel observou a escuridão. Depois, que estava deitado, sem força. Sentiu um formigamento no peito e um zumbido harmônico. O formigamento foi aumentando gradativamente, mais e mais, até transmutar-se para dor. Manteve-se assim até ele mexer a cabeça. Foi um sinal para que o barulho cessasse e desse lugar a uma voz masculina. Ele ouviu:

— Teria sido mais conveniente se tivesse aceitado o sonífero. Mas não se preocupe, você está bem. Ao menos, aparentemente.

A voz vinha do lado. Daniel tentou se mover, mas nenhuma região do corpo, exceto a cabeça, correspondia à sua vontade. Encontrou a língua enrolada no céu da boca. O esforço para soltá-la foi inumano, como se precisasse puxá-la com um guindaste.

— Onde... estou? — balbuciou.

Mãos pesadas esfregaram o seu peito.

— Vamos pular esta parte, o.k.?

— Você está... me... ajudando?

Ouviu uma risada. “Sim, estou ajudando-o.” Depois o homem admitiu ser mais do que isso: estava preservando-o. Havia se tornado tão importante que nem passava por sua cabeça vê-lo morto. Pelo menos, por enquanto.

O zumbido voltou. A dor, idem. Ela quase anulava o efeito da superfície dura e fria em contato com as costas, nádegas e pernas. Daniel devia estar com todo o corpo desprovido de roupa. Podia escutar perfeitamente, mas falar era um suplício. Cada vez que tentava, retirava um caminhão de areia de cima da língua.

— Não estou... conseguindo...

Mais alguns instantes e o som desapareceu outra vez.

— Sabe, Daniel... realmente fiquei surpreso quando soube que Nilla havia encaminhado uma mensagem para você. Um isqueiro Zippo! Que forma

interessante de fazê-lo vir até ela. Porém, mais interessante foram os sinais para que encontrasse a mídia com o filme.

Daniel deixou a palavra “snuff” surgir de forma automática da boca, com as lembranças chegando lentamente de viagem.

— *Si*, o filme snuff com Barbara. Acredita que sua ex-mulher produziu a cópia aqui mesmo antes que encaminhássemos a encomenda para o primeiro cliente? Um descuido, reconheço. Não era para ela ter acessado esta área da casa.

Entender tudo aquilo seria pedir muito para o momento. Daniel parecia retornar de uma cirurgia, com a consciência e os sentidos chegando devagar. Porém, bastava para perceber o perigo. Tentou falar, mas não conseguiu. As pálpebras queriam ceder, e lutou para não apagar de novo. O zumbido veio, partiu, e o peito foi novamente espanado.

O homem continuou:

— Entendo que depois de esconder o disco ela não viu outra forma de avisá-lo, senão com pistas que evitavam denunciar claramente onde o objeto estava. E, ainda por cima, utilizando-se do símbolo.

— Os... círculos... concêntricos...

— Exato. Não achou conveniente a associação deles no mapa com o ponto indicando o Palácio dos Doges? Minha dúvida é se você chegaria até nós sem eles, apenas com a ajuda da dona da hospedaria e do *investigatore*. Sem ofensas, mas não me parecia um grupo muito esperto.

— Quem... é você?

O homem ignorou a pergunta.

— A chave de tudo era o isqueiro. Somente você tinha acesso a ele, e poderia saber sobre os leões de São Marcos. “Olhe para o outro lado”, não é? Claro, ela citava o Zippo o tempo todo. Se não fosse o Entregador trazer-me a dona da hospedaria, eu nunca teria descoberto.

Mais uma pausa na fala e outro zumbido. Lembrava o costumeiro barulho de motor das salas de dentistas, só que em uma escala menor. Mas a dor não tinha nada de pequena: dilacerava os ossos do tórax, como se abrisse um enorme buraco circular nele.

Neste momento, o homem decidiu comandar a conversa sem interromper o barulho:

— O cofre, obviamente, foi o primeiro lugar onde procuramos pela mídia. Quando encontramos o envelope com a mensagem e o mapa dentro, não sabíamos do que se tratava. O que podíamos fazer? Você estava vindo para Veneza. Então, decidimos preservar as pistas que ela havia deixado, esperando que conseguisse recuperar o disco... — Cada vez que o zumbido interrompia, vinha o alívio. Mas durava pouco tempo. — Sabe, tentei retirar de Nilla a informação de onde ela havia escondido a mídia. Seria mais fácil, é claro, contudo, às vezes o cérebro bloqueia de tal forma que chega a ser impossível. Acontece.

— Você torturou... — Daniel conseguiu dizer depois de longa pausa.

— Não, Daniel, nem pense uma coisa dessas! Eu não sujo minhas mãos com as *ragazze*. Digamos que meu procedimento é um pouco mais... incomum.

Daniel fez esforço com os sentidos para tentar decifrar onde estava; o cheiro de mofo era gutural. A umidade, alta. Havia um som de água se chocando contra paredes. Lembrou que a casa de Lorenzo ficava mergulhada num canal, cujo primeiro andar fora tomado pelo mar. Sem falar que Sofia era a última coisa da qual se recordava. A conclusão é que devia estar em algum subterrâneo da casa.

O zumbido cessou de vez. A mão pesada do homem voltou a esfregar o peito. Não, não era isso. Ele limpava o local com alguma coisa, sem delicadeza, como se arrancasse a pele.

Ficou aguardando ele costurar tudo de volta, mas em vão.

— Pronto. Está acabado.

— O que...

Daniel ouviu um tranco. Depois o corpo começou a inclinar devagar, liberando a aderência da superfície fria. A gravidade desceu para os seus pés, até sentir-se na vertical. O homem alertou:

— Vou retirar a sua venda. Há um espelho na sua frente. Por favor, perdoe-me se o trabalho não ficou perfeito... acho que sou melhor em construir máscaras. Ao menos, finja que gostou, certo?

Daniel sentiu mãos extraírem calmamente o pano em seu rosto. Ele piscou várias vezes, tentando adaptar-se a luz parda. De antemão, apavorava a ideia de ver o buraco aberto no peito e os órgãos despencando para fora da caixa torácica. Como mantinha-se vivo? Parecia uma ótima pergunta.

Recuperou a visão e reconheceu o próprio rosto. Depois os braços esticados horizontalmente, amarrados a uma madeira suportada por um cabo. As pernas e todo o resto estavam lá, dependurados, mas nada disso importava, somente o tórax. E quando decifrou o que tinha nele, entrou em pânico.

Lágrimas queimaram os olhos como ácido e despencaram, pesadas. Daniel não podia acreditar! Com que direito alguém faria isso? Queria agarrar a imagem no espelho e provar ser outra pessoa, não ele. Que tudo não passava de um jogo de imagens, ou que acordaria em instantes. Porém, a tragédia era real, e nada podia ser mais verdadeiro do que a tinta preta sob a pele, pois o homem havia tatuado o símbolo em seu peito.

Três círculos concêntricos, com o menor deles preenchido.

— Bem vindo à nossa equipe.

Daniel viu surgir, pelo espelho, o responsável por aquela atrocidade. Ainda utilizava a roupa preta, porém, tinha o rosto descoberto, desta vez. O cérebro embaralhou-se de medo, ódio e angústia, quando percebeu as duas mechas grisalhas no cabelo e o anel verde-esmeralda.

Nunca pareceram tão terríveis.

*Arno Bonatti.*

— Por que fez... isso comigo? — A fala dava sinais de melhora.

— Porque a coisa ficou instável, Daniel. O Entregador, ao me trazer a dona da hospedaria, mudou tudo. Agora, você é meu grande astro.

— Não entendo o que está falando... mas não farei nada que...

— Por favor, não me subestime. Como eu disse antes, meu método não é comum, mas bastante eficaz.

— Método?

— *Sì*. Daqui a pouco, você estará sobre efeito de *sugestão hipnótica*.

Daniel sentiu o calafrio percorrer o corpo. O oxigênio diminuiu, secando até mesmo as lágrimas. A voz de Arno parecia inflexível, mas suas duas últimas palavras atingiram-no com o mais alto grau de obscuridade.

— O quê? — perguntou ele.

— Isso mesmo. Hipnose. O efeito é surpreendente. Infelizmente, a humanidade dá pouco crédito a hipnotizadores. Somos vistos como charlatões, enganadores... Mas esqueça toda a baboseira de paranormalidade ou xamanismo que envolve o assunto. Posso confirmar, Daniel: hipnose é uma ciência, talvez a mais interessante de todas. Até mesmo Freud, em determinado momento da vida, rendeu-se aos seus encantos.

Daniel equilibrava-se à beira do desconhecido. Sobre o que Arno falava? Entendia muito pouco sobre o assunto, quase zero. Acreditava tanto em hipnose quanto nos truques de ilusionismo: não passava de entretenimento de palco. Se não fosse o seu peito violado, acharia que não



passava de uma grande peça. Porém, Arno mostrava profundidade nas palavras, exalava segurança. Um sujeito culto, dotado de prudência e ações premeditadas, que só de se expressar, trazia os fracassos de qualquer um à tona.

Ele continuou:

— Eu imagino que nunca deve ter passado por isso, então, explico como é estar em transe hipnótico: você experimentará mudanças nas percepções e comportamento, mas não perderá a consciência. Ficará a par dos seus atos e das reações contrárias a eles. Porém, se lhe serve de consolo, estará apenas seguindo as minhas instruções.

— Não seguirei nada...

Arno não deu atenção. Caminhou até uma mesa, ficando de costas para Daniel. Continuou com os esclarecimentos de lá.

— Todos concordam que não há hipnose sem permissão do paciente. A maioria diz que é impossível uma pessoa realizar atos criminosos apenas por sugestão hipnótica. Mas consegui provar o contrário, acredite. Meu colaborador anterior aceitou executar as tarefas com a promessa de que não se recordasse do que havia feito. Infelizmente, isso não foi possível. Eu o iludi, eu sei. Mas mesmo sem enxergar, os sons terríveis produzidos pelas *ragazze* ficaram marcados no subconsciente dele. Isso deixou-o com nervos abalados depois da filmagem com Barbara. Mesmo assim, havia outras questões em jogo, e ele não resistiu em fazer o mesmo com Valentina.

Daniel ainda sentia-se confuso, mas aquilo mudou profundamente sua percepção sobre o assassino do filme snuff.

— Então... não foi você?

— Eu já lhe disse: não sujo minhas mãos com as *ragazze*.

— Mas nós vimos essa roupa...

— Vamos, Daniel... é somente uma fantasia de *carnevale*, não tem significado algum! Quantas delas viu por aí estes dias? Qualquer um pode utilizá-la. Até mesmo você.

As imagens do assassino do vídeo quase se materializaram dentro do espelho. Olhos inutilizados, andar vacilante... e agora, a confirmação de uma terceira pessoa envolvida. Nunca fora o Entregador.

Não lhe passava outro nome pela cabeça, senão, Lorenzo Oro.

Ele e Pacino estavam certos. O tempo todo.

— Você... deve estar louco. Eu nunca... vestirei isso, Arno.

— Me chame de Próspero. — Arno surgiu com uma seringa nos dedos e caminhou em sua direção. — Por favor, não desperdice energia balbuciando frases tolas. Precisamos de um pouco de agilidade aqui, entende?

— Como você mesmo disse... necessita da permissão do hipnotizado... e eu não concordarei...

Arno expeliu o ar dos pulmões, como se o que acabara de explicar tivesse sido em vão.

— É claro que concordará, Daniel. Seu cérebro já percebeu que é a única forma de salvar Nilla. Sinto lhe informar, mas não existe outra maneira de saírem juntos daqui. Ou aceita a minha sugestão hipnótica, ou nunca mais a verá.

Daniel empalideceu quando Arno agarrou seu braço.

— Eu sei, você ficará angustiado durante o processo de aceitação do transe, não é fácil. Por isso, administrarei um pouco mais de tranquilizantes em seu corpo. Uma mistura de Demerol e Valium. Menos concentrada do que administrei nas *ragazze*. — Daniel sentiu a agulha penetrar na carne e o líquido se misturando ao sangue. — Dessa forma, baixaremos a intensidade dos seus batimentos cardíacos, alteraremos a circulação sanguínea e a

atividade respiratória. Você não apagará, mas será mais fácil relaxar assim. Passará um pouco de frio, porém, logo voltará ao normal.

— Não terei forças...

— Ora, vamos, não diga isso. O.k., sua aparência está péssima, mas ela já estava assim quando chegou aqui. Curiosamente, seu cansaço acumulado só fará com que fique mais suscetível ao transe. Mas não se preocupe, ainda sentirá força suficiente.

Daniel tentou mover os braços e pernas, contudo, pareciam separados do corpo.

— Agora, vamos pular o processo de anamnese, o.k.? Todas aquelas perguntas sobre hábitos, doenças e queixas. Isso é para médicos e terapeutas. — Arno segurou com firmeza a cabeça dele, apontando seu nariz para o espelho. — Relaxe.

Daniel apertou os olhos. Arno respirava próximo do ouvido. Podia arriscar atingi-lo com a cabeça, mas com a sua força em processo minguante, seria como golpe de criança. E mesmo que conseguisse pará-lo, o que pretendia fazer depois? Como fugiria? Restava lutar para manter-se racional. Começou a se concentrar em outras coisas, porém, todas as recordações de sua vida traziam-no de volta para aquele momento.

— Relaxe profundamente... sinta os músculos soltos, leves... fixe-se no símbolo à frente, no espelho... no seu peito...

As palavras mergulharam no seu âmago e uma luzinha se acendeu lá dentro. Não seria melhor seguir as ordens de Arno? Afinal, estava mais próximo de Nilla do que nunca e não havia muito que decidir. Se tinha esperança de salvá-la, devia manter os olhos abertos e enfrentar o símbolo tatuado na sua pele.

— Ele está ficando tão claro, tão brilhante, que anula todo o resto...

Daniel abriu as pálpebras com força. Viu o espelho se aproximar, mesmo que nenhum dos dois estivesse em movimento. O símbolo se agigantou, mais e mais, até que seus pés pisaram dentro do círculo maior, recebendo a própria pele do peito como assoalho. Em um instante, cordas se desintegraram, livrando os seus braços da madeira. Daniel precisava caminhar, alcançar o círculo preenchido. Porém, cada passo que dava para a frente, parecia distanciá-lo ainda mais.

Ele correu, deixando Arno e tudo que o envolvia para trás. Conseguiu pular a linha do segundo círculo. Um esforço enorme, como se corresse em cima de uma esteira. Mesmo assim, não desistiu. Só interessava pisar no centro, nada mais. Disparou a uma velocidade impressionante, com os pulmões queimando de dor, a pele se soltando e se desfazendo com a força do vento.

— Eu vou te levar até Nilla... acredite...

E então, Daniel pisou exatamente onde queria chegar.

## Capítulo 68

Pacino chegou à frente da casa do ilusionista, pensando nas opções que tinha: meter o pé na porta, anunciar-se ou entrar sutilmente. Escolheu a última, pois assim o elemento surpresa perduraria por mais tempo. Além disso, aprendera o bastante sobre fechaduras — não na academia — para arrombá-las em cinco minutos.

Por causa do efeito do álcool, gastou dois a mais.

Pacino entrou repousando a mão direita na arma. Lorenzo não utilizava seguranças convencionais. Aparentemente, preferia sujeitos como o Entregador, que gostavam de surgir inesperadamente como fantasmas.

Topou com o primeiro andar vazio, tão silencioso que escutaria um pedaço de algodão caindo no chão. Mirou a escada. Para os *carabinieri*, elas eram pequenas armadilhas, estreitas e com duas saídas apenas. Então ele subiu o primeiro lance o mais rápido possível, torcendo para que os pés não vacilassem.

Ouviu passos atrás dele. Virou a cabeça para olhar.

Nada.

Uma casa tão emblemática quanto o seu dono.

Pacino chegou ao corredor. Retirou a arma e contou oito portas, quatro de cada lado. Avançou, prendendo o fôlego ao abri-las. Sem encontrar nada, pensou na estupidez que estava fazendo.

Um sistema de câmeras desdobrava-se por toda a residência. Ele tinha a sensação de estar sendo observado ao vivo. E mesmo que não estivesse, elas deviam registrar cada centímetro que avançava.

Hora do andar superior.

Pacino invadiu o patamar de cima e encontrou mais portas. O corredor possuía a mesma planta do andar inferior. A cada maçaneta que girava, os ossos da mão colavam no cabo da arma. Quartos, banheiros, saletas... nada

além de móveis e papéis de parede. Mas reparou nas janelas. *Grades*. Incomum para a cidade. Tornavam o ambiente claustrofóbico, como uma fortaleza. Não, pior. Tomavam-no como uma prisão.

Pacino escutou vozes.

*Finalmente.*

Ele passou da esquerda para a direita, espreitando-se. Foi direto até a última porta, de onde vinha o som. Encostou o ombro no batente e ouviu uma voz feminina. Era difícil decifrar o que ela dizia, por causa da grossa espessura da porta e o zunido dentro do cérebro. Percebia a aflição esvaindo-se por todas as frestas, mas, desta vez, não perdeu tempo pensando em como superaria aquela porta.

Experimentou um chute semelhante ao da hospedaria. Desequilibrou-se. Foi obrigado a dar outro — um vacilo que poderia custar a vida, uma vez que balas poderiam ricochetear já no primeiro baque.

Depois de ver o interior do cômodo, achou a preocupação um tanto quanto exagerada.

Lorenzo Oro estava deitado em uma cama, imóvel. Sentada ao lado dele e esfregando sua mão, uma mulher tão deslumbrante que parecia ter escapado furtivamente dos melhores sonhos. Sofia, a assistente de palco citada — e prevenida — por Daniel.

Pacino manteve a arma em punho e disse:

— Lorenzo está...

— Ele está bem, mas a dor parece mais forte. E não quer aceitar os remédios.

Pacino não entendeu. O que ela dizia?

Preparava-se para mais perguntas, quando o olhar escapuliu por um segundo. No lado extremo do cômodo, havia uma grande arca com

medicamentos em cima. Ficava óbvio que Lorenzo padecia de algo, se não fosse tudo mais uma grande encenação.

— Onde está Daniel?

Sofia ia responder quando os olhos cinzas de Lorenzo pousaram em algum lugar do colo dela.

— Espere — disse ele, e depois virou o rosto na direção de Pacino. Era de se imaginar os fãs observando aquele drama e o tumulto que isso causaria. — Nós o levaremos até ele, *investigatore* — completou.

Sofia negou com veemência, mas bastou a mão de Lorenzo se levantar para que a lamúria cessasse. Mesmo naquela situação, ficou claro que respeitava suas decisões. Então, ela ajudou-o a colocar-se de pé e saíram pela porta. Pacino seguiu-os, retornando dois andares para baixo. Permaneceu empunhando a arma, cauteloso, até que o cheiro daquilo deixasse de ser ruim.

Os três chegaram até um dos pilares da escada. Sofia empurrou uma porta discreta, sem maçaneta, revelando um novo salão. Novamente, o sentimento claustrofóbico.

Lorenzo caminhou até o centro, apoiando-se na acompanhante. Com o pé descalço, afastou o tapete e revelou uma comporta no piso. Tossiu.

Mesmo fechada, Pacino sentiu-se tonto ao olhar para baixo.

— O que é isso?

— A partir daqui, não podemos mais ajudá-lo — disse Lorenzo. — Mas se quer salvar seu amigo, seja rápido.

Ao invés de seguir suas instruções, Pacino congelou. O que eles esperavam? Queriam que ele entrasse ali?

Ele encarou Sofia. Ela implorava com os olhos.

Os dentes trincaram. Pacino tentava decifrá-la, mas era difícil. Mulheres atraentes sempre pareciam inocentes à primeira vista. Todavia,

uma coisa estava clara: nenhuma resposta seria dada naquele instante, ele teria que descobrir por si próprio. E não adiantava apelar para Lorenzo, nem tentar ler as linhas de seu rosto. O homem continha, além das órbitas mortas, depressão e dor, e isso estava tão estampado quanto a primeira página de um jornal. Aparentemente, um problema de saúde, mas... parecia que ia além. Parecia que ele não suportava mais.

Então, Pacino se deu conta.

Arrependimento.

Eles arriscavam tudo para mostrar aquela passagem.

— É o Arno, não é? — perguntou Pacino.

Mas não adiantava aguardar pela confirmação. Também seria inútil ordenar que os dois ficassem ali. Ele tinha que abandoná-los para salvar Daniel.

Então Pacino abriu a comporta e afundou seu corpo na escuridão.



## Capítulo 69

Daniel não se lembrava de como tinha ido parar ali. A boca seca, o barulho de água açoitando a parede, a umidade, o ar contaminado de poeira... todos os sentidos captavam alguma coisa, exceto um; estava sendo privado do mais importante deles que, por qualquer motivo, não compreendia muito bem.

Não conseguia enxergar um palmo à sua frente.

Havia uma porta próxima, mas ele apenas *sabia* disso. Tinha que abri-la, fazer algo importante ali dentro. Então encontrou a maçaneta e veio a lembrança de uma chave no bolso. O bolso de uma calça que não era dele. *O que estou usando?* A mente captava imagens difusas. Recordava-se de uma máscara. Colocou a mão no rosto para encontrá-la, mas em vão. Havia, porém, uma venda sobre os olhos, que estava proibido de arrancar.

Uma voz impaciente se revelou.

“Vamos, entre logo.”

Daniel obedeceu, trancando-se lá dentro. Não estava sozinho. Percebeu duas respirações distintas. Os sons chegavam a estéreo, cada qual de um lado do cômodo. Sinais de vida, tão perto e tão longe.

Depois de encontrar cegamente o interruptor, ele acendeu a luz. Agora se lembrava: carregava um embrulho, devia colocá-lo sobre um móvel, a cinco passos de distância da porta. Assim o fez. Um controle remoto dentro da gaveta ligava uma câmera na parede, e devia usá-lo. Assim fora instruído. *Mas por quem?*

“Você foi programado para agir, pense somente nisso.”

A voz mirava-o como um raio laser na escuridão. Lembrou-se de um alvo e colocou a mão no peito. Estava sem camisa. A pele ardeu. Tinha sido avisado, aquilo incomodaria um pouco, mas seja lá o que estivesse carregando ali, importava apenas para a câmera.

Daniel respirou fundo.

Era hora de avançar para o próximo passo.

“Comece pela cama, dois passos para a esquerda.”

Andou até ela. Sentou-se. Pela primeira vez, identificaria uma pessoa através das mãos.

Começou explorando o corpo. A pele nua, arrepiada. Curvas. Cabelos longos. Apalpou o rosto dela. Sorriu. Não era tão complicado. Podia reconhecê-la, parecia fácil quando a imagem já estava gravada na mente.

Recordava-se dela.

*Paola.*

“Vamos, levante-se e retorne quatro passos para a direita.”

A voz surgia sempre que se retinha. Mas era bom saber que podia confiar nela, que havia alguém ajudando-o. Excessivamente cuidadosa, tudo que prometia cumpria com louvor, não o deixava perdido em nenhum instante. Afinal, quem mais seria capaz de tamanha nobreza, senão alguém em quem confiar?

Ele caminhou. A segunda respiração vinha de um plano mais alto. Tocou. De novo, uma mulher. Havia alguma coisa especial no cheiro dela, uma mistura de lilases e flores silvestres que sentia falta há muito tempo. O aroma estava prestes a despertá-lo como um alerta de sirene, mas a voz — sempre ela —, segurava-o. Pedia apenas que reconhecesse a mulher, soubesse exatamente como estava posicionada.

Daniel esquadrinhou o novo corpo. Os membros estavam esticados, presos por cordas, como a garota anterior. Eram nós firmes. Ele procurou pela face dela, tateando com delicadeza, e a imagem de um rosto se destacou em meio ao mar negro de lembranças, tal qual um farol. Um rosto que não lhe chegava ao vivo há muito tempo, mas que agora não podia ser mais tangível. Um rosto que fora perseguido insistentemente, com tanta obsessão

que era impossível dimensionar. Um rosto que, em qualquer circunstância, seria capaz de fazê-lo enxergar o passado e entrevê-lo no futuro que tinha sonhado.

O rosto de Nilla.

*Finalmente.*

Então, por que ele não se sentia feliz?

Daniel não se sentia feliz porque estava sem saída.

Ele retornou para a mesinha. Seguiu o protocolo imposto pela voz: calçou luvas, procurou o controle remoto e apertou o botão. Depois estendeu as mãos sobre o móvel, tateando à procura do embrulho. Abriu, tomando cuidado para não se ferir.

Objetos cirúrgicos. Parecia que tinha sido instruído com uma aula compacta sobre eles, mas não sabia ao certo. O fato é que estavam lá, a centímetros de distancia, e quase podia enxergá-los de tão vívidos que apareciam em sua mente.

Identificou-os com os dedos. Os mais simples iam de pinças dentadas a bisturis. Havia algo chamado talhador de costelas que era como uma tesoura, só que maior. A faca de serra não necessitava de explicação, falava por si só. Mas Daniel demorou um pouco quando tateou um martelo com gancho. Um objeto específico para crânios — mas que podia ser utilizado para obter outros resultados igualmente interessantes, dependendo da criatividade. Por fim, encontrou duas agulhas de sutura. Contudo, fora prevenido de que costurar estava fora de cogitação.

“Vamos, faça logo sua primeira escolha.”

A voz soava como a de um adulto austero, com ordens se impondo em meio às palavras. Havia algo de familiar nela, mas o que era? E por que ele deveria escolher um daqueles objetos?

Percebeu que precisava de uma ação rápida e optou por um bisturi. Um objeto tradicional, leve, com um lâmina de uns 4 cm de superfície de corte. Foi orientado a empunhá-lo para cima, mostrando o que tinha em mãos, talvez para a câmera.

“Agora, decida-se pela jovem.”

Então era isso!

Finalmente entendeu o que a voz queria dizer. Daniel quase podia ouvi-la informar que estava sendo, na verdade, “generosa consigo”, permitindo o dom da preferência. Bastava executar uma das mulheres como no filme snuff que a outra seria poupada. Todavia, ao pensar nisso, alguma coisa não fazia sentido. Algo de difícil compreensão que tentava identificar, mas que não conseguia. Era o momento propício para fazer perguntas. Mas e se a voz fosse embora? E se deixasse-o sozinho?

Pensou se não estava, de fato, exagerando. Afinal, a oportunidade de tomar a decisão de sua vida batia à porta! A voz soava como promessa. Não tinha outra coisa a fazer, senão acreditar nela, segui-la. Ela era seu ponto de referência, sua divindade.

Destruir uma vida para salvar a outra.

Simples, assim.

“A partir de agora, é com você.”

Daniel arrastou passos cegos até a cama. Depois apoiou uma das mãos entre os seios de Paola e, com a outra, inclinou o bisturi acima de onde previa estar o umbigo. A ponta agarrou sobre a pele como cola.

Estava pronto para começar quando foi surpreendido por uma segunda voz.

— Daniel...?

## Capítulo 70

Pacino avançava pela escuridão, amaldiçoando o fato de não estar sóbrio. O buraco por onde havia entrado deixava somente um mísero foco de luminosidade. Não sabia se Lorenzo e Sofia tinham escapado, pois suas vozes cessaram antes mesmo dele descer as escadas.

Os músculos enrijeceram. Viu um nicho de luz ao fundo enquanto se esgueirava em algo que parecia ser outro corredor. Devia estar em um andar inativo da casa que, assim como em tantas outras, fora obstruído por causa do aumento da maré e a invasão das águas da laguna.

Obviamente, aquela normalidade iria até certo ponto.

Pacino gostaria de afirmar que ia de encontro a Daniel apenas para dar uma bronca, mas sabia que tinha se enfiado em uma encrenca das grandes. Caso contrário, já teria encontrado-o no saguão. Deixá-lo sozinho fora um erro estúpido, e não lhe restava outra coisa a fazer senão salvá-lo.

Próximo da luz, Pacino se agachou rente a porta, com o coração saltando. A claridade oscilava como se viesse de aparelhos eletrônicos. Ao esticar o pescoço, viu pela fresta a pilha de monitores ligados de frente para uma mesa, similar a uma sala de controle.

Alguém devia estar espiando aquelas telas, e era hora de se apresentar.

Pacino utilizou o ombro para empurrar a porta. Segurando a arma com força, apontou para todas as sombras projetadas à frente, esperando encontrar qualquer silhueta que lembrasse uma pessoa. Mas não havia ninguém.

Ele arrastou as costas pelas paredes até aproximar-se da mesa. A maioria dos monitores exibia imagens estáticas, cobrindo lugares da casa e do pátio. Lorenzo e Sofia ainda estavam por perto, mas ele não sabia onde. Então, de soslaio, percebeu a movimentação em uma tela mais abaixo, e as

pupilas despencaram naquela direção. Parecia que um novo filme snuff estava sendo rodado naquele exato momento.

— Mas que...?

Pacino congelou diante da confusão.

Era Daniel, reconhecia-o bem. Mas por mais treinada que fosse a sua mente, não podia compreender o ato insano que o rapaz estava prestes a cometer, vendado e com um bisturi debruçado sobre Paola. *O que está fazendo? Participando do filme?!* A posição da câmera e o cenário eram os mesmos da gravação que assistira antes, na *questura*. De divergente, o fato de que podia ver duas vítimas — imaginava que a outra era Nilla — e nada de *maschere* por perto.

A realidade implodiu ao redor. O filme havia chegado à *questura* pelas mãos de Daniel. Passou pela sua cabeça se teria sido enganado o tempo todo. Pensando bem, não tinha prova nenhuma de que ele havia chegado no dia que dissera, nem de que todas as pistas que apresentou foram maquinadas por outra pessoa. Não sabia nem mesmo se Daniel *era* repórter de verdade. E quanto a Paola... bem, ela que tanto havia-o ajudado, estava prestes a ter o abdômen rasgado pelas mãos dele.

A mente de Pacino ia e voltava em uma sucessão de eventos, em especial, os da noite anterior. E se pensava nisso, a situação em sua cabeça só piorava. Pois se Daniel era culpado, por que o Entregador queria eliminá-lo? Teria ele traído não só a todos, mas também ao esquema dos filmes snuff?

Deixou o choque vazar pelo corpo, dispersar-se no solo. Eram lacunas demais para serem preenchidas no momento. E Pacino só tinha uma coisa a fazer: localizar aquele cômodo e salvar as duas *ragazze*.

Pacino deixou a sala — e a cautela — para trás. Percorreria aquele labirinto subterrâneo à procura do cômodo, antes que outra catástrofe acontecesse, utilizando a claridade que vinha do buraco para orientar-se. Para sua surpresa, a entrada havia sido fechada.

Não tinha nada além da luz opaca dos monitores às suas costas.

Avançou às cegas, embrenhando-se ainda mais no ambiente hostil. A sensação claustrofóbica, misturada à bebida, era insuportável. Sentiu vontade de vomitar. Fez o possível para segurar a ânsia, pois já havia odores ruins demais no ambiente.

De repente, escutou um barulho alguns metros atrás.

Logo a escuridão tornou-se total.

*Alguém fechou a porta! Estão me seguindo!*

Pacino girou o corpo, mantendo a arma firme. Pensou em dispará-la, mas a desorientação crescera de forma assustadora. Não sabia mais de que direção viera nem onde ficava a sala de controle. Então passou alguns instantes imóvel, os pulmões queimando com a respiração suspensa, esperando pelo ataque. Porém, nada aconteceu.

A mão apalpou o espaço até encontrar a parede fria. Continuou a avançar rente a ela, torcendo para que estivesse na direção certa. Não havia tempo para analisar a situação. Nesse momento, contava apenas com seus instintos e nada mais. *Cego como o ilusionista. Que ironia!* Andou até ver uma linha branca e fraca na altura do chão. O cômodo onde estava Daniel e as *ragazze* possuía luz. Caso contrário, a câmera não seria capaz de filmar.

Lutando contra o impulso de sair correndo, continuou guiando-se com auxílio da parede até alcançar a porta. Encontrou a maçaneta e abriu, dando graças a Deus por enxergar de novo, mesmo que a iluminação não fosse tanta assim. Porém, outra vez, não era o cômodo que esperava.

Olhos vazios disputaram sua atenção. Suspensos, dezenas de rostos falsos fitavam-no com curiosidade. Ao centro, uma grande escrivaninha suja de gesso, cola e tintas fazia-o presumir onde estava: um ateliê de *maschere*.

Pacino caminhou até a mesa. Foi quando percebeu que o mais interessante não era o material desgastado, e sim, o que repousava ao lado; uma caixa grande, que pouco tinha a ver com aquele tipo de artesanato. Dentro dela, vidros de éter, cápsulas, isopores e papel marmoreado. Tudo que servia de isca para sequestrar as *ragazze*.

Em seguida, encontrou uma pilha de papéis no canto. Espalhou-os. Espremeu os olhos e analisou. Para sua surpresa, identificou fichas de cadastramento de emprego, todas com um cargo de assistente de palco descrito mais acima, em destaque. O assombro veio quando reconheceu, dentre tantas fotos, as faces de Barbara, Valentina e Paola. Havia um perfil completo de características pessoais de cada uma, incluindo questionários com perguntas sobre suas aptidões, preferências e vícios. A princípio, preenchido pelas próprias candidatas.

Relatórios mais completos do que conseguiam produzir na *questura*.

E ele se tocou...

*Então foi assim que escolheram as vítimas!*

Pacino ainda mantinha vigília nos papéis quando ouviu o clique baixo do interruptor de luz. A luz amorfa do teto se apagou.

Alguém havia entrado na sala.

Encurralado.

*Merda!*

Não viu outra saída senão pular por cima da enorme escrivaninha até o lado oposto, espremendo-se entre ela e a parede. *Maschere* estatelaram no chão, ao tempo em que pelo menos três balas cravaram na madeira. O ato instintivo salvou-lhe a vida por milésimos de segundos. Ficou novamente



rígido, agachado sobre o piso. Um cheiro fétido que não havia percebido, possivelmente por causa do éter, vinha do canto. Lembrava poeira e fezes.

O estômago embrulhou de novo. Escutou:

— O que há, *investigatore*? Procurando por diversão?

Arno. Finalmente.

Pacino estava muito próximo da escrivaninha, e assim como a madeira e o tampo de ardósia o protegiam, também causava o efeito de dispersar a voz antes que chegasse aos seus ouvidos. Era impossível saber de que lado o homem se colocava, sua distância, ou até mesmo se estava no chão como ele. Gostaria de sair atirando, mas com a escuridão profunda, seria arriscado demais. Por isso inverteu a posição: jogou as costas contra o piso e segurou firme a arma, contendo a adrenalina dentro do peito. Atiraria ao menor sopro de vento à sua frente. E como não deveria deixar o homem se calar, falou:

— Já devia saber que ninguém me acerta tão fácil assim, Arno.

Uma gargalhada espalhou-se pelo vazio.

— Lembro-me de vê-lo correndo de mim. Um *investigatore* bêbado. Que patético!

Pacino sentiu o ódio despertar como um gigante adormecido, mas conteve-se. O mais importante era não perder a cabeça. Fechou e abriu os olhos várias vezes, tentando acostumá-los à escuridão, enxergar algo, porém, era inútil. E continuar conversando com uma pessoa que não podia ver e que queria matá-lo era insuportável. Mesmo assim, perguntou:

— Por que Daniel? Onde está a *maschera*? E a roupa escondendo o corpo?

— Vamos, não terá tanta sorte de levar as respostas para o túmulo.

— Pensei que era o momento em que você ria como um doido e dava todas as explicações antes de me matar. Estou errado?

— Mais ou menos. Se fosse você, me preocuparia apenas com a sua situação.

Pacino travou os nervos ao ouvir um estalo. Diferente da voz, não ecoou com força pelo cômodo. Lembrou-se das *maschere* que caíram. A mente quase tocou o gesso espalhado pelo chão. Elas haviam criado uma espécie de campo minado.

Arno devia estar tentando chegar até ele. A não ser que possuísse algum dispositivo que permitisse enxergar no escuro — o que não era totalmente implausível, mas duvidava —, não avançaria sem produzir os ruídos. E, nesse caso, saberia de onde estava vindo. Só que Arno também percebera, e nenhum outro estalo aconteceu.

— Bem, bem... parece que estamos em igualdade — disse ele.

*Distraí-lo.*

— Podemos negociar ao menos uma explicação?

Arno expeliu o ar dos pulmões.

— Tente.

— Por que utilizar o Entregador?

— E por que não? A internet não é segura, bastaria investigarem um dos meus clientes que descobririam a origem dos vídeos em pouquíssimo tempo. Crimes digitais chamam atenção demais e deixam rastros. Quer garantias? Procure um bom capanga e aja como nos velhos tempos.

— Mesmo assim, eu li sobre filmes snuff. Não deveriam ser tão caros assim.

— Ora, *investigatore*... este não é um trabalho qualquer. Não tenho pretensão de divulgar os vídeos, eles são personalizados. Uma cópia, um cliente. E cada um deles escolhe as *ragazze* que querem ver mortas.

Pacino tinha consciência disso. A civilização estava desmoronando, e não era de agora. Pessoas ricas, incapazes de cometerem assassinato, mas

que gastariam fortunas para verem a vida de outras serem arruinadas! Pessoas que superaram a pornografia e o fetiche, e que, sem opções, atingiram outro nível de apreciação: o da morte premeditada.

O cheiro pútrido trouxe-o de volta. Tinha que sair dali urgentemente.

O lugar devia estar lacrado. Nenhuma saída, senão pela porta. Do mundo exterior, só o incessante barulho de água bloqueando o lugar, o que não lhe deixava muitas opções. Como passaria por Arno? Mesmo que nenhum dos dois pudesse enxergar o outro, o gesso no chão impedia qualquer tentativa de movimentação naquela sala. Ambos apresentavam-se armados, mas Arno tinha a vantagem, obviamente. Poderia, por exemplo, jogar algo que queimasse naquele canto — até mesmo o éter serviria — e esperar que se levantasse para depois acertá-lo. Poderia também explodir tudo dentro daquela sala sem se ferir, bastando sair tranquilamente pela porta. Ou simplesmente deixá-lo trancafiado para sempre, pois nenhum chute no ferrolho da porta, de dentro pra fora, traria a liberdade.

O tempo corria, e precisava tomar uma atitude antes que aquelas loucuras passassem pela cabeça de Arno. Parecia suficiente esperto para cumprir seu maquiavelismo com louvor. Tinha toda tecnologia para isso, e, por um momento, Pacino sentiu-se varado de saudade da época em que encarava vilões comuns e seus crimes simples.

Tecnologia?

*É isso!*

## Capítulo 71

— O que... está fazendo?

*A segunda voz.*

Daniel fez uma breve avaliação do que acabara de ouvir. Diante da escuridão, pouca coisa vinha à mente, a não ser que as palavras surgiam de um lugar distante da voz anterior, e isso fez com que estranhasse um pouco. Então recolheu o bisturi e virou o corpo para trás, a fim de sanar a dúvida.

— Oh, meu Deus... seu peito...

*Nilla. Ela despertou.*

“Não dê atenção a ela!”

*Por quê?*

“Não percebe que ela quer nos sabotar?”

*Ora, vamos, que mal...*

“Esqueça! Você fez um acordo comigo, não se lembra?”

*Sim, é claro que sim...*

“Então, cumpra-o!”

Por um átimo de segundo, Daniel relutou. O que estava acontecendo? Por que Nilla chamava a atenção para seu peito? Céus, como era difícil pensar! Cada frase que se formava na cabeça tinha o horroroso efeito de uma agulhada profunda no cérebro, e a alma continuava presa em uma caixa emocional de dimensões tão estreitas que mal podia se mexer. Porém, embora o espírito fraquejasse, sentia os músculos suficientemente poderosos para fazer o que a primeira voz pedia.

Não conseguiria desobedecê-la por muito tempo. Mas como Nilla poderia compreender? Talvez, se soubesse que não havia outra maneira de salvá-la senão seguindo as ordens da primeira voz, fosse mais justo. Contudo, ela desconhecía o acordo que havia entre eles, e as regras deixadas bem claras: “Mate uma e salve a outra.”

Daniel deixou as ondas frias de energia controlarem seu corpo outra vez. Orbitou o corpo de Paola e aterrissou o bisturi no lugar de antes.

— Não! Por favor, Daniel, não faça isso! — A voz de Nilla ressurgia mergulhada em soluços.

“Esqueça! Vamos, continue!”

E ciente de que fazia a coisa certa, Daniel atingiu a primeira camada da pele de Paola.

## Capítulo 72

Continuar imóvel parecia a coisa mais sensata a fazer. Mas Pacino estava encurralado e sabia que tinha que agir, ou Arno arrumaria uma maneira de acertá-lo. Então tentou desligar-se do cheiro e concentrar-se nos próximos movimentos, que começavam por girar novamente o corpo até ficar de bruços.

Era hora de pensar nos objetos que havia conseguido com o Entregador.

Com uma das mãos, tirou a Ka-bar e depositou-a de lado. Como o homem conseguia ser tão ágil com isso na cintura? A faca era incômoda, não somente pelo peso, mas porque precisava encolher os joelhos e não poderia fazê-lo se continuasse com o objeto.

Estava pronto para buscar o celular, quando Arno interrompeu-o:

— O que está planejando, *investigatore*?

A voz ricocheteava pelas paredes, e cada vez que atingia os ouvidos, Pacino paralisava. Tinha que pensar rápido.

— Apenas imaginando quem de fato seria o assassino do filme snuff.

— Você já deveria saber.

— Não, não sei. Tenho que ser sincero, você me ganhou nessa.

— Mas você não viu meu assassino agindo neste exato instante?

— Daniel? Vamos, Arno, não estou tão bêbado assim. Não sei o que fez com ele, mas não estamos falando do repórter.

— Como pode ter certeza?

— A princípio, cheguei a ter dúvidas. Mas a tatuagem no peito dele é recente, mais do que a do filme anterior. E se você não precisou esconder o rosto dele com uma destas *maschere*, é porque deseja *mostrá-lo* a alguém.

A gargalhada de Arno espalhou-se no vazio.

— Então, quem lhe passa pela cabeça? Eu?

— Não. Examinei o vídeo diversas vezes, o assassino não é alto como você.

— Você está certo, não tirei a vida daquelas *ragazze*. Mas... e Lorenzo, meu grande ilusionista? Seria um evento magnânimo, não? Melhor do que qualquer um de seus shows.

— Seria uma boa ideia...

— Que bom que concorda.

— ...mas ainda não me convenceu.

— É mesmo? E por qual razão?

— Mesmo que o assassino se mova como um cego, depois de minha última visita, percebi o quanto Lorenzo Oro é um homem frágil, derrubando-o com extrema facilidade.

— Isso não prova nada.

— *Sì*, mas é um forte indício. Sem falar que Lorenzo parece ensaiar todos os passos, contudo, não conseguiria carregar as *ragazze* sozinho. Eu acabei de vê-lo. O homem está doente. Com a pequena força que tem, isso destruiria qualquer equilíbrio, não é? Sei que existe mais uma pessoa envolvida. Mas quem?

— Eu não deveria contar isso... mas a resposta está ao seu lado, *investigatore*.

— Como assim? — Pacino perguntou, sem entender nada.

— Vamos, não me diga que é incapaz de identificar o odor. Seria um efeito colateral da bebida?

— O odor...?

Pacino mudou o movimento do braço. Esticou-o. A mão apalpou centímetros de piso em várias direções. Nada. Pensou se Arno estaria sendo sarcástico, tirando proveito de sua atual situação.

Até que seus dedos roçaram em um pedaço de plástico.

*Merda!*

O psicopata não mentia. Era outro saco.

Pacino rasgou uma parte dele, e o cheiro que antes incomodava, tornou-se insuportável. Sentiu como se estivesse sendo arrastado para as profundezas de algum canal, lutando inutilmente para respirar, com os pulmões sorvendo a água rançosa e turva. Então, enfiou o braço. Os dedos esbarraram em carne. Talvez a repulsa fosse maior se enxergasse, mas a escuridão era tão densa quanto interminável.

Inesperadamente, tocou em algo revelador.

Finalmente desconfiou de quem Arno falava.

— Como teve coragem? Isso é abominável — alterou-se.

— Vamos, não se preocupe tanto. Não há nada que possa fazer, tomei providências assim que percebi que o transe hipnótico não faria mais efeito.

— Transe... — Pacino sentiu-se em mais um momento de confusão.

— Bingo! — ironizou Arno. — É isso mesmo, *investigatore*. Hipnose. E agora que você já sabe como eu ajo, deixo o resto para sua imaginação. Antes de morrer.

Pacino recolheu o braço, sentindo a viscosidade nos dedos e o corte no ombro latejar como se estivesse no inferno. Nesse momento, só conseguia pensar em Paola. Mais do que nunca, tinha que correr antes que a vida dela fosse destruída por completo. Mas transe hipnótico? Tatuagens? Aquilo não era somente um comércio ilegal de filmes, era algo muito mais monstruoso: uma dominação de mentes, um jogo de poder que não poderia medir em circunstâncias comuns, pois desconhecia os fatos e, pelo que sabia, nenhum outro *investigatore* seria capaz de tanto. O que não tirava a percepção de que Arno era, claramente, o centro deturpador de todo aquele malabarismo macabro, e precisava destruí-lo.



Pacino queria esmurrar o rosto dele, mesmo na escuridão. Ensinar-lhe a ter respeito pelas pessoas e não enfiá-las dentro de sacos plásticos, sabe-se lá em quantas partes. Por causa disso, ficar encurralado já não era uma alternativa, e achou que, de uma vez por todas, Arno tinha ido longe demais.

## Capítulo 73

Nilla havia acordado em meio à confusão, sentindo tontura. Via-se nua, deitada com os membros esticados e dormentes em cima de um metal duro e frio. Uma maca? Naquele instante tentava se controlar, mas era difícil. Embora o cérebro ainda transitasse entre a fantasia e a realidade, poucos segundos foram suficientes para se dar conta sobre tudo em que se envolvera nos últimos dias.

Familiarizou-se com o quarto, apesar de conferi-lo de dentro pela primeira vez. Lembrava-se do filme que copiara; um cômodo retangular, pequeno, definhado. Nunca entrara em uma prisão, mas imaginou celas melhores que aquele lugar.

Agora observava Daniel com a lâmina do bisturi atracada na pele de Paola, incapaz de despertar naquele instante. Talvez, quando acontecesse, já fosse tarde demais! Por isso sentiu que tinha que providenciar algo, impedir que ele avançasse, mas estava com os braços e pernas amarrados, sendo a boca sua única opção realmente livre.

O que mais podia fazer senão chamar a atenção dele?

— Daniel, me escute! — gritou, outra vez. — Vire-se para mim!

Mas ele não obedeceu como antes, e o tempo parecia não ter fim enquanto ela assistia a cena. Apavorada, usou toda a força para mexer os braços e pernas. A maca vibrou com energia dispensada, mas devia estar presa no chão, pois nada aconteceu além de doer os pulsos e tornozelos. Livrar o corpo das cordas seria uma tarefa impossível.

Sobre um dos móveis, um punhado de ferramentas enigmáticas aguardavam a vez. Nilla olhou para a parede e notou uma câmera a uns três metros de distância do chão. Estava ligada e apontada para baixo, e isso fez com que ela se tocasse: alguém rodava um novo filme.

Com eles.

Sentiu o frio congelar os ossos! Depois de Paola, seria a sua vez? Nunca imaginou que terminaria daquele jeito, vendo justamente Daniel, em sugestão hipnótica, cometendo os assassinatos! Sim, pois mesmo que usasse uma venda, seu cérebro estava longe, incapaz de enxergá-la por causa do transe. Sabia bem o que haviam feito com ele. Tinha tanta certeza disso quanto via os círculos concêntricos em seu peito.

*A assinatura do assassino.*

O remorso recaiu como rocha sobre a alma. Por que foi aceitar o trabalho? Misturar-se com aquela gente? Se não tivesse vindo para Veneza, não estaria agora implorando por ajuda divina, vendo pessoas inocentes matarem ou serem mortas. E, por Deus, uma delas era Daniel ao seu lado.

*Roubar a cópia do filme? Que coisa mais idiota!*

Ainda assim, preferia arrepende-se dos atos a não fazer nada. Pensou que não era hora de desistir. Lutar, afrontar o destino. Precisava salvar Paola, então, não restava opções senão tentar acordar Daniel, dizer algo que realmente o fizesse-o despertar daquela realidade alternativa.

Mas o quê?

— Daniel... não foi sua culpa... perdoe-me.

As palavras despencaram junto com as lágrimas antes que pensasse se causariam efeito ou não. E depois de ecoarem no ar, pareceram-lhe extremamente frágeis, muito mais do que quando gravou-as na dolorosa mensagem em sua Nikon. Mas não havia mais nada que pudesse fazer, pois o tempo se esgotara; a ponta do bisturi inclinava-se sobre a pele de Paola.

E ela assistiu, paralisada.

Fios de sangue escorreram do alto e marcaram o chão.

## Capítulo 74

Havia mais de um minuto que Arno desistira de falar.

Pacino guardou a Ka-bar e buscou o celular do Entregador no bolso, com cuidado para não confundir com o que Pietro lhe emprestara. Enclausurou o objeto com o corpo e abriu o flip. Contando com a ajuda da grande escrivantina, torceu para que Arno não percebesse a claridade.

Ouviu um estalo. O frio espalhou-se pela coluna. Arno havia se movido. O que pretendia? Teria notado a claridade e decidido investir? Ou finalmente optado por trancá-lo naquela masmorra?

Pacino escorregava os dedos sujos de sangue sobre o teclado. Aos poucos, a luz do aparelho tornava-se vermelha. Encontrava dificuldades para buscar a última mensagem que havia trocado pelo celular, no dia anterior.

Outro estalo.

Arno realmente parecia avançar em sua direção. A paciência dele tinha mesmo chegado ao fim. Devia querer dar um basta naquilo, mesmo que arriscasse a própria pele. Então Pacino cogitou levantar-se e disparar a esmo, torcendo para que alguma bala encontrasse o corpo alto de Arno. Mas rejeitou a atitude quando finalmente localizou a mensagem no celular.

Dedilhou algumas vezes e apertou SEND.

Mais um estalo!

Os segundos pareciam intermináveis. Pacino sentiu toda sua pele ficar áspera de arrepio e o estômago tomado por um enorme embrulho, querendo fugir pela boca. Não pensava em nada, a não ser no azar que seria se a pessoa com que tivesse se comunicado com ele na noite anterior não fosse Arno. Então, ouviu as notas musicais sibilando no ar. Foi capaz de reconhecê-las.

*Primavera, de Vivaldi.*

— O quê...? — disse Arno, surpreso.

Pacino jogou o aparelho longe. Ele se espatifou em uma parede e a luz desapareceu. Precisava identificar outra claridade que surgia no ambiente — mesmo que fosse um ponto frágil dentro de um bolso no meio de toda aquela escuridão —, e que não passaria despercebida pelos olhos.

Tinha pouco tempo até que ela se apagasse.

Empertigou o corpo até superar a altura do tampo de ardósia e mirou um pequeno brilho em meio ao nada. Imaginou Arno confuso duas vezes, com o velho truque do barulho vindo de uma direção qualquer e de seu próprio aparelho se manifestando no bolso. Então presenteou-lhe com mais desorientação, dizendo:

— Não estamos mais em igualdade, idiota!

Pacino disparou repetidamente na direção da luz, tantas vezes que a mão parecia ter vida própria. A sala relampejou com as faíscas da arma. A cada clarão, o rosto diabólico de Arno se contorcia mais.

Em segundos, o brilho despencou no vazio. Pacino sentiu o chão estremecer, acompanhado de um baque. Fragmentos de gesso voaram longe e beliscaram seu corpo. Manteve os braços eretos até que todos os sons do local fossem absorvidos pelo silêncio. O suor escorria-lhe pelo rosto. Guardou a arma no coldre e arrastou os pés, desvencilhando-se da escrivaninha e dos sacos plásticos, tateando no escuro e mirando a saída.

Os estalos voltaram, mas desta vez, seus pés os produziam.

Quando achou que estava na metade do caminho, o tornozelo direito foi travado. Ele olhou para baixo. O estômago se dilatou e contraiu, quando percebeu o ponto verde colado na perna.

*O anel de Arno!*

Não podia acreditar! Por algum motivo o brilhante ainda ardia, como se indicasse que restava vida no corpo do homem. Um reflexo dos clarões dos disparos? O fato é que a mão dele agarrava seu tornozelo com força

suficiente para impedi-lo de andar. E onde estava a arma de Arno? Não havia ouvido o barulho de metal tocando o solo. Previu que seria surpreendido por uma bala, e talvez não fosse de raspão, como a última.

Pacino retirou a Ka-bar da cintura. Sem pensar duas vezes, desceu o corpo com força.

*Dio mio, não me falhe agora, em meio a toda esta escuridão!*

A faca cravou em nada muito duro ou firme. Ficou esperando pelo grito ou qualquer som estridente e agonizante, mas Arno era realmente durão. O líquido quente espirrou em suas mãos. Foi quando Pacino teve a certeza que havia atingido a garganta dele, pois só uma artéria jorraria o sangue com tamanha potência.

Por um breve instante, o fantasma do Entregador pareceu rondá-lo. Seria esse o prazer que sentia quando tirava vidas com aquela faca? Então sua mão soltou o cabo da Ka-bar, como se dissesse que a comparação entre os dois havia terminado por ali. Não passaria de um sopro perdido no ar.

Ainda escutou a respiração do homem misturar-se a um gargarejo de sangue. Podia identificar uma ou duas palavras que teria dito, mas, no fundo, não faria diferença. Até que o silêncio fúnebre prevaleceu no local.

Arno estava, enfim, morto.

Pacino se levantou e correu na escuridão, tentando encontrar logo a saída, antes que mais mortes ocorressem naquele dia.

## Capítulo 75

Pacino enfrentou o corredor escuro novamente. Com a arma em punho, pensava se teria que atirar em Daniel para impedi-lo e o quanto se cobraria depois. Ainda assim, era melhor sacrificar uma vida do que duas.

Quando enxergou a luz embaixo de uma nova porta, correu tão rápido quanto possível. O coração pulsava como nunca. Outro arrombamento e a porta se escancarou, desta vez revelando o cômodo que esperava.

Os olhos receberam um choque ao se ajustarem à claridade. Identificou Paola nua, presa a uma cama. Imóvel, porém viva. A cena trazia alívio incomensurável, mas não desligava o alerta.

Pacino se aproximou dela. Só importava aquecê-la. Tirou o próprio casaco e cobriu o corpo desamparado. Ao encarar aquele doce rosto, o cérebro se esqueceu do horror e chegou a refletir se tudo não passava de um pesadelo.

Até ver o sangue.

Tremeu quando enxergou os respingos vermelhos no chão, próximos da cama. Os olhos seguiram o rastro até próximo da maca. Naquele ponto, o sangue aumentava e misturava-se à pegadas.

Pacino endureceu a respiração quando viu cordas serrilhadas por algum objeto afiado — muito provavelmente o bisturi esquecido em cima dela. E não só isso.

Aproximou-se e moveu a maca. Daniel e Nilla tinham escorregado em um canto. Duas crianças apavoradas, abraçando-se com tanta força que seria impossível separá-los. Os olhos apresentavam uma torrente tão volumosa de lágrimas que cada uma delas parecia significar um segundo em que estiveram distantes um do outro. E Daniel, em especial, exibia bastante sangue escorrido do nariz.

Agachou-se perto deles. Mal compreendia o que havia acontecido, mas não fazia perguntas complexas. Lembrou-se apenas do problema físico do repórter. Sentia-se contente por ver que, de alguma forma, todo o sangue no rosto dele parecia tê-lo despertado de uma infelicidade maior.

— Vocês estão bem? — perguntou.

Daniel reconheceu a voz de Pacino. Ainda que protegesse Nilla com o corpo, a cabeça acenou positivamente.

Pacino tirou o paletó desta vez e estendeu para ele.

— Tome, agasalhe-a. Temos que sair daqui.

— Onde está... ele? — murmurou Daniel.

— Não se preocupe com isso. Arno não incomodará mais a gente, estamos seguros.

Ao se levantar, Daniel exibiu a tatuagem no corpo, e a cabeça de Pacino quase despencou de angústia. Como foi deixar aquilo acontecer? Era provável que se não tivesse deixado-o sozinho, tudo fosse diferente. Embora se sentisse feliz por ver a vida de todos preservadas, o final não deveria ser tão drástico para Daniel. Talvez, se Pacino não se rendesse mais uma vez ao vício, o peito dele ainda continuasse limpo, e não com aqueles horrorosos círculos concêntricos tatuados.

Queria dizer-lhe que ajudaria no que fosse preciso para retirar aquelas marcas, mas, droga, a verdade é que antes de fazer qualquer promessa aos outros, precisava fazê-las a si mesmo. E isso envolvia, obviamente, a bebida. Por isso, Pacino gostaria de dividir um pouco da culpa com ela; afinal, fizera-o perder a fé em si mesmo, e era hora de se regenerar. A partir daquele ponto, procuraria auxílio. Livraria a alma de uma vez por todas daquela maldição, e as palavras ecoaram com tanta força nos pensamentos que podiam ser escutados a quilômetros de distância.



Pacino liberou Paola das amarras e encaixou seu corpo entre os braços, tendo a sensação de embalar também os espectros das *ragazze* torturadas e mortas naquele cômodo. Quando se virou, Daniel já estava de pé, protegendo Nilla com o paletó.

— Como sairemos daqui? — perguntou ele.

— Existe uma passagem que nos leva ao andar de cima, e por onde Arno deve ter trazido todos vocês. Venham.

Daniel e Nilla seguiram-no de perto. Com o cômodo aberto, a escuridão não era tanta, e Pacino sentia-se feliz por isso. A aflição só retornou quando passou pela porta do ateliê e lembrou-se dos sacos plásticos. Não havia outro jeito, precisava entrar naquele cômodo e tirar logo a dúvida. Mas antes arrancaria todos dali, pois haviam passado tempo demais dentro daquele lugar.

Eles chegaram até a comporta. Daniel observou Pacino indicar o local com a cabeça, por isso passou à frente e forçou a tampa até que se abrisse.

Pacino ficou parado, com Paola nos braços.

— O que está fazendo? Vamos, ande logo — disse Daniel.

— Ainda não. Tome, segure Paola. Leve as *ragazze* para fora daqui. Eu sairei logo em seguida.

Pacino depositou a jovem nos braços de Daniel e desapareceu na escuridão. Daniel não compreendeu de imediato, mas não questionou; sentia-se atordoado e não pensava em outra coisa senão deixar aquela masmorra.

Com a ajuda de Nilla, superou a escada íngreme, sem deixar Paola escapulir. Assim que subiram, a luz natural fez com que suas almas se libertassem do inferno. Tão rápido quanto conseguiram, chegaram até a sala principal da casa.

Só que o inferno ainda não havia se libertado deles.

Daniel gostaria de abrir os braços para travar os passos de Nilla, mas com Paola embalada neles, apenas deslocou o corpo à frente. Foi o primeiro a encontrar Sofia, de pé, a poucos centímetros da poltrona vermelha preferida de Lorenzo Oro. Ela apontava um revólver para o ilusionista sentado. Desesperado, ele gritou:

— Não faça isso!

Só que as palavras foram em vão.

A sala tremeu quando a arma disparou seu projétil e o tiro acertou o meio dos olhos cinza de Lorenzo Oro. O corpo dele deu um tranco para frente e voltou para o lugar. Vazia, a cabeça deitou sobre o ombro direito.

Não havia dúvidas:

O maior ilusionista de Veneza estava morto.

## Capítulo 76

Daniel colocou Paola com cuidado no chão. Ainda havia fumaça saindo da arma quando Sofia virou-se para eles com o braço esticado. Parecia abatida, mas não chorava. Ele enxergou uma linha imaginária se formando entre o buraco da arma e o centro dos círculos tatuados em seu peito, mas era incapaz de mexer um dedo.

— O que você fez? — perguntou ele.

— Vocês não deviam ter aparecido...

Nilla interveio, aterrorizada:

— Como consegue ser tão fria? Você não tinha esse direito. Não depois de...

— Ele me pediu para fazer isso — interrompeu.

— O quê?

— Sei que parece uma insanidade, mas eu nunca faria isso se não fosse um pedido dele.

Daniel sentiu a tensão se alargando e escapulindo pelos poros. A resposta de Sofia parecia ser a mais óbvia possível para livrar-se da responsabilidade, porém, havia mais determinação na voz que em qualquer outro momento. Mesmo assim, a cena beirava o inacreditável.

— Acha que vamos confiar numa coisa destas? Lorenzo Oro tinha muito que explicar! Devia ter deixado Pacino cuidar disso.

Os olhos de Sofia deslizaram em sua direção, pesados.

— E vê-lo passar os seus últimos dias preso? O que seu amigo *investigatore* faria, Daniel? Eu seria incapaz de viver assim.

— Pois agora levará toda a responsabilidade.

— Eu não ligo para o que acontecerá comigo — respondeu ela. — Sei que não entendem meus atos, e é por isso que não baixarei a arma.

— Uma assistente de palco assassinando um homem cego e rico? Ora, vamos, não me parece nada estranho. Qual era sua real motivação?

— Que tal *amor*?

O silêncio tornou-se glacial. Nilla colocou a mão no ombro de Daniel, como se entendesse o que estava por vir. Foi um sinal para que deixassem Sofia continuar.

— Tem certeza de que conhece o verdadeiro amor, Daniel? Talvez nem mesmo vocês dois consigam explicar.

— Não deixarei que nos julgue — disse ele.

Sofia ignorou a resposta.

— Lorenzo significava mais do que minha própria vida. Não me via apenas como assistente. Dediquei meus últimos anos a cuidar dele. Eu amava este homem... eu... ainda o amo... — Ela vacilava, mas o corpo mantinha-se firme. — Ao contrário do que pensa, nós éramos mais do que uma dupla... nós éramos...

— Amantes — Nilla adiantou-se.

— *Sì*... E se pensam que Lorenzo precisava de mim por ser o que era, um homem cego... *Dio mio*, era minha vida que dependia dele!

Sofia elevou a mão trêmula em direção ao rosto, mas brecou antes de tocá-lo. Daniel preocupou-se. Ela começava a perder o controle, o que não era nada bom para quem mantinha o dedo engatilhado em uma arma. E se antes a visão da mulher no macacão de couro parecia-lhe fatal, o que podia dizer dela agora?

Sabia que nunca mais em sua vida esqueceria aquele momento — caso uma bala não atingisse seu peito e acabasse com tudo de uma vez.

Sofia continuou:

— Lamento pelo que Arno fez a você, Daniel. A todos vocês. Lorenzo nunca teve culpa, acredite em mim.

— Mas... você o matou! Como pode?

— Ainda não compreendeu? Eu jurei a ele que faria isso...

— Se acreditarmos no que está dizendo, que ele não tinha culpa... então por que Lorenzo jogaria fora o que conquistou? Ainda mais agora que Arno foi destruído?

Ao ouvir aquilo, um fio de consternação passou pelos olhos dela.

O nome de Arno não caíra bem.

— Não queira... não queira me fazer sentir pior! Olhem bem para o corpo frágil de Lorenzo. Ele estava com os dias contados.

— O quê?

— Lorenzo não passou pelo infortúnio de ter tido somente o Glaucoma quando criança. Ele sofria também de Melanoma Maligno de Coroide.

— Um câncer — Nilla se manifestou, colocando-se ao lado de Daniel. Sofia fez que sim.

— Um grande tumor intra ocular... *Sì*, sei o que estão pensando. O destino pode ser bastante irônico, não é mesmo?

— Mas uma cirurgia não o livraria do problema? A retirada do olho, talvez? Que diferença faria para um homem cego? — indagou Daniel.

— Apenas se houvesse tempo — respondeu ela. — Esse tipo de tumor pode ser altamente agressivo, desenvolvendo-se rapidamente em poucos meses. Quando soubemos, a metástase havia chegado a um estado avançado, impossibilitando a cura. Eu acho... acho que Lorenzo não nos contou das dores logo no início. Ele era assim, manteve-se firme até onde pode. O Vicodin já não fazia tanto efeito.

Sofia dizia tudo aquilo sem olhar para a poltrona. Expressava conhecimento sobre seu parceiro de forma tão convincente que, naquele ponto, Daniel e Nilla eram incapazes de repudiar. E se era momento de falar a verdade, então, não seria melhor que fosse com a arma abaixada? Mas

nada que dissessem mudaria a situação, pois Sofia demonstrava-se certa de seus atos, porém, inconsolável.

Nilla permaneceu muda. Daniel, temeroso, pensou em Pacino. Onde ele havia se enfiado? Por que tinha que se embrenhar novamente na escuridão? Era difícil afirmar se teria escutado o tiro de onde estava. As paredes da casa eram grossas demais, a sala ficava distante e o buraco que separava os pisos não passava de um orifício estreito.

A linha imaginária que ligava a arma ao peito de Daniel parecia cada vez mais sólida. Enquanto isso, o sangue na cabeça de Lorenzo misturava-se ao encosto da poltrona vermelha. Daniel evitava encará-lo, mas pelo canto do olho, a sombra dele projetada no chão parecia que se moveria a qualquer instante.

Definitivamente, o manto da morte pairava diferente sobre o ilusionista.

## Capítulo 77

Pacino procurou pelo interruptor e acendeu a luz. Viu com bastante clareza o corpo de Arno estirado no chão. A pele tinha adotado rapidamente a descoloração da morte, por causa da grande quantidade de sangue esvaído, que se misturava ao gesso branco das *maschere* espatifadas. A Ka-bar continuava com metade da lâmina cravada no pescoço, confirmando que Pacino não deveria mais se preocupar com ele.

Ele desviou da poça de sangue e correu na direção aos sacos plásticos. Expandiu o rasgo que tinha feito e pedaços de carne caíram no chão. O cheiro tornou-se quase tão insuportável quanto a cena. Diferente do episódio no canal, o estômago se contraía com tanta força que pensou que desapareceria de vez.

Pacino distinguiu os círculos concêntricos em algo que antes podia ser chamado de tórax. Deixava claro que era o assassino do filme snuff, mas não o suficiente para identificá-lo. Por isso partiu para o segundo saco, enquanto ainda lhe restava empenho e estômago para a tarefa.

Teve dúvidas se conseguiria continuar, quando finalmente encontrou a cabeça. E com ela, a resposta que buscava.

Foi quando ele vomitou e colocou toda a bebida do seu estômago para fora.

## Capítulo 78

O cano da arma de Sofia começava a tremer. Daniel imaginava quanto tempo faltava até que ficasse descontrolada de vez. A ele, só restava manter a calma e torcer para que Nilla fizesse o mesmo. Quanto a Paola, o melhor seria que continuasse desacordada, deitada frente aos seus pés.

Tinha receio que Sofia olhasse para Lorenzo e mergulhasse fundo no que fizera. Por isso, tomou a atenção dela:

— Arno sabia da doença?

Sofia cerrou o semblante, indignada.

— É claro. Isso acabou se tornando conveniente para ele.

— Como assim?

— Quando soube da doença, Arno aceitou que voltássemos para Veneza. O último pedido de Lorenzo foi um grande show na Praça de São Marcos. Arno sabia que não conseguiria mais aproveitar-se do talento dele, por isso, decidiu retornar aos crimes. Obviamente, o show, em plena época de *carnevale*, tiraria parte da atenção para os desaparecimentos. E foi então que decidimos criar um plano.

Nilla estremeceu ao ouvir aquilo. Sofia percebeu. A arma se moveu na direção dela. Daniel ia colocar-se novamente à frente de sua ex-mulher, quando Sofia disse:

— Conte para eles, Nilla. Diga como participou disso.

Nilla abraçou o próprio tórax. Daniel, surpreso, quase podia ver o nó na garganta dela quando ela engoliu em seco.

— É verdade. Fiz o que pude para ajudá-los.

Uma bola fria inflou no estômago de Daniel. Embora o arma continuasse apontada para o ventre dela, as frases não pareciam forçadas.

Ele olhou para o rosto de Nilla, confuso.

— O que está dizendo? Vi seu pedido de ajuda. Você está envolvida...



— Sim — respondeu ela. — O que Sofia disse é verdade. Nós armamos um plano para evitar que Arno continuasse com suas loucuras. E acabei arrastando você para dentro dele, Daniel.

— Pensei que precisasse de mim para salvá-la.

— Eu sei... — Ela deslizou a mão gentilmente em seu rosto. — Tudo deu errado, e você terminou *fazendo* isso. Por favor, não pense que o que sinto por você é mentira! Você sempre foi a única pessoa em quem eu pude confiar.

— Então...

— Eu realmente vim até aqui para fazer uma matéria para a revista. Encontrei Lorenzo e Sofia desesperados, e consegui extrair deles o que acontecia. Com a ajuda de Sofia, tive acesso aos computadores de Arno e fiz uma cópia do filme snuff na primeira mídia que encontrei. O problema é que ele descobriu logo em seguida. Talvez tenha analisado os logs do computador, pois a sala de controle era o único local que não possuía câmeras.

— Ou sentiu falta de um disco ótico — interrompeu Sofia. — Arno tinha pleno domínio de todas as suas coisas.

— Exato — continuou Nilla. — Quando saí daqui, meu primeiro pensamento foi deixar o disco na hospedaria. Ainda não sabia exatamente o que faria com ele, quando percebemos que Arno havia descoberto. Então minha reação foi escondê-lo onde ninguém mais descobriria, nem mesmo a mente astuta de Arno.

— Foi quando você imaginou que, no Palácio dos Doges, atrás de uma pintura fabulosa, o disco estaria protegido — concluiu Daniel. — Mas por que não levou a mídia diretamente para a delegacia?

— Seria um erro que quase cheguei a cometer! Como Sofia disse, Arno controlava os dois quase todo o tempo. Se eu expusesse o filme, ele

destruiria Sofia, e Lorenzo não podia sequer pensar nesta possibilidade. A mídia escondida tornou-se a garantia que os dois precisavam para que Arno deixasse-os em paz, ao menos por um tempo. Enquanto não recuperasse a mídia, não podia fazer nada com eles.

Sofia voltou a apontar a arma para Daniel.

— Não interferimos quando soubemos que você vinha para Veneza. Lorenzo pediu que partisse, mas sabia que as palavras teriam efeito contrário. Ele não queria que você fosse embora, Daniel. Você era nossa única esperança de terminar com essa insanidade. Ele... — Sofia travou por um segundo. — Nós... compreendemos seu amor por Nilla, e que faria tudo para descobrir o que estava ocorrendo. Por isso, nunca partiria.

— Mas vocês poderiam ter fugido... *deveriam* ter fugido, ao menos...

Finalmente uma lágrima despencou do rosto de Sofia. Ela enxugou com as costas da mão.

— Éramos vítimas. Nós avaliamos a possibilidade de escapar várias vezes, mas Arno controlava todas as finanças de Lorenzo. Então, quais as nossas chances? Matá-lo nem chegava a ser opção. Onde nos esconderíamos? Uma mulher sem recursos e um homem cego, necessitando de tratamento e que fosse reconhecido em qualquer lugar?

Nilla encarou Daniel com os olhos tristes. A sala era um abismo de emoções.

— Ficamos em um beco sem saída, precisávamos de ajuda. Você foi a primeira pessoa em quem pensei. Eu sabia que não duraria muito tempo sozinha, talvez nem mesmo sobrevivesse. Foi quando gravei a mensagem na máquina fotográfica e pensei em deixar todas as pistas.

— Eu não compreendo. Teria sido mais simples se você tivesse revelado na gravação tudo que acontecia.

— Não podia correr o risco de que Arno interceptasse a mensagem e soubesse onde eu havia escondido a mídia. Por isso, procurei souvenirs que me ajudassem: um que tivesse o leão alado e que pudesse esconder o cartão; o mapa, que deixei no cofre da hospedaria; e que só faria sentido a quem possuísse o Zippo, pois os círculos concêntricos eram a ligação entre o local que eu indicava e a tatuagem que vi no assassino do filme snuff.

Daniel sentiu a pele do peito arder terrivelmente quando se deu conta.

*A assinatura de Arno.*

— Com isso, pensamos que estávamos ganhando tempo. A polícia logo daria falta por Barbara, e uma investigação teria andamento enquanto eu protegia as vidas de Lorenzo e Sofia.

— Mas... Arno conseguiu capturá-la, certo? Como ele fez isso? O Entregador...

Foram interrompidos pela voz que vinha do fundo:

— Creio que consigo adivinhar o que aconteceu.

Daniel tomou um susto. Pacino havia superado o buraco no chão e se juntado a cena. As mãos dele estavam manchadas de sangue. Ele deu alguns passos para a frente, olhando de esguio a poltrona, e parou próximo de Paola. Sem demonstrar surpresa, devia ter escutado boa parte da explicação até aparecer.

— Não foi o Entregador, foi Gino — disse ele, seguro.

— O quê?! — Daniel se surpreendeu.

— Gino era o assassino do filme snuff.

— Como pode saber disso?

— Acabei de ter a comprovação lá embaixo.

— Espere... você encontrou com ele?

— *Si.* — Pacino agachou e conferiu se Paola estava bem. — Mas não da forma que pensa. Sequer havia-o conhecido, mas notei o cabelo à

escovinha que você me citou anteriormente.

— Não estou entendendo. Onde está ele?

— Gino está morto.

— Oh, meu Deus! — Nilla colocou a mão à frente da boca.

A notícia atingiu a todos como golpe de martelo. Daniel olhou para Paola, ainda desacordada. Pacino limpou as mãos na camisa, levantando-se em seguida.

— Quando Nilla retornou para a hospedaria, escondeu o mapa no cofre e arrumou as malas. Queria sair dali o mais rápido possível, ir para um lugar onde não a encontrassem. Gino devia estar de prontidão. Teria sido avisado por Arno e seguiu suas ordens, sequestrando-a. Arno revelou-me que haviam encontrado o mapa, então, só poderia ser alguém com fácil acesso ao quarto.

Nilla confirmou, assentindo com a cabeça. Depois contou a parte que compreendia bem:

— Gino fez isso tudo porque manter a hospedaria já não era tão fácil. Arno necessitava de uma cobaia, e a oferta acabou sendo generosa. O acordo era que Gino não se lembrasse das atrocidades, mesmo sabendo que protagonizaria os filmes snuff. Durante a gravação, os olhos ficavam vendados por dentro da máscara. Caso contrário, ele poderia despertar e não ter a coragem necessária.

*O andar vacilante*, pensou Daniel.

— Então foi por isso que Gino desviou os olhos quando Sofia deixou a hospedaria. Tinha receio que Paola ficasse sabendo. Queria proteger o lugar e a irmã, mas sem que ela tivesse ciência do acordo.

Neste instante, Pacino chamou a atenção deles:

— Pessoal...

Daniel e Nilla seguiram o olhar de Pacino. Sofia havia se encaixado na poltrona, sentando transversalmente no colo do corpo de Lorenzo. Segurava a cabeça inerte com as duas mãos, sem dispensar a arma. Podiam ver o sangue manchando a bochecha enquanto ela balbuciava algo no ouvido do ilusionista, sem ter noção de que as palavras se perderiam em qualquer lugar daquele ambiente que não fosse dentro dele.

Finalmente, a loucura se manifestava no cérebro de Sofia.

Daniel pensou na terrível decadência pela qual dois amantes passam quando se descobre uma doença terminal, principalmente diante da pressão imposta pela crueldade de um homem sem escrúpulos como Arno. Diante de tais acontecimentos, qual ser humano sobreviveria bem àquilo? Qual força interior se busca para superar momentos como o que os dois lidaram? E mais... quem, dentre os que ali estavam, seria capaz de julgá-la naquele instante? Era impossível dimensionar, e certamente nem tentaria; podia, enfim, compreender a promessa dela de tirar a vida do homem — e sabe-se lá, até se solidarizava um pouco. Quis dizer em voz alta que finalmente entendia Sofia. Que podia compreender a vida passando diante de seus olhos, e a solidão que sentia. Gostaria de prometer que, com a companhia de Nilla, a ajudaria de todas as formas possíveis. Talvez fizessem-na esquecer tudo aquilo e mostrariam à pobre mulher que a vida continuava a ser um espetáculo fabuloso, como o que o homem cego apresentou a ela e que nunca mais apresentaria.

Mas a voz não saiu, e os instantes seguintes passaram-se a uma velocidade rápida demais.

Sofia apontou a arma para a própria têmpora. Pacino correu em direção à poltrona. Daniel pensou em fazer o mesmo, mas as suas pernas travaram. Dentre todas as coisas do mundo, a mais preciosa delas era proteger Nilla, e permaneceu à frente dela.

Com metade do rosto conspurcado do sangue de Lorenzo, Sofia deu o último recado:

— Eu... sinto por todos... e mais ainda pelas *ragazze*. Por favor, perdoem-nos.

E um novo clarão cegou de vez a sala.

## Capítulo 79

Daniel sentia-se aliviado por ver o saguão do Aeroporto Marco Polo. Agora na companhia de Nilla, que seguia à frente carregando suas duas malas Samsonite de cor vermelho indiano. Conhecia-a suficientemente bem para saber que, depois que retornassem para o Brasil, iria livrar-se delas. E ele agradecia aos céus por isso.

Depois de despacharem a bagagem, deram as mãos e sentaram, esperando pelo horário de embarque.

— Mesmo que dissesse que voltaria para sei-lá-onde-está-morando-na-Europa, eu arrancaria você daqui e a levaria de volta para nossa casa — Daniel, enfim, foi taxativo.

— Nossa casa? Aquele apart-hotel não pode ter este merecimento! Não mesmo.

— Como assim?

Nilla sorriu, com as fileiras de dentes brancos apresentando-se de forma arrebatadora.

— Já se esqueceu? Uma casa de campo, dois andares e lareira? Acho que eu deveria considerar sua proposta desta vez. Isso se ainda estiver de pé, é claro.

Daniel quase não acreditou. Beijou Nilla docemente na testa, contente por ver o mundo obscuro retornar aos eixos e os traumas do acidente despedindo-se de longe.

A mão de Nilla roçou seu peito por cima da camisa.

— O que pretende fazer com isso?

— Eu não sei. Algum tratamento a laser pode ajudar a tirar a tatuagem. Sei que algumas marcas permanecerão, mas também sei que nunca vamos nos livrar do que aconteceu aqui. Seria impossível.

Nilla colocou a cabeça em seu ombro. Daniel deixou os olhos viajarem pelo saguão. Estava movimentado. A maioria das pessoas cansadas, retornando do grande evento que tinha sido o carnaval em Veneza.

Pensou na Nikon. Tinha certeza que Nilla estaria registrando tudo, se houvessem encontrado a câmera. Isso fez com que se lembrasse das fotos, deixadas para trás com sua jaqueta.

— As fotografias que vi sobre a cama do quarto... — disse ele. — Era você no show de ilusionismo?

— Provavelmente sim. Lembro-me vagamente de ter estado lá... algumas imagens surgem como se fossem borrões em minha mente.

— Mas por que você fugiu de mim?

Ela virou o rosto dele em sua direção.

— Eu não faria isso, nunca... Desde que fui capturada na hospedaria, Arno me mantinha sobre hipnose constante, e possivelmente me impedia de aproximar de você. Porém, não sei por que fui forçada a tirar aquelas fotos.

— Para mim, serviu para provar que estava viva. Nunca senti tanta esperança quanto naquele dia. Porém, Arno não deixaria as fotos no quarto se não houvesse um motivo para querer que eu também permanecesse em Veneza.

— Mas por qual razão?

Neste instante, viram Pacino surgir em meio ao burburinho, procurando por eles. Os dois se levantaram, chamando-o. Pacino ficou satisfeito ao vê-los. Enquanto caminhava, sacou o isqueiro do bolso e arremessou-o para Daniel. Era um presente de despedida.

Ao abraçá-lo, o cheiro dele já não lembrava mais bebida como antes.

— Veio nos desejar boa viagem? — perguntou Daniel.

— É o mínimo — disse, satisfeito. A aparência cansada, entretanto, ainda era nítida.



— Fazolato recebeu-o de volta?

— Aquele lugar não conseguiria ficar sem mim por muito tempo. E acho que, no fundo, eu também não.

— O que descobriu sobre Arno?

— Nós conseguimos destrinchar um pouco, mas não tanto.

Daniel ainda parecia em dúvida.

— Sofia disse que Arno decidiu voltar ao mundo do crime. Mas como vocês não perceberam isso? Ele nunca foi fichado? Sendo ele veneziano...

— Ele não era veneziano, de fato — consertou Pacino. — Arno tinha origem italiana, mas veio da região da Toscana. Existem diferenças nos dialetos e costumes, porém estamos falando de um homem extremamente instruído, que encenava com tanta perfeição que ninguém percebia.

Era difícil, mas Daniel tinha que concordar com ele nesse aspecto. Soava uma fatalidade para a humanidade perder um sujeito daquela estirpe — embora seu sadismo não deixasse nenhum pesar.

Pacino prosseguiu:

— Creio que Lorenzo e Sofia realmente eram vítimas dele. Arno era um empresário bastante hábil, competente e, mais do que isso, um sujeito protetor com Lorenzo, ainda que por interesses próprios.

— Obviamente, até seu passado vir à tona — disse Nilla.

— Exato. Arno passou boa parte de sua vida cometendo pequenos delitos. Formado em psiquiatria com especialização em tratamento hipnótico, fingia tratar seus pacientes quando, na verdade, furtava-os.

— Mas... sequestros e assassinatos? A que ponto alguém chega tão longe? — perguntou Daniel.

Pacino fez cara de que conhecia bem aquele tipo.

— A maldade dele se revelou ameaçadora nos últimos anos, quando conheceu o Entregador e a parceria resultou em golpes mais elaborados.

Arno chegava a utilizar-se da técnica de regressão para desvendar segredos obscuros dos pacientes, enquanto o segundo ficava responsável por chantageá-los, mas não sem antes encaminhar fitas gravadas com as confissões. As vítimas, temerosas, faziam de tudo para proteger as informações dos familiares. Porém, uma delas resistiu. Foi assassinada, possivelmente pelas mãos do Entregador. A *polizia* investigou o caso, mas, na época, não reuniu provas suficientes para encontrar os culpados. Mesmo assim, os dois interromperam o trabalho e o Entregador se afastou. Arno percebeu então que Lorenzo seria seu “pote de ouro”. Sofia descobriu a verdade, e Arno passou a controlá-los. Diante do perigo, o casal uniu forças. E isso deve ter acentuado o sentimento entre eles.

— Como está Paola? — Nilla questionou.

— Ainda estamos mantendo ela no hospital, depois de todas as revelações. Perder o irmão foi um choque duro para a *ragazza*. E na realidade, Daniel, eu vim até aqui porque preciso conversar com vocês dois antes de irem embora.

Daniel percebeu a testa dele franzir de preocupação. “Fale logo, então”, disse.

Pacino voltou-se para Nilla:

— Diga-me uma coisa... como você foi parar na hospedaria?

— Foi uma reserva da editora.

— Certo... mas por que *justamente* aquela hospedaria?

— Eu não sei — respondeu ela, dando de ombros. — Apenas recebi a reserva e os localizadores de voo das passagens. Chegaram em minha caixa-postal, não tive o menor trabalho.

— Por que a pergunta? — questionou Daniel.

— Gostaria de ter uma resposta. Porém, temo informar que ainda não terminou...

Daniel sentiu a última frase rasgá-lo de alto a baixo. *O que ele está dizendo?*

— Vamos, Pacino, não me venha com essa. Entendo que deva concluir seu trabalho, mas nós estamos livres desse caso. É claro que acabou.

Pacino fez sinal que discordava.

— Por favor, preste atenção... desde o evento de ontem, estamos empenhados na *questura*. Pietro passou a noite vasculhando os registros dos computadores de Arno. Sabemos que ele controlava praticamente tudo que havia dentro daquela casa eletronicamente, até mesmo as ligações telefônicas. E tem uma coisa importante na história que vocês me contaram que não bate.

— E o que é?

— Sofia não telefonou para o Brasil antes de você ser atraído para a casa de Lorenzo. E Nilla, muito menos.

— Isso não tem sentido! Se não foram elas, quem foi?

— Esse é o problema... Não existiu nenhuma ligação naquele horário. Nada.

O coração de Daniel ficou duro e frio como pedra. De novo, o mundo insistia em pular fora do eixo.

— Pelo que você me contou — disse Pacino —, Sofia deve ter sido orientada a recebê-lo e a dopá-lo, oferecendo a bebida para que desmaiasse. Da mesma forma que Lorenzo tinha medo de perdê-la, ela sucumbia às ordens de Arno por motivo semelhante. Devia ser a condição dele para que a deixasse permanecer ao lado do ilusionista. Mas em nenhum momento, Sofia fingiu ser outra pessoa.

— Eu realmente não me recordo de ter sido forçada a telefonar — disse Nilla.

— E nem podia. Você se encontrava sedada antes de Daniel chegar à casa. Temos vários dias de gravações registradas.

Neste instante, o celular de Pacino tocou. “É da *questura*, um minuto”, anunciou ele, apontando o indicador enquanto se afastava um pouco.

Daniel desconcentrou-se por intermináveis segundos. Virou-se para Nilla, incomodado, procurando as respostas. Os olhos verdes dela nada disseram. Com todos os conflitos dos últimos dias, não precisavam de mais um. Porém, Lorenzo chegava distorcendo os fatos, e com isso, Veneza parecia não ter fim. Mas por um instante, recordou-se: havia notado Sofia menos áspera e insegura após o telefonema que o levou até a casa de Lorenzo. Percebera, naquele instante, que alguma coisa estava errada, muito errada, e depois esqueceu-se disso. Mas ainda que ela estivesse viva, seria capaz de dar a resposta que faltava? Talvez não. Nem mesmo Nilla, tão centrada e objetiva, parecia competente para desembrulhar uma boa razão naquele momento, pois mostrava-se tão hesitante quanto ele.

Uma lacuna tão grande que seriam capazes de passar por ela dentro do avião que partiria em instantes. Até que, inesperadamente, uma luz acendeu diante dos olhos de Daniel.

— Meu Deus! — disse ele. — Não pode ser!

— O que foi?

— Eu acho que sei a resposta! Mas não posso acreditar que...

Pacino interrompeu-os, com o celular já desligado:

— Ainda resta uma coisa a fazer. Quanto tempo temos antes do seu voo?

## Capítulo 80

Ainda era cedo quando Daniel e Nilla irromperam pela redação, dirigindo-se em linha direta até a sala de Marvin. Muitos pescoços torceram para segui-los, especialmente os que não viam Nilla há muito tempo.

Daniel abriu a porta. Marvin apoiava-se em cima da mesa, concentrado nas folhas de papel que trazia na mão. A pele bronzeada indicava que havia passado os últimos dias *um tanto o quanto tranquilo*.

Quando os viu, ergueu a cabeça, surpreso. Levou alguns segundos para dizer:

— Dan! Nilla! Graças a Deus!

Marvin descolou da mesa e caminhou apressadamente até eles, abraçando-os em seguida. Demorou um pouco mais com Nilla. Enquanto recebia o aperto no tórax, ela deixou os olhos escapulirem, encabulados.

— Por que os dois não me avisaram que estavam chegando? Eu teria ido até o aeroporto! Não sabem como fiquei...

— Preocupado? — interrompeu Daniel.

— Sim, sim! Como achou que eu me sentia? — Marvin sorria e balançava os ombros dele, como se fosse inacreditável estarem juntos outra vez. Depois virou-se para Nilla. — E você, está bem? O que andou aprontando em Veneza?

Nilla olhou para Daniel.

Daniel chamou a atenção de volta para si:

— Marvin, sabia que voltaríamos?

— O que está dizendo? É claro! Por que diabos eu estaria tão impaciente para vê-los? Quase larguei tudo e fui atrás de vocês quando... recebi o telefonema de Nilla.

Daniel percebeu Nilla desviar a atenção para as fotos das revistas premiadas nas paredes. *Suas* fotos. Estaria passando um filme na cabeça

dela?

Marvin percebera o desconforto. Os olhos revezavam-se entre os dois, como se acompanhasse uma partida de tênis. Daniel podia dizer o mesmo do editor.

— O que está acontecendo aqui? — perguntou Marvin.

— Acho que você já percebeu.

— Não, não sei o que está havendo. Poderiam me explicar?

— O jogo acabou — desabafou. — Eu admito: você é bom em representar, mas vi atuações melhores nos últimos dias. Convenhamos, esse teatro não funciona mais.

Marvin passou longos segundos olhando-os. Depois andou até a mesa e sentou-se na cadeira.

— Merda. Isso é loucura.

Daniel tirou o Zippo do bolso e jogou-o em cima da mesa. O objeto rodopiou, apontando os riscos dos círculos concêntricos para cima, até que Marvin parou-o com os dedos.

— Você sabia o que acontecia em Veneza desde o início.

— Que quer dizer?

— Não me sacaneie, Marvin — replicou. — Sabemos o que fez, apenas não compreendemos o motivo. Você enviou Nilla para lá porque tinha conhecimento do esquema dos filmes snuff, e sabia que ela acabaria envolvida ao colocá-la justamente na hospedaria de Gino. Foi tudo premeditado, não foi?

— Não sei do que...

— É claro que sabe! *Você* era o próximo cliente da lista. O Entregador viria até o Brasil para entregar sua encomenda.

A sala ficou imersa num silêncio tão incômodo que feria os ouvidos. Daniel imaginou o gelo se formando no sangue do editor-chefe, mas não

sabia de fato se estava tão surpreso assim. Até que Nilla buscou coragem para perguntar:

— Então... é verdade? Você queria me ver *dentro* do filme?

Marvin demorou alguns segundos antes de responder. Fechou e abriu os olhos, o semblante se modificando para um monstro bárbaro, como se tivesse finalmente entrado em contato com algum poder interno. Depois levantou as mãos para trás da cabeça, pesando o corpo contra o assento da cadeira.

— Se querem me ouvir, coloquem os celulares desligados em cima da mesa.

Daniel e Nilla se entreolharam. Ambos obedeceram.

Após isso, Marvin declarou:

— A resposta é sim.

Daniel sentiu uma bola de fogo subir do estômago para a garganta, querendo escapular pela boca. Se pudesse, queimaria toda aquela sala de uma só vez.

— Ficou insano? — perguntou.

— Ei, sou eu. Já se esqueceu?

— Não sei mais quem você é. O que tem na cabeça?

— O que eu tenho? Vamos, Daniel, olhe bem pra mim e vejam o que vocês dois fizeram comigo.

— Do que está falando?

— Dela. — Marvin apontou o dedo para Nilla. Concentrou os olhos em seu rosto e deu um soco na mesa. — Por que você foi embora? Não tinha esse direito.

— Não estou entendendo. Sabe o que nos aconteceu, eu não podia ficar por aqui. O que você queria?

— O que *eu* queria? Que você não partisse. Que continuasse por aqui, na editora. Que permanecesse ao *meu* lado, ao invés de se afastar.

— Mas... por quê?

— Porque sempre desejei você.

Um trovão sacudiu a sala. *O que está acontecendo por aqui?*

Marvin empertigou o corpo para frente.

— Os dois não tinham esse direito! Maldição, quem deveria ter ido embora era ele, não você.

— Nós não fazíamos ideia...

— Eu a contratei, Nilla. Não foram somente as fotos. Eu seria capaz de dividir a editora contigo, mas nunca me olhou como olhava para ele. Então, se não fosse minha... — Marvin revirou os olhos. — Eu nunca imaginei que vocês se envolveriam através de mim. Tive que aturar vocês dois juntos, todo esse tempo, dentro da minha editora. Fingi haver uma amizade entre nós. Fui surpreendido com o convite para ser padrinho do casamento de vocês. E aceitei, com o coração pesado. Não parece muito conveniente, não é mesmo?

Marvin dizia tudo aquilo exibindo um rancor que seria notado a quilômetros de distância. Daniel nem pensou em organizar os pensamentos, pois seria impossível. Lembrou-se apenas das inúmeras vezes em que entrou naquela sala. Aquelas paredes nunca presenciaram tantas verdades quanto agora.

Daniel interveio:

— Que tipo de desejo louco é esse? Eu nunca desejaria vê-la morta!

— É claro que não! Você é patético, Daniel, e é justamente por isso que não somos iguais! Um cara simples, comum demais. Mas Nilla nasceu para gostar de homens como você, não de mim. Isso me corrói. Por que acham que sempre estive ao lado dos dois? E depois, até quando eu



aguentaria ouvi-los se lamuriando pelo casamento fracassado que tiveram? Mesmo quando se separaram, Nilla não me deu oportunidade, decidiu-se por deixar a editora. Não me passou outra coisa senão que o melhor seria vê-lo destruir a mulher que mais ama em toda sua vida, Daniel. Eu não a teria, e nem você. E com muito custo, consegui convencê-la a ir até Veneza. — Os olhos de Marvin pulavam entre os dois. — Droga! Eu estava disposto a pagar qualquer preço por aquele filme — expeliu, sadicamente.

Daniel percebeu que já não havia barreiras dentro daquela sala. E falou:

— Então foi por isso que você fingiu que Nilla havia telefonado para cá. Não havia registros telefônicos da casa de Lorenzo para o Brasil e vice-versa. Ficamos sabendo no aeroporto, minutos antes de voltarmos: eram aplicações P2P. Era assim que Próspero se comunicava com os clientes, ou seja, nada de centrais telefônicas e grampos. Descobriram tudo através do equipamento dele. Ele utilizava contas falsas e cada ligação possuía uma criptografia diferente, assim a polícia não conseguiria identificá-los. Dessa maneira, você acompanhava de longe. E quando soube que havia outra jovem me ajudando...

— Paola se tornou um *bônus* — disse Nilla. — Meu Deus!

— Responda-me... a ausência de máscaras foi uma exigência? — perguntou Daniel. — É por isso que Próspero não cobriu meu rosto para o filme?

Marvin não confirmou, mas também não se esforçou para esconder as respostas. Demonstrava prazer. Parecia que por muito tempo sentira falta do afeto de Nilla e reverteria tudo em vingança. A real intenção, a máquina que libertava-o da angústia.

Ele abriu a gaveta. Daniel e Nilla ficaram tensos, pensando ser uma arma. A preocupação foi embora quando viram a mão fechada de Marvin

abocanhando um objeto pequeno. Ele disse:

— Não pensem que foi a primeira vez.

O punho cerrado se desfez e uma chave caiu ao lado do isqueiro.

Uma chave de carro.

*Um Citroën.*

— Mas o quê...?!

Nilla tampou a boca com as mãos. Depois espremeu o ventre, como se todo o vácuo do universo passasse por dentro das entranhas, mais precisamente no lugar onde se notava a gravidez um ano atrás. Daniel não sentia a própria respiração ao conferir o objeto amaldiçoado diante deles.

Marvin não piscou um olho, não tremeu um músculo. Apenas disse:

— Eu me livrei do carro logo após o acidente, mas não conseguiria deixar de olhar para esta chave um dia sequer. A gravidez foi demais para mim. Era para tudo ter terminado naquele dia. Vocês dois e o bebê, destruídos.

Daniel sentiu o ímpeto de pular por cima da mesa e destruir aquele demônio com suas próprias mãos. Queria reduzi-lo a comida de cachorro, vê-lo rastejar como uma lesma, implorando por perdão. Havia uma grande covardia dentro daquele homem, um homem que havia impedido uma criança de nascer, e Daniel não podia deixar de levar isso em conta. Então seu desejo era esmagar os ossos deles, desmontá-los por inteiro, fazer com que olhasse a tatuagem em seu peito como quem olha para a última coisa na vida e, depois, dar um basta naquilo.

Mas se fizesse tudo isso, nunca seria melhor do que ele.

Daniel conteve a energia e a dor que a impulsionava. Lembrou-se de Pacino contando do que as pessoas eram capazes hoje em dia. Ergueu os olhos semimarejados e disse:

— Chega. A ilusão terminou.

Marvin se levantou e firmou os braços sobre a mesa.

— E o que tem contra mim? Vamos, Daniel, não podem provar nada! Você mesmo disse que a polícia italiana não conseguiu identificar as ligações. Próspero não era um amador. — Soltou um breve sorriso. — Registros no computador dele? Ora, vamos... Podem procurar o quanto quiserem, duvido que consigam ligar os pontos.

Daniel retornou para o lado de Nilla.

— Abra o isqueiro — falou para Marvin.

Por alguns instantes, Marvin fitou-os. Daniel não mudava sua postura. Nilla continuava mirando os próprios pés, encarcerada numa cela de dor. Então ele desceu os olhos para o objeto. Buscou-o com os dedos e abriu a tampa.

Um minúsculo microfone despencou do Zippo e quicou sobre a mesa.

*Uma escuta.*

Marvin percebeu que Daniel olhava endurecidamente para a janela. O editor se levantou da mesa e caminhou para trás, em direção à claridade. Olhou pelo vidro.

Daniel e Nilla sabiam exatamente o que havia alguns andares abaixo: duas viaturas da polícia federal estacionadas na entrada do prédio. Em pouco tempo, aquele andar estaria infestado de policiais.

Marvin voltou-se para dentro e viu a porta aberta. Nilla já havia passado por ela, mas Daniel ainda aguardava, com a aparência aliviada. Revigorada, para ser mais exato. O corpo era agora um condutor de energia, capaz de transformar matéria pelas próprias mãos, realizar milagres. E Daniel pensou se era assim que Lorenzo Oro se sentia após cada apresentação.

Marvin disse:

— Eu provarei que sou apenas uma vítima, que isso tudo é uma cilada. Fui coagido. Um cliente. Qual você acha que será a pena para isso? Acha que ficarei detido por muito tempo?

— Pode ser que não — respondeu Daniel. — Mas encomendar um filme snuff? O escândalo irá destruí-lo. Você e sua maldita editora.

— Nilla ainda vai me amar... e então, não terei motivos para machucá-la de novo — disse, em meio a insanidade.

Daniel achou engraçado escutar aquilo. Um desejo fantasmagórico, que não se realizaria nem se vivesse novamente todos os anos que tinha. A voz de Marvin não tinha mais potência. O que ela havia se tornado? Para eles, nada além de poeira e ferrugem. Então, não pensaria mais naquela baboseira. Todas as lembranças daquela aventura, em pouco tempo, tropeçariam em um ponto invisível e cairiam em um buraco que nunca existira. A história havia terminado.

Outra, porém, estava apenas começando. Por causa disso, queria sair logo daquela sala. Queria retomar a vida com a mulher que esperava-o na sala ao lado. Uma coisa maravilhosa, saber que Nilla sempre estivera lhe esperando.

Mas não iria embora sem antes dar a dica:

— Você ainda tem uma saída, Marvin. Experimente levitar pela janela. Certa vez vi um ilusionista que tentou... e conseguiu.

E Daniel bateu a porta atrás de si.